



UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ
FACULDADE DE MEDICINA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM SAÚDE DA MULHER E DA CRIANÇA

JOSÉ OSIVAN MENDONÇA JÚNIOR

**DA PANDEMIA AOS DIAS ATUAIS: A PERCEPÇÃO PATERNA SOBRE O
BRINCAR E DA CONVIVÊNCIA COM SUAS CRIANÇAS**

FORTALEZA

2024

JOSÉ OSIVAN MENDONÇA JÚNIOR

DA PANDEMIA AOS DIAS ATUAIS: A PERCEPÇÃO PATERNA SOBRE O BRINCAR E
DA CONVIVÊNCIA COM SUAS CRIANÇAS

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Saúde da Mulher e da Criança da Universidade Federal do Ceará, como parte dos requisitos para obtenção do título de Mestre em Saúde da Mulher e da Criança. Área de concentração: Atenção Integrada e Multidisciplinar à Saúde Materno-Infantil

Orientadora: Profa. Dra. Márcia Maria Tavares Machado

FORTALEZA
2024

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação
Universidade Federal do Ceará
Sistema de Bibliotecas

Gerada automaticamente pelo módulo Catalog, mediante os dados fornecidos pelo(a) autor(a)

M495p Mendonça Júnior, José Osivan.

Da pandemia aos dias atuais : a percepção paterna sobre o brincar e da convivência com suas crianças / José Osivan Mendonça Júnior. – 2024.

174 f.

Dissertação (mestrado) – Universidade Federal do Ceará, Faculdade de Medicina, Mestrado Profissional em Saúde da Mulher e da Criança, Fortaleza, 2024.

Orientação: Prof. Dr. MÁRCIA MARIA TAVARES MACHADO.

1. Pai. 2. Paternidade. 3. Cuidado paterno. 4. Criança. 5. Covid-19. I. Título.

CDD 610

JOSÉ OSIVAN MENDONÇA JÚNIOR

DA PANDEMIA AOS DIAS ATUAIS: A PERCEPÇÃO PATERNA SOBRE O BRINCAR E
DA CONVIVÊNCIA COM SUAS CRIANÇAS

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Saúde da Mulher e da Criança da Universidade Federal do Ceará, como parte dos requisitos para obtenção do título de Mestre em Saúde da Mulher e da Criança. Área de concentração: Atenção Integrada e Multidisciplinar à Saúde Materno-Infantil.

Aprovada em: ____/____/____

BANCA EXAMINADORA

Profª Drª. Márcia Maria Tavares Machado
(Orientadora)
Universidade Federal do Ceará (UFC)

Prof. Dr. Álvaro Madeiro Leite
(Membro Interno)
Universidade Federal do Ceará (UFC)

Prof. Dr. Guilherme Diniz Irffí
(Membro Externo – Programa de
Pós-Graduação em Economia)
Universidade Federal do Ceará (UFC)

Dra. Onélia Maria Moreira Leite de Santana
(Membro externo - Faculdade de Medicina do ABC Paulista - FMABC)
Secretaria de Proteção Social do Ceará

Aos meus pais.

Ao meu eterno afilhado, Miguel.

AGRADECIMENTOS

A Deus, toda a minha gratidão por iluminar os meus caminhos diariamente para que eu possa conquistar tudo o que tenho.

Aos meus pais, dedico essa tão sonhada dissertação, pois, se cheguei até aqui, foi porque tive ao meu lado uma mãe e um pai que nunca mediram esforços para que eu pudesse conquistar tudo o que sonhasse. Mais do que oferecer o básico que um ser humano precisa para sobreviver, como alimentação e saúde, eles me proporcionaram a possibilidade de estudar, já que eles não puderam se dedicar aos estudos por terem que cuidar dos filhos desde os 16 anos. Hoje, eles têm não apenas o primeiro Mestre de toda uma linhagem familiar, mas, também, um filho repleto de amor, afeto e gratidão, e que almeja um dia poder transferir todo esse carinho para o/a meu/minha filho/filha.

Ao meu companheiro, marido, amigo e amor, Renato, deixo aqui a minha eterna gratidão por segurar a minha mão todos os dias e me mostrar o tanto que eu sou capaz. Por cuidar tão bem de mim, me acalutando com seu amor, carinho e paciência, além de sua comida afetiva que me fortaleceu quando eu estava cansado, estressado e sem ânimo para prosseguir com os estudos. Você também é responsável por essa conquista e por outras que virão. Nossa criança ainda não chegou até nós, mas em breve vai ter a chance de ter um pai maravilhoso e dono de um coração gigante e puro, que vai amá-la muito.

À minha Orientadora, Professora Márcia Machado, deixo aqui minha eterna gratidão. Desde o início, me mostrou um mundo de possibilidades e aprendizados, colocando nesta dissertação bem mais do que histórias de vida, mas perspectivas de recomeços. A Senhora, professora, é iluminada por um ser que conduz a sua vida e a colocou exatamente no lugar que deveria estar. O de pai, de mãe, de filha, de amiga e de PROFESSORA. Minha eterna gratidão por tudo e que esse seja apenas o início da nossa trajetória acadêmica e de amizade.

Ao Dr. Sullivan Mota, que há mais de 10 anos me acolheu nesta Casa chamada IPREDE, me oferecendo um mundo de possibilidades. Obrigado por ter me dado a honra que é desfrutar da sua companhia e dos seus ensinamentos diários, que, sem dúvidas, me fazem ser uma pessoa melhor, além de ser o profissional que sou hoje. Gratidão por sempre ter me incentivado a me especializar e buscar o melhor de mim.

A todas as famílias do IPREDE, deixo aqui todo o meu carinho e gratidão, pois, com cada criança, pai e mãe que atendo diariamente, posso também aprender mais sobre os ensinamentos da vida.

A todos que aceitaram participar deste estudo inovador no IPREDE. São homens

repletos de sonhos e inspiradores em suas jornadas.

Ao meu querido amigo João Vicente Menescal, obrigado por todo apoio, carinho e pelos ensinamentos que me oferta. Seu vocabulário rebuscado, sua inteligência e seu compromisso me inspiram a ser um profissional melhor todos os dias.

À minha querida Joana Clemente, obrigado pela sua amizade! Você é um ser iluminado por Deus e que nos inspira com sua capacidade de olhar para o próximo. Obrigado por toda a partilha e ajuda no processo da dissertação.

À minha querida Andreza Esquerdo, deixo aqui toda a minha gratidão por sua sensibilidade, afeto e excelência sempre em tudo o que faz. Obrigado por me ajudar sempre nestes momentos importantes.

À minha amiga Ana Beatriz (Bia) do IPREDE que sempre esteve comigo podendo fazer este sonho se tornar concreto. Conte comigo sempre!

A todos os colegas do IPREDE que estão comigo diariamente, de forma direta ou indiretamente, fazendo a diferença na vida de tantas pessoas que precisam de nós.

Aos membros da Banca de Defesa de Dissertação, Dr. Álvaro Madeiro, Dr. Guilherme Irff e Dra. Onélia Santana, o meu muito obrigado pela disponibilidade de sempre e por ter a honra de poder aprender com os senhores a ser um profissional melhor. Obrigado por toda atenção comigo ao fazer este sonho se tornar realidade.

Ao professor João Amaral, Coordenador do Programa de Pós-graduação em Saúde da Mulher e da Criança da Universidade Federal do Ceará, obrigado por toda a sua sensibilidade e seu carinho.

Ao Zé, Secretário do Mestrado, o meu agradecimento por todas as demandas respondidas e também pela amizade que construímos.

A todos os colegas que fiz no Mestrado da Universidade Federal do Ceará. Mesmo com aulas a distância por conta da pandemia, pude conhecer a maior parte.

A todas “AZAMYGAS” que estão comigo há tantos anos e partilhando de momentos especiais na minha vida. Obrigado por entenderem o verdadeiro sentido da palavra amizade. Obrigado, Sara Pontes, Rodrigo Carvalho, Livia Linhares, Paula Luna, Renata Abreu, Rachel Bráz, Gilberto Pereira, Amanda Miná, Viviane Omena, Priscila Coelho, Stela Mantini e Carol Borges.

À Annádia Leite pela amizade e pela brilhante revisão desta dissertação.

Aos queridos amigos do Coral, gratidão, Aline, Luís, Romulo e Lucas!

Ao meu filho de quatro patas Alejandro, obrigado por me fazer experimentar o amor mais puro de todos há 13 anos, aquele que não espera nada em troca além do afeto!

Ao meu eterno afilhado Maursivan Miguel, que apadrinhei pelo Projeto de Apadrinhamento depois de nossos destinos terem se cruzado no IPREDE. Ele viveu em um Acolhimento Institucional por 4 anos até ser adotado por sua nova família, que não mais permitiu que tivéssemos contato. Quero aqui deixar registrado que o nosso laço nunca será desfeito, não importa o que digam para você, eu vou ser para sempre o seu “Ti Ban”. Obrigado por cada beijo, por cada olhar carinhoso, por cada brincadeira que fizemos juntos, por todos os nossos passeios, por todas as vezes que te fiz dormir e até por todos os banhos e fraldas. Tudo isso me fez um ser humano melhor e me inspirou a realizar o sonho de ser pai daqui a alguns anos. Vou sempre te amar.

Um homem também chora
Menina morena
Também deseja colo
Palavras amenas

Precisa de carinho
Precisa de ternura
Precisa de um abraço
Da própria candura

Guerreiros são pessoas
São fortes, são frágeis
Guerreiros são meninos
No fundo do peito

Precisam de um descanso
Precisam de um remanso
Precisam de um sono
Que os torne refeitos

É triste ver um homem
Guerreiro menino
Com a barra de seu tempo
Por sobre seus ombros

Eu vejo que ele berra
Eu vejo que ele sangra
A dor que tem no peito
Pois ama e ama

O homem se humilha
Se castram seu sonho
Seu sonho é sua vida
E vida é trabalho

E sem o seu trabalho
Um homem não tem honra
E sem a sua honra
Se morre, se mata

Não dar pra ser feliz
Não dar pra ser feliz
(Um Homem Também Chora
(Guerreiro Menino), 1983,
Gonzaguinha)

RESUMO

Introdução: No início de 2020, a população mundial foi surpreendida com uma pandemia e o surgimento do Covid-19, tendo repercussões de magnitude global atingido todos os setores de saúde, econômicos e sociais. As relações entre pais e filhos foram bastante afetadas durante o distanciamento físico. Nas últimas décadas, percebeu-se uma mudança nos papéis desempenhados pelos pais no cuidado com seus filhos. **Objetivo:** Compreender como se estabeleceu o vínculo e o brincar de pais (homens) com os seus filhos durante e após o período da pandemia Covid-19. **Método:** Trata-se de um estudo compreensivo, com abordagem qualitativa e de natureza exploratória, realizado no período de setembro a dezembro de 2023, utilizando a entrevista semiestruturada e, para a análise e processamento do material empírico, utilizou-se a Análise de Conteúdo Temática de Bardin. Foi submetido ao Comitê de Ética em Pesquisa (CEP) da Universidade Federal do Ceará (UFC) com parecer favorável Nº 6.301.257. A pesquisa foi realizada utilizando as seguintes etapas: 1. Seleção e convite para a participação na pesquisa; 2. Entrevista semiestruturada com 14 pais (homens); 3. Realização de 4 vídeos curtos (pílulas) com 3 pais, com no máximo 5 minutos, apresentando a infância destes homens, os cuidados paternos durante a pandemia, as formas de brincar e o cuidado que adotaram durante o período da pandemia (distanciamento físico) e como as brincadeiras estão realizadas nos dias atuais. Foram publicados 01 artigo científico em formato de capítulo em livro e 03 artigos em formato de opinião. **Resultados:** Foram entrevistados 14 (quatorze) homens que tiveram filhos assistidos pelo IPREDE durante o período do distanciamento físico. Após o processamento do conteúdo apreendido no trabalho, foram elaborados, a partir das características da análise de conteúdo temática, três eixos estruturantes que favoreceram a categorização dos resultados encontrados: "Meu pai minha infância: conhecendo a infância dos pais; descobrindo ser pai na pandemia: percepções paternas sobre o brincar e as práticas de cuidado durante o período do distanciamento físico; Da angústia à esperança: o brincar que salva e as perspectivas para o futuro". Evidenciou-se com a análise que a infância da maioria dos homens que participaram da pesquisa foi marcada por situações adversas, como o alcoolismo por parte do pai e até agressões às suas mães. Alguns participantes também relataram que o trabalho era presente na infância devido à insegurança alimentar e pelo cenário de vulnerabilidade social no qual estavam inseridos. Porém, apesar disso, percebeu-se que a maioria dos pais cultivam boas recordações deste período de suas vidas e as brincadeiras que realizavam eram diferentes das atuais, pois brincavam ao ar livre e em contato com a natureza, fazendo os seus próprios brinquedos e de forma mais segura do que nos dias de hoje. Em relação

ao cenário de pandemia, observou-se que as brincadeiras realizadas pelas crianças eram, na maioria das vezes, restritas ao ambiente doméstico e envolveram o uso excessivo de telas. Porém, surgiram relatos de atividades artísticas, o uso de brinquedos e até o uso dos próprios móveis e utensílios da casa para brincar. Os pais relataram muitos desafios enfrentados no cuidado com os filhos nesse período de pandemia, seja pelas dificuldades no convívio com suas parceiras, seja pelo medo relacionado à saúde física e mental ou ainda pelo desemprego e a insegurança alimentar. No entanto, os auxílios que tiveram do governo, de empresas públicas e privadas, foram fundamentais para os ajudarem neste momento. A maioria dos entrevistados relatou ter aprendido a conviver mais com as crianças, brincando e cuidando delas, aprendendo assim a exercer a paternidade de forma ativa no período da pandemia, o que serviu de base para as experiências paternas que têm hoje. O brincar nos dias atuais é realizado com maior preferência fora dos ambientes domésticos, apesar dos altos índices de criminalidade. As atividades no ambiente doméstico foram descritas em sua maioria com o uso de telas com acesso à *internet* pelas crianças, todavia os pais têm demonstrado preocupação e tentam controlar o acesso a estes recursos digitais. Os participantes da pesquisa ainda relataram o desejo de que seus filhos possam ter um futuro diferente da realidade que tiveram na sua infância, podendo ter acesso ao estudo e ter uma profissão. **Considerações finais:** É de fundamental importância que as políticas públicas envolvam cada vez mais a temática da paternidade de forma intersetorial, elevando o papel paterno como essencial no cuidado e na promoção do desenvolvimento infantil. Deve-se ouvir mais o público masculino e debater acerca do que é ser homem, primeiramente, para depois trabalhar a paternidade e suas percepções. Esse processo de intervenção é fundamental para quebrar o ciclo de violência transgeracional no qual o homem está inserido e no qual tem sido um dos principais agressores.

Palavras-chave: pai; paternidade; cuidado paterno; criança; Covid-19.

ABSTRACT

Introduction: At the beginning of 2020, the world population was surprised by a pandemic and the arrival of Covid-19, causing repercussions of global magnitude affecting all health, economic and social sectors. Relationships between parents and children have been greatly affected during the period of physical distancing. In recent decades, a change has been noticed in the roles played by parents in caring for their children. **Objective:** To understand how the bond and playful activities between fathers and their children was established during and after the Covid-19 pandemic. **Method:** This is a comprehensive study, with a qualitative approach and exploratory in nature, carried out from September to December 2023, using semi-structured interviews and, for the analysis and processing of empirical material, Bardin's Thematic Content Analysis was used. It was submitted to the Research Ethics Committee (REC) of the Federal University of Ceará (UFC) with favorable opinion No. 6,301,257. The research was carried out using the following steps: 1. Selection and invitation to participate in the research; 2. Semi-structured interview with 14 parents (men); 3. Production of 4 short videos (**shorts**) with 3 fathers, running for a maximum of 5 minutes, introducing the childhood of these men, paternal care during the pandemic, ways of playing and the care they adopted during the pandemic period (of physical distancing) and how games are carried out today. 01 scientific article was published in chapter format and 03 articles in opinion format. **Results:** 14 (fourteen) men who had children cared for at IPREDE during the period of physical distancing were interviewed. After processing the content learned in the sessions, based on the characteristics of the thematic content analysis, three structuring axes were created that favored the categorization of the results found: "My father, my childhood: getting to know fathers' childhood; Discovering being a father in pandemic: paternal perceptions of playing and care practices during the period of physical distancing; From anguish to hope: playing that saves and perspectives for the future". The analysis showed that the childhood of most of the men who participated in the research was marked by adverse situations, such as alcoholism on the part of their father and even violence against their mothers. Some participants also reported that labour was present in their childhood due to food insecurity and the social vulnerability scenario which they were part of. However, despite this, it was noticed that most parents have good memories of this period of their lives and the games they played were different from the current ones, as they played outdoors and in contact with nature, making their own toys, and in a safer way than today. In relation to the pandemic scenario, it was observed that the games played by children were, most of the time, restricted to the domestic environment and involved excessive use of

screens. However, there were reports of artistic activities, the use of toys and even using their own furniture and utensils to play. Parents reported many challenges faced in caring for their children during this pandemic period, whether due to difficulties in living with their partners, fear related to physical and mental health or unemployment and food insecurity. However, the assistance they received from the government, public and private companies, was fundamental in helping them at that time. The majority of interviewees reported having better learned to live with children, playing and taking care of them, thus learning to actively practice fatherhood during the pandemic period, which served as a basis for the paternal experiences they have today. Nowadays, playing is carried out more often outside the domestic environments, despite high crime rates. Activities in the home environment were mostly described as using screens with internet access by children, but parents have shown concern and tried to control access to these digital resources. Research participants also reported the desire for their children to have a future which is different from the reality they had in their childhood, having access to education and a profession. **Final considerations:** It is of fundamental importance that public policies increasingly involve the issue of fatherhood in an intersectoral manner, elevating the paternal role as essential in the care and advancement of child development. We should listen more to the male public and discuss what it means to be a man, firstly, to then work on fatherhood and its perceptions. This intervention process is fundamental to breaking the cycle of transgenerational violence in which men are inserted and have been one of the main aggressors.

Keywords: father; paternity; paternal care; child; Covid-19.

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 – Objetivos, eixos e categorias analíticas do estudo.....	51
--	----

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

ABEP	Associação Brasileira de Empresas de Pesquisa
ABNT	Associação Brasileira de Normas Técnicas
ACE'S	Adverse Childhood Experiences
BNCC	Base Nacional Curricular Comum
BPC/LOAS	Benefício de Prestação Continuada da Lei Orgânica da Assistência Social
CAAE	Certificado de Apresentação Ética
CDC	Center for Disease Control and Prevention
CEP	Comitê de Ética em Pesquisa
ESPIN	Emergência em Saúde Pública Nacional
FGV IVRE	Instituto Brasileiro de Economia
IAN	Insegurança Alimentar e Nutricional
IBGE	Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística
ICDP	Programa Internacional de Desenvolvimento da Criança
IDH	Índice de Desenvolvimento Humano
IPREDE	Instituto da Primeira Infância
LGBTQIA+	Lésbicas, Gays, Bissexuais, Transexuais, Queer, Intersexuais, Assexuais, Mais
MISC	Programa de Educação Mediacional Para Um Cuidador Mais Sensível
MMFDH	Ministério da Mulher, da Família e dos Direitos Humanos
NCPI	Núcleo Ciência Pela Infância
OMS	Organização Mundial de Saúde
ONDH	Ouvidoria Nacional dos Direitos Humanos
OPAS	Organização Pan Americana da Saúde
OXFAM	Comitê de Oxford para o Alívio da Fome
PNAD	Pesquisa Nacional Por Amostras de Domicílios
SARS-COV2	Síndrome Respiratória Aguda Grave 2
SBP	Sociedade Brasileira de Pediatria
SUS	Sistema Único de Saúde
TALE	Termo de Assentimento Livre Esclarecido
TCLE	Termo de Consentimento Livre Esclarecido
TDAH	Transtorno do Déficit de Atenção com Hiperatividade
TMC	Transtornos Mentais Comuns
UFC	Universidade Federal do Ceará

UNICEF	Fundo das Nações Unidas pela Infância
VPI	Violência entre Parceiros Íntimos

SUMÁRIO

1	“SER HOMEM EXIGE MUITO MAIS DO QUE CORAGEM, MUITO MAIS DO QUE MASCULINIDADE, SER HOMEM EXIGE ESCOLHA”: INTRODUÇÃO	17
1.1	Revisão de literatura	19
1.1.1	<i>“Guerreiro Menino”: considerações sobre a primeira infância</i>	19
1.1.2	<i>Histórico da paternidade no Brasil e no mundo</i>	21
1.1.3	<i>A importância do brincar para o desenvolvimento infantil</i>	24
1.1.4	<i>A pandemia de Covid-19 e suas implicações no brincar e na paternidade</i>	26
1.1.5	<i>Lugar de paz: o trabalho do Instituto da Primeira Infância (IPREDE) durante a pandemia</i>	30
1.2	Justificativa e relevância	31
1.3	Pergunta norteadora	33
1.4	Objetivos	33
1.4.1	<i>Objetivo geral</i>	33
1.4.2	<i>Objetivos específicos</i>	34
2	CAMINHOS PERCORRIDOS ATÉ AQUI: METODOLOGIA ADOTADA NA PESQUISA	35
2.1	Tipo de estudo	35
2.2	Local do estudo	36
2.3	Participantes do estudo	36
2.4	Crêterios de inclusão e exclusão	37
2.5	Coleta das Narrativas / Produção de narrativas	38
2.5.1	<i>A entrevista Individual e semiestruturada</i>	38
2.5.2	<i>Elaboração dos mini documentários (pílulas)</i>	40
2.6	Análise das narrativas/material empírico	44
2.7	Aspectos éticos	45
3	"PRECISA DE CARINHO PRECISA DE TERNURA PRECISA DE UM ABRAÇO DA PRÓPRIA CANDURA": RESULTADOS E DISCUSSÃO DA DISSERTAÇÃO	47
3.1	Etapas para o processo de análise	47
3.2	Caracterização e perfil sociodemográfico dos participantes entrevistados	48
3.3	Eixos e análise de categorias na dissertação	50
3.4	Meu pai, minha infância: conhecendo a infância dos pais	52
3.4.1	<i>Percepções paternas sobre suas infâncias</i>	52

3.4.2	<i>Brincadeiras na minha infância</i>	58
3.4.3	<i>Formas de relacionamento e de cuidado durante a minha infância</i>	62
3.5	Descobrimos ser pai na pandemia: percepções paternas sobre o brincar e as práticas de cuidado durante o período do distanciamento físico	68
3.5.1	<i>Brincadeiras durante a pandemia</i>	69
3.5.2	<i>Relações intrafamiliares no distanciamento físico</i>	80
3.5.3	<i>Desafios enfrentados durante a pandemia</i>	85
3.5.3.1	<i>Saúde mental paterna na pandemia</i>	86
3.5.3.2	<i>Dificuldades socioeconômicas e auxílios durante o distanciamento físico</i>	88
3.5.3.3	<i>Descobrimos ser pai na pandemia: experiências paternas durante o lockdown</i>	93
3.6	Da angústia à esperança: o brincar que salva e as perspectivas para o futuro	98
3.6.1	<i>O brincar nos dias atuais – pós pandemia</i>	99
3.6.1.1	<i>O retorno das brincadeiras no ambiente externo</i>	99
3.6.1.2	<i>O brincar no ambiente doméstico nos dias atuais</i>	103
3.6.2	<i>Perspectivas para o futuro das crianças</i>	105
3.6.2.1	<i>Ser pai na atualidade: desafios e conquistas na busca de um futuro melhor para a minha criança</i>	105
3.6.2.2	<i>Desejos paternos para o futuro do/da meu/minha filho/filha</i>	108
4	CONSIDERAÇÕES FINAIS	111
	REFERÊNCIAS	118
	APÊNDICE A – TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO (TCLE)	144
	APÊNDICE B – ROTEIRO DE ENTREVISTA SEMIESTRUTURADA	147
	APÊNDICE C – PESQUISA SOCIODEMOGRÁFICA	149
	APÊNDICE D – ROTEIRO PARA FILMAGEM	154
	APÊNDICE E – CONVITE DE PARTICIPAÇÃO DA PESQUISA	156
	APÊNDICE F – TERMO DE ASSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO – TALE	157
	APÊNDICE G – COMITÊ DE ÉTICA	160
	APÊNDICE H – FOTOS DE MOMENTOS ESPECIAIS	164
	ANEXO A – PRODUÇÃO CIENTÍFICA NO MESTRADO	167

1 “SER HOMEM EXIGE MUITO MAIS DO QUE CORAGEM, MUITO MAIS DO QUE MASCULINIDADE, SER HOMEM EXIGE ESCOLHA”: INTRODUÇÃO

Iniciar uma dissertação de mestrado é sempre desafiador, mas nos oferece a possibilidade de explorar o nosso conhecimento enquanto profissional e também no campo pessoal. O desejo de realizar o Mestrado no Programa de Saúde da Mulher e da Criança da Universidade Federal do Ceará ocorreu há algum tempo, mas só pôde se concretizar em meio à pandemia, momento delicado que vivemos e que nos mostrou o quão frágeis somos diante de tamanha magnitude e impacto na vida de todos. Assim, as salas de aula foram reinventadas com classes de forma remota, só sendo possível conhecer pessoalmente alguns alunos e professores após este período. Este processo também me deu a oportunidade de imergir em uma jornada de autoconhecimento, pois precisei de muita determinação e de foco para aproveitar ao máximo as aulas e extrair delas a confiança necessária para seguir frente às inúmeras adversidades que estávamos enfrentando durante o distanciamento físico.

Na posição de Enfermeiro pude presenciar muitos momentos marcantes no meu local de trabalho durante o período de distanciamento físico ao prestar atendimento às famílias que buscavam assistência no Instituto da Primeira Infância (IPREDE), em Fortaleza, Ceará, Instituição do Terceiro Setor referência na assistência a crianças e famílias em vulnerabilidade social há quase quatro décadas. Mais do que atendimento de saúde, essas pessoas buscavam apoio emocional diante de todas as adversidades às quais estavam expostos. O medo de perder familiares e a incerteza em relação ao que pôr na mesa para alimentar a família foram alguns dos maiores obstáculos enfrentados por estas famílias.

Assim, o IPREDE também levou esperança para essas pessoas, viabilizando a doação de milhares de toneladas de alimentos, *kits* de higiene e outros auxílios, visto que a maioria das famílias estava sem renda fixa, devido ao aumento do desemprego.

Nesse momento, percebi um aumento do número de pais (homens) que acompanhavam os seus filhos, alguns deles pela primeira vez, e pude notar uma maior preocupação, procurando tirar dúvidas acerca do cuidado com a saúde das crianças. Eles também aproveitavam para brincar um pouco com os filhos nas dependências do IPREDE, já que apenas os serviços essenciais estavam funcionando.

A aproximação com esses pais durante a pandemia me despertou muito interesse a respeito da temática da paternidade, com repercussões até na minha vida pessoal, já que nesse período tive a oportunidade de concretizar um grande sonho: ser padrinho afetivo de uma

criança em situação de acolhimento. Isso me ensinou e me mostrou diariamente o quanto é importante nunca desistirmos dos nossos sonhos, mesmo diante de todas as adversidades existentes.

O contato com esses homens também me trouxe algumas indagações. A saber: será que eles passaram a acompanhar seus filhos no IPREDE devido aos índices de desemprego na pandemia ou será que eles estão cada vez mais participando ativamente da vida das crianças e se preocupando mais com a saúde da prole e com os cuidados parentais? No intuito de responder este questionamento, busquei na literatura evidências que justificassem o maior envolvimento paterno nos cuidados direcionados à criança e também ao brincar naquele momento de pandemia e na contemporaneidade.

O papel da família no brincar durante a infância, independente da sua constituição nuclear e socioeconômica, é essencial para criar memórias afetivas. Pode-se perceber no estudo de revisão integrativa publicado por Freitas *et al.* (2019) que ela proporciona desenvolvimento à criança com brincadeiras em seu cotidiano, nas simples rotinas diárias, como alimentação, banho e tarefas domésticas, podendo o cuidador incentivar/participar destes momentos.

Concomitante a isso, o brincar se torna uma das primeiras manifestações de afeto e carinho que um pai pode demonstrar para o filho, seja cantando uma cantiga de ninar ainda na barriga, ou até contando histórias para o bebê nos seus braços antes de colocá-lo para dormir. Assim como a mãe com seu primeiro filho, os pais acabam se tornando inseguros, com medo de não conseguirem suprir as necessidades, tanto financeiras, quanto emocionais, que aquele novo ser irá precisar. Portanto, é criando um ambiente de acolhimento e atenção com seu filho que um pai passa a ter mais segurança e cria mecanismos para driblar esses sentimentos.

Vários autores abordam o quanto o brincar é fundamental para o desenvolvimento das crianças. O brincar livre e espontâneo gera um ambiente propício a construção de valores e da personalidade, que utiliza como principal combustível a imaginação. (PAPALIA; FELDMAN, 2013; LINS *et al.*, 2014). Assim, correr na rua com os amigos, ter contato com a natureza, com a água, com a terra e seus incríveis castelos formados, empinar pipa, brincar de casinha, de peão, de esconde-esconde, de pega-pega, são apenas alguns exemplos de memórias que levamos para toda uma vida. Da mesma forma, quando se tira a infância de uma criança, impedindo-a de brincar, por exemplo, e dando lugar ao trabalho, as consequências podem ser desastrosas na vida de qualquer pessoa.

Portanto, para abordar a temática da paternidade precisamos percorrer um caminho até contemplarmos os objetivos deste estudo, através da análise dos resultados desta dissertação.

Assim, a revisão de literatura que será apresentada a seguir foi organizada em capítulos para melhor facilitar a leitura e o entendimento da temática.

Início o trabalho fazendo uma revisão de literatura acerca da temática da primeira infância e da importância da família para o desenvolvimento infantil, dando ênfase à participação paterna. O contexto histórico e cultural centrado em ideias machistas, no qual o homem sempre esteve inserido, sendo visto apenas como provedor financeiro, é abordado neste estudo, assim como as novas pesquisas que apontam para um novo modelo paterno em construção, mais participativo com a criança e realizando atividades como o brincar, criando memórias afetivas para toda a vida.

A seguir, são abordados os desdobramentos da pandemia e suas repercussões em vários âmbitos na vida da população, como na saúde física, mental, nas relações familiares e em suas rotinas, modificando assim as formas de brincar.

De forma complementar, é apresentada a organização do trabalho realizado no IPREDE durante o distanciamento físico, sendo um local onde os pacientes encontraram refúgio e acolhimento, principalmente para as famílias que vivem em situação de vulnerabilidade social.

1.1 Revisão de literatura

1.1.1 “Guerreiro Menino”: considerações sobre a primeira infância

Desde a gravidez e ao longo da primeira infância, todos os ambientes em que a criança vive e aprende, assim como a qualidade de seus relacionamentos com adultos e/ou com cuidadores, têm impacto significativo em seu desenvolvimento. O período intrauterino e os primeiros anos de vida da criança são essenciais para o seu desenvolvimento físico, emocional, cognitivo e cultural. Avanços na neurociência mostram que durante a gestação e os primeiros anos de vida, especialmente nos primeiros 1000 dias, ocorre um rápido desenvolvimento do cérebro com cerca de 700 novas conexões neurais sendo formadas a cada segundo. É nesta etapa que os circuitos neurais são formados e fortalecidos por meio da interação e das relações de vínculo. A saúde física e emocional bem como as habilidades sociais e as capacidades cognitivo-linguísticas que emergem nos primeiros anos de vida são o alicerce para o bom desempenho na escola e, mais tarde, no ambiente de trabalho e na comunidade (SHONKOFF *et al.*, 2009).

Porém, estudos publicados estimam que mais de 200 milhões de crianças menores de 5 anos, em países de baixa e de média renda, não atingem seu potencial de desenvolvimento por serem expostas a fatores de risco ambientais, biológicos e psicossociais (GRANTHAM-MCGREGOR *et al.*, 2007; WALKER *et al.*, 2011). Patrice L. Engle *et al.* (2007) apontam que o desenvolvimento infantil é condicionado pela pobreza e por fatores de risco psicossocial e biológico. Em sua revisão da literatura, identificam os seguintes fatores como potenciais de risco ao pleno desenvolvimento das crianças: desnutrição, deficiências de ferro e de iodo, estimulação cognitiva e socioemocional inadequadas, entre outros.

Dessa forma, o ambiente familiar da criança pode se constituir como um ambiente de proteção para o seu desenvolvimento ou um ambiente de riscos, variando de acordo com o contexto, os costumes e as práticas parentais utilizadas pelos cuidadores (ANDRADE *et al.*, 2005; MAIA; WILLIAMS, 2005). Os conhecimentos mais atuais em neurociências, biologia molecular e em epigenética confirmam que crescer em ambientes responsivos e calorosos, com experiências positivas, é essencial para um desenvolvimento cerebral saudável (SANDERS; MAZZUCHELLI, 2018). Em contraposição, condições ditas de toxicidade familiar como a pobreza crônica, a violência física ou os maus tratos perturbam o curso normal do desenvolvimento e aumentam os riscos de problemas de comportamento, de aprendizagem e de saúde física e mental (SANDERS; MAZZUCHELLI, 2018; SHONKOFF *et al.*, 2012).

Corroborando os estudos de Shore (2000 *apud* SHONKOFF *et al.*, 2000), podemos observar que crianças com desenvolvimento integral saudável durante os primeiros anos de vida têm maior facilidade de se adaptarem a diferentes ambientes e de adquirirem novos conhecimentos. A capacidade de moldar-se a diferentes respostas às experiências chama-se neuroplasticidade. Isso pode contribuir para que posteriormente obtenham um bom desempenho escolar, alcancem realização pessoal, vocacional e econômica e se tornem cidadãos responsáveis.

Assim, por se tratar de um período de crescimento e desenvolvimento, qualquer distúrbio com repercussão direta na criança pode representar consequências graves na fase adulta do indivíduo. Sabe-se, porém, que tanto os fatores genéticos quanto metabólicos, como alimentação, saúde, higiene, condições de vida e cuidados de forma geral, influenciam no crescimento e desenvolvimento da criança (BRASIL, 2012). Por isso, observou-se, em estudos de avaliação de impacto, que o investimento na primeira infância é a melhor maneira de reduzir as desigualdades, enfrentando com mais amplitude a pobreza, e construir uma sociedade com condições sociais e ambientais sustentáveis (GRANTHAM-MCGREGOR *et al.*, 2007;

CARNEIRO; HECKMAN, 2003; SOUZA, E.C.S. 2011; BRASIL, 2006).

Shonkoff (2012) afirma que o investimento na primeira infância é um dos melhores investimentos que os países podem fazer. Os primeiros anos de uma criança apresentam uma janela única de oportunidade para abordar a desigualdade, quebrar o ciclo da pobreza e melhorar uma ampla gama de resultados posteriores na vida. O período de adaptações e possibilidades de mudanças ao longo do tempo é chamado de “janela de oportunidades”. Para aproveitar completamente futuras oportunidades na vida e tornarem-se membros produtivos da sociedade, as crianças, até ao final da primeira infância, precisam ter oportunidades para serem saudáveis e bem nutridas; ter boas construções de vínculos e apego junto aos seus cuidadores; serem capazes de interagir positivamente com suas famílias, professores e colegas; se comunicar em sua língua nativa e estarem prontas para aprender no ensino primário (NAUDEAU *et al.*, 2011).

O Núcleo Ciência Pela Infância (NCPI) produziu um material, em 2016, que aborda a temática da importância dos vínculos familiares na infância. O ambiente a que as crianças são expostas é fundamental para que elas cresçam e se desenvolvam para se tornarem fisicamente saudáveis, emocionalmente seguras e respeitadas como sujeitos sociais. Assim também como as interações positivas e de cuidados adequados, desempenhadas por cuidadores sensíveis e comprometidos com a sua saúde e bem-estar. Dessa forma, as experiências do início da vida são de extrema importância para o ser humano e diretamente influenciadas pela qualidade das relações socioafetivas, principalmente pelas interações estabelecidas com seus cuidadores (BRAZELTON *et al.*, 2002a; BRITTO *et al.*, 2012; UNICEF, 2012).

1.1.2 Histórico da paternidade no Brasil e no mundo

A partir da década de 1970, podemos observar várias mudanças na estrutura familiar, uma vez que as mulheres têm ocupado, cada vez mais, cenários que até então eram ocupados por homens e isto tem sido fundamental no processo de igualdade de gênero. À vista disso, vários estudos já apontam a grande participação do homem dentro no contexto familiar e da importância da definição deste papel para o desenvolvimento infantil (COLEY, 2001; LAMB, 1997; BRADLEY *et al.*, 2001; STAUDT *et al.*, 2008). Corroborando outros estudos publicados, pode-se observar uma diminuição das estruturas tradicionais, dando espaço para famílias com mãe e pais solteiros, divórcios, mulheres como chefes de família e diminuição do número de filhos (BADINTER, 1993; BUCHER, 1999; FIGUEIRA, 1987; HEILBORN, 2004; SALEM, 1980; VAITSMAN, 1994). Na atualidade, acrescentam-se ainda a esses os casais

homossexuais, os recasamentos, as adoções monoparentais e muitas outras possibilidades de novas constituições familiares.

Os conceitos de masculinidade e paternidade são amplos, sendo controverso reduzi-los a uma única expressão. Os papéis do homem eram bem claros antigamente: ao homem cabia prover financeiramente o grupo familiar, distanciando-se dos aspectos afetivos da criação do filho. Dessa forma, é fundamental entender que ao longo das transformações ocorridas no período pós-moderno, o homem passou a se organizar socialmente de outra maneira, deixando de assumir a posição de frio, prepotente, dominador e aquele que não podia exteriorizar os seus sentimentos para assumir uma postura mais sensível e atenta às necessidades do filho.

Muitas publicações, ao longo dos anos, têm dado ênfase a analisar o exercício da maternidade e a interações da díade mãe-filho (BOSSARDI; BELTRÃO; VIEIRA, 2017; BUENO; GOMES; CREPALDI, 2015). Porém, é necessário investir e desenvolver programas de intervenção que atentem para a inclusão da figura paterna na atenção à criança e, desse modo, dar oportunidade de voz ao público masculino para que entenda a importância de enxergar o seu papel como pai na relação com seu/sua filho/a. Pressupõe-se que uma vez que haja uma consolidação de cuidar compartilhado, as consequências poderão ser cada vez mais positivas para a criança, já que o pai passa a partilhar mais das atividades domésticas e do cuidado diário com a criança. Pode, por exemplo, partilhar o seu dia a dia brincando com o seu filho, alimentá-lo de acordo com suas possibilidades e criar vínculos que se perpetuarão em toda a vida da criança (OLIVEIRA; SILVA, 2011).

Para ratificar o exposto, um estudo publicado por Coplan *et al.* (2002) aborda um conceito sobre parentalidade, sendo esta associada geralmente a comportamentos parentais ou crenças parentais. Os comportamentos parentais representam uma construção ampla que reflete as ações tomadas pelos pais durante a educação de seus filhos. As crenças dos pais, por outro lado, representam o que os pais pensam sobre si mesmos, seus filhos e o processo de criá-los. A importância de estimular práticas parentais positivas é comprovada a partir de um estudo de base populacional com famílias nordestinas publicado por Rocha *et al.* (2022). Esta pesquisa observou que comportamentos parentais positivos foram independentemente associados a melhores resultados de desenvolvimento infantil como: melhora na coordenação motora fina; comunicação; coordenação motora ampla; resolução de problemas. E foram estudados os domínios pessoal-social em crianças de um estado brasileiro com recursos limitados.

Assim, Linhares (2015b) aborda em seu estudo que no momento em que os cuidadores ofertam cuidados direcionados aos aspectos físicos (alimentação, higiene,

vestuário), emocionais (apego, segurança e autonomia para tomadas de decisão) e sociais (estimulação das relações interpessoais ampliadas) da criança, exercem a parentalidade positiva e permitem ao seu filho poder ter um crescimento e desenvolvimento adequado.

Constata-se que a paternidade é influenciada por múltiplos fatores, perpassando por uma influência cultural centrada no patriarcado e no contexto do homem tradicional para este novo perfil de pai que ainda está em construção. Alguns estudos apontam para novas formas de vivenciar a paternidade atualmente, como a do pai tradicional com a provisão demarcando o eixo central, e o novo pai (ZAMPIERI *et al.*, 2012; FREITAS; COELHO, SILVA, 2007; OLIVEIRA; SILVA, 2011; OLIVEIRA *et al.*, 2009; BENCZIK, 2011; STAUDT; WAGNET; 2008, BENÍTEZ; CÁRDENAS; 2010; FONSECA, 1997). Essas duas visões apresentam significados que se mostram complementares e, por vezes, antagônicos: o primeiro é do pai provedor financeiro e o segundo é do pai afetivo, carinhoso e cuidador (FREITAS; COELHO; SILVA, 2007). Isso pode ser atribuído ao fato de que os cuidados culturalmente são associados ao gênero feminino, cabendo ao homem ser o provedor financeiro do lar, sendo isso comum ainda nos dias atuais. Essa concepção também pode ser vista no estudo de Santos e Antúnez (2018) quando afirmam que o pai contemporâneo dispõe de um modelo de paternidade ainda em construção, pois se baseiam em referenciais patriarcais presentes dentro do paradigma familiar.

Ao nascer uma criança, inicia-se um processo de construção da paternidade que é, muitas vezes, conflitante com o modelo de masculinidade imposto pela sociedade. Há evidências de que a participação dos pais favorece o desenvolvimento social e o aprendizado das crianças, contudo a ausência dessa participação favorece a sustentabilidade da pobreza e déficits de todos os desenvolvimentos na infância. Por isso, reconstruir essa realidade é transformar cenários de violência e de ausência em espaços de afeto e de segurança via transgeracional (SILVA, 2006; SANDERS; MAZZUCHELLI, 2018; SHONKOFF *et al.*, 2012).

Ainda alinhada a essa ideia, a concepção da paternidade na visão de Santos *et al.* (2022) afirma que o homem vem se modificando ao longo da história das sociedades ocidentais contemporâneas, estando os pais cada vez mais participativos na vida da criança, modificando o conceito tradicional de paternidade como provedor financeiro do lar. Da mesma forma que a sociedade ratifica a importância do papel da mulher como mãe e responsável pela gestação, é necessário que o papel do pai seja fortalecido como fundamental para a autorrealização da prole e o desenvolvimento sadio dos aspectos da personalidade dos filhos.

Transformações sociais, culturais e econômicas do mundo vêm solicitando ao homem um maior envolvimento na dinâmica e no convívio familiar (FONSECA, 1997; PEROSA; PEDRO, 2009). Isso pode ser observado em estudos que apontam como as tarefas domésticas e os cuidados parentais passaram a ser compartilhados entre os casais, levando os pais a partilharem, de modo mais efetivo, das atividades com seus/suas filhos/as e a compartilharem responsabilidades na educação (BOSSARDI *et al.*, 2017; BUENO *et al.*, 2015). Apesar disso, muitas vezes o homem participa como coadjuvante na divisão das atividades domiciliares, “ajudando” a mulher, sendo esta supostamente a responsável ainda por essas funções, reafirmando que os papéis paternos e maternos estão em transição. Um estudo de Cruz *et al.* (2019) reafirma que, apesar do engajamento em atividade de brincar e participação social, os pais atuavam como auxiliares das mães nos cuidados diários com os filhos.

Por isso, a Organização Mundial da Saúde, a UNICEF e o Banco Mundial, em colaboração com a Parceria para a Saúde Materna, Neonatal e Infantil, a Rede de Ação para o Desenvolvimento na Primeira Infância e parceiros, desenvolveram a Estrutura de Cuidados de Criação, que inclui cinco componentes como prioridades para apoiar o desenvolvimento das crianças: cuidados responsivos, boas oportunidades para aprendizagem precoce, nutrição adequada, segurança e proteção (ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DA SAÚDE, 2018). De toda forma, isso se reflete positivamente no desenvolvimento das crianças das mais diferentes formas, pois os pais podem participar nos cuidados básicos com os/as filho/as, brincando, estabelecendo limites, controlando a agressividade, a competitividade, as habilidades sociais, bem como ajudando no seu desenvolvimento motor (BACKES, 2015; CABRERA *et al.*, 2000; DUBEAU; DEVAULT; PAQUETTE, 2009; PAQUETTE, 2004; SILVA; PICCININI, 2007).

1.1.3 A importância do brincar para o desenvolvimento infantil

Segundo Navarro (2009), uma das ações que contribuem para o desenvolvimento da criança é o brincar. Neste sentido, é necessário compreender os diferentes significados do brincar. Assim sendo, entender a brincadeira infantil é, em parte, compreender o que vem ocorrendo com a infância. Dessa forma, por meio do brincar, a criança aprende sobre o mundo e se prepara para futuramente conviver em sociedade, pois a atividade lúdica proporciona uma relação com o mundo físico e social. A ludicidade incentiva o processo de maturidade na criança, de maneira peculiar, emergindo numa intercessão na realidade. Ao brincar, a criança está em preparo para a vida, pois “[...] é através de sua atividade lúdica que ela vai tendo contato

com o mundo físico e social, bem como vai compreendendo como são e como funcionam as coisas” (ZANLUCHI, 2005, p. 89). Por meio desse processo, a criança compreende o mundo adulto e interage de maneira lúdica e saudável.

Papalia e Feldman (2013) mostram que mesmo diante das particularidades existentes, o ato de brincar é uma necessidade infantil. Nesse sentido, o brincar possui diferentes níveis organizacionais e cognitivos. Na primeira infância, o nível é mais simples, chamado de funcional, é marcado por brincadeiras envolvendo movimentos musculares repetitivos e amplos. Já o segundo nível se caracteriza pelo uso de objetos e materiais para a construção de algo, como os jogos construtivos. O terceiro nível é o mais complexo, onde as brincadeiras envolvem situações imaginárias, fantasiosas, que fortalecem a capacidade para o pensamento abstrato. O último nível é o jogo formal com regras, jogos com procedimentos e penalidades.

Nessa perspectiva, Vygotsky (2007) também afirma que muitas são as contribuições do brincar para o desenvolvimento infantil. O brinquedo cria uma zona de desenvolvimento proximal na criança, que é o resultado de interações mediadas, é o que a criança consegue realizar, mas contando com a ajuda de outro mediador, que pode ser um adulto ou um colega mais experiente, por exemplo. Ou seja, o que está na zona de desenvolvimento proximal hoje, amanhã pode ser desenvolvimento real, pois, brincando, a criança se comporta além do seu comportamento habitual. Assim, o brinquedo torna-se um canalizador de possíveis situações que instigam a evolução da percepção infantil.

Os estímulos e respostas que os pais oferecem à criança ao brincar são fundamentais para o pleno desenvolvimento emocional e físico da mesma, além de ajudarem a construir a identidade, linguagem, habilidades motoras e sociais. Assim, respeitando o tempo e a necessidade da criança de brincar, estaremos alcançando, portanto, os alicerces de uma adolescência mais tranquila ao criar condições de expressão e comunicação dos próprios sentimentos e visão do mundo (OLIVEIRA, 2014).

Sendo assim, ato de brincar deve, idealmente, ser bastante benéfico no que diz respeito à interação criança-criança, criança-adulto e adulto-criança, permitindo o confronto de ideias e opiniões durante o processo. Assim sendo, as atividades de brincadeira constituem o “melhor caminho de iniciação ao prazer estético, à descoberta da individualidade e à meditação individual porque a brincadeira constitui uma característica fundamental do ser humano” (OLIVEIRA-FORMOSINHO, 2004).

1.1.4 A pandemia de Covid-19 e suas implicações no brincar e na paternidade

Em meados de 2020, o mundo todo foi surpreendido com uma “pandemia de baixa atividade física” (MENDONÇA, 2019), em que as crianças passavam a maior parte do tempo em ambientes fechados (MEIRELLES *et al.*, 2020), onde a exposição às telas foi aumentada (DESLANDES, 2020) e as brincadeiras ao ar livre também foram diminuídas (FRIEDMANN, 2020). Isso tudo foi causado por um novo vírus circulante, denominado *Severe Acute Respiratory Syndrome Coronavirus 2* (SARS-COV-2, Síndrome Respiratória Aguda Grave 2), que provoca a *Coronavirus Disease 2019* (Covid-19), detectado pela primeira vez na cidade de Wuhan, província de Hubei, na República Popular da China em dezembro de 2019, e que velozmente se propagou para outras áreas e países do mundo, passando do estágio de epidemia para pandemia (ORGANIZAÇÃO PAN-AMERICANA DE SAÚDE, 2020). Dessa forma, a Organização Mundial da Saúde sugeriu que todos os países do mundo adotassem o protocolo de distanciamento físico como a principal medida a ser tomada para conter a propagação do vírus.

Essa doença é capaz de ser disseminada rapidamente no organismo, comprometendo os pulmões e causando dispneia (falta de ar), febre e tosse seca, acometendo pessoas em diferentes níveis de complexidade, em todos os locais do mundo, sendo os casos mais graves acometidos de uma insuficiência respiratória aguda que requer cuidados hospitalares intensivos – incluindo o uso de ventilação mecânica para melhor conter o avanço da infecção no organismo e preservar as vias aéreas inferiores (CENTERS FOR DISEASE CONTROL AND PREVENTION (CDC), 2020b). Essa gravidade dos sintomas superlotou todo o sistema de saúde do Brasil e do mundo, que não estava preparado para combater um vírus de tal magnitude e impacto, causando milhões de mortes no mundo todo. No Brasil, até o período de março de 2023, o número de mortos pela pandemia ultrapassou a marca de 700 mil mortes (BRASIL, 2023). Um evento como esse ocasiona perturbações psicológicas e sociais que afetam a capacidade de enfrentamento de toda a sociedade, em variados níveis de intensidade e propagação (BRASIL, 2020a).

Frente a tudo isso, uma nova realidade passou a fazer parte do cotidiano de todos. As atividades rotineiras, como ir ao trabalho, ir à escola, passear nas praias, parques e *shoppings*, foram interrompidas e tiveram que ser reinventadas, já que uma das formas de diminuir a propagação do vírus era o distanciamento físico. A pandemia de Covid-19 trouxe assim inúmeras consequências na vida de todos, não apenas para os setores da saúde, mas

inclusive nas esferas políticas, culturais, sociais e econômicas, em que diversos estabelecimentos precisaram reduzir suas operações, demitindo funcionários, reduzindo salários, causando colapso em todos os setores e uma crise de impacto mundial.

Com os indicadores assustadores da Covid-19 em todo mundo, também é possível relatar o quanto tudo isso trouxe repercussões na saúde mental, já que as pessoas tiveram suas vidas modificadas repentinamente, sendo orientadas a cumprir o distanciamento físico. Além das inúmeras perdas na vida de todos, como a perda de familiares, amigos, a pandemia do Covid-19 também trouxe a insegurança alimentar, o desemprego e muitas incertezas sobre o futuro. Não havia um tratamento medicamentoso específico e as pesquisas para a fabricação de imunizantes foram demoradas até as primeiras vacinas serem testadas e aplicadas.

Fundamentando a descrição desse cenário, o estudo realizado por Machado (2021) mostrou que junto com as medidas de distanciamento social que foram implementadas para controle da propagação do Coronavírus em várias cidades do país, foi observada uma alta prevalência (45,7%) de transtornos mentais comuns entre gestantes residentes em uma cidade brasileira com alto número de casos de COVID-19. Na conjuntura internacional a questão da saúde mental foi abordada com bastante preocupação e interesse. De acordo com o National Collaborating Centre for Mental Health (UK) (2011), os transtornos mentais comuns (TMC) incluem depressão, transtorno de ansiedade generalizada, transtorno do pânico, fobias, ansiedade social, transtorno obsessivo-compulsivo e transtorno de estresse pós-traumático.

Lima *et al.* (2020) suscitam a reflexão do quanto a pandemia traz consigo não somente sintomas físicos, mas também alterações psicológicas que merecem ser consideradas: sensações de medo, insegurança, incerteza em todos os aspectos da vida, do âmbito individual ao coletivo, do funcionamento social às alterações nas relações sociais. Dessa forma, todas estas questões podem ter efeitos de longo prazo para a saúde dos pacientes e exigir tratamento, aumentando o custo do gerenciamento da situação causada pela pandemia (ZHOU, 2020).

De maneira geral, todos públicos foram afetados no âmbito da saúde mental, mas as pessoas que se encontram em uma situação de vulnerabilidade estão cada vez mais expostas a alterações por conta do distanciamento social, como as crianças, por exemplo. Um estudo de Jiao *et al.* (2020), realizado com 320 crianças e adolescentes na China, apontou que elas apresentaram sintomas de agitação, ansiedade, dependência excessiva dos pais, distúrbios do sono, estresse e medo no decorrer do distanciamento físico. Isso pode estar associado ao enfrentamento da criança frente a essas situações novas e da perda das atividades prazerosas e rotineiras na vida delas, como a ausência da escola e dos amigos, além da energia não gasta

pela restrição às brincadeiras e atividades domiciliares, como foi enfatizado nos resultados do estudo de Silva *et al.* (2020).

Associados a este fato, Linhares e Enumo (2020) descreveram que as todas essas sensações e sentimentos exacerbados pelas crianças são esperados para este momento atual, devido à falta do mundo antes da pandemia, das manifestações de carinho como os beijos e abraços dos familiares, amigos e educadores. Assim, um estudo publicado por Kivisto *et al.* (2015), antes do período da pandemia por Covid-19, reitera a importância que os cuidadores das crianças têm para que estas obtenham as ferramentas para a regulação das emoções e forneça o mapa para a autorregulação. Tendo em vista que neste momento as crianças ficaram em casa por muito mais tempo e as relações de cuidados parentais passaram a ser bem mais intensas e por um período bem mais prolongado do que de costume.

O Núcleo Ciência Pela Infância (NCPI) produziu um relatório, em 2020, chamado “Repercussões da pandemia de COVID-19 no desenvolvimento infantil”, no qual são descritos estes e outros efeitos psicológicos da pandemia sobre as crianças. É possível observar que os adultos podem até passar mais tempo em casa, mas o nível mais elevado de angústias e preocupações tende a prejudicar a qualidade das interações. Por isso, é importante manter a atenção na ligação entre emoções e reações comportamentais, buscando fazer da sua comunicação uma situação de alívio, acolhimento e esperança, dando cada vez mais segurança na relação com o filho.

Shonkoff (2020) aborda o quanto os cuidados parentais positivos são fundamentais para que as crianças possam lidar com situações adversas, como os eventos estressores, que são considerados como ocorrências de vida e que alteram o ambiente e provocam tensões que influenciam as respostas emitidas pelos indivíduos. Acrescenta-se a isto, o estudo de Bronfenbrenner (2011) que retrata que eventos históricos são repletos de condições estressoras que podem alterar positivamente ou negativamente o desenvolvimento infantil.

Dessa maneira, a pandemia do Covid-19 pode ser considerada como uma experiência adversa para a criança, já que com o fechamento das escolas, muitas adaptações precisaram ocorrer para que as práticas educativas não parassem, por isso, muitas escolas aderiram ao ensino remoto, utilizando plataformas digitais, conectando aquelas crianças que tinham condições para tal modalidade de ensino. Porém, a realidade de muitas crianças brasileiras e do mundo todo foi outra. Sem acesso à escola, muitas crianças se depararam sem a refeição que lá era feita, o número de casos de violência familiar aumentou, e o brincar ficou restrito ao ambiente doméstico para a grande maioria das crianças.

Neste cenário, torna-se preocupante o fato de que as famílias tenham se voltado para dentro das suas moradias, sem qualquer tipo de planejamento. O brincar livre e espontâneo passou a ser realizado no ambiente domiciliar e com ele muitos outros fatores estão associados. Podemos destacar pesquisas que acompanharam a situação da infância no contexto da sua invisibilidade (PASTORE, 2020); na relação com a exposição aumentada a telas e o ensino remoto (GUIZZO; MARCELLO; MULLHER, 2020) sobre os maus tratos e violência doméstica (LEVANDOWSKI *et al.*, 2021) e sobre estudos apoiados em políticas públicas e direito à cidade (CARVALHO; GOUVEIA, 2019).

Desse modo, alguns estudos apontaram sobre a importância do brincar neste período de pandemia e como a criança se adaptou frente a essa nova realidade. Em um estudo publicado por Meirelles *et al.* (2022) mostrou que todos os espaços domésticos, sejam eles nas mais diversas configurações, tanto por famílias em vulnerabilidade, situações de acolhimento, entre outras, passaram a ser utilizados pelas crianças, sendo reinventados e até descobertos como novas modalidades de brincar. O brincar livre e espontâneo passou a acontecer no corpo a partir do ambiente e dos objetos disponíveis para as crianças, também nele exerceu influência. Assim, o espaço da sala, por exemplo, mostrou-se como um espaço propício a criações, onde se produz arte, como apresentações teatrais e musicais, jogos de tabuleiro, quebra-cabeças e a criação das “cabaninhas”, que foram criadas arrastando móveis e dando espaço para um novo universo a ser construído neste período de dúvidas e incertezas (BACHELARD, 1990; HISSA; NOGUEIRA, 2013).

O quintal ou área externa da casa foi descrito por Borges e Marques (2020), como um lugar que traz diversidade, já que funcionam como uma extensão da casa, o contato com o sol, com a natureza, como plantas, vasos, terra e até com animais domésticos ajudaram as crianças a se conectar com o meio ambiente, brincando e tendo novas experiências neste período de reclusão (HOY-GERLACH; RAUKTIS; NEWLHILL, 2020; NAGENDRAPPA *et al.*, 2020; RATSCHEN *et al.*, 2020).

Já a cozinha foi descrita como um espaço para descobrir novas experiências em conjunto com os pais neste período de distanciamento físico. Amassar, cortar, pintar, misturar e transformar diferentes ingredientes transformou esse ambiente em um verdadeiro laboratório de sentidos e propiciou o fazer coletivo, o fazer-junto (SAURA, 2008; ZIMMERMANN; SAURA, 2020).

O brincar dentro do quarto já foi descrito por Bachelard (1990) como um local ou um cantinho único da criança, onde esta brinca sozinha e, no seu mundo, passa a se organizar

no seu brincar íntimo e solitário, seja embaixo de mesas, entre prateleiras de estantes e até dentro de armários. O estudo de Meirelles *et al.* (2022) confirma este fato quando as crianças passaram boa parte do tempo brincando sozinhas, fazendo cabaninhas, em meio a tantas incertezas e medo que a pandemia gerou.

1.1.5 Lugar de paz: o trabalho do Instituto da Primeira Infância (IPREDE) durante a pandemia

A rede de apoio que os equipamentos sociais ofereceram com suporte para essas famílias em situação de vulnerabilidade social no período do distanciamento físico foi essencial. Corroborando o estudo de Clemente (2021), muitas mobilizações foram feitas para levar alimentos e material de higiene para as famílias mais necessitadas no Ceará durante a pandemia. O Instituto da Primeira Infância, instituição civil sem fins lucrativos situada em Fortaleza/Ceará e o UNIBANCO, por intermédio da UNICEF, realizaram a distribuição diária de duas mil “quentinhas”, novecentos litros de sopa e também a distribuição mensal de duas mil cestas básicas e dois mil *kits* de higiene em comunidades carentes.

Neste cenário, o Instituto da Primeira Infância (IPREDE), Instituição do Terceiro Setor, configurada como uma Organização Civil sem fins lucrativos, situada no município de Fortaleza-Ceará, atende a aproximadamente 1.000 famílias que vivem em situações de alta vulnerabilidade social e testa, ao longo de 37 anos, diversos modelos de intervenção, aplicando modelos de mediação e de intervenção relacional com enfoque nos modelos teóricos do Programa Internacional de Desenvolvimento da Criança (ICDP) e do Programa de Educação Mediacional Para um Cuidador Mais Sensível (MISC). O ICDP/MISC é um programa originado na Universidade de Oslo-Noruega e recomendado pela Organização Mundial de Saúde (OMS) cujo objetivo é sensibilizar os pais para melhorar a qualidade de sua interação com os/as filhos/as, visando à prevenção e/ou à ajuda em problemas no desenvolvimento infantil (MENESCAL, 2016).

Tal modelo proporciona aos pais observar os aspectos que são considerados universais e básicos para uma boa interação, permitindo o melhor desenvolvimento das crianças. Os pais são vistos aqui como os responsáveis pela mediação da relação da criança com o mundo: além de oferecer o amor, eles têm o papel de satisfazer as curiosidades da criança, ajudando-a a explorar o ambiente e, ao mesmo tempo, a se organizar dentro dele (HUNDEIDE, 2004).

No IPREDE, o setor que trabalha o vínculo mãe/pai e filho/a através do brincar, utilizando o ICDP/MISC como modelo metodológico, é a Mediação. A técnica é composta por diálogos e por princípios regentes de uma boa interação, tendo em vista os aspectos básicos para o estabelecimento de uma relação adequada. Hundeide (2004) elaborou oito princípios e três diálogos para um cuidador mais sensível que são executados no setor de Mediação por profissionais de saúde, em amplos espaços, utilizando brinquedos e recursos lúdicos para mediar a relação com a díade. Os oito princípios são de fácil internalização pelos pais/cuidadores e derivam dos três diálogos explicitados a seguir. No Diálogo Expressivo emocional, temos quatro princípios: demonstrar sentimentos positivos, amorosidade pelo filho/a, seguir a iniciativa da criança, estabelecer um diálogo com as pessoas, elogiar e confirmar aquilo que a criança faz bem. No Diálogo Expansivo Compreensivo temos: ajudar a criança a focar sua atenção, dar significado às experiências vividas pela criança, expandir e enriquecer as experiências da criança. No Diálogo Regulador temos: regular e guiar as ações e os projetos da criança, definindo limites para o permitido, de forma positiva, e oferecer alternativa para as ações da criança (HUNDEIDE, 2004).

Dessa forma, percebemos durante o período do distanciamento físico, ao contrário de muitos estabelecimentos, que o IPREDE continuou de portas abertas atendendo cerca de 1000 crianças e seus familiares mensalmente, tendo que ir se adequando às necessidades de acordo com os decretos e orientações da OMS para o funcionamento dos serviços essenciais (BRASIL, 2020a). Cerca de 160 pais, acompanhados ou não de suas esposas/companheiras, compareceram à Instituição. A equipe multidisciplinar que atua no IPREDE mostrou-se flexível e sensível acerca da vulnerabilidade dos pais e das crianças que convivem com as adversidades e entendeu, também, a importância fundamental do papel dos pais presentes nos atendimentos, sempre os elogiando e os encorajando a acompanhar mais vezes o crescimento do seu filho na Instituição e no ambiente familiar.

1.2 Justificativa e relevância

O período da pandemia mudou por completo o cotidiano de trabalho no IPREDE em suas duas unidades ambulatoriais: tanto no Ambulatório, que assiste as crianças na primeira infância; quanto no CONECTA, unidade que faz acompanhamento de crianças com transtorno do espectro autista (TEA). Foram momentos de medo e incertezas nos quais a instituição esteve presente junto às famílias, adequando-se às novas normas de prevenção, conforme as

orientações, incluindo o distanciamento social, iniciado pelo Decreto Estadual nº 33.519, de 19 de março de 2020, mas não deixando de funcionar nenhum dia. Nesta pesquisa, o foco se deu na Unidade Ambulatorial da Primeira Infância, espaço onde trabalho como Enfermeiro e Coordenador do Ambulatório no atendimento de crianças de 0 a 6 anos e seus familiares.

Foi observado, neste período de distanciamento físico causado pela pandemia de Covid-19, o aumento no número de pais (homens) no acompanhamento de seus filhos/filhas, algumas vezes com suas companheiras e, em outros momentos, sozinhos. A cada consulta realizada com a participação dos pais, o interesse e a dúvida nos cuidados parentais e em relação ao estado de saúde do filho/filha foram reconfigurados. Desse modo, os profissionais tiveram que se adequar à nova relação de dialogar com os pais. Para melhor compreender esta realidade foi realizado, em junho de 2021, um grupo focal com 9 pais (homens) de crianças assistidas no Ambulatório da Primeira Infância, atendendo às normas do distanciamento físico exigidas no período. O objetivo do grupo foi conhecer um pouco da história de vida destes pais e como era a relação com seus filhos/filhas frente a esse período pandêmico. O encontro foi gravado e todos os participantes assinaram o termo de consentimento da participação do grupo focal que, posteriormente, foi transcrito para o arquivo do IPREDE. Após a extensa leitura do material, percebemos que surgiram várias narrativas dos pais acerca dos cuidados e das práticas parentais, das suas experiências que tiveram na infância e do que eles gostavam de brincar com os seus filhos, por isso a importância de aprofundar esta temática neste estudo.

Essa temática abordada pelos profissionais do IPREDE com os pais me despertou bastante interesse e a melhor forma de explorá-la seria ouvindo o que os pais das crianças assistidas na instituição têm a nos relatar sobre o brincar no período de distanciamento físico. Tivemos um período de interrupção no Grupo Focal, que foi prontamente retomado quando a pandemia passou a estar menos ativa. Isso ocorreu devido ao fato de que os pais passaram a faltar mais às consultas, o que pode ter ocorrido por conta do gradual retorno às atividades e da retomada de serviços não essenciais que garantiam a sua renda familiar.

Podemos destacar que a temática do brincar no período do distanciamento físico ainda é pouco explorada, visto as limitações de estudos sobre essa temática. O mesmo pode se afirmar em relação à percepção paterna sobre os cuidados parentais e o brincar, já que muitos estudos têm mostrado que é possível melhorar a qualidade das interações pais-filhos/as e promover o desenvolvimento socioemocional das crianças por meio de intervenções precoces, através do brincar, por exemplo (PONTOPPIDAN, 2015; PONTOPPIDAN; *et al.*, 2016; BAKERMANS-KRANENBURG *et al.*, 2003). O pai foi incluído, principalmente de forma

indireta, por meio de intervenções focadas na relação de co-parentalidade e sua influência no desenvolvimento infantil (COWAN *et al.*, 2007; HAWKINS *et al.*, 2008). Os estudos que incluem diretamente os pais, a partir de intervenções precoces, são aqueles que envolvem crianças prematuras (FELDMAN *et al.*, 2003) e programas preventivos para promover comportamentos parentais positivos no sistema familiar mãe-pai-bebê (SHAPIRO *et al.*, 2011).

1.3 Pergunta norteadora

Por tudo isso, observa-se que as crianças se perceberam, repentinamente, em uma situação de confinamento, deixando de fazer tudo o que tinham costume, e foram se adaptando às novas exigências e precauções que o período exigiu, principalmente com relação ao brincar no ambiente doméstico e às relações com seus pais. A criança tem em seus pais o referencial do cuidado, do aconchego e do brincar. No entanto, muitos problemas surgem diante dessa situação inusitada: como se deram os cuidados parentais durante o período da pandemia? Como se deram as brincadeiras dos pais com os filhos nesse momento de privação? E hoje, o que mudou? Como as crianças utilizam seus espaços para interagir e brincar? Como os pais têm participado da vida dos filhos? O que esperam para o futuro dos filhos?

Para a realização deste estudo, foi aprofundada a temática sobre o brincar no período do distanciamento físico na percepção paterna, já que se observou que muitos pais, durante as consultas dos seus filhos no Instituto da Primeira Infância, trouxeram muitas experiências exitosas e também dificuldades – que se estendem até hoje – acerca do cuidado com o filho. Dessa forma, espera-se com esse estudo que muitos outros pais (homens) possam compreender a importância do brincar e do seu papel no desenvolvimento infantil.

1.4 Objetivos

1.4.1 Objetivo geral

Compreender como se estabeleceu o vínculo e o brincar de pais (homens) com os seus filhos durante e após o período da pandemia de Covid-19.

1.4.2 Objetivos específicos

- a) Conhecer como foi a infância desses pais, focando nas brincadeiras e nas relações familiares neste período.
- b) Identificar quais os tipos de brincadeiras que foram utilizadas pelos pais com os filhos durante o período de distanciamento físico;
- c) Descrever os relatos dos pais sobre os cuidados parentais durante o período de *lockdown* no ambiente doméstico;
- d) Identificar como se processa a relação do brincar, nos dias atuais, e as perspectivas paternas para o futuro dos filhos;
- e) Elaborar mini documentários baseados na vivência dos pais sobre o período do distanciamento físico, relatando os momentos de convivência com seus filhos e buscando reproduzir as brincadeiras realizadas durante o período da pandemia e nos dias atuais.

2 CAMINHOS PERCORRIDOS ATÉ AQUI: METODOLOGIA ADOTADA NA PESQUISA

2.1 Tipo de estudo

O delineamento da pesquisa adota a abordagem qualitativa, já que essa vertente epistemológica se refere a estudos baseados em significados, significações, ressignificações, representações psíquicas, representações sociais, simbolizações, simbolismos, percepções, pontos de vista, perspectivas, vivências, experiências de vida e analogias (TURATO, 2003).

Para Caballero Franco e Pérez Serrano (2016), a Pesquisa Qualitativa incorpora descrições detalhadas de situações, eventos, pessoas, interações e comportamentos. O conjunto de todos esses elementos é costurado pela voz dos sujeitos que participam da pesquisa, suas experiências, atitudes, crenças, valores e reflexões.

A escolha desse tipo de abordagem se dá devido à possibilidade de dar voz às pessoas por meio das técnicas de avaliação qualitativa. No caso desta pesquisa em questão, a técnica utilizada foi entrevista individual, além de recortes de imagens captadas e material audiovisual. Assim, os métodos qualitativos produzem explicações contextuais para um pequeno número de casos, com uma ênfase no significado – mais que na frequência – do fenômeno. O foco é centralizado no específico, no peculiar, almejando sempre a compreensão do fenômeno estudado, geralmente ligado a atitudes, crenças, motivações, sentimentos e pensamentos da população estudada. As técnicas qualitativas podem proporcionar uma oportunidade para as pessoas revelarem seus sentimentos (ou a complexidade e a intensidade dos mesmos). O modo como falam sobre suas vidas é importante e a linguagem usada e as conexões realizadas revelam o mundo como é percebido por elas (SPENCER; SPENCER, 1993).

Esse tipo de pesquisa trabalha com a interpretação de fenômenos e concessão de significados, sem exigir a utilização de métodos e técnicas estatísticas, predominando o caráter descritivo. O pesquisador é tido como instrumento-chave, revelando uma tendência indutiva na etapa de análise de dados, sendo o processo e o significado as essências dessa perspectiva (PRODANOV; FREITAS, 2013).

Para Minayo (2009), as pesquisas desenvolvidas nas ciências sociais apresentam diversos significados, intensões, pretensões, valores e procedimentos que nem sempre são compreendidos quantitativamente, ou seja, a partir de valores estatísticos ou equações. Porém,

ressalta-se que, na pesquisa qualitativa, não há eliminação dos dados quantitativos, que complementam os qualitativos e vice-versa.

2.2 Local do estudo

O estudo foi realizado no Instituto da Primeira Infância, IPREDE, localizado em Fortaleza, Ceará, já que os pacientes são assistidos de forma quinzenal por equipe multidisciplinar. Diversos pais comparecem diariamente na instituição, por isso foram convidados a participar da pesquisa. Inicialmente, a entrevista semiestruturada foi realizada na instituição citada. Já a produção das pílulas foi desenvolvida no domicílio e na comunidade onde as famílias selecionadas residem, além de algumas imagens também terem sido captadas no IPREDE.

2.3 Participantes do estudo

Os participantes da pesquisa são os pais (homens) biológicos, no exercício de sua paternidade, de crianças que estão na primeira infância (0 a 6 anos) e são assistidas pelo IPREDE, tendo uma boa frequência no acompanhamento dos filhos nesta Instituição. Foram convidados, inicialmente, os 9 pais que participaram do grupo focal realizado no período de junho de 2020, quando a pandemia ainda se apresentava de forma ativa. Como posteriormente não foi possível o contato com todos os integrantes do grupo, foram convidados outros homens para participar desta intervenção, a partir dos mesmos critérios de inclusão na pesquisa. Ao final, 14 pais aceitaram estar em todos os momentos da entrevista e, três deles participaram das filmagens que produziram quatro pílulas temáticas.

Segundo Silva *et al.* (2018), a escolha desse número amostral é uma expectativa que temos de alcançar a saturação teórica com as respostas das narrativas dos sujeitos, além de oportunizar um contato mais aproximado do pesquisador em diferentes ambientes onde o pai convive no dia a dia com seu filho. Evidencia-se que, por ser uma pesquisa com delineamento qualitativo, não é necessário alcançar um número amostral ou “n” de sujeitos. Vale ressaltar que na 9ª entrevista já se observava a recorrência das falas, mas o autor principal deste estudo preferiu ouvir todos que aceitaram participar. Conforme foi descrito por Arruda (2009), nesse tipo de pesquisa, deve-se substituir o termo “quantos” por “quem” irá participar da intervenção.

Portanto, ao constituir a amostragem teórica, o pesquisador que aplica a entrevista

qualitativa visa alcançar a saturação teórica (SILVA *et al.*, 2000; MACK *et al.*, 2005). Corroborando outro estudo realizado por Fontanella, Ricas e Turato (2008), pode-se salientar que, quando a saturação teórica é alcançada, se suspende a inserção de novos entrevistados e os dados obtidos apresentam redundância ou repetição de resultados.

O recrutamento dos participantes do estudo foi feito por meio de uma carta-convite (APÊNDICE E – CONVITE DE PARTICIPAÇÃO DA PESQUISA) que foi entregue a eles na primeira etapa da pesquisa, momento no qual se explicou como o estudo iria ocorrer. Uma vez que o possível participante da pesquisa estivesse de acordo com todo o processo do estudo, prosseguia-se com as assinaturas do Termo de Consentimento Livre Esclarecido (TCLE), que será descrito na seção de aspectos éticos da pesquisa. Strand, Olin e Tidefors (2014) afirmam que esse contato inicial com os entrevistados é fundamental para propiciar ao pesquisador conhecer bem o seu campo de trabalho, possibilitando que se insira de maneira mais abrangente, já que através de conversas informais podem surgir muitas possibilidades para a pesquisa.

2.4 Critérios de inclusão e exclusão

Critérios de inclusão:

- Idade igual/acima de 18 anos;
- Com filho/filha que esteja na primeira infância (0 a 6 anos) com frequência regular à instituição;
- Conviver (morar) com a criança;
- Ter cumprido as normas exigidas do distanciamento físico no período do *lockdown* ou distanciamento físico.

Critérios de exclusão:

- Pais com dificuldades e/ou incapacidades que impossibilitem a realização da entrevista;
- Pais que acompanham de forma irregular a criança na instituição;
- Pais que não convivem com as crianças (privação de liberdade ou que não moravam no mesmo domicílio da criança durante o período do *lockdown*);
- Pais adotivos ou padrastos.

2.5. Coleta das Narrativas / Produção de narrativas

2.5.1 A entrevista Individual e semiestruturada

Como citado anteriormente, os participantes foram recebidos no Instituto da Primeira Infância (IPREDE) para orientá-los sobre todas as etapas da entrevista e os objetivos da mesma, além de saber se estavam de acordo com todos os princípios éticos da pesquisa.

A pesquisa de campo foi realizada por meio de entrevistas semiestruturadas e individuais, e foram registradas com o auxílio de aparelho gravador. Tais gravações visam compreender a percepção paterna sobre o brincar com seus filhos/filhas durante o período da pandemia, bem como os seus medos e desafios neste período na criação dos seus filhos/filhas. De acordo com Camillo (2017), essa técnica nomeada de entrevista pode ter diferentes classificações, seja em questionários, semiestruturada, narrativa ou episódica. A entrevista semiestruturada busca oferecer a possibilidade de criar um ambiente favorável para que o entrevistado discorra de modo livre sobre um determinado tema. Essa técnica e a rememoração, que consiste em trazer vivências de um determinado período, permitiram que integrantes do estudo percebessem e apresentassem suas experiências.

Desse modo, a coleta do material empírico para a dissertação foi realizada, na maioria das vezes, no IPREDE, durante a consulta das crianças. Para outros participantes que não possuíam disponibilidade de realizar as entrevistas durante os atendimentos, pois estavam trabalhando, estas foram realizadas em um outro momento na Instituição, conforme o melhor dia e horário para eles, inclusive aos finais de semana. Para isso, foi reservada uma sala confortável e que garantiu a privacidade dos participantes, a fim de melhor acomodá-los e para que se sentissem em um ambiente seguro para partilhar respostas sobre as perguntas que lhes foram feitas.

Foi disponibilizado pelo pesquisador o auxílio transporte para que os participantes tivessem acesso ao local da entrevista, que durou cerca de 30 a 60 minutos, a depender do envolvimento do entrevistado com a temática.

Minayo (2008) afirma que as entrevistas podem ser consideradas como conversas com finalidade e se caracterizam pela sua forma de organização. A entrevista semiestruturada, que foi utilizada na pesquisa, combina perguntas semiestruturadas nas quais o entrevistado tem a possibilidade de discorrer sobre o tema em questão sem se prender à indagação formulada. Esse tipo de entrevista segue um roteiro, que foi testado previamente sobre a sua compreensão

e que é utilizado para auxiliar o pesquisador. Por ter um apoio claro na sequência das questões, facilita a abordagem para o pesquisador, que deve conhecer o roteiro anteriormente.

Deste modo, para a realização desta pesquisa, foi necessário utilizar o “tópico guia”, que, segundo Gaskell (2008), é parte vital do processo de pesquisa e necessita de atenção detalhada. Por detrás de uma conversação aparentemente natural e quase casual, encontrada na entrevista bem-sucedida, está um entrevistador bem preparado. Ainda segundo o autor, duas questões centrais devem ser consideradas, antes de qualquer forma de entrevista: o que perguntar (a especificação do tópico guia) e a quem perguntar (como selecionar os entrevistados).

A utilização desse modelo permite que a entrevista seja realizada de modo fluido, leve, bem-sucedido, a fim de aproveitar melhor o tempo. É imprescindível um planejamento previamente realizado, com a preparação de todos os equipamentos, tendo como referencial os objetivos da pesquisa, além de uma leitura atualizada sobre a temática, visando a nos oferecer mais subsídios na qualidade de pesquisador durante a realização das entrevistas e filmagens.

Para Minayo (2008), as entrevistas semiestruturadas são caracterizadas pela utilização de roteiros, que auxiliam o pesquisador a conduzir melhor o percurso da entrevista. Esse roteiro deve servir como um *check-list* de temas, tópicos ou assuntos de interesse para a pesquisa.

O estudo de Ferreira (2012) também afirma que o roteiro deve ser entendido como um guia para auxiliar o pesquisador a organizar melhor a realização da entrevista. Além disso, esse instrumento é perfeitamente flexível e passível de ajustes, até mesmo durante a condução do processo. Afinal, é impossível prever tudo o que pode acontecer durante o trabalho de campo.

A partir disso, foi criado um roteiro para ser utilizado contendo os tópicos norteadores da pesquisa. As temáticas e perguntas estão contidas no APÊNDICE B – ROTEIRO PARA ENTREVISTA SEMIESTRUTURADA.

As entrevistas foram gravadas com autorização prévia e, após esse momento inicial de coleta do material empírico para a pesquisa, foram transcritas e analisadas. Isso é feito para que durante a entrevista toda a atenção do pesquisador esteja voltada para o entrevistado. Deve-se analisar o material transcrito, as palavras e os comportamentos não-verbais, como risos, choros, diferenças na entonação da voz e gestos que foram registrados. As expressões e os erros gramaticais devem ser eliminados na transcrição, para que não haja constrangimento do entrevistado, caso seja necessário lhe apresentar o texto para apreciação (LAGE, 2001).

Isso foi muito bem descrito por Bogdewic (1992), que afirma que, para os registros

das falas, é recomendada a gravação da entrevista. O registro permite contar com todo o material fornecido pelo informante, o que não ocorre com a utilização de anotações. A fala dos diversos sujeitos foi transcrita de forma a recuperar a integralidade dos depoimentos e, para isso, foi utilizado um *software* com uma plataforma de transcrição de narrativas chamada Transkriptor.

Para tornar a pesquisa ainda mais robusta e fidedigna, foi utilizado o recurso da captação de imagens para a criação de vídeos do cotidiano dos pais com os filhos em casa, retratando o período do distanciamento físico, usando a técnica da rememoração já descrita anteriormente por Camillo (2017). Essa estratégia foi pensada como uma melhoria no processo de observação, pois, para que uma observação seja considerada confiável, é necessário que o observador seja preciso em seus registros. Não basta simplesmente se aproximar do objeto e olhá-lo, é preciso observar e registrar controlada e sistematicamente para que seus registros sejam confiáveis. Constituindo-se como um método de observação indireta de coleta de dados, o vídeo (a filmagem) é indicado para estudo de ações humanas complexas, difíceis de serem integralmente captadas e descritas por um único observador (PINHEIRO; KAKEHASHI; ANGELO, 2005).

Corroborando outros estudos, a integração do som e das imagens em movimento colabora para desvendar a complexa rede de produção de significados e sentidos manifestados nas palavras, nos gestos e nas relações, para compreender as culturas infantis e para captar a essência das narrativas em jogo. Para exemplificar, Garcez, Duarte e Eisenberg (2011) relatam em seu trabalho pesquisas realizadas por outros pesquisadores que evidenciam a importância da captação de imagens em vídeo, principalmente em estudos com crianças.

Por fim, após a coleta do material empírico com as entrevistas, estas foram processadas com a ajuda do *software* MAXQDA, que nos proporcionou a melhor organização para codificar as narrativas e criar as categorias que servirão de base para a análise, discutida logo mais adiante. Já a segunda etapa para a produção/coleta das narrativas foi contemplada com as filmagens para a criação dos vídeos curtos contendo imagens de momentos de brincadeiras dos pais com seus filhos no IPREDE, em suas casas e nas comunidades. Esse material também é um dos produtos tecnológicos ao final da pesquisa. A seguir será explorado mais sobre este tópico

2.5.2 Elaboração dos mini documentários (pílulas)

Como forma de contemplar as diretrizes do Mestrado Profissional em Saúde da

Mulher e da Criança pela Universidade Federal do Ceará, deve-se apresentar um produto tecnológico ao final da dissertação. Assim, optei por produzir quatro vídeos curtos (de até cinco minutos), em formato de pílulas e minidocumentários, para poder apresentar no local de trabalho onde atuo, o Instituto da Primeira Infância (IPREDE), para os diversos pais (homens) que acompanham os seus filhos nos atendimentos diariamente. A intenção é trabalhar de forma permanente a temática da paternidade ativa com todos os pais que comparecem às consultas, pois percebe-se que ainda não existe esse serviço implantado na instituição. No futuro, pode se fazer necessária a inscrição em editais para o recebimento de verbas que poderão ser utilizadas para a contratação de uma equipe especialista nessa temática e, dessa forma, realizar esses grupos sistematicamente, como temos atualmente os grupos de escuta e apoio às mulheres – mães das crianças – no IPREDE.

Além disso, os vídeos e outras formas de trabalhar a paternidade podem ser estrategicamente utilizados ao lidar com os homens, pais de crianças, em outras instâncias e níveis de organização e complexidade em saúde, como na atenção primária, secundária e terciária, estimulando a participação paterna no desenvolvimento infantil. Isso pode ser realizado, por exemplo, nas Unidades Básicas de Saúde, com a participação do homem desde o pré-natal até as atividades de educação a respeito da saúde da criança, nas consultas em puericultura com a equipe de saúde e ao ressaltar a importância do brincar com seu/sua filho/filha. Já em outras Instituições do Terceiro Setor, esse trabalho também pode ser realizado quando os pais levam os seus filhos para atendimento com terapia multiprofissional, podendo participar das orientações e dos cuidados de forma ativa. Por fim, essas atividades podem ser executadas até na atenção terciária, em hospitais e maternidades, onde a paternidade pode ser trabalhada de modo que o homem participe do parto humanizado e dos primeiros cuidados ao recém-nascido.

Segundo Garcez (2011), em pesquisas qualitativas é necessário que o pesquisador se interogue sobre o seu objeto de pesquisa e seus objetivos para identificar qual instrumento será mais adequado para realizar observações sistemáticas, seja realizar entrevistas, produzir diários de campo, fotografar, filmar, entre outros. Cabe perguntar-se em que circunstâncias o recurso da filmagem se efetiva como necessário na realização de uma pesquisa empírica de base qualitativa. Com os avanços da tecnologia usados a nosso favor, surgem novas possibilidades de utilização de recursos de imagens e filmagens em pesquisa qualitativa. Um exemplo dessa evolução é a vantagem da filmagem/do vídeo, que permite a visualização do material gravado quantas vezes for necessário, possibilitando certa exatidão na coleta de informações (DIAS *et*

al., 2018).

Corroborando o estudo de Mauad (2004), podemos observar que com a filmagem pode-se reproduzir a fluência do processo pesquisado, ver aspectos do que foi ensinado e apreendido, observar pontos que muitas vezes não são percebidos. O vídeo também permite a ampliação, a transformação das qualidades, das características e particularidades do objeto observado. A imagem oferece à prática de observação e descrição um suporte a mais, um novo olhar.

Para a realização das coletas das narrativas foram utilizados dois instrumentos: câmera e microfone. A intenção foi poder, através desses recursos, gravar as imagens para registro e análise que serviram de base para a elaboração das pílulas temáticas relacionadas às cenas do cotidiano dos pais brincando com seus filhos, a partir das falas das entrevistas realizadas anteriormente.

A proposta para a elaboração destas pílulas de vídeo foi de se dirigir até os domicílios destes pais no intuito de conhecer a realidade na qual estas famílias estão inseridas, assim como as comunidades às quais pertencem, além de observar as práticas parentais e de compreender melhor como foram as brincadeiras no período da pandemia até os dias atuais. Para tal avaliação, foi usado um *check-list* (APÊNDICE D – ROTEIRO PARA FILMAGEM) para melhor organizar o processo da filmagem baseada nas brincadeiras que os pais haviam relatado na entrevista anteriormente.

As filmagens foram realizadas com a participação de 3 dos 14 pais em seus respectivos domicílios, situados em Fortaleza/Ceará, nos seguintes bairros: Praia do futuro, Jangurussu e Conjunto Ceará. A escolha do perfil dos homens que participaram dos vídeos se deu devido à aceitação em participar da gravação, às características inerentes à personalidade de cada participante, assim como à diversidade de vivências que cada um relatou durante as entrevistas, garantindo uma robustez no material gravado. Os registros demoraram em média 1h30min para serem concluídos com cada família. Para garantir que a qualidade do material coletado fosse de excelência, foi contratado um profissional que trabalha com filmagem, recursos audiovisuais e edição, sempre sob a supervisão do pesquisador responsável. Houve uma reunião prévia com o profissional responsável pela filmagem e edição para apresentar a pesquisa e a metodologia de coleta de dados utilizando a filmagem.

Pinheiro, Kakehashi e Angelo (2005) trazem em seu estudo uma observação importante: a tendência na mudança de comportamento das pessoas diante das câmeras ou quando são observadas. Diante desse referencial, a recomendação da literatura sugere que o

observador permaneça ao menos 10 minutos no ambiente antes de começar a filmagem, assim, quando já estiverem acostumados com a presença do observador e das câmeras os sujeitos em observação voltarão a agir como de costume.

Dessa forma, foi prioridade manter a descontração e uma atitude acolhedora para que os pais e as crianças pudessem se sentir à vontade em participar do momento da filmagem nos seus domicílios, sempre sendo realizada de modo a respeitar o tempo deles. Pinheiro *et al.* (2005) apontam a importância de que o investigador assegure aos sujeitos da pesquisa a possibilidade de ver as imagens, uma vez que nas pesquisas qualitativas admite-se certo grau de subjetividade na interpretação dos dados. As implicações éticas da utilização do filme envolvem o questionamento entre disponibilizar as imagens e os sons gravados aos potenciais espectadores e o direito dos sujeitos da pesquisa ao sigilo de sua identidade e das informações fornecidas individualmente.

O áudio utilizado no vídeo foi proveniente das entrevistas que foram realizadas com os pais. Além disso, foi enviado um convite para alguns profissionais que têm vasta experiência sobre a temática da paternidade, para que pudessem participar dos vídeos, em um segundo momento, narrando as experiências vivenciadas nas imagens, o que poderá trazer bastante embasamento e alcance a partir da temática apresentada.

O uso da filmagem foi cogitado devido ao fato de que a mídia tem o poder de nos trazer tudo o que é real. Segundo Powell, Francisco e Maher (2004 *apud* CLEMENT, 2000) e Martin (1999, p. 86), os vídeos, como aspecto metodológico, permitem aos pesquisadores observar detalhes que talvez passem despercebidos no decorrer da pesquisa de campo. Assim, o vídeo é um importante e flexível instrumento para coleta de informação oral e visual. Ele pode capturar comportamentos valiosos e interações complexas e permite aos pesquisadores reexaminar continuamente os dados. Ele estende e aprimora as possibilidades da pesquisa observacional pela captura do desvelar momento a momento de nuances sutis na fala e no comportamento não verbal. E é superior às notas do observador, uma vez que não envolve a edição automática.

A intenção desta pesquisa é de sempre proteger toda e qualquer exposição da imagem dos pais e das crianças, por isso os pais que aceitaram participar da filmagem foram informados sobre todo o processo de produção e assinaram todos os documentos necessários para a preservação do direito de imagem, conforme será discutido na sessão dos aspectos éticos da pesquisa. Por este motivo, preservamos a imagem sem identificá-los quando assim foi solicitado por eles. Todos os vídeos foram apresentados aos participantes do estudo antes de

serem finalizados, de modo que os pais das crianças pudessem participar de todo o processo, tanto das entrevistas quanto da produção das pílulas, para que avaliassem e autorizassem a exposição das imagens como um produto partilhado entre o pesquisador e os sujeitos entrevistados e que foram acompanhados nessa construção interativa.

Corroborando o exposto, o estudo de Morse *et al.* (1995) considera a possibilidade de haver recusa do participante em permitir a divulgação das imagens. Recomenda-se que, desde o início do contato do investigador com o sujeito, seja solicitado o direito do uso das imagens pelo pesquisador para futuras publicações, explicitando tal questão no termo de consentimento livre e esclarecido.

2.6 Análise das narrativas/material empírico

Na pesquisa qualitativa, a escolha para a análise é fundamental para que se alcancem resultados fidedignos. Assim, optou-se pela escolha dos Métodos e Técnicas de Análise de Conteúdo de Bardin (2016). Segundo Rodrigues (2019), pode-se compreender que a análise de conteúdo é um procedimento que possibilita ao pesquisador explorar de forma mais densa determinado conteúdo a partir de um respaldo teórico. Dessa forma, procura ir além da descrição das mensagens, pois é preciso atingir uma compreensão mais aprofundada do conteúdo dessas mensagens por meio da interpretação.

O processo de análise deste estudo seguiu todas as etapas propostas para a organização das análises de conteúdo definidas por Bardin (2016). São elas:

- 1) Pré-análise.
- 2) Exploração do material
- 3) Tratamento dos resultados, inferência e interpretação.

Na primeira fase, chamada de pré-análise, é desenvolvida toda a organização estrutural da pesquisa, momento no qual o pesquisador realiza uma leitura flutuante, onde passa a conhecer o material e a familiarizar-se com ele.

É por meio da exploração do material que os objetivos são formulados e tornam-se alicerce para a leitura dos documentos, iniciando-se, então, o recorte dos textos (falas) que se repetiram com muita frequência. Eles são agrupados em unidades comparáveis de categorização para análise, ou seja, os dados são codificados, inferindo uma expressão que os represente. Assim, a análise de conteúdo considera a presença ou a ausência de uma dada característica de conteúdo e deve ser realizada por categoria temática.

A terceira etapa da Análise proposta por Bardin (2016) compreende o tratamento dos resultados, a inferência e a interpretação. Nesse momento, os resultados ainda não processados são tratados de maneira a serem significativos e válidos, obtidos através da análise crítico-reflexiva do pesquisador.

Dessa forma, após ser realizada a captação do áudio com as entrevistas dos pais, o material foi transcrito na íntegra, utilizando o programa Transkriptor, sendo revisado de forma manual, e feita a leitura flutuante e aprofundada das narrativas apresentadas, para que posteriormente pudesse ser realizada a análise de conteúdo. Com a finalidade de auxiliar nessa etapa, utilizou-se o *software* MAXQDA versão *Analytics 2023 Pro 2000*, o qual se configura como um *software* de análise de dados qualitativos e de métodos mistos. Esse programa possibilitou a categorização e a subcategorização de conteúdos mais evidenciados nas falas dos participantes.

2.7 Aspectos éticos

A pesquisa seguiu todos os preceitos éticos conforme as normas da Resolução 510/2016, complementar à resolução 466/2012, do Conselho Nacional de Saúde. Para a realização da coleta de dados, os participantes receberam todas as orientações relativas à pesquisa, como objetivos, procedimentos, riscos e benefícios da sua participação. Após isso, foi solicitada a leitura e posterior assinatura do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido – TCLE (APÊNDICE A). Para aqueles que não sabiam ler, o termo foi lido. Também foi produzido o Termo de Assentimento Livre e Esclarecido – TALE (APÊNDICE F). Este termo se justifica devido ao uso de imagem das crianças nos vídeos que foram produzidos, sendo solicitado o mesmo procedimento realizado com o TCLE. Após a leitura e a aprovação, os homens receberam a segunda via dos termos com minha assinatura enquanto pesquisador principal.

A eticidade da pesquisa implica:

1) Consentimento livre e esclarecido dos indivíduos-alvo e a proteção a grupos vulneráveis e aos legalmente incapazes (autonomia). Nesse sentido, a pesquisa envolvendo seres humanos deverá sempre tratá-los em sua dignidade, respeitá-los em sua autonomia e defendê-los em sua vulnerabilidade;

2) Ponderação entre riscos e benefícios, tanto atuais como potenciais, individuais ou coletivos (beneficência), comprometendo-se com o máximo de benefícios e o mínimo de danos e riscos;

3) Garantia de que danos previsíveis serão evitados (não maleficência);

4) Relevância social da pesquisa com vantagens significativas para os sujeitos da pesquisa e minimização do ônus para os sujeitos vulneráveis, o que garante a igual consideração dos interesses envolvidos, não perdendo o sentido de sua destinação socio-humanitária (justiça e equidade).

Os sujeitos não tiveram nenhum gasto ao participarem da pesquisa. O pesquisador principal ficou responsável por custear o auxílio transporte e o lanche para os pais, para que os mesmos não tivessem nenhum prejuízo financeiro.

A pesquisa trouxe riscos mínimos, tais como quebra de sigilo, ainda que involuntária. No momento da coleta de dados, caso algum participante expressasse algum incômodo em fazer parte da pesquisa, ele seria automaticamente retirado do experimento. Então, os critérios utilizados para obtenção dos dados não causavam alterações físicas e nem comportamentais, já que são baseados em evidências científicas e são apenas observacionais. Porém, caso houvesse algum incômodo ou desconforto apresentado pelos sujeitos da pesquisa, poderia ser garantido atendimento psicológico pelos profissionais do Instituto da Primeira Infância.

A autoria desta pesquisa, na qualidade de pesquisador responsável cientificamente por esta demanda universitária *stricto sensu*, está comprometida a não utilizar as informações confidenciais as quais tiver acesso para gerar benefício próprio exclusivo e/ou unilateral, presente ou futuro, assim como o uso de terceiros.

Em vista disso, ressalta-se que a pesquisa respeitou todos os princípios éticos da Resolução 510/2016 do Conselho Nacional de Saúde acima citada e tem possibilidade de gerar conhecimento a outros pais e responsáveis sobre a importância do cuidado parental positivo e a formação e/ou fortalecimento do vínculo e do afeto através do brincar. Para isso, a pesquisa foi submetida à análise do Comitê de Ética em Pesquisa (CEP) da Universidade Federal do Ceará para apreciação das proposições éticas de pesquisa e obteve parecer consubstanciado favorável sob **Certificado de Apresentação de Apreciação Ética (CAAE), com o número 71611723.1.0000.5054 e Parecer Consubstanciado nº 6.301.257 (APÊNDICE G – COMITÊ DE ÉTICA).**

3 "PRECISA DE CARINHO PRECISA DE TERNURA PRECISA DE UM ABRAÇO DA PRÓPRIA CANDURA": RESULTADOS E DISCUSSÃO DA DISSERTAÇÃO

Este capítulo da dissertação foi elaborado como forma de melhor organizar e apresentar os resultados obtidos através do processo de investigação do material empírico proveniente da realização da coleta de dados e narrativas, como o questionário sociodemográfico (APÊNDICE C – PESQUISA SOCIODEMOGRÁFICA) e as entrevistas semiestruturadas (APÊNDICE B – ROTEIRO DE ENTREVISTA SEMIESTRUTURADA).

Dessa forma, a princípio, serão apresentadas as etapas para o processo de análise. Posteriormente, a caracterização dos participantes nos possibilita conhecer o perfil sociodemográfico dos participantes do estudo. Por fim, discorreremos sobre a criação dos eixos analíticos e o processo de análise crítico-reflexivo do material empírico coletado nesse estudo.

3.1 Etapas para o processo de análise

Como forma de compreender melhor o caminho metodológico percorrido no decorrer do estudo, optou-se por desenvolvê-lo em três etapas.

Na primeira etapa, foi realizada a seleção dos homens (pais) que acompanham as suas crianças no IPREDE, através de uma carta convite (APÊNDICE E – CONVITE DE PARTICIPAÇÃO DA PESQUISA), obedecendo os critérios de inclusão para participar da pesquisa. A proposta foi promover um primeiro momento para recebê-los no IPREDE com a finalidade de convidá-los, explicar como seria realizado o estudo, assinar o Termo de Consentimento Livre Esclarecido (TCLE) e realizar o preenchimento de dados relacionados ao perfil sociodemográfico dos participantes (APÊNDICE C – PESQUISA SOCIODEMOGRÁFICA).

A segunda etapa foi realizada através da aplicação de entrevistas semiestruturadas com os pais, focando em algumas temáticas delimitadas para esse estudo com a finalidade de melhor compreender os cuidados com os filhos e a percepção sobre o brincar no período da pandemia e nos dias atuais. Para isso, foi agendado um encontro no melhor dia e horário para cada participante no IPREDE. Para captar com mais fidedignidade cada momento da entrevista, foi solicitada a autorização para a gravação das falas, assegurando o anonimato e o sigilo de informações que os informantes consideraram inapropriadas para a descrição pública das suas revelações.

A terceira parte da pesquisa foi contemplada com a elaboração de mini documentários (pílulas) em forma de vídeos de curta duração, utilizando imagens que retratam como os pais brincaram com seus filhos durante o período da pandemia e atualmente. A partir das entrevistas, foram selecionados 3 pais que representassem os participantes da pesquisa para que fosse organizada a produção do material. Assim, foram produzidas quatro pílulas em formato de vídeos, com recortes das categorias apreendidas nas entrevistas dos pais e com temas centrais sobre o cotidiano desses homens, retratando as diferentes formas de brincar com seus filhos no ambiente domiciliar, na comunidade e no IPREDE.

Segundo Pinheiro, Kakehashi e Angelo (2005), a utilização simultânea de áudio e de vídeo por meio de filmagem em pesquisas qualitativas constitui escolha metodológica, no sentido de apreender o fenômeno complexo em que os discursos e as imagens são suas partes inerentes. Um estudo publicado por Silva (1996) observou que a expressão do pensamento do indivíduo, como destacado na literatura, se faz 7% com palavras, 38% com entonação de voz, velocidade da pronúncia, entre outros, e 55% por meio dos sinais do corpo. Dessa forma, pode-se fazer necessário ao pesquisador desenvolver habilidades sensíveis e empáticas para decifrar os sinais não-verbais. O uso do vídeo, portanto, pode ajudar o pesquisador a captar estes sinais que estão nas entrelinhas e que, por muitas vezes, podem nos trazer informações relevantes.

3.2 Caracterização e perfil sociodemográfico dos participantes entrevistados

Uma vez selecionados os 14 integrantes, foi traçado o perfil sociodemográfico (APÊNDICE C – PESQUISA SOCIODEMOGRÁFICA) dos pais participantes da pesquisa como forma de identificar o contexto social vivenciado pelas famílias. Desse modo, foi evidenciado que a idade dos participantes variava do mais novo, 23 anos, ao mais velho, 59 anos, sendo considerada a média de idade dos participantes de 36 anos.

Em relação à escolaridade dos integrantes do estudo, seis pais (43% dos participantes) possuem o ensino fundamental incompleto, ou seja, até a 8ª série. Também seis homens (43%) possuem ensino médio completo – estudaram até o 3º ano do ensino médio. Apenas um pai, (7% do total) apresenta o ensino médio incompleto. Por fim, um pai (7%) é analfabeto. Portanto, percebe-se que a maioria dos participantes da pesquisa teve algum acesso ao estudo, mesmo que não tenha concluído o ensino fundamental, ou seja, sabe ler e escrever. Este dado reflete na educação dos filhos dos participantes da pesquisa, pois a maioria (treze pais) relatou que suas crianças estavam matriculadas na escola. O único pai que relatou que sua

filha não estava matriculada justificou o fato devido ao diagnóstico de paralisia cerebral da criança, mas afirmou que ela fazia terapia multiprofissional.

Em relação à cor da pele, a maioria dos participantes da pesquisa – nove pais (64%) – se considera parda. Três homens (28%) se classificaram como brancos e dois pais (14%) como pretos.

Em relação à condição de trabalho, a maioria dos participantes – dez pais (72%) – possui emprego informal, ou seja, é autônoma. Podemos considerar assim: ambulantes, comerciantes, prestadores de serviços gerais, catadores, dentre outros. Apenas 2 pais (14%) possuem empregos formais, como recepcionista no setor de hotelaria e serviços gerais. Por fim, outros 2 pais (14%) estão desempregados e vivem apenas dos benefícios do governo.

A renda dos membros do estudo foi baseada no valor atual do salário mínimo no ano de 2024, que corresponde a R\$ 1.412,00 (um mil e quatrocentos e doze reais). Sesse valor é proveniente do trabalho formal/informal, acrescido de algum programa de auxílio do governo, se assim houver. Um desses programas de transferência de recursos para pessoas em situação de vulnerabilidade social é o Programa Bolsa Família (CAIXA ECONOMICA FEDERAL, 2024). Outro programa é o Benefício de Prestação Continuada/LOAS (BPC), destinado a pessoas idosas com mais de 65 anos e aposentadas, enquanto o LOAS ampara as pessoas portadoras de alguma deficiência (BRASIL, 2024). Já o Programa Mais Infância do Governo do Estado do Ceará garante o repasse de recurso para crianças de 0 até 7 anos em situação de pobreza/extrema pobreza e já beneficiou quase 150.000 famílias em todo o estado do Ceará (CEARÁ, 2024).

Dessa forma, foi observado que cinco pais – o que corresponde a 36% dos membros do estudo – recebem até um salário mínimo. Oito pais, ou seja, a maioria dos participantes da pesquisa (57%), recebem entre um e dois salários. Foi verificado também que apenas um integrante do estudo (7%) possui uma renda entre dois e três salários mínimos. Já em relação ao amparo de algum programa governamental, como os citados anteriormente, foi evidenciado que todos os participantes do estudo recebem um ou mais de um repasse federal ou estadual devido à situação de vulnerabilidade social ou o benefício de prestação continuada pela saúde do filho.

Sobre o estado civil dos entrevistados, durante a pandemia, todos os participantes estavam casados ou em união estável com a companheira, como pré-requisito aos critérios de inclusão na pesquisa citados anteriormente na metodologia. Os homens relataram ter, em média, dois filhos nascidos, sendo que a maior parte deles (seis pais) tinha duas crianças. Quatro

homens tinham um filho, um pai tinha três filhos, dois pais tinham 4 filhos e um pai tinha cinco filhos. Acerca do número de pessoas residentes no domicílio dos entrevistados, obteve-se, predominantemente, a presença de três a quatro pessoas por lar.

3.3 Eixos e análise de categorias na dissertação

Como forma de melhor organizar o material empírico coletado por meio das entrevistas realizadas com os participantes da pesquisa, criou-se um modelo contendo os objetivos específicos do estudo, os eixos e as categorias analíticas e empíricas que serviram de base para o exercício crítico-reflexivo (Quadro 1).

Conforme as técnicas de Análise de Conteúdo de Bardin (2016) citadas anteriormente, é na etapa de “Exploração do Material” que a categorização é realizada. Classificar elementos em categorias impõe a investigação do que cada um deles tem em comum uns com outros. O que vai permitir o seu agrupamento é a parte comum existente entre eles. É neste momento que a frequência e repetição de narrativas dos participantes se agrupam em uma categoria analítica específica, além de correlacionar-se com os objetivos propostos pelo estudo.

Dessa forma, baseado no exposto, foram criados três eixos temáticos centrais que foram essenciais para a análise dos resultados deste estudo. São eles:

- 1) Meu pai, minha infância: conhecendo a infância dos pais:** refere-se às vivências que os homens participantes do estudo tiveram durante a sua infância em relação às brincadeiras, ao relacionamento com o seu pai e às relações intrafamiliares.
- 2) Descobrindo ser pai na pandemia: percepções paternas sobre o brincar e as práticas de cuidado durante o período do distanciamento físico:** compreende as estratégias de enfrentamento paterno em relação ao brincar, às relações parentais e aos desafios durante o período da pandemia.
- 3) Da angústia à esperança: o brincar que salva e as perspectivas para o futuro:** relaciona-se às percepções paternas sobre as brincadeiras no período atual e às visões para o futuro dos/das seus/suas filhos/filhas.

Quadro 1 – Objetivos, eixos e categorias analíticas do estudo

OBJETIVOS DA PESQUISA	Conhecer como foi a infância desses pais, focando nas brincadeiras e nas relações familiares nesse período.	Identificar quais os tipos de brincadeiras que foram utilizadas pelos pais com os filhos durante o período de distanciamento físico.	Descrever os relatos dos pais sobre os cuidados parentais durante o período de <i>lockdown</i> no ambiente doméstico.	Identificar como se processa a relação do brincar nos dias atuais e as perspectivas paternas para o futuro dos filhos.
EIXOS OU CATEGORIAS ANALÍTICAS	Meu pai, minha infância: conhecendo a infância dos pais.	Descobrir ser pai na pandemia: percepções paternas sobre o brincar e as práticas de cuidado durante o período do distanciamento físico.		Da angústia à esperança: o brincar que salva e as perspectivas para o futuro.
CATEGORIAS EMPÍRICAS	Percepção dos pais sobre a sua infância.	Brincadeiras durante a pandemia.		O brincar nos dias atuais – pós pandemia.
	Brincadeiras na minha infância.	Relações intrafamiliares no distanciamento físico.		Perspectivas para o futuro das crianças.
	Formas de relacionamento e cuidado durante a minha infância.	Desafios enfrentados.		

3.4 Meu pai, minha infância: conhecendo a infância dos pais

A primeira infância é um período essencial para o pleno desenvolvimento humano, visto ser nesse momento em que a criança experimenta vivências que vão estabelecer os alicerces das suas aquisições futuras. Dessa forma, investir na primeira infância é possibilitar aprimorar as condições de vida na infância e permitir a criação de sociedades harmônicas, acolhedoras e respeitosas com o ser humano. Um ambiente assim estruturado oferecerá oportunidade para que as pessoas adquiram e desenvolvam o melhor das suas potencialidades humanitárias com maior produtividade econômica (SOUZA, S. R., 2011). Porém, alguns eventos podem perturbar o curso normal do desenvolvimento infantil, são os chamados eventos adversos na infância (*Adverse Childhood Experiences* - ACEs), e sua relação com desfechos na vida adulta (ROCHA *et al.*, 2021a).

Os ACEs correspondem a fontes de estresse que as pessoas podem sofrer no início da vida e são agrupados em três categorias: abuso, negligência e disfunção familiar. Na primeira categoria, pode-se incluir violência física, emocional e sexual. Na segunda categoria, engloba-se a negligência física e emocional. Na terceira delas, as situações familiares envolvem doença mental, prisão, violência doméstica, abuso de drogas e divórcio. Há uma relação dose-resposta entre o número de ACEs e as consequências negativas à saúde, de tal forma que, quanto maior o número de ACEs, maiores as chances de desenvolver uma doença ou um comportamento de risco (HUGHES *et al.*, 2017).

Corroborando o exposto e entendendo a importância de conhecer as vivências relacionadas à infância dos participantes da pesquisa, foram realizados alguns questionamentos acerca do período da infância desses homens. Assim, considerou-se a categoria central ou analítica “meu pai, minha infância” para compreender as narrativas que abordam essa temática. A fim de explorar alguns tópicos específicos sobre este período, foram criadas categorias empíricas. São elas: as percepções paternas sobre suas infâncias, as brincadeiras durante a minha infância e as formas de relacionamento e de cuidado durante a minha infância.

3.4.1 Percepções paternas sobre suas infâncias

Conhecer a infância dos participantes é entender um pouco sobre o adulto que hoje participa deste estudo. Suas raízes, suas vivências com os familiares e amigos e as oportunidades que tiveram nesse período são fundamentais e servem de alicerce para a vida que

têm nos dias atuais e para o futuro dos seus filhos.

Assim, os eventos adversos na infância (ACEs) podem influenciar esse período da vida e trazer experiências que podem variar em gravidade, frequentemente de forma crônica, ocorrendo no ambiente familiar ou social de uma criança, que causam danos ou sofrimento, interrompendo a saúde física e psicológica e o desenvolvimento dela (KALMAKIS; CHANDLER, 2015). Podem afetar a saúde e o bem-estar das crianças não apenas no momento em que os ACEs ocorrem, mas também na vida adulta e são reconhecidos como um problema de saúde pública (FELITTI *et al.*, 1998).

Apoiado nesses argumentos, indagou-se aos participantes dessa pesquisa acerca das percepções que tiveram sobre a sua infância, assim como as experiências vivenciadas. A partir das respostas obtidas, percebeu-se nas narrativas da maioria dos participantes que o trabalho durante a infância era necessário para ajudar na renda e na sobrevivência da família, sendo comum essa prática naquele período. Por isso, eles não tinham muito tempo para brincar, como exposto nas narrativas abaixo:

Nós trabalhamos muito, nós vendia desinfetante nas rua, Qboa, e nosso pai sempre botou lá pra trabalhar. Está certo que muita gente não aprovava, porque nós era de menor, mas infelizmente nós precisávamos e nós tinha que trabalhar, né? Desde pequeno nós trabalhava muito e até hoje nós aprendemos a trabalhar através disso né? (PAI 13).

[...] tinha que trabalhar. Porque senão vai morrer tudinho de fome. A minha irmã ela chegava pra mim e dizia: eu tô com fome, tô com fome. A partir dali eu corri atrás. Passamos necessidade grande, eu pegava arrumava cinco real, vendia latinha, tudo, aí comprava o cheiro verde, aí veio a vender. E eu vender cheiro verde. [...] Aí eu via lá em casa faltando água, faltando luz, situação lá em casa muito difícil, a minha mãe saía pra catar latinha, a gente passou uma dificuldade muito grande. Aí a mãe chegou na hora da merenda, na hora chegou na hora do almoço e disse: "Mãe, a senhora quer almoçar". Ela olhou triste pra mim e disse que não tinha almoço. Só que eu nunca me acostumei com isso. Tem gente que se acostuma, né? [...] (PAI 8).

Em questão de trabalhar e ajudar porque pra esse povo mais antigo isso já era normal, tipo nossos pais e avós, na nossa época não tinha negócio de fazer cara feia pra ir pro roçado, nesse tempo eu já apanhava, né? Tinha que ir. Todo mundo tinha que chegar e ajudar ó [...] (PAI 9).

[...] Desde os meus 5 anos que eu já ia trabalhar lá no lixão. É, e às vezes a gente achava arroz, feijão, frango ou presunto, tudo que a gente achasse levava pra casa. Lá no lixão não tinha como, porque lá era no lixão, né? Aí a gente levava pra casa as comidas, catava pau pra fazer fogo e fazer o fogão. [...] Sempre morei lá perto do lixão. Ai quando eu fui crescendo, crescendo eu aprendi a juntar reciclagem [...] (PAI 11).

Assim, percebeu-se que, desde cedo, estes homens já tinham um senso de responsabilidade em relação ao trabalho que realizavam com seus pais, já o considerando uma prática comum nas suas vidas e nas gerações familiares passadas, como acontecia com seus

pais e avôs. O trabalho era, portanto, fundamental para o sustento deles e de toda a família. Corroborando o exposto, um estudo publicado por Oliveira *et al.* (2023) afirma que, no Brasil, o trabalho infantil é uma realidade presente em diversos setores, como na agricultura, no comércio informal, na indústria têxtil, entre outros. Estima-se que cerca de 2,5 milhões de crianças e adolescentes entre 5 e 17 anos trabalhem no país. Além disso, a pandemia de Covid-19 agravou ainda mais esta situação, aumentando o risco de que mais crianças sejam inseridas no mercado de trabalho precocemente.

Por tudo isso, políticas públicas devem ser pensadas de forma urgente para que essa realidade possa ser modificada. É consenso afirmar que o Estatuto da Criança e do Adolescente (Lei nº 8.069/90) não só promoveu mudanças de conteúdo, método e gestão no panorama legal e nas políticas públicas que tratam dos direitos da criança e do adolescente. Pôde se constituir um novo mecanismo para a proteção e também se criou um sistema abrangente e capilar de defesa de direitos, inclusive no que se refere ao trabalho. Assim, espera-se que, com essas novas estratégias, estes números alarmantes possam diminuir.

Subsequentemente às narrativas evidenciadas, ao responder sobre as percepções da sua infância, outros pais relataram que precisavam trabalhar para ajudar no sustento da família, mas também brincavam quando acabavam os seus afazeres, como observado a seguir:

[...] todo dia nós ia pra roça pra fazer os deveres de casa, limpar a casa cedo, aí depois [...] lá pras três e meia quatro horas, nós jogava de bola. [...], eu morava num bairro era humilde, em favela. Eu morava lá e trabalhava muito, não tinha muito tempo pra brincar, mas sempre podia eu brincava, né? (PAI 2).

[...] então, a gente brincava muito, praticamente tinha dois times de futebol, a gente jogava muita bola com o pessoal. E era isso, nesse período de lá do interior, a gente também trabalhava, isso era um pouco mais difícil de escolher, então antes a gente sempre teve aquela ligação com nossos pais por meio de eh aquela questão de sobrevivência, né? Eu trabalhava com meus tios, meu tio tinha um clube e, às vezes, ajudava ajeitar o clube, ele também trabalha com carvão então pegava muita lenha pra poder ajudar ele no carvão, entendeu? (PAI 14).

Observou-se, deste modo, que alguns dos participantes do estudo tinham a noção da responsabilidade em precisar trabalhar para ajudar no sustento da família, mas também exerciam a principal atividade que toda criança deve fazer: a de brincar. Ao retirar este direito de uma criança, a probabilidade de ocorrer muitos outros prejuízos à saúde física e mental é bem maior.

Diante do exposto, os achados da pesquisa confirmam outros estudos que apontam que as crianças e os adolescentes que estão inseridos precocemente em atividades de trabalho são excluídos da possibilidade de desfrutar da alegria natural da infância, sendo isso uma fonte

de desgaste e sofrimento que pode comprometer a organização psicológica das crianças e afetar o desenvolvimento emocional e cognitivo, perdurando ao longo da vida adulta (CAMPOS; FRANCISCHINI, 2003; SILVA, 2014).

De acordo com o estudo publicado por Oliveira, Silva e Oliveira (2023), as principais causas para o aumento do trabalho infantil são: baixa escolaridade dos pais; a grande quantidade de filhos; a má qualidade na educação; além das buscas de mão-de-obra barata e da falta de fiscalização, podendo afetar a saúde mental infantil, além do baixo rendimento nos estudos ou do abandono escolar, do despreparo para o mercado de trabalho, sem falar da própria perda da infância. A pobreza, a baixa renda e a insegurança alimentar, além de serem uma das principais causas do trabalho infantil, também acarretam inúmeras consequências para o desenvolvimento infantil.

Segundo a última análise de segurança alimentar no Brasil, realizada pela Pesquisa de Orçamento Familiar do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), 36,7% dos domicílios brasileiros enfrentavam algum tipo de insegurança alimentar e nutricional (IAN), sendo 24,0% leve, 8,1% moderada e 4,6% grave. Cabe destacar que a classificação “grave” é a forma mais agressiva de IAN. Pode-se afirmar que cerca de 3,1 milhões de domicílios passaram por uma carência na quantidade de alimentos, o que chegou a afetar inclusive as crianças e os adolescentes da família (INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA, 2020).

Portanto, a insegurança alimentar no Brasil está condicionada pela falta de acesso à alimentação, fator este que depende, predominantemente, da relação entre a renda e o preço dos alimentos (NASCIMENTO; ANDRADE, 2010). Muitos indivíduos e muitas comunidades enfrentam barreiras financeiras, geográficas e culturais que comprometem sua capacidade de aquisição e consumo de alimentos essenciais, trazendo prejuízos à saúde física e mental com danos, muitas vezes, irreparáveis (BEZERRA; OLINDA; PEDRAZA, 2017).

Os ACEs podem ocorrer em todas as raças, classes econômicas e regiões geográficas, no entanto, há uma prevalência muito maior de ACEs para aqueles que vivem na pobreza (AMERICAN ACADEMY OF PEDIATRICS, 2014). Em uma pesquisa recente realizada no Instituto da Primeira Infância (IPREDE) – local que serviu de cenário para a realização desta pesquisa – observou-se que aproximadamente 81% das famílias acompanhadas pertencem às classes sociais “D” e “E”. Segundo a classificação da Associação Brasileira de Empresas de Pesquisa (ABEP), foi verificado que em torno de 38% das mães entrevistadas

tinham entre 1 a 3 ACEs e 50% com 4 ou mais ACEs, ou seja, 88% apresentaram pelo menos 1 ACEs (MENESCAL, 2016).

Neste estudo, percebeu-se pelos relatos dos participantes que a insegurança alimentar e o cenário de vulnerabilidade social no qual estavam inseridos no período da infância trouxeram lembranças difíceis e sentimento de tristeza. Por isso, ao relemburar estes momentos, muitos pais contextualizaram inúmeros desafios sociais enfrentados, como foi descrito pelos entrevistados:

E dentro da rua foi quando eu senti feliz, né? Não apanhava mais, também não conhecia droga nenhuma, não sabia de nada, só mesmo pra mim comer. Porque não queria saber que era muito perigoso, se eu fosse mexer uma coisa dos outros eu preferia pedir. Eu chegava no canto e dizia "oh eu não tenho condição, eu moro na rua, mas eu trabalho, eu lavo louça, faço qualquer coisa...então as pessoas mandava fazer algum serviço né e ali eu ficava e vendo um pouquinho e fazia. Não foi fácil viu? Lá na praça, às vezes eu não comi direito[...]. Os meus irmão era tudo seco, eu tomei as rédeas, mas a gente conseguiu comer alguma coisa até eles crescerem [...] (PAI 1).

[...] tinha dia que a gente comia, tinha dia que a gente não comia. Sempre a minha mãe fazia de tudo pra dar o de melhor pra gente, né? [...] (PAI 6).

[...] na minha infância, eu lembro de muita coisa, mas é que é claro a gente passou dificuldade né, muita dificuldade, tanto que meu irmão faleceu, acabou falecendo por falta de alimento, né? Ele participou do IPREDE até, a minha mãe ia pegar muito leite aqui. Muita ajuda deu aqui [...] (PAI 8).

[...] É minha infância não muito boa não. Porque a gente era muito pobre, né?! Nós morava em casa taipa, aí a casa pegou fogo. Ela pegou fogo aí e a minha mãe era doente da cabeça[...] (PAI 11).

Para estes homens, fica evidente o quanto o cenário da fome e vulnerabilidade social influenciou de forma direta suas infâncias, trazendo marcas para toda uma vida. A invisibilidade dessas questões frente à sociedade é algo que precisa ser trabalhado de forma direta por todos, pois o combate à fome não é só um problema de saúde pública, é dever de todos os cidadãos brasileiros que tenham o básico para poder ajudar o próximo de alguma forma, seja doando alimentos, oferecendo oportunidade de emprego e serviços, ou seja, oferecendo solidariedade de alguma forma.

Assim, crescer em ambientes que proporcionem amor e carinho para as crianças, de modo que possam se sentir seguras e confiantes, é fundamental para o pleno desenvolvimento infantil. Mesmo com todo o contexto de vulnerabilidade, o período da infância também foi lembrado de forma positiva pelos homens que participaram do estudo, sempre com muita nostalgia e lembranças afetivas, como foi observado no relato de alguns participantes:

[...] você sabe como é a periferia, né? A nossa casa era de taipa. Eu me lembro assim, teve um tempo que deu uma chuva forte, tivemos que ficar em cima da mesa com a chuva passando por debaixo, sabe? Eu era pequeno, mas me lembro. Foi uma infância muito ruim não, mesmo com essas coisas aí. [...] (PAI 12).

[...] teve momentos bons e ruins, né? Porque quando a gente era pequeno tudo era bom, né? Agora a gente vai vendo os filho da gente, a gente quer o melhor, né? Eu fui um criado com meu pai e minha mãe, mas sempre tinha a minha família do lado, meus primo, meus tio, aí nós sabe que sempre tava perto um dos outros [...] (PAI 4).

Percebe-se, desse modo, que as narrativas do estudo mostram a importância de se estabelecerem vínculos positivos na primeira infância, o que corrobora a publicação de Souza, S. R. (2011) através da Fundação Maria Cecília Souto Vidigal, que apresenta que o modo como os pais, as famílias e outros cuidadores irão relacionar-se com as crianças pequenas, assim como a mediação que fazem entre a criança e o ambiente, poderão afetar diretamente os circuitos neurais. Assim, um ambiente de relações estáveis, estimulantes e protetoras com cuidadores atentos e carinhosos parece ter uma função biológica protetora contra traumas e o estresse, e construir um terreno sólido para uma vida de aprendizado efetivo.

Uma das formas de criar um ambiente favorável ao desenvolvimento na primeira infância, é através do brincar. Winnicott (1982) já relatava a importância que a brincadeira tem na vida das crianças, pois só se adquire experiência brincando. Diferentemente de um adulto, que consegue discernir muito bem as experiências concretas das abstratas, as crianças encontram essas diversas formas de riquezas através da fantasia e na brincadeira. As crianças, portanto, evoluem por intermédio de suas brincadeiras e das invenções de brincadeiras feitas por outras crianças e adultos.

O brincar utilizando os espaços de forma mais livre é considerado saudável na arte de crescer (NETO, 2020; SARMENTO, 2018; RUSSEL; STENNING, 2020). Através do brincar livre a criança consegue aprender inúmeros valores que são essenciais para a sua formação e para o desenvolvimento infantil. Um estudo recente realizado na região norte do país, mostrou evidências de que nos bairros com o IDH (índice de Desenvolvimento Humano) mais baixo da cidade era comum encontrar crianças brincando nas ruas. Porém, nos dias atuais essa realidade tem mudado e as crianças estão ocupando cada vez menos os espaços públicos das cidades para brincar e se divertir, como praças e parques, pois houve o aumento da criminalidade, além do aumento do tráfego de veículos. Nesse contexto, buscam-se outras alternativas para o brincar, em razão das mudanças culturais e estruturais que têm acometido as cidades. As áreas públicas para o brincar diminuíram devido ao aumento populacional (TAVARES, 2023; BUCKINGHAM, 2007).

Esta temática citada acima também foi abordada nesse estudo, pois alguns homens,

ao recordar de momentos especiais da sua infância, relataram que as brincadeiras eram realizadas de forma livre e segura, tanto na cidade quanto no interior, na rua ou no campo. Estas lembranças permanecem vivas dentro da memória dos pais. Muito diferente do que se observa nos dias atuais, nos quais a violência e criminalidade deram espaço ao medo e ao pavor na população, sendo, muitas vezes, o brincar restrito a espaços fechados, conforme foi exposto na narrativa de alguns participantes:

[...] Pra mim foi uma infância. Eu considero muito boa. Muito boa. Porque eu tive uma liberdade que não foi uma liberdade que eu forcei. Foi uma coisa que hoje não tem, [...] eu tive uma infância liberta, que eu não ficava fazendo assim coisa errada, né? Não tinha essas coisa de facção de hoje em dia. Antigamente não era o que é de hoje, né? (PAI 3).

[...] a infância foi essa, minha infância foi correndo, brincando, se divertindo. A gente morava em Beberibe [...] diferente assim de hoje que a gente vê (PAI 7).

[...] então a maioria da minha infância foi do interior, que lá eu podia brincar, né? Lá era mais livre, sem perigo algum. Então foi uma infância de criança do interior, foi jogando bola, às vezes ia brincar no mato, brincar, ficar de brincadeira de caçar essas coisas e foi muito divertido [...] (PAI 14).

Desse modo, ficou evidenciado com o estudo que as brincadeiras que os pais realizaram no período da infância envolviam o contato com o ambiente externo e a natureza, pois inúmeros são os benefícios que o contato com o meio ambiente pode trazer para o desenvolvimento infantil, através do brincar ao ar livre. Porém, essas atividades se tornam cada vez mais complexas devido a dinâmica urbana crescente e em desordem, causando redução das áreas verdes e aumento da poluição ambiental, além da insegurança e do medo de utilizar os espaços públicos. Por tudo isso, a próxima categoria abordará todas estas vivências paternas em relação ao brincar.

3.4.2 Brincadeiras na minha infância

O ato de brincar vai muito além do se distrair utilizando brinquedos ou objetos para este fim. Brincar é desenvolver o aprendizado, a linguagem, é relacionar-se com o próximo e aprender sobre valores que constroem a personalidade da criança, contribuindo para o seu desenvolvimento físico, mental e social.

Alguns teóricos são fundamentais para contextualizar o brincar. Vygotsky (2007) ressalta a relevância do brincar, já que, para ele, é através da brincadeira que a criança faz menção ao simbólico de maneira que ela passe a aprender tudo ao seu redor, criando, por meio do brincar, uma zona de desenvolvimento proximal, e, com isso, desenvolvendo a percepção, a

memória, a linguagem, a afetividade, a atenção e outras configurações mais.

Nesse sentido, o brincar foi mencionado na organização curricular para a educação infantil pela Base Nacional Curricular Comum (BNCC) como um direito que eleva a condição da aprendizagem, além de trazer sua importância para o desenvolvimento infantil.

A interação durante o brincar caracteriza o cotidiano da infância trazendo consigo muitas aprendizagens e potenciais para o desenvolvimento integral das crianças. Ao observar as interações e a brincadeira entre as crianças e delas com os adultos, é possível identificar, por exemplo, a expressão dos afetos, a mediação das frustrações, a resolução de conflitos e a regulação das emoções (BRASIL, 2017, p. 37).

Nem sempre o brincar está interligado ao brinquedo. A ludicidade permite que a criança crie um mundo de fantasia e, através da sua imaginação, possa dar vida a objetos, criar lugares em que só ela pode chegar e vivenciar experiências únicas. De acordo com Brougère (2002), quem constrói a própria cultura lúdica é a criança, brincando. O jogo é lugar de construção de cultura e é produto das interações sociais, por isso, para o mesmo autor, “o jogo, como qualquer outra atividade humana, só se desenvolve e tem sentido no contexto das interações simbólicas, da cultura” (BROUGÈRE, 2002, p. 30).

Diante do exposto, foi indagado aos participantes desta pesquisa sobre de como foram realizadas as brincadeiras na sua infância. Desse modo, verificou-se que as brincadeiras que foram evidenciadas nas narrativas da maioria dos entrevistados foram aquelas realizadas ao ar livre, correndo na natureza e usufruindo de tudo o que ela oferece para proporcionar diversão e aprendizado. Além disso, observou-se que os pais tinham o discurso focado na brincadeira de forma criativa, confeccionando os próprios brinquedos, algumas vezes com a ajuda dos seus pais ou sozinhos, já que não dispunham de condições financeiras suficientes para comprar brinquedos já prontos. Assim, a criatividade e alegria surgiam e ganhavam espaço no lugar da tristeza por não poder possuir um brinquedo, como pode ser evidenciado nos excertos a seguir:

[...] não tinha brinquedo, não sabia o que era brinquedo, né? E a gente às vezes fazia os carrinhos de lata de óleo, né? Que na época era o que tinha. Lata de sardinha também, assim eu ficava brincando, já que não tinha brinquedo, né? [...]. E também nós tínhamos um rio corrente lá que era pequenininho e na hora do banho também a gente brincava lá na água, brincando de pega-pega, mergulhando dentro d'água e aí depois a gente ia pra casa, (...) as brincadeiras que a gente fazia, eram bem legais, tinha também as brincadeiras no cajueiro, lá tinha uns mato, né?! Aí a gente subia, bem pequeninhos, mas a gente tinha aquela habilidade de subir de um lado para o outro, ficar pulando. De pau para pau, de pega-pega, né? [...] (PAI 1).

[...] aí os brinquedos, como nós era pobre demais também, era a gente que fazia, e eu gostava muito. Era caro esses negócio de brinquedo e nosso pai que fazia tudo. Ele me levava muito pros cantos também pra pescar, pra sair com a casa dos meus avós.

Ele me levava, tinha um sítio lá e nós ficava muitos dias lá, eu gostava. Lá tinha um rio, nós tomava banho. E as brincadeiras era mais essas ao ar livre, eram essas brincadeiras de antigamente (PAI 13).

Esse achado no presente estudo, corrobora algumas pesquisas que mostraram que, através da atividade lúdica e da cultura local, a criança desenvolve brincadeiras tradicionais e populares, além de se conectar com elementos culturais e sociais, promovendo uma verdadeira transformação do brincar (KISHIMOTO, 1999; PONTES; MAGALHÃES, 2003). Portanto, a confecção de brinquedos, que foi trazida nas narrativas dos homens participantes do estudo, representa as brincadeiras tradicionais e populares da “infância de antigamente”, além de fazer parte da cultura brasileira. As brincadeiras em árvores, os banhos de rio, as brincadeiras no mato, de pega-pega, de esconde-esconde remetem, de maneira nostálgica, a uma infância repleta de memórias afetivas que serão guardadas para sempre.

Seguindo o exposto, o estudo de Gomes (2013) afirma que a globalização e a tecnologia têm exercido forte influência nos processos de socialização, de aquisição de novos valores, de percepções sobre o mundo, modificando assim as formas de brincar. As brincadeiras até então conhecidas e realizadas coletivamente na rua, geralmente transferidas de geração para geração, foram se modificando e dando espaço para novas brincadeiras. Assim, as brincadeiras como rodinha, ciranda, amarelinha, cabo de guerra, passa anel, cabra-cega, bolinha de gude, entre outras, foram aos poucos sendo substituídas pelas telas e pelos aparelhos eletrônicos.

Assim, esses novos modos de brincar vêm acompanhando o processo de “modernização” e fazem parte da cultura das crianças no período atual e, a partir do brincar das crianças com as tecnologias digitais móveis, é possível perceber que esses dispositivos passaram a ser um dos elementos que compõem o universo lúdico infantil (ALCÂNTARA, 2017). Por esse motivo, um estudo publicado pela Organização Mundial da Saúde (2019), alerta que bebês com menos de 12 meses de vida não devem estar expostos a esses dispositivos eletrônicos. Já crianças de até cinco anos de idade não devem passar mais de 60 minutos por dia em atividades passivas diante de uma tela de *smartphone*, computador ou TV.

Como tudo em excesso pode causar danos à saúde, com o uso de telas também não seria diferente. Estudo publicado por Machado (2011) relata que a utilização da tecnologia de forma indiscriminada pelas crianças provoca o desequilíbrio físico e psicológico, com isso, potencializa o isolamento social através do sedentarismo – característica essa que é predominante na adesão à plataforma virtual –, nesse sentido, esse fenômeno causa embotamento afetivo, despersonalização, ansiedade e depressão, impedindo o pleno desenvolvimento e amadurecimento afetivo, físico, cognitivo e social das crianças.

Corroborando o exposto, observou-se que alguns participantes também dominaram as diversas brincadeiras realizadas no período da infância como “saudáveis”, tais como soltar pipa, pião, bolinhas de gude ou bilas, correr e se esconder dos amigos. Contrariamente a essas atividades, as brincadeiras atuais foram consideradas como “atividades tecnológicas”, como foi observado nas narrativas de alguns pais a seguir:

Na minha infância as brincadeiras não eram iguais às de atualmente, né? As brincadeiras eram mais daqueles esconde-esconde. Pega-pegas, brincadeira sadia. Você se sentia bem, né? (PAI 10).

[...] na minha infância foi, eu gostava de brincar muito de uma brincadeira que chamava da “cobra cega”, entendeu? Carimba, jogo da velha, quando eu fui crescendo mais um pouquinho eu gostei do futebol. [...] Aqueles carrinhos de madeira. Não tinha muito essas coisas hoje que é tem essa tecnologia de hoje não, né? Não tinha esses brinquedos que tem hoje, a gente fazia os próprios brinquedos (PAI 9).

Foi totalmente diferente das coisas de hoje, de negócio de celular e *tablet*, porque na minha época, eu brincava até na chuva. Os racha né? No meio dos campinho, raia, bila, dessas coisas. Porque as crianças de hoje em dia não têm, né? Aí foi pra mim foi ótimo. Eu brincava mais solto. Minha mãe não tinha aquele negócio de ficar toda hora no pé, como hoje em dia, você não deixa mais as crianças livres (PAI 3).

Independentemente do tipo de brincadeira, a participação da família no brincar também é fundamental para que a criança possa adquirir segurança nas suas relações, além de estimular e fortalecer o vínculo entre cuidador e a criança – essenciais para o seu pleno desenvolvimento infantil físico e mental, consequentemente melhorando a linguagem e a sua formação de valores pessoais. Assim, as experiências do início da vida são de extrema importância para o ser humano e diretamente influenciadas pela qualidade das relações socioafetivas, principalmente pelas interações estabelecidas com seus cuidadores (BRAZELTON, 2002b; BRITTO; ULKUER, 2012; UNICEF, 2012).

Dessa forma, percebe-se nas narrativas de alguns participantes que o brincar nem sempre era realizado com a participação do pai, corroborando pesquisas que apontam que o homem antigamente era apenas visto como apenas provedor do lar, não demonstrando tanto carinho, afeto e pouco participando da vida do filho, como demonstrado no estudo publicado por Silva (2009), que observa que o papel do pai na relação com a criança ainda é marcado pela execução de papéis tradicionais e pouca estimulação paterna na vida das crianças. Uma vez que, apesar do engajamento em atividades de brincar e participação social, os homens atuavam como auxiliares das mães nos cuidados diários dos filhos (CRUZ *et al.*, 2019).

Apoiado nestes argumentos citados anteriormente, pode-se destacar as seguintes narrativas dos participantes acerca desta temática:

As brincadeiras lá na minha infância eram de esconde-esconde, era futebol, era caçar às vezes e sempre foi com os meus primos. Dificilmente foi com meus pais. Meu pai era muito mais fechado. A gente tem mais intimidade com nossos primo (PAI 14).

Eu brincava de bila, pião, pipa ou arraia. Era bem brincadeira de infância, mas meu pai não brincava comigo, ele assistia só filme. Porque ele mais trabalhava (PAI 5).

No discurso desses homens, percebe-se, portanto, a ausência que tiveram dos seus pais nas brincadeiras da sua infância devido às cargas extensas de trabalho as quais eles estavam submetidos ou ainda em decorrência da cultura machista que impede o homem de demonstrar seus sentimentos e emoções. Bronfenbrenner (2011) afirma que o desempenho da paternidade está inter-relacionado com os diferentes sistemas ecológicos em que a família está inserida, pois as funções paternas são construídas culturalmente, assim como a expectativa frente às atividades a serem desempenhadas por eles. Neste sentido, Freitas *et al.* (2007) associa esse papel do homem como reflexo do fenômeno desempenhado socialmente, em que a função paterna se resume apenas ao provedor financeiro, naturalizando o papel social da mulher como cuidadora, fruto dessa construção histórica da função social e da estrutura familiar.

Por tudo isso, a próxima categoria foi criada como forma de conhecer como se estabeleceram as funções parentais na infância destes homens, assim como as suas vivências e lembranças deste período de suas vidas.

3.4.3 Formas de relacionamento e de cuidado durante a minha infância

O ambiente no qual a criança está inserida, assim como as relações e os vínculos criados com a família, podem afetar diretamente seu desenvolvimento. Assim, é desejável que os cuidadores sejam sensíveis e desenvolvam estratégias para comunicar-se efetivamente com a criança, reconhecendo-a como um ser atuante e ativo em suas interações. Também é importante que estes exerçam a disciplina de forma positiva e consistente, estabelecendo os limites adequados, incentivando e reconhecendo as necessidades da criança, colaborando para que ela possa desenvolver a capacidade de empatia por meio de afeto, segurança e vínculo (BRAZELTON, 2002a).

Um recente estudo transversal de base populacional com crianças pré-escolares residentes no estado do Ceará, Brasil, mostrou que um maior número de experiências adversas na infância (ACEs) foi linearmente associado a menores escores de desenvolvimento. A saúde mental materna e a violência entre parceiros íntimos também foram associadas a pontuações mais baixas de desenvolvimento (ROCHA *et al.*, 2021a).

A Fundação Maria Cecília Souto Vidigal e o Núcleo Ciência pela Infância (ABUCHAIM, 2016) trazem reflexões sobre a associação de “fatores de risco”, como condições econômicas, sociais, físicas ou emocionais, com os vínculos familiares, que podem impactar diretamente no desenvolvimento infantil. Desse modo, as famílias que podem ter pais com algum distúrbio psicológico, como depressão ou ansiedade, ou que vivem em situação de vulnerabilidade social podem ter mais dificuldades de estabelecer vínculos seguros com a criança (PILOWSKY, 2006).

Corroborando o exposto nos estudos acima elencados, entender o cenário em que os participantes da pesquisa foram criados – no sentido de compreender como se estabeleceram os vínculos e as experiências na infância – é de fundamental importância para a formação da personalidade dos adultos que são hoje. Dessa forma, foi questionado aos participantes da pesquisa sobre como foi o relacionamento dos seus pais durante a sua infância. Percebeu-se, assim, no discurso de todos os participantes da pesquisa, a presença de muitas mágoas e sentimentos negativos ao lembrar dessa questão, pois seus pais tiveram relações tóxicas, permeadas de agressões físicas e verbais por parte dos pais às mães, além do abuso de substâncias entorpecentes como o álcool e da infidelidade praticados pelos pais (homens). Pode-se verificar nos excertos a seguir:

A relação deles era péssima, ele tinha muita amante. Aí ganhava o presente das outras e mostrava pra minha mãe. Ele era muito galinha. Todo dia ele tinha essa relação difícil, muito difícil com a gente, chegava a bater nela. Só não batia mais porque, como eu andava pouco, por conta da minha deficiência, não dava pra eu segurar tanto ele, que as minhas força das pernas tudinho passou pro braço, aí dava pra mim segurar um pouco ele (PAI 5).

[...] aí quando meu pai chegava da bebedeira e ficava estressado e batia na minha mãe. Aí eu fazia de tudo no mundo pra não se estressar com ele, mas a gente acabava brigando. Por quê? Porque ele batia muito na minha mãe. Aí o que eu fazia? Eu pegava os meus irmãos, ia pra fora e às vezes eu dormia até no meio da rua pra ficar com eles. Tinha vezes que eu nem dormia. Via eles dormir e eu ficava acordado só pra ficar vigiando ele. Eu era o mais velho, né? E assim foi. A infância foi um pouquinho perturbada com isso aí (PAI 7).

[...] meus pais se separaram, meu pai foi pro Pará e a minha mãe ficou internada. Até hoje ela é doente mental, né? Não sei se foi por causa que meu pai bateu muito nela. Aí ela enlouqueceu. Aí aconteceu essa separação. Eu fui colocado, dizendo aos meus familiares. Não sei, em canto, que bota criancinha. Em um orfanato [...] (PAI 1).

[...] ele não foi um bom marido pra minha mãe no caso, né? Porque, como posso explicar isso? Assim, ele teve umas questões de desequilíbrio por causa da bebida né? Aí teve vez que ele tentou bater na minha mãe assim, né? Aí teve uma época que ela ficou separada dele aí depois aceitou ele de volta, mas só que esse relacionamento deles era meio complicado, entendeu? [...] (PAI 3).

Ficou evidenciado que estes homens presenciaram inúmeras formas de agressão de

seus pais com suas mães, seja física, verbal ou doméstica. Percebeu-se também que a violência acontecia quando o homem fazia uso de bebida alcoólica. Brigas e discussões estiveram presentes e foram relatadas sempre de forma bastante difícil ao serem recordadas, além de se mostrarem presentes até hoje na vida dos participantes, que carregam estes traumas sofridos na infância, já que não conseguiam defender suas mães por ainda serem muito pequenos.

A Organização Mundial da Saúde, considera a Violência entre Parceiros Íntimos (VPI) como “qualquer comportamento que cause danos físico, psicológico ou sexual àqueles que fazem parte da relação” (KRUG; DALBERG, 2007, p. 91). Corroborando a presente pesquisa, na qual se percebeu que os episódios de violência eram mais frequentes quando o homem fazia uso de bebida alcoólica, alguns estudos mostraram associações entre o álcool e a VPI. Nestes casos, a probabilidade de ocorrer violência por parte de homens contra mulheres foi nove vezes mais alta quando os homens bebiam, em comparação com dias sem consumo de álcool (CAETANO *et al.*, 2003).

Além destes pontos discutidos pelos participantes da pesquisa, ainda se indagou acerca dessas lembranças e dos sentimentos negativos que podem ter tido com enfoque na relação paterna. Assim, percebeu-se que alguns homens relataram que seus pais eram alcoólatras, agressivos e muito autoritários com eles, causando muito medo e tristeza nos participantes.

Um estudo publicado por Freitas *et al.* (2007) afirma que o modelo do pai tradicional, centrado na paternidade apenas na perspectiva do provedor financeiro, sob o modelo de pai tradicional, ainda é comum. A identidade de pai, nesse sentido, vem alicerçada na identidade masculina, sendo o papel de pai construído segundo padrões de gênero que vinculam a imagem de homem ao referencial de masculinidade hegemônica, o que implica equivalência entre ser homem e ser forte, capaz e provedor. Como observa-se nas narrativas abaixo:

A relação com ele era muito péssima, muito ruim. Era muito péssimo, porque ele bebia, escondia comida, ele fazia comida, não me dava, não queria me dar. Aí eu tinha que pegar comida dele escondido pra comer [...]. Então meu pai era muito agressivo com nós, falava um monte de coisa. Palavão [...]. Com toda sinceridade, não tenho lembranças boas. Tudo eram lembranças ruins [...] (PAI 11).

[...] qualquer coisa que a gente não queria fazer, por exemplo, a gente não queria comer ou a gente não queria fazer uma coisa e outra, eles diziam: “Ô, vou te chamar teu pai”. Então, pra mim ele era um monstro. Eu pensava: “Oh, meu Deus, lá vem o monstro, eu quero não quero ver ele”. Então eu comia, eu fazia qualquer coisa pra poder ele não vim, né? Meu pai batia em mim, sem motivo nenhum, sem saber de nada, ele nem me dizia nada [...]. Aí então ele metia a peia em mim. Aí ficou aquela coisa... uma tristeza em mim. Porque eu apanhava sem saber. E não tinha motivo. E

também eu fugi de casa, né?, que eu não ia ficar apanhando sem saber por quê. Aí eu fiquei com aquela tristeza de mim. Eu era uma pessoa triste, queria voltar lá pro interior, mas não sabia onde era... Aí eu preferi ficar no meio da rua (PAI 1).

[...] na hora que separou da minha mãe, ele não queria aceitar, aí eu passei um tempo lá na casa dele, morando com ele, eu fazia tudo em casa, ele trabalhava, mas eu fazia almoço e tudo. Mas ele não queria aceitar que ele tinha se separado da minha mãe, aí me jogou no meio da rua, dentro do carro e tudo, ele abriu a porta do carro e me rebolou. Até hoje eu tenho essa ferida. Eu tento perdoar, mas não consigo (PAI 5).

A relação com meu pai foi um pouquinho perturbada por questão do alcoolismo, ele bebia muita cachaça, aí quando chegava em casa se ele ganhasse mil reais, ele dava cem reais pra minha mãe e o resto tudo era bebida. Porque das coisas ruins tem bem mais né, ele batia em mim, no meu irmão [...], eu não gostava que ele fazia isso (PAI 7).

Para esses homens, as lembranças negativas que têm dos seus pais são fruto de uma imposição criada pela cultura machista, na qual o homem, muitas vezes, é fruto de uma sociedade com base no patriarcado. Nesse contexto, o homem não podia expor seus sentimentos e emoções, agia com agressividade e imposição para ter atenção e ser respeitado, caso contrário, a sua masculinidade poderia ser contestada. Esse fenômeno se reproduz ao longo do tempo, constituindo-se como um problema intergeracional. Esse perfil de pai também foi citado em um estudo anterior realizado na região do Nordeste brasileiro, onde foi predominante nos depoimentos o discurso da paternidade como encargo social que legitima o homem na qualidade de provedor, referencial de pai chefe de família incorporado ainda na infância quando os meninos aprendem que cabe a eles tomar decisões sem demonstrar fraquezas (FREITAS *et al.*, 2009).

Por esse motivo, trabalhar a temática sobre paternidade é essencial devido à escassez de estudos na área frente às publicações e à ênfase do papel que a mulher tem como principal cuidadora na vida dos filhos. A pesquisa de Borsa e Nunes (2011) confirma o exposto quando afirma que os estudos sobre a relação mães/filhos são mais abundantes que os estudos sobre pais e filhos, reforçando a ideia construída socialmente de que as crianças devem ser cuidadas pelas mães, além de que esta deve cuidar da casa prioritariamente. Tal concepção, construída historicamente, acaba por separar o papel de homens e mulheres na família contemporânea e, conseqüentemente, a forma como pais e mães se relacionam com as crianças.

Em consonância com esses argumentos, alguns homens também relataram no presente estudo que não tiveram a oportunidade de serem criados por seus pais (homens) ou têm poucas memórias da relação com eles, sendo a figura de outros membros da família, mais precisamente a materna, a principal responsável pelo cuidado na sua infância e na adolescência, garantindo assim a educação e os ensinamentos aprendidos que transmitem até hoje para seus

filhos. Dessa forma, percebeu-se que muitos pais carregam mágoas consigo até hoje, conforme exposto nas narrativas a seguir:

Só a única coisa que eu não tive foi tipo amor de pai, né? Minha mãe foi pai e mãe pra mim. Ao mesmo tempo. Nunca cheguei a conhecer o meu pai não [...]. Eu, às vezes fazia coisa errada antigamente, apanhei muito as vezes da minha avó, da minha mãe. Mas só porque elas queriam ver meu bem, né? E eu acho que a minha vó, cada palmada que ela me deu eu tenho mais de agradecer, né? A gente apanhava e ela mostrando o erro [...] (PAI 9).

Eu me lembro pouco da relação com meu pai, sempre foi mais com minha mãe, com ele mesmo, muito pouco. Não tem essa recordação de brincadeira com ele. O que eu lembro do meu próprio pai era de ele ser o tipo de pessoa que ele via a gente com fome, ele passava com balde de sopa mangando na cara da gente (PAI 8).

Para esses homens, a ausência da figura paterna ou do homem durante sua infância foi suprida pela mulher, exercendo o seu papel como mãe ou como avó. Estas não só cuidaram com amor e afeto deles, criando vínculos para uma vida toda, mas fizeram muito além disso: ofereceram a oportunidade dessas crianças crescerem e se desenvolverem de forma plena, se tornando adultos responsáveis e conscientes de seus papéis atuais enquanto pais.

Alguns estudos ratificam o exposto na atual pesquisa ao afirmar que culturalmente as atividades relacionadas ao cuidado estão associadas ao gênero feminino. Já à paternidade, ficam atribuídas, quase exclusivamente, as necessidades financeiras e materiais da família (ARILHA, 1999; FREITAS; COELHO; SILVA, 2007; FREITAS *et al.*, 2009; LEVANDOWSKI; PICCININI, 2002). Assim, muitas vezes, esses pais estavam ausentes na infância dos seus filhos pela necessidade de prover o sustento da família devido às condições de vulnerabilidade nas quais estavam inseridos. Por isso, aliado ao que foi exposto acima, as narrativas de alguns participantes ainda denotam a ausência da presença paterna na sua infância de alguma forma, seja não conseguindo demonstrar carinho, seja não participando das brincadeiras. Como vê-se abaixo:

[...] meu pai sempre foi, ele trabalhava, né? Eu muito pouco via ele, muito pouco, mas sempre quando eu podia eu estava perto dele, né? Eu ficava mais com minha mãe e meus primos, minhas, meus tio. Porque meu pai também era pouco bagunceiro, né? Aí a gente não via ele muito, né? [...] (PAI 4).

[...] cara, na verdade meu pai...ele não brincava comigo, brincar mesmo eu não tenho muita memória não. Em questão de brincar assim comigo assim eu não lembro [...] (PAI 3).

Com as transformações sociais, culturais e econômicas e as mudanças no conceito de família no mundo atual, o papel do homem vem se alterando e este vem participando cada vez mais no contexto familiar, se afastando do modelo de apenas pai provedor. Há maior

presença e a admissão de um novo modelo de paternidade, no qual o homem estabelece a formação de um vínculo afetivo com a criança, se dedicando, se comprometendo com o cuidado e com todas as necessidades que ela possa ter (PEROSA; PEDRO, 2009).

Mesmo diante de todas essas lacunas nas relações paternas, um discurso do Pai 14 – quando questionado acerca das lembranças paternas negativas que pode ter tido durante sua infância – foi relevante e vai ao encontro do exposto acima. Ele se refere a um aprendizado via transgeracional na relação que teve com seu pai, por isso passa a participar cada vez mais da vida do seu filho, como observado na narrativa abaixo:

Então, meu pai não tinha muita relação com o meu vô, e era um pouco simples, sabe como é né ignorante? Então acabou que ele não teve aquela certa relação entre pai e filho, era mais em questão de afazer, de serviço mesmo. Então, acabou que isso também passou pra mim e eu sempre entendia que era questão de família. Então eu sei que, diferente da forma que ele me tratava, eu não trato o meu filho, trato diferente, porque eu tive vivência com meu pai e não quero pro meu filho, por entender porque meu pai é assim... Um pouco assim... a gente não é de comemorar, a gente não se abraça, ele é um pouco mais reservado [...] (PAI 14).

São discursos como este que quebram o ciclo da masculinidade tóxica e dão espaço para o surgimento de uma nova forma de exercer a paternidade. Ao papel de autoridade, é agora adicionado o de fornecedor de carinho, participando cada vez mais ativamente da vida das crianças por meio das brincadeiras, criando novas memórias afetivas. Desse modo, aquele pai presente somente nos finais de semana abre espaço para a construção de um novo modelo de homem, dividindo tarefas domésticas com a mulher, sendo um o complemento do outro, já que a presença paterna na família é diferente, porém complementar à presença da mãe (BENCZIK, 2011).

Embora haja essas circunstâncias negativas apresentadas, também foi questionado aos participantes da pesquisa acerca das lembranças paternas positivas que possam ter vivenciado durante a sua infância. Nas narrativas descritas pela maioria dos entrevistados, percebeu-se que possuem boas recordações dos seus pais e bons exemplos ensinados por eles de carinho e cuidado, além de reconhecerem que seus genitores sempre buscaram oferecer o que podiam para eles, mesmo com todas as dificuldades que passaram. Nesse ponto, as atitudes e os comportamentos negativos, conforme descritos anteriormente, não anulam todos os atributos positivos que os seus pais tiveram no cuidado durante o período da infância.

Ele era cuidadoso com a gente. Comigo e com meus 14 irmãos, morreram cinco, pelas coisas da vida mesmo, mas ele era cuidador e queria só o bem pra gente, não gostava quando a gente andava com as companhias erradas. Ele deu um exemplo pra nós, né? A memória boa que eu tenho dele era quando ele dava dinheiro pra nós comprar um carneiro (PAI 2).

[...] meu pai era como um amigo pra mim. Era um amigo muito bom. Ele sempre foi gente boa, nunca deixa faltar nada, mesmo sendo pobre, ele era muito batalhador [...]. Meu pai sempre me incentivou nas coisas, sempre me ensinou o que é certo, porque eu, como eu nasci em favela, né? Lá ele tinha a regra dele, né? Meu pai sempre dizia: “Não se misture” [...] (PAI 13).

A minha maior lembrança que eu tenho é essa, a gente fazendo todos uma sinuca assim pra gente brincar, sinuquinha pequena, brincava de bola e tal, ele contava história de terror, que na serra sempre tem essas coisas e essas brincadeira assim. Então a lembrança que eu tenho dessas que eu nunca vou esquecer é essa. Do jeito dele, né? Porque ele foi um ótimo pai, mesmo depois de ter separado a minha mãe, ele nunca deixou de mandar a pensão. Ele mandava o que ele podia, mas mandava, entendeu? Tinha um mês que ele não mandava, também a gente não ia deixar de falar com nosso pai (PAI 6).

Assim, percebeu-se que estes homens trazem em suas memórias recordações repletas de afeto e carinho quando lembram dos seus pais, frequentemente procurando não julgar ou opinar nas relações que seus genitores tiveram com eles e sempre procurando ter uma referência para seguir. O estudo de Wagner, Predebon e Falcke (2005) vai ao encontro dos resultados desta pesquisa, já que afirma que a transgeracionalidade resgata os componentes que perpassam a história familiar e se mantêm presentes ao longo das gerações. Dessa forma, encontram-se claramente ideias de repetição, reedição e reprise de determinados processos familiares, com diferentes nuances.

A próxima categoria analítica irá abordar as vivências desses homens no contexto pandêmico.

3.5 Descobrindo ser pai na pandemia: percepções paternas sobre o brincar e as práticas de cuidado durante o período do distanciamento físico

A pandemia por Covid-19, iniciada em 2020, deixou o mundo todo em alerta frente aos riscos causados por uma doença avassaladora e de magnitude enorme. Os impactos ainda são sentidos ao redor do mundo e as repercussões na saúde física e mental de adultos e crianças também. O distanciamento físico foi a principal medida de controle de propagação do vírus. Pesquisa realizada na China apontou que o distanciamento físico pode acentuar ou fazer surgir algumas dificuldades funcionais e comportamentais nas crianças, como, por exemplo, dependência excessiva dos pais, desatenção, preocupação, distúrbios do sono e ansiedade (JIAO *et al.*, 2020).

Dessa forma, criar um ambiente doméstico favorável foi essencial para enfrentar esse período difícil atravessado por todos. Porém, essa realidade se potencializa em famílias em

situação de vulnerabilidade. Conforme o exposto e percebendo que algumas pessoas, principalmente as famílias menos favorecidas socialmente, podem ter enfrentado desafios no cuidado dos seus filhos durante o período da pandemia, indagou-se aos participantes desta pesquisa acerca das experiências vivenciadas nesse momento específico de suas vidas. A partir das respostas, percebeu-se como os homens desenvolveram práticas de cuidado com seus filhos e sua família em seus ambientes domésticos. Com a finalidade de explorar mais essa questão, foram criadas categorias empíricas, são elas: brincadeiras durante a pandemia, relações intrafamiliares no distanciamento físico e desafios enfrentados no período.

3.5.1 Brincadeiras durante a pandemia

Acho que o quintal onde a gente brincou é maior do que a cidade. A gente só descobre isso depois de grande. A gente descobre que o tamanho das coisas há que ser medido pela intimidade que temos com as coisas. Há de ser como acontece com o amor. Assim, as pedrinhas do nosso quintal são sempre maiores do que as outras pedras do mundo. Justo pelo motivo da intimidade (BARROS, 2018, p. 124).

Friedmann (2012), em seu estudo, já mostrava uma mudança significativa do brincar durante o decorrer do século XXI. O brincar foi sofrendo muitas transformações devido, principalmente, à redução dos espaços físicos, com o crescimento das cidades e o aumento da criminalidade. A diminuição do tempo de brincadeiras nas escolas devido à inclusão de outras atividades produtivas também foi contribuindo para essa mudança. No âmbito familiar, percebe-se que a inserção dos pais no mercado de trabalho aumentou e, com isso, o tempo passa a ser ocupado frente à televisão. Dessa forma, o incremento da indústria de brinquedos colocou no mercado itens muito atraentes, transformando as interações sociais, nas quais o objeto passa a ter um papel relevante. Outro ponto importante é que a propaganda contribuiu para o incremento do consumo de brinquedos industrializados e eletrônicos no mundo infantil.

Ainda nesse sentido, Valcacio (2019) relatou sobre a diminuição do desenvolvimento social com o aparecimento dos jogos eletrônicos e do acesso mais fácil à *internet*, através dos telefones celulares e *tablets*. Embora estas sejam também formas de fornecer informações às crianças, estes meios de comunicação podem estimular o individualismo, perdendo, assim, os grandes momentos de trocas e experiências uns com os outros.

Diante aos argumentos apresentados acima, os participantes da pesquisa foram questionados sobre quais brincadeiras eles perceberam que suas crianças possam ter realizado durante o período do distanciamento físico. Percebeu-se nas respostas que alguns dos

entrevistados relataram que seus filhos aumentaram o tempo de exposição às telas, passando a assistir mais televisão, a utilizar o celular para jogar *games* virtuais ou a assistir vídeos nas plataformas digitais. Assim, pode-se confirmar através dos relatos abaixo:

[...] na pandemia tinha só um celular tinha o da minha esposa e o meu. Tanto ela mexia, tanto que ele caiu e aí quebrou. Aí ficou só um celular. Ela usava muito celular na pandemia (PAI 1).

Ele usava mais o celular pra assistir os desenhos dele, as coisinhas dele. Aí às vezes eu peijava pra ele parar de assistir e ele chorava e reclamava quando eu tirava. Ele assistia mais no celular, televisão ele não queira saber não, porque não tinha *internet*, essas coisas, mas ele passava o dia quase todo assistindo no celular (PAI 2).

Só no celular, às vezes eles ficavam escrevendo alguma coisa, rabiscando, fazendo desenho. Nós ficava dentro de casa ninguém podia sair, né? Mas eles ficavam chorando pra mexer no celular e ficavam muito tempo só assim mesmo no celular (PAI 12).

Percebeu-se que os achados encontrados no presente estudo corroboram a publicação do UNICEF intitulada “Impactos Primários e Secundários da Covid-19 em Crianças e Adolescentes – Relatório de análise 1ª onda”, de 21 de outubro de 2020. A pesquisa em questão mostrou um aumento em relação a antes da pandemia do tempo das crianças ou dos adolescentes em frente a telas de televisão, celular, computador ou *tablet* em momentos que não estão realizando atividades escolares. De acordo com 78% dos residentes com crianças ou adolescentes de 4 a 17 anos, eles estão ficando mais tempo em frente a telas do que antes da pandemia (proporção que chega a 88% entre quem pertence à classe B).

Algumas colaborações científicas internacionais apontaram que o tempo prolongado diante das telas pode causar inúmeros prejuízos à saúde da criança. Em termos de atividade encefálica, pode alterar a massa cinzenta e o volume branco no cérebro, como também aumenta os riscos de transtornos mentais e prejudica a aquisição de memórias e aprendizados (MANWELL *et al.*, 2022).

Associado a este argumento, um estudo de base populacional, transversal, foi realizado no Ceará, Brasil, com crianças menores de 5 anos e concluiu que 69% dessas foram identificadas como expostas a tempo de tela excessivo, sendo associado a transtornos no desenvolvimento infantil. Pode-se citar alterações cognitivas, afetando a linguagem e a comunicação infantil; quanto à coordenação motora bruta e fina; de ordem comportamental, como na resolução de problemas; e de desenvolvimento pessoal e social, como regulação emocional, impulsividade, atenção, e alterações do sono (ROCHA, 2021b).

Dessa forma, apesar dos benefícios que o uso de telas pelas crianças traz, os malefícios podem se contrapor a estes e causar uma série de danos à saúde. Por isso, a Sociedade

Brasileira de Pediatria (SBP) não recomenda o uso de telas por crianças menores de 2 anos e orienta limitar o tempo de exposição às mídias ao máximo de 1 hora por dia para crianças entre 2 e 5 anos de idade. Por este motivo, é essencial que os profissionais de saúde dos mais diversos níveis de complexidade possam orientar as famílias sobre os riscos do uso de telas em excesso em cada consulta de puericultura, em cada atividade de educação e saúde, podendo estimular o uso consciente e controlado pelos pais.

Com as orientações do Governo Federal para o distanciamento físico, como forma de conter a propagação do vírus, as rotinas familiares foram afetadas diretamente, causando inúmeros transtornos a todos. Repentinamente, as escolas, o comércio e os domicílios tiveram que se adaptar frente a essa nova realidade, tão cruel, inesperada e que estava causando inúmeras mortes em todo mundo. Assim, foi necessária essa reorganização da dinâmica familiar com as crianças, modificando a educação, a alimentação, o sono e o brincar.

Ainda sobre o brincar durante a pandemia, observou-se nas narrativas da maioria dos entrevistados que o espaço para brincar se restringiu no ambiente doméstico. Além disso, notou-se uma grande dificuldade em cumprir as medidas de isolamento por todos os participantes da pesquisa. Pesquisas recentes que avaliaram o impacto de outras epidemias, mostraram que as regiões que aderem a medidas de isolamento social sofrem com menos mortes e se beneficiam de uma recuperação mais rápida da economia após a crise (CORREIA; LUCK; VERNER, 2020).

Para famílias que vivem em situação de vulnerabilidade social, essas medidas podem ser bem mais difíceis para todos, especialmente para as crianças, como observado nos relatos:

[...] meus filhos brincavam mais dentro de casa mesmo, nesse tempo da pandemia, a sala era desse tamanho. Tinha só a sala e o quarto desse tamanho, a sala e o quarto também. [...] o único problema foi o meu filho maior, né? Porque o maior se sentiu mais preso. Já tinha um entendimento, entendeu? Porque com o maiorzinho, a gente sempre saía com ele pra praça, aí começou a não sair e ele começou a reclamar muito [...] (PAI 13).

[...] a gente brincava com ela na prancha, às vezes a gente não podia ir ao parque do cocó, não podia passear, não podia ir pro canto ou outro, então a gente sempre botava no Mundo Bitá na TV e tal, brincava [...] (PAI 6).

Dessa forma, criar mecanismos para enfrentar um processo doloroso e difícil como foi a pandemia foi necessário para algumas pessoas. Um estudo realizado no Brasil por Melo e Valle (2015) já havia identificado que o contato com a natureza e a implantação/criação de áreas verdes contribui para a proteção da saúde mental, visto que nesses espaços são implementadas

ações e atividades, individuais e coletivas, de promoção à saúde.

No âmbito internacional, Lades *et al.* (2020) mostraram que atividades realizadas ao ar livre e em contato com a natureza contribuíram para reduzir a carga das emoções negativas nas pessoas devido à sensação de bem-estar que podem proporcionar.

Em consonância com esses argumentos, o relato de um participante chamou atenção, já que expôs que procurava passear com a sua criança perto de casa, criando assim uma forma de lidar com toda a angústia que a pandemia causou e podendo aliviar as tensões causadas pelo isolamento, como apresentado nos excertos:

[...] as brincadeiras eram mais dentro de casa, só que não conseguia ficar direto em casa por causa do calor, eu acho que às vezes a gente ficava todo tempo confinado, que a gente ficava doente da cabeça dentro de casa. [...] eu não descumpria as normas de isolamento, mas eu saía pra ficar só na calçada da rua de tardezinha pra botar ela pra brincar de bicicleta, de patinete dela. E eu ia junto na minha bicicleta e ela na dela até uma praça perto de casa. Aí pronto, graças a Deus nunca ninguém lá de casa, ficou doente [...] (PAI 3).

Os resultados desta pesquisa também corroboram o estudo de Silva (2023) realizado no Ceará para avaliar a saúde mental de mulheres no contexto pandêmico, pois também foi observado que as participantes precisaram realizar atividades que lhes davam prazer como forma de reduzir os sentimentos negativos causados pela pandemia, como estresse, ansiedade e depressão. Assim, pode-se citar atividades como o lazer e o entretenimento, o cuidar da saúde física e do autocuidado, além de realizarem atividades manuais e artísticas.

Por tudo isso, o brincar foi se modificando frente a todos os eventos experimentados durante o período de distanciamento físico. O brincar livre e espontâneo nos ambientes abertos precisou ser resumido a poucos metros quadrados dentro das residências. Assim, entender como as crianças brincaram nesse período sob a ótica dos seus pais (homens) é de fundamental importância para reconhecer o brincar nos dias atuais e a sua importância para o desenvolvimento infantil.

A criatividade, a paciência e a disponibilidade foram essenciais para que os homens pudessem exercer suas práticas parentais de forma positiva durante a pandemia. Por isso, as atividades manuais ganharam cada vez mais espaço dentro dos domicílios. Seja através da pintura, do desenho e da modelagem com massinha, as famílias passaram a desenvolver a expressão e a manifestação artística durante o brincar, além de estimular o aprendizado com a leitura.

Abreu (2023) retrata que as artes plásticas envolvem diversos utensílios para serem realizadas, porém, a forma mais fácil de ser executada pelas crianças é através do desenho. Já

a pintura inclui um vasto número de materiais para ser levada adiante, como tintas das mais variadas, diversos pincéis, telas, godês, entre outros. A escultura, por sua vez, também apresenta ampla gama de materiais, como pedras, argila, massinha e *biscuits*.

Na presente pesquisa, em relação às brincadeiras que foram realizadas nesse período, perceberam-se nas narrativas dos pais que muitas crianças utilizaram as atividades manuais, como a pintura, o desenho e a massinha, citadas anteriormente, de forma lúdica e divertida. Dessa forma, a livre expressão artística foi um recurso que muitos pais relataram ter utilizado para entreter seus filhos nesse período, como foi observado nos trechos abaixo:

[...] Na época da pandemia era mais coisinhas mais infantil, como massinha, tinha muito isso porque a creche da estava dando né eles davam o kit né? É massinha, cola colorida, essas coisas. Aí eu comprava o gesso, os gessozinho pra ela colorir. Era mais isso, né? Aí eu ficava ali ajudando [...] (PAI 3).

[...] a gente pintava o rostinho dela com tinta guache, aquela brincadeira toda pra ver se num trazia aquela alegria pra ela dentro de casa, né? A nossa diversão era fazer ela feliz, entendeu [...] (PAI 6).

A minha mulher fez uns desenhos nas paredes todinha, não dava pra comprar brinquedo, essas coisas, porque ficou tudo caro e também ninguém saía, ficou mais em casa. Era difícil a gente sair, a gente ficou tudo em casa. Ela pintava tipo uma pistazinha de carro nas parede, pintava o ABC, ela fazia tudo as cores, os números, pra distrair ele, né? [...] (PÁI 8).

Estes achados corroboram o estudo realizado por Menezes (2021), realizado na região do Ceará, que evidenciou que as crianças também utilizavam de atividades lúdicas como pintura, desenho e até escrita como forma de se sentirem capazes de recriar possibilidades de viver melhor, transformando e sendo transformadas nas condições contextuais nas quais se encontravam. Portanto, elas produziam, com isso, história social e estavam sendo produzidas pelo contexto histórico-cultural no qual se engajavam.

Essas atividades de arte e educação são essenciais para trabalhar nas crianças as suas capacidades cognitivas de forma lúdica, podendo desenvolver a sua comunicação, a linguagem, a coordenação motora, as interações sociais e até o raciocínio. Dessa forma, é essencial que essas atividades possam ser estimuladas pelos pais e cuidadores, assim como os participantes da pesquisa fizeram com suas crianças no período da pandemia, já que são ações de baixo custo e que não envolvem a necessidade do uso de brinquedos, embora estes também tenham sido mencionados nas narrativas paternas no estudo.

O brinquedo como objeto passou por diversas transformações ao longo dos anos, mas sempre serviu como instrumento para o brincar. Melo e Valle (2005) já relataram em publicação que o brinquedo favorece o desenvolvimento infantil em todas as áreas, incluindo

socialização, aprendizagem e atividade física. A brincadeira é, assim, claramente uma ferramenta necessária para atuar no enfrentamento do cotidiano das crianças. Winnicot (1982) em sua obra relatou a importância de a criança ter a experiência brincando, pois assim ela aprende e se desenvolve, já que evolui através das suas invenções e fantasias no ato de brincar, diferente do adulto, que encontra em suas experiências internas e externas de forma fértil. A brincadeira, portanto, é uma prova evidente e constante da capacidade criadora das crianças.

Kishimoto (1999, p. 68) reafirma que o brinquedo “[...] aparece como um pedaço de cultura colocado ao alcance da criança. É o seu parceiro na brincadeira. A manipulação do brinquedo leva a criança à ação e à representação, a agir e a imaginar”. Por tudo isso, o brincar através do uso de brinquedos e de objetos da casa foi reiterado pelos participantes da pesquisa como uma forma de as crianças utilizarem o tempo e os espaços que dispunham em casa de forma criativa. Foi através da imaginação que elas puderam vivenciar experiências lúdicas que as levavam para outro lugar, muitas vezes bem distantes do local real onde estavam durante o período da pandemia, conforme observado nos trechos abaixo:

[...] a gente brincava mais de carrinhos dentro em casa, de jogo de futebol, dentro de casa com bola mesmo, tudo dentro de casa [...] (PAI 10).

[...] ela pegava os brinquedinhos e botava assim, né? Na ponta da cama. Eu colocava o lençol em cima da cama pra fazer a casa, e dizia assim: "Pai, estou fazendo aqui o peixe pro almoço, viu? Aí ela fazia de conta que estava mexendo lá nas panela aí dizia assim: "Pai que hora é aí.... já é doze horas, hora de almoço é? Aí eu falava: "É sim, filha. Aí ela falava: "Pois pega um prato aqui que hoje o almoço vai ser o peixe, ó". "-Obrigado, filha". Então, ela gostava dessas brincadeirinha que ela fazia, né? Brincadeira de casinha. Aí quando eu tirava os pano, ela dizia: "Não tira não, pai!" Ela até chorava, porque ela gostava dessa brincadeira [...] (PAI 1).

[...] eles brincavam de carrinho, no triciclo deles. Dentro de casa, mas tem uma areazinha que dá pra brincar lá fora. Brincavam de brinquedos, brincava de carrinho, eles gostavam muito [...] (PAI 5).

[...] eu pegava aquela madeira que faz pallet, aí cortava já as pecinhas com serrote e lá deixava tudo pré montado já, né? Só para eles, tipo, montar, era tipo negócio de jogo de encaixe que eu fazia. E era simples, mas nós fazia. Meus filhos brincavam mais dentro de casa mesmo, nesse tempo da pandemia, a gente tava numa casa muito pequena. A sala era desse tamanhinho. Tinha só a sala e o quarto que eram muitos pequenos (PAI 13).

Dessa forma, percebe-se que todos os espaços do ambiente domésticos foram utilizados para brincar durante a pandemia. Porém, a realidade social vivenciada por esses pais trazia grandes desafios, pois o ambiente doméstico se tornava muito pequeno para todos e nem sempre era propício ao brincar. Este achado do estudo corrobora a publicação da Fundação Maria Cecília Souto Vidigal (2021), que afirma que o distanciamento físico foi considerado um

ato de grande privação, já que o ambiente domiciliar nem sempre oferece condições de sobrevivência, moradia ou segurança para as pessoas que ali vivem e, em especial, as crianças, não atingindo os grupos populacionais da mesma forma.

O estudo de Meirelles *et al.* (2022, p. 7), realizado durante a pandemia com famílias de configurações diversas para avaliar o brincar no ambiente doméstico, mostrou que os diferentes cômodos da casa serviram de cenários para o brincar. Em um trecho, pode-se observar a correlação com o presente estudo, principalmente quando o Pai 1 narra de forma carinhosa como a filha gostava de brincar de cabaninha ou casinha, feita com panos em cima do colchão.

As crianças modificaram toda a organização original, empurrando móveis, pendurando panos, trazendo novas cadeiras e até colchões, dando a impressão de desordem. Um ambiente que, ativado pelas crianças e seus brincantes, ia do caos à ordem, da bagunça à arrumação minuciosa. A sala mostrou-se também um local propício a criações, onde se inventa e se produz arte. Há relatos de apresentações musicais e teatrais. Jogos de tabuleiros, quebra-cabeças e maquetes estiveram permanentemente pelo chão, sendo muitas vezes montados coletivamente (MEIRELLES *et al.* 2022, p. 7).

Também nota-se através das narrativas dos participantes que as brincadeiras que os seus filhos realizam estão atribuídas ao seu sexo. Ou seja, brinquedos de casinha e utensílios do lar, boneca e beleza, na grande maioria das vezes, são atribuídos ao sexo feminino. Assim como brincadeiras com bola, carrinho e bonecos estão associadas ao gênero masculino. Contudo, Vianna e Ridenti (1998) salientam a importância de reconhecer que as diferenças de gênero e as desigualdades consolidadas historicamente entre homens e mulheres estão fundamentadas no determinismo biológico, mas precisam também ser compreendidas enquanto produção social, ou seja, são fruto de construções históricas e culturais. Dessa forma, os seres humanos nascem com características peculiares a cada um dos gêneros, mas essas particularidades não podem servir de base para discursos ou ações de violência ou preconceito.

É de fundamental importância a necessidade de os pais e cuidadores quebrarem esses paradigmas rotulados historicamente na criação das crianças, baseados em conceitos preconceituosos, visto estas serem pessoas em formação. Apoiado nesse discurso, Vianna e Finco (2009, p. 268), em seu estudo sobre gênero na educação infantil, relatam que “[...] as características tidas pela tradição como naturalmente masculinas ou femininas resultam de esforços diversos para distinguir corpos, comportamentos e habilidades de meninas e meninos”.

Por isso, é ensinado desde cedo que as meninas precisam ser amáveis, sensíveis e frágeis, sendo programadas para cuidar dos filhos, inclusive por meio das brincadeiras. Lira *et al.* (2016) afirma que, para o menino, valorizam-se os comportamentos que envolvem a força,

a luta, além de reforçar que este deve ser “homem de verdade” e não chorar diante de um desafio ou de uma adversidade, além de que os meninos não devem executar tarefas domésticas. Assim, ao contrário do que se pensa, os meninos, tanto quanto as meninas, são alvo de constante controle, monitoramento e indução na construção de suas masculinidades.

Embora não seja um dos objetivos do trabalho, é importante trazer a correlação do gênero atribuído ao uso de um brinquedo específico como um brinquedo de menino ou de menina. Esta temática foi abordada por um participante do estudo, o Pai 3, e merece destaque, conforme é possível ver abaixo:

[...] por ela ser menina, eu acho que tem menos preconceito, né? Porque se fosse um menino.... Eu acho que é da gente, eu não sei, cara. Eu acho que é da gente mesmo. Se fosse um menino, eu não ia permitir brincar de boneca, mas ela brincando de boneco, eu na minha cabeça eu penso assim: “Ah, é só um brinquedo”. Mas só que se fosse um menino eu não ia pensar assim, é uma porra da minha cabeça, não sei por que, né? E é da gente. É, eu acho que a gente cresceu assim, eu como eu cresci assim, porque às vezes, as pessoa dizem que é machismo, mas só que eu acho, na minha cabeça, que é como a gente foi criado (PAI 3).

Esta narrativa traz uma reflexão importante, pois percebe-se que, embora o participante reconheça que a sua filha brinca com qualquer tipo de brinquedo, pois é apenas um brinquedo, ele não consegue conceber a ideia apontada por ele mesmo de que, se tivesse um filho, ele não permitiria que ele brincasse de boneca, por exemplo. A própria indústria de brinquedos, que passou por todo um processo de transformação ao longo dos anos, fabrica produtos destinados às meninas que são visivelmente diferentes daqueles produzidos para os meninos, sendo isso reflexo sociocultural do feminino e do masculino (CAMPOS; SILVA, 2014). Corroborando o exposto, o estudo de Telles (2010, p. 5) alerta para o fato de que a

[...] visão que determinado brinquedo “combina” mais com um sexo ou outro advém de explicações deterministas sobre a existência de uma “natureza” feminina ou masculina que tentam “encaixar” as pessoas em modelos estáticos. Essas explicações apresentam como paradigma uma ideia conservadora e patriarcal, que separa os universos públicos e privados e os associa aos universos masculino e feminino construídos a partir de sentidos opostos e complementares.

Por tudo isso, o ato de brincar é algo inerente à criança e a ajuda a compreender, através do lúdico, as relações e os valores fundamentais para ser um adulto consciente, ultrapassando toda e qualquer divergência histórica e cultural em relação ao gênero.

Na presente pesquisa, observou-se também que, durante o período de *lockdown*, algumas crianças do estudo eram recém-nascidas, o que trouxe ainda mais desafios para os pais acerca dos cuidados parentais. Para esses pais, além dos obstáculos enfrentados com a prevenção ao vírus, ainda tiveram que lidar com os sentimentos de ser pai pela primeira vez ou

de experimentar a paternidade em um período difícil. A Fundação Maria Cecília Souto Vidigal (ABUCHAIM, 2016, p. 6), ao trabalhar a importância dos vínculos familiares, traz uma reflexão importante acerca desta temática.

Para construir vínculos seguros, os cuidadores devem agir de forma responsiva, confortadora e acolhedora, atendendo de modo consistente à criança quando ela demonstra sinais de desconforto, dor ou necessidade de atenção. À medida que a criança se desenvolve, é esperado que os adultos cuidadores construam uma base segura, que permita com que ela se sinta confiante para explorar o mundo e saiba que pode retornar à sua base diante da experiência de sofrimentos e decepções, pois tem segurança de que será bem recepcionada e confortada.

Corroborando o exposto, estar presente na vida do filho desde o início é essencial para o vínculo entre pais e filhos. Deste modo, as brincadeiras com as crianças menores, durante o período da pandemia, também foram relatadas nessa pesquisa. Percebeu-se que alguns pais costumavam recorrer às cantigas de ninar, por exemplo, para acalmar a criança ou cantarolar músicas que escutaram na sua infância para os seus filhos, já que algumas crianças ainda eram muito pequenas para brincar sozinhas ou com eles, como foi relatado nas narrativas abaixo em destaque:

[...] em casa a gente brincava mais de brincar de lagarta. Eu pegava na mão dele assim e ficava cantando: “puxa a lagarta na ponta da orelha da orelha”, igual aquelas brincadeiras de antigamente (PAI 7).

Então eu brincava muito com ele, botava ele aqui no meu no meu braço, né? No meu colo, ficava conversando, cantando às vezes até de dormir, dessa forma. Eu brincava, às vezes de madrugada também, porque ele sentia cólica, é umas duas ou três horas, a minha esposa tava bem cansada, eu ficava com ele, ficava cantando, andando assim o quarto, até pegava o sono de novo no berço. A questão de brincar foi mais foi é mímica, essas coisas, ele já podia enxergar (PAI 14).

Para esses homens, foi no início da pandemia que os dilemas da paternidade vieram à tona, pois tiveram que aprender a exercer os seus cuidados parentais na prática. Toda essa demonstração de afeto e carinho em forma de música cantada é essencial para a formação de vínculo na infância com os pais, como escutar a voz, sentir o cheiro do pai no contato com a pele. Estes achados corroboram o estudo de Piccinini *et al.* (2004) que demonstra que os pais estariam mais ativos em sua parentalidade, exercendo influências diretas sobre o desenvolvimento de seus filhos, sendo assim, uma possível mudança da consciência do papel do pai na criação dos filhos.

Portanto, exercer a parentalidade de forma ativa e estabelecer o vínculo com a criança são fatores protetores à criança. Isso inclui também a participação nas brincadeiras junto ao filho. Porém, alguns estudos apontam que os eventos estressores são ocorrências de vida que

alteram o ambiente e provocam tensões que influenciam as respostas emitidas pelos indivíduos (Shonkoff, 2020). Outro estudo (SILVA, 2020) corrobora o exposto quando relata que que acontecimentos históricos são repletos de condições estressoras que podem alterar positivamente ou negativamente o desenvolvimento infantil. Nesse caso, o cenário pandêmico pode ser análogo ao citado nessas pesquisas, por isso os efeitos negativos podem ser tão acentuados.

Foi observado também que um pequeno número de pais não participou das brincadeiras com os filhos durante a pandemia, seja por não disporem de tempo naquele momento com a criança devido às atividades de trabalho, seja pelas demandas no cuidado doméstico ou, ainda, por não saberem como brincar, conforme observado nos excertos:

[...] é porque eu participava pouco, entendeu? Trabalhava muito. Participava pouco, porque tinha que criar ele e evitava contato direto com ele, sabe? Dentro de casa, assim. Porque eu já saía do hotel onde trabalhava e já ia pra casa. Então eu era que eu podia trazer covid pra dentro de casa, entendeu? Era isso que podia trazer [...] (PAI 8).

[...] eles brincavam só, brincavam mais só, de carrinho, de bola e de boneca, já que eu tenho menina e menino. Eu não tinha como ir brincar com ele segurando o outro, que era recém-nascido [...] (PAI 11).

Não, eles só brincavam assim mesmo no celular. Brincavam por si mesmo dentro de casa, eu não brincava não. É, eu não conseguia brincar não, com eles, sabe? Nunca tive muito isso na minha vida (PAI 12).

Um estudo realizado com crianças durante o período de *lockdown* no Ceará, mostrou que, devido às restrições do distanciamento físico, as crianças passaram a brincar sozinhas, sentindo, assim, a falta dos amigos, da escola e da rotina que tinham antes de ocorrer essa mudança repentina em suas vidas. O estudo faz refletir sobre os riscos deste brincar isolado, visto que a criança deixa de partilhar o brincar com outros amigos, podendo afetar as suas relações.

[...] por não estimular o exercício de padrões necessário para a constituição do sujeito, como, por exemplo: aprender a lidar com a frustração da derrota, seguir regras e normas que o jogo ou o brincar traz, trabalhar o dividir e o compartilhar, estimulando para que esses padrões sejam reproduzidos fora do brincar também (CLEMENTE, 2021. p. 55).

Observa-se, portanto, na narrativa do Pai 8, a ausência no brincar devido às extensas cargas de trabalho que exerceu durante a pandemia, além do medo de servir de agente transmissor do vírus para dentro de casa, seguindo as normas de prevenção para Covid-19. Este achado na pesquisa corrobora o estudo anterior de Gonçalves e Bottoli (2016), no qual o homem entende o seu papel financeiro, porém, tem se afastado do que a cultura patriarcal preconiza ao

centralizar o poder em si, pois compreende que sozinho ele não consegue criar seu filho e precisa de uma rede de apoio familiar para estabelecer um vínculo de cuidado e afeto.

Um outro participante, o Pai 11, cita que os filhos brincaram sozinhos ou entre eles, pois ele não podia brincar com o filho maior por estar cuidando sozinho do filho recém-nascido. Assim, percebe-se que este pai corrobora o estudo de Silva (2020), no qual afirma que, durante os períodos de crise, as famílias são, muitas vezes, expostas a situações que as obrigam a constituir novas estratégias para conseguir lidar com as mudanças ocorridas, sendo, conseqüentemente, o suporte social essencial para essas realidades.

O participante 12 já traz outra realidade, a de não ter o hábito de brincar com os filhos, muito possivelmente por esta não ter sido uma prática na sua infância com seu pai. Apoiado nesse argumento, um estudo de Gabriel e Dias (2011) afirma que a experiência da paternidade está associada à relação vivida com o seu genitor na infância, podendo influenciar no modo como hoje ele compreende a sua masculinidade. Para sua realização como pai busca referências em seu próprio pai, encontrando, na maioria das vezes, o modelo de pai distante e pouco envolvido afetivamente, referencial de masculinidade ainda hegemônico. O filho incorpora esse modelo, construindo uma subjetividade distanciada da valorização do afeto (GONÇALVES; BOTTOLI, 2016).

Porém, outro achado importante no estudo contrapõe essa realidade exposta acima, já que se percebeu que a maioria dos pais participava das brincadeiras junto aos seus filhos nesse período, pois já tinham este hábito anteriormente. Com as medidas de distanciamento físico, as famílias passaram mais tempo juntas, o que facilitou a participação nas brincadeiras, conforme observado nos excertos:

[...] Em relação a essa questão do brincar, desde quando ela nasceu que eu não tenho emprego de carteira assinada, aí eu sempre brinquei com ela. Porque assim, ela nasceu em dois mil e dezessete. Aí, era mais dentro de casa mesmo na pandemia, aí eu ficava com ela no chão mesmo brincando [...] (PAI 3).

[...] pra mim foi bem fácil, porque as pessoas dizem que eu sou um meninão, eu gosto muito de brincadeira e tal. Eu sou uma criança num corpo de adulto. Eu sempre gostei de brincar e tal. Então não tive dificuldade nenhuma nesse período de pandemia. A gente brincava de pintar o rosto, passar uma maquiagem pra brincar com ela, pegava as bonecas dela e botava pra dormir, tirei de letra essa parte aí. Foi tranquilo [...] (PAI 6).

Dessa forma, diante do que foi exposto, é imprescindível que a família esteja presente na vida das crianças em todos os momentos, participando desde as brincadeiras até os cuidados direcionados aos pequenos. Durante a pandemia, esta afirmativa não poderia ser diferente, corroborando o estudo de Silva (2020) realizado durante o *lockdown* para avaliar o

brincar e a educação à distância. Quando a criança se encontra no meio familiar, ela se sente mais segura para explorar e experimentar novas vivências, que se tornarão alicerce para o seu futuro.

Por este motivo, é fundamental que se conheça como ocorreram as relações intrafamiliares neste período. Assim, a próxima categoria empírica trará os resultados coletados através das narrativas paternas sobre essa temática.

3.5.2 Relações intrafamiliares no distanciamento físico

Com o decreto do distanciamento físico pelo Governo Federal, as famílias se viram confinadas em suas residências para evitar o contágio e a propagação do vírus. Na grande maioria das vezes, elas estavam em locais pequenos e em grandes comunidades, onde, muitas vezes, o distanciamento físico não era possível, mesmo sendo a única medida de proteção possível até o momento. No Brasil, mais de 50% das famílias que participaram do estudo mantiveram, por alguns meses, o *lockdown* (AQUINO *et al.*, 2020). As escolas, o comércio e as atividades de lazer foram suspensas, trazendo repercussões sociais, econômicas, de saúde, entre outras. Assim, as rotinas familiares foram drasticamente modificadas, precisando de uma grande reorganização para alcançar práticas parentais positivas no cuidado das crianças.

Um *working paper* apresentado no NCPI (FUNDAÇÃO MARIA CECÍLIA SOUTO VIDIGAL, 2021) que aborda as repercussões da Covid-19 na primeira infância faz um alerta sobre o fato de que a pandemia pode, por conta do distanciamento físico e do estresse, potencializar alguns problemas já existentes no âmbito familiar – situações que podem ser caracterizadas como experiências adversas na infância. Isso ocorre geralmente na população em vulnerabilidade social, pois, para essas famílias, promover um ambiente saudável é mais difícil devido à exposição à violência, à insegurança alimentar, à falta de acesso à educação e à negligência, o que implica na fragilidade dos vínculos afetivos. A convivência de vários familiares sob estresse psicológico em um mesmo domicílio, muitas vezes com densidade habitacional alta, pode aumentar a tensão no ambiente, os casos de violência doméstica e a experiência de estresse tóxico nas crianças, com consequências potencialmente a longo prazo.

Os efeitos da violência vão além do que se pode ver no corpo. Existem alterações no comportamento, atrasos no desenvolvimento, redução no rendimento escolar, elevação dos níveis de cortisol, alterações neurais, dentre outras consequências. A presença de um ambiente desestruturado e de cuidadores desregulados, no que diz respeito ao âmbito emocional e

comportamental, pode levar a criança a ter comportamentos agressivos e dificuldade em aceitar regras e limites (SMITH *et al.*, 2014).

Apoiado nestes argumentos, percebeu-se que a maioria dos participantes da pesquisa relatou que o seu relacionamento com sua companheira foi afetado de alguma forma pela pandemia, pois as discussões aumentaram devido ao período que passavam em casa juntos por conta das normas de distanciamento físico. Alguns relatos também demonstraram que os filhos eram expostos a estas situações adversas, conforme mencionado nos trechos:

Rapaz, a gente brigava muito, viu? A gente brigava muito, já que ninguém saía, ficava só em casa, olhando pra casa pro outro aí, e a gente é tipo um casal que não tem um diálogo. Tipo, uma conversa quando tinha já era pra brigar, é qualquer coisinha a gente briga. É bem rapidinho (PAI 8).

Bem, foi bastante conturbada. Porque os dois estavam estressados, né? A gente nunca procurou briga na frente dela, mas às vezes não dá não pra segurar, entendeu? Na pandemia foi um desses tempos estava muito estressado, muito alterado (...). Mas assim, o conturbamento que eu falo assim é do dia a dia, entendeu? Não tô falando de agressões física e verbal, não é isso daí. Procuro tratar bem ela e tal. Até porque se não fosse ela eu teria minha filha, né? Eu procuro agradecer cada dia que eu tenho, com esforço porque se não fosse ela tinha, eu não conseguiria sozinho não [...] (PAI 6).

[...] as discussões que a gente teve foi por causa do da filha dela, que era trabalhosa, aí ela queria jogar os estresses dela em cima de mim. Só que eu não sou obrigado a ficar calado quando ela vinha com confusão pro meu lado, aí as vezes a gente brigava na frente do meu filho, aí ela dizia: "Tá bom, mamãe e papai, já chega, cala a boca" (PAI 2).

Esses resultados corroboram a pesquisa anterior de Grasso *et al.* (2016), que estabeleceu uma associação entre a violência entre parceiros íntimos e a violência contra crianças. Nesse caso, as crianças acabam sendo vítimas passivas ou de forma direta de violência, pois se tornam testemunhas ao presenciar os conflitos dentro do ambiente familiar. Ademais, são várias as formas possíveis de violência contra a mulher: física, psicológica, sexual, patrimonial e moral. Em relação a crianças e adolescentes, existem o abuso sexual, os maus-tratos físicos e emocionais e a negligência (FLAESCHEN; REIS, 2019).

Assim, observou-se que viver junto dos familiares durante a pandemia pode ter sido difícil para a maioria dos participantes do estudo, sendo a violência verbal a forma mais comum entre os parceiros. Um estudo transversal publicado por Castro *et al.* (2022), realizado na segunda onda de Covid-19, corrobora os resultados da presente pesquisa, pois evidenciou que era alta a prevalência de violência por parceiro íntimo (VIP) em famílias com crianças de até seis anos vivendo abaixo da linha da pobreza no Ceará, além de estar associada a maiores chances de transtornos mentais comuns (TMC) nas mães, como depressão, ansiedade,

irritabilidade e estresse. Além disso, a perda de emprego e a redução do acesso aos alimentos causadas pela pandemia de Covid-19 exacerbaram ambos os fenômenos (VIP e TMC).

Esse dado preocupante deve servir de base para que políticas públicas possam ser implementadas, assegurando a proteção e o direito feminino frente a uma sociedade na qual ainda existem ideais masculinos centrados na cultura patriarcal. Alguns autores salientam a necessidade do enfrentamento desse problema, pois cabe tanto à esfera da segurança quanto à dos direitos humanos e da saúde pública, já que as consequências físicas e psicológicas têm importantes repercussões na dinâmica e no funcionamento das famílias e da sociedade (PATHAK; DHAIRYAWAN; TARIQ, 2019).

O Ministério da Mulher, da Família e dos Direitos Humanos (MMFDH), em parceria com a Ouvidoria Nacional dos Direitos Humanos (ONDH), declarou que nos meses de fevereiro, março e abril de 2020 o número de denúncias de violência doméstica teve um aumento de 14,12% em comparação com o mesmo período de 2019. Os dados apontam que as maiores vítimas de violência são do sexo feminino (mulheres), que correspondem a 74% das vítimas, seguido de 25% do sexo masculino e 1% faz parte do grupo LGBTQIA+ (SOUZA; FARIAS, 2022).

Com o distanciamento físico, as relações familiares no ambiente doméstico foram afetadas de várias formas. Algumas pesquisas apontam que o estresse adicional pelas possíveis perdas econômicas ou de emprego, ao exemplo do que aconteceu em crises econômicas e/ou epidemias anteriores, tiveram grandes repercussões na saúde mental e na intensificação do consumo de drogas (DE GOEIJ *et al.*, 2015; DOM *et al.*, 2016; ORNELL, MOURA *et al.*, 2020; UUTELA, 2010). O uso de drogas, portanto, pode provocar alterações no pensamento, no julgamento, na tomada de decisões e no comportamento, deixando a pessoa mais impulsiva e violenta (WORLD HEALTH ORGANIZATION, 2020). No contexto da pandemia não seria diferente: observou-se que o isolamento favoreceu a intensificação do consumo de álcool dentro do ambiente familiar (CAMPBELL, 2020).

Apoiado nos argumentos citados, houve relatos nas narrativas de alguns participantes que mostraram que o uso de substâncias entorpecentes, como álcool e drogas, aumentou neste período por parte das suas companheiras, deixando-as mais agressivas com os familiares e gerando sobrecarga para eles no cuidado doméstico e com os filhos, conforme observado nos trechos:

Porque assim, quando ela tava usando essas porcaria, ela ficava muito agressiva, muito nervosa, às vezes ficou agressiva comigo. Eu tinha era vontade de ir embora, sabe? Mas eu me aguentando, né, entendeu? Porque, não ia abandonar meus filhos,

pequeninhas eles. Confusão dentro de casa, né? Mas aí lá no CAPS passaram o medicamento para ela, ensinaram pra ela como tomar, mas a verdade é que ela não queria tomar o remédio, mesmo eu dizendo pra ela que ela tinha que tomar para se acalmar [...]. Ela saía e deixava nós tudo abandonado, eu e os menino. Passava o dia todinho sumida. Aí quando o efeito passava, dessas porcarias, cocaína, né? Aí é que ela voltava (PAI 12).

Assim, por conta do problema dela, do alcoolismo, nessa pandemia ela ficou mais estressada e o homem é que tem que aguentar. Ela começava a gritar. Até com os meninos. Ela ficou mais raivosa nesse período assim da pandemia porque os menino tava tudo em casa, não tava tendo aula, não tava tendo nada, que nem esse período das férias. Ela começou a beber mais também [...]. Eu tive que ficar ajeitando as coisas em casa. O único que ficava em casa era o menor, porque ele tinha acabado, tinha acabado de nascer [...] (PAI 11).

Um fato interessante nesses achados foi que o abuso de substâncias se deu pelas mães. Esses hábitos são frequentes no sexo masculino e foram relatados pelos próprios participantes da pesquisa na categoria analítica anterior, ao lembrarem como seus pais eram agressivos com as suas mães e como vivenciaram isso durante as suas infâncias, corroborando o estudo de Ornell et al. (2020). Nesse estudo, os autores afirmam que, tradicionalmente, a visão rígida sobre o gênero masculino está ligada a taxas mais baixas de comportamentos de proteção, aumento de comportamentos violentos, uso de substâncias e baixo controle emocional. No entanto, no presente estudo, durante a pandemia, foi observado que algumas mulheres utilizaram substâncias entorpecentes em excesso.

Embora haja alguns relatos negativos em relação às relações intrafamiliares no período do distanciamento físico, certos participantes também demonstraram um comportamento diferente do descrito, relatando em suas narrativas que mantiveram um bom relacionamento com a companheira durante o período da pandemia, pois já tinham uma boa relação prévia, com diálogo, e dividiam tarefas domésticas, além de cuidarem juntos dos filhos. Esses comportamentos corroboram aqueles descritos pelo NCPI (FUNDAÇÃO MARIA CECÍLIA SOUTO VIDIGAL, 2021) e são essenciais para que os pais possam exercer a parentalidade positiva, já que promovem o cuidado físico (a garantia de alimentação, higiene, vestuário para proteger), emocional (as atitudes que promovem apego, segurança e autonomia para tomadas de decisão) e social (que estimula as relações interpessoais ampliadas). Portanto, essa é uma questão central no desenvolvimento das crianças de 0 a 6 anos (LINHARES, 2015a).

Isso pode ter ajudado alguns pais a passarem por este período de forma mais harmônica, conforme observado nos excertos a seguir:

Entre eu e ela não existe negócio de discórdia não porque nós estamos num barco com muitas crianças e aí tem que se unir para poder dar suporte pros filhos, né? Desse jeito toda vida nós não tem discórdia não. Toda vida é um apoiando o outro (PAI 4).

[...] às vezes ela ficava gripada, aí eu cuidava muito dela e também eu fazia muito carinho na barriga dela, porque eu sabia que ele tava lá, acreditava no meu menino, falava muito com ele, eu assisti até jogo no celular...assim pra ele ouvir do time e tal, mas ficava sempre é cuidando dela e cuidando dele. Sabia que uma hora ele estava escutando, que eu estava presente (PAI 14).

[...] a gente se dá bem, né? Falar o modo correto é esse, é porque assim lá a gente sempre divide. O que eu não gosto de fazer, ela faz. Porque assim, o que eu não gosto de fazer, eu vou ser sincero, eu não gosto de lavar banheiro. Já ela me ajuda com essa parte. Aí quando precisa eu faço a comida, do meu jeito. Ela sabe que eu não sou cozinheiro. Eu me viro. Eu só sei me virar na cozinha. Aí o que dá pra mim virar eu faço. Lá eu lavo a louça. Aí tem uma hora que ela ou ela vai e varre, passa o pano, a gente divide as tarefas, né? Exatamente pra não ter nenhum tipo de desavença, nem nada, né? (PAI 3).

Dessa forma, observou-se com esses resultados que os homens estão cada vez mais se afastando do modelo tradicional centrado na figura masculina como apenas provedor do lar, o que traz uma possibilidade de que estejamos caminhando para buscar a igualdade de gênero. Alguns estudos mostram que essas práticas podem estar associadas à reorganização familiar, com a divisão das tarefas domésticas e a compreensão de que a paternidade exige a participação de forma ativa e o engajamento na relação de igualdade de gêneros no casal (DAL-ROSSO *et al.*, 2019). Outro estudo também constata que a participação dos homens nas responsabilidades domésticas e de cuidado com os filhos tem possibilitado a desintegração de estereótipos masculinos e femininos, favorecendo a paternidade participativa (GRADVOHL *et al.*, 2014).

Além de eficazes, as práticas dos homens devem ser rotineiras, de modo a se tornarem naturais na dinâmica familiar, pois as mulheres já são treinadas para cuidar desde cedo, nas brincadeiras da infância, como casinha, panelinha e de cuidar do bebê. Segundo o Programa Nacional por Amostra de Domicílios - PNAD (INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA, 2019), cerca de 92% das mulheres com 14 anos ou mais são responsáveis pelos afazeres domésticos, contra 78% dos homens. Além disso, no que se relaciona ao trabalho de cuidados, 33% das mulheres entrevistadas realizaram atividades de cuidados, enquanto se encontraram 24% de homens nessa realidade.

Portanto, é impossível não ressaltar a luta das mulheres por direitos igualitários. Nos dias atuais, o trabalho que realizam no ambiente doméstico, chamado de trabalho de cuidado, pode se estender aos filhos, aos idosos e a outros familiares e pessoas doentes. Porém, uma publicação feita pela Revista Forbes (EPKE; ALMEIDA, 2023) mostra que esse tipo de serviço é essencial para a manutenção da sociedade, mas não é remunerado, não é reconhecido e está distribuído de forma desproporcional, recaindo principalmente sobre as mulheres. Estas realizam mais de três quartos do trabalho de cuidado não remunerado no mundo – 12,5 bilhões

de horas todos os dias, segundo a organização global contra as desigualdades Oxfam (Comitê de Oxford para o Alívio da Fome).

No cenário nacional, pesquisa realizada pelo Instituto Brasileiro de Economia da Fundação Getúlio Vargas (KELLY, CONSIDERA, MELO, 2024) no Brasil traz que as mulheres dedicam até 25 horas por semana a afazeres domésticos e cuidados, enquanto os homens dedicam cerca de 11 horas, muitas vezes agindo como auxiliar no cuidado, como observado no estudo de Cherer *et al.* (2018), realizado no sul do país para avaliar a experiência paterna ao final do primeiro ano de vida do bebê. Essa pesquisa constatou que 28% dos pais expressaram que suas esposas assumiram a maior parte do cuidado com o filho, pois dispunham de mais tempo com a criança e sabiam cuidar melhor da criança. Desse modo, eles se descreveram como auxiliares nos cuidados com os filhos. Apesar de que, nessa mesma pesquisa, 48% dos participantes destacaram que dividiam de modo igualitário os cuidados relacionados à criança.

Estudo de Garcia e Marcondes (2022) retrata que, historicamente, o trabalho doméstico não remunerado e de cuidados com a família esteve ligado às mulheres. Embora, com o surgimento desse novo modelo de pai mais participativo nos últimos anos, a divisão do trabalho relacionada ao sexo – aquela em que o homem predominantemente trabalha fora de casa e as mulheres se dedicam, principalmente, às atividades domésticas – permanece como aspecto presente na reprodução social.

Por tudo isso, contanto que pais e mães estejam compartilhando juntos os cuidados com o filho e com a vida em família, eles estarão contribuindo para a formação de vínculos afetivos que farão a diferença na vida das crianças. Corroborando o exposto, o estudo de Jeneral *et al.* (2015) reafirma que à proporção que os pais estejam presentes no cotidiano dos filhos, os laços afetivos e o vínculo entre eles serão feitos. Assim, casais que dividem as tarefas e participam ativamente da rotina familiar tendem a tornar mais harmoniosa a relação conjugal.

Da mesma forma como as relações familiares podem ter sido afetadas com a pandemia, outras situações podem ter sido vivenciadas neste período, sejam elas positivas ou negativas.

3.5.3 Desafios enfrentados durante a pandemia

A pandemia impactou o mundo todo em um curto período de tempo. Poucos dias depois dos primeiros casos, a população ficou em estado de alerta devido à magnitude catastrófica que a doença apresentou. As famílias tiveram sua rotina completamente alterada

com o encerramento das atividades em estabelecimentos comerciais, escolas e espaços de lazer, trazendo prejuízos em diversos níveis, como social, econômico e de saúde, principalmente para a população que vivia em situação de vulnerabilidade social.

Dessa forma, um estudo publicado por Schmidt *et al.* (2020) reafirma o exposto ao mostrar que, frente a uma pandemia de magnitude e proporções como foi a de Covid-19, a população mundial foi afetada em diversos níveis, sofrendo com os impactos até hoje. Podemos destacar o medo de ser infectado por um vírus potencialmente fatal, as medidas de contenção (*lockdown*, distanciamento físico e isolamento social), as preocupações com a escassez de condições básicas de existência, as perdas financeiras, as mortes de familiares/amigos/conhecidos, as incertezas sobre como controlar a doença e sobre sua gravidade, a esperança da vacina, as notícias falsas sendo compartilhadas, além da imprevisibilidade acerca do tempo de duração da pandemia e dos seus desdobramentos.

Apoiado nesses argumentos, nessa categoria, foi indagado aos participantes da pesquisa sobre quais dificuldades a pandemia pode ter trazido em suas vidas e da sua família. Dessa forma, observou-se que os participantes levantaram várias questões que os preocupavam, como no âmbito da saúde física, mental e psicológica, na renda familiar e na insegurança alimentar e nas experiências paternas durante a pandemia.

3.5.3.1 Saúde mental paterna na pandemia

Inicialmente, será abordada a temática da saúde mental dos pais que participaram do estudo, pois evidências científicas apontaram para uma atenção voltada à saúde mental durante o período do distanciamento físico, frente a todas adversidades observadas com a evolução da doença no país e no mundo. O estudo desenvolvido por Silva (2020) no período do distanciamento no nordeste brasileiro apresenta evidentes alterações na saúde mental materna, com sintomas de ansiedade, cansaço extremo, estresse, irritabilidade, impaciência e preocupação. Sentimentos de angústia, desespero e medo de se contaminar eram frequentes. Outros estudos no âmbito internacional também mostraram uma diminuição nas emoções positivas e na satisfação com a vida enquanto o número de pessoas atingidas pela doença aumentava (LIMA *et al.*, 2020; SHER, 2020).

Observou-se que, para as famílias em vulnerabilidade social, essa realidade foi ainda mais difícil. O estudo de Ribeiro *et al.* (2020) apontou que, diante das situações de vulnerabilidade em saúde vivenciadas por essas famílias, emerge considerar as consequências

na saúde mental frente às medidas de distanciamento físico, além da divulgação nos meios de comunicação midiático do número crescente de registro diário de mortes por Covid-19 no Brasil e no mundo.

Apoiado nesses argumentos, quando questionado aos participantes do estudo sobre quais possíveis dificuldades enfrentaram durante a pandemia, foi observado que alguns, já inicialmente em suas narrativas, relatam um sofrimento devido a todo estresse vivido e a toda a carga emocional que a doença trouxe, como medo, angústia, tristeza, incerteza, episódios de ansiedade, depressão e desesperança, conforme observado nos trechos a seguir:

Difícil, foi cruel, porque eu estava ali pra morrer, eu estava além sem conseguir respirar porque parece que eu estava, eu achava que eu estava muito triste e também com covid [...]. Foi no período que eu tava mais adoentado. A minha esposa não confiava em mim porque eu tava ainda tentando me colocar na vida...e os remédios não tavam dando certo, eles ficavam trocando de remédio no CAPS direto. Aí a minha esposa não deixava eu chegar perto da minha filha, que era bebezinha né? Aí ela achava que eu ia estuprar ela, achava que eu era um monstro, que ia matá-la, entendeu? [...]. Aí eu estava deitado direto, não tinha força pra nem trabalhar (PAI 3).

Aquele período que tinha que ficar em casa, foi bem difícil. Bem difícil. Meu padraсто ficou doido. A gente saía pra fora de casa e quando era pra entrar dentro de casa ele queria botar pra gente tomar banho com água quente, pra matar os bichos. Queria que a gente esfregasse as roupa pra tirar as bactérias, mexeu bem com ele e com nós [...] (PAI 5).

Rapaz era todo canto essa covid lá. Em todo canto era gente falando que tinha sofrido, perdido, que tinha perda, que estava sofrendo, na minha família. Nós também perdeu dois tios duma vez só dentro de um mês. Isso é muito é relatório triste, muito mesmo (PAI 4).

E eu com a minha filha recém-nascida em casa, foi a época mais difícil porque eu ia trabalhar e já vinha com aquele medo sabendo que lá no meu trabalho estava tendo caso, né? Quando eu chegava em casa eu já era tirando a roupa diretamente pro banheiro eu já separava essa roupa pra poder lavar logo. Acho que eu tomava logo era um banho logo benzei todo de álcool em gel, né? Mesmo assim ainda encostava com medo da minha filha (PAI 9).

Para esses pais que participaram do estudo, a pandemia desencadeou diversos sentimentos frente ao avassalador número de mortos por dia no mundo todo. Assim, o medo de ser contaminado ou de ele mesmo ser agente propagador do vírus em casa era grande, já que alguns pais relataram estar trabalhando e, muitas vezes, sendo a única fonte de renda da casa. Foi percebido que os participantes apresentavam, além da angústia e dos sentimentos negativos durante a pandemia, o conhecimento da doença e a adesão às medidas de prevenção para o contágio contra a Covid-19, como o uso de máscaras, de álcool em gel e evitar aglomerações.

Esses achados se relacionam com os resultados de estudos que avaliaram a prevenção contra a doença, como o publicado por Sequinel *et al.* (2020), que afirma que o uso

de soluções alcoólicas para higienização das mãos e superfícies é antigo e se tornou amplamente utilizado devido à facilidade de aplicação. Outra publicação também corrobora o estudo ao trazer informações sobre prevenção aos pacientes e à comunidade (FERIOLI *et al.*, 2020).

Ressalta-se a importância de abordar mais a temática da saúde mental materna, pois observou-se que a maioria dos estudos avaliou a saúde mental das mulheres ou materna durante a pandemia. De qualquer modo, o investimento nessa modalidade de pesquisa é fundamental, como é o caso da coorte Iracema-COVID, que é um estudo pioneiro que realizou o acompanhamento longitudinal de mães que engravidaram e deram à luz durante um período de isolamento físico rigoroso devido à pandemia de Covid-19. É o primeiro estudo no Brasil a avaliar os efeitos da pandemia nas díades mãe-filho no primeiro ano de vida da criança (CASTRO *et al.*, 2022).

3.5.3.2 Dificuldades socioeconômicas e auxílios durante o distanciamento físico

No âmbito econômico e social, a pandemia também trouxe grandes repercussões para a população em geral. A pobreza e a insegurança alimentar (IA) afetam diretamente a vida da população em todas as regiões do mundo em diferentes níveis. Entretanto, sabe-se que a relação entre desigualdade e menor acesso à saúde não é algo novo, já que sempre se mostrou presente no cotidiano das populações marginalizadas, mesmo antes da ocorrência da Covid-19. Porém, com a chegada desse novo evento, uma parcela expressiva da população mergulhou em um estado de extrema pobreza, resultado da interação entre um histórico de desigualdade estrutural, social e econômica e o expressivo contingente de trabalhadores informais ou desempregados (BALTRUSIS; D'OTTAVIANO, 2009; POWER *et al.*, 2020).

No Brasil, segundo o NCPI (FUNDAÇÃO MARIA CECÍLIA SOUTO VIDIGAL, 2021), estima-se que existam 5,4 milhões de crianças de 0 a 6 anos vivendo em domicílios pobres (renda mensal abaixo de R\$ 250,00). Com o decreto de isolamento social no início de 2020, houve um potencial risco de aumento de insegurança alimentar através de múltiplos fatores, incluindo a perda de emprego e a perturbação das cadeias de abastecimento alimentar, principalmente nas regiões mais pobres do país, como no nordeste brasileiro (PEREIRA; OLIVEIRA, 2020; TORERO, 2020). Portanto, existiam estimativas de que o número de pessoas que sofrem com insegurança alimentar aumentasse de 27 milhões em 2019 para 41 milhões em 2021, e esperava-se que esse número aumentasse nos próximos anos (JOINT, 2021).

Estudo transversal analítico de Santana *et al.*, (2022) foi realizado no Ceará com

cerca de 2000 famílias com crianças em situação de vulnerabilidade social durante o período da segunda onda de Covid-19, avaliando a associação de políticas de transferência condicionada de renda para mitigar a insegurança alimentar (IA) entre famílias que vivem na pobreza. Assim, constatou-se a prevalência de insegurança alimentar em 89,1% dos participantes da pesquisa e de insegurança alimentar grave em 30,3%. Além disso, o número de pessoas que vivem no agregado familiar também foi estatisticamente associado à insegurança alimentar grave, com um risco aumentado à medida que o número de residentes aumentou. Observou-se ainda que as famílias que tinham condições de plantar ou criar animais para o consumo próprio apresentaram menores chances de insegurança alimentar.

Dessa forma, colaborando com os estudos citados acima, o desemprego e a insegurança alimentar também estiveram presentes neste estudo, quando citadas pela maioria dos homens em suas narrativas, trazendo as dificuldades que enfrentaram nesse período devido ao *lockdown* e a todas as consequências que isso trouxe para a população, como confirmado através dos excertos:

A dificuldade maior que teve às vezes foi o desemprego. Que emprego mesmo, não teve chance de ter emprego, né? Aí eu ficava lá em casa. Não tinha como trabalhar [...] (PAI 7).

E a pandemia chegou já dificultando muito em questão de as coisas ficaram bem mais caras. Bem mais caras, então o bolso sentiu mais, né? (PAI 14).

[...] na realidade eu não ficava em casa não, tinha que sair mesmo. Eu tinha que sair pra poder trazer alguma coisa pra eles comer. E aí eu ia fazer o que? Se eu tinha perdido as minha atividade de auxiliar de pedreiro? Ia pra reciclagem, né? Eu ia pro lixão, procurar aquelas latinhas, eu juntava e, quando era no outro dia, eu já ia vender [...]. Latinhas, garrafas, essas coisas, que é até uma renda a mais, né? Pra mim se manter aqui em casa e com meus filhos mesmo, mas até isso era difícil porque tinha dia que eles não deixava nós reciclar [...] (PAI 11).

Observou-se, portanto, que a pandemia também trouxe repercussões diretas na vida social e econômica dos participantes, pois, com o fechamento dos estabelecimentos comerciais devido ao distanciamento físico, gerou desemprego e a grande preocupação para aquisição de alimentos. Além disso, também foi relatada a impossibilidade de realizar suas atividades informais, como serviços que prestavam na comunidade, já que não tinham empregos formais. Corroborando isso, o NCPI (FUNDAÇÃO MARIA CECÍLIA SOUTO VIDIGAL, 2021) salienta que a taxa de informalidade de emprego no Brasil chega a 41,1%, correspondendo a 38,4 milhões de pessoas em serviços sem direitos trabalhistas.

Relatório do Banco Mundial (WORLD BANK, 2020) reafirma os achados do estudo ao salientar que a suspensão das atividades informais de comércio, como pontos de

venda e comercialização de produtos e gêneros alimentícios – ambulantes em feiras livres e restaurantes de baixo custo, por exemplo – prejudicou diretamente a renda das famílias brasileiras. As limitações à produção de alimentos e ao transporte de produtos agrícolas podem também trazer inúmeros prejuízos para as populações que dependem da produção e comercialização local e/ou importação de alimentos para consumo familiar e comunitário, bem como da obtenção de renda para a satisfação de outras necessidades básicas.

Por tudo isso, manter-se em casa, para muitas pessoas, foi praticamente impossível. Com o fechamento de estabelecimentos comerciais, a paralisação de obras, a diminuição nas frotas de ônibus e a abertura exclusiva dos serviços considerados essenciais, a economia do país foi diretamente afetada, pois muitos empregos ficaram comprometidos. Toda essa mudança brusca gerou uma grande crise financeira em diversos setores do comércio, já que muitos empresários se viram obrigados a dispensar funcionários para cortar custos, visto que não tinham como manter salários, enquanto outros negócios chegaram à falência (JOHNSON *et al.*, 2021).

A narrativa do Pai 11 retrata a realidade de alguns outros pais do estudo, já que a fome não podia esperar. Por esse motivo, ele precisou recorrer a outras alternativas para garantir o seu sustento e da sua família no auge da pandemia, encontrando na reciclagem uma esperança para dias tão difíceis. Assim, corroborando o exposto, o estudo de Christoffel *et al.* (2020) reafirma as dificuldades de cumprir as normas do distanciamento físico durante o período recomendado, pois estas se tornaram insustentáveis para muitas famílias carentes pela necessidade de sair diariamente para granjear o alimento diário por meio de trabalhos informais. Isso corrobora a pesquisa de Recto e Lesser (2021), que demonstrou que os pais participantes do estudo mantinham preocupação e medo da contaminação pelo SARS-CoV-2, podendo perder sua vida e dos seus familiares e amigos, mas precisavam trabalhar para garantir o sustento da família.

Mesmo com todas as dificuldades expostas acima nas narrativas, a pandemia também foi um momento no qual muitas pessoas que estavam em situação de vulnerabilidade social foram amparadas em meio a todo o caos pelo qual a população estava passando. Assim, desde o decreto da pandemia no Brasil, no começo de 2020, iniciou-se também um grande movimento de todas as esferas governamentais para garantir o apoio a essas famílias. Vale a pena ressaltar que no Brasil, desde o período pós-ditadura militar, algumas iniciativas e políticas enquadradas dentro do sistema de proteção social, juntamente com a estruturação da Constituição de 1988, deram início à garantia dos direitos sociais, com a atuação de diversos

setores da sociedade (KERSTENETZKY, 2012).

O estudo de Marins *et al.* (2021) retrata que desde 2003 o Programa Bolsa Família foi criado pelo Governo Federal, sendo uma referência mundial no combate à extrema pobreza e à fome. Com o passar dos anos, o programa foi evoluindo, beneficiando milhões de pessoas até os dias atuais. Todo este contexto serviu de base para a adoção do auxílio emergencial no Brasil, a partir de abril de 2020, depois de muita mobilização e pressão de organizações, movimentos, cidadãos e parlamentares preocupados com os impactos provocados pelas medidas de enfrentamento do Coronavírus nas famílias brasileiras. Para tanto, foi aprovada a Lei 13.982/2020, que propõe a Renda Básica Emergencial no valor de R\$ 600,00, ou R\$ 1.200,00 para mães-solo que estivessem na condição de trabalhadoras informais, autônomas ou microempreendedoras individuais pelo período de 3 meses, podendo ser estendida de acordo com a situação da pandemia.

No Ceará, cenário onde o estudo foi realizado, o Governo Estadual também instalou políticas públicas de proteção à população em situação de vulnerabilidade social que foram essenciais nesse momento tão difícil como a pandemia. A exemplo, o Cartão Mais Infância, que beneficia com um adicional ao Bolsa Família de R\$100,00 as famílias em situação de vulnerabilidade social com crianças na primeira infância. O Programa Vale Gás de cozinha também ajudou muitas pessoas. No estudo de Santana *et al.* (2022) foi observado que estes programas estavam auxiliando as famílias em estágio de fome, atingindo a população com maior prevalência de insegurança alimentar.

Desta forma, corroborando os estudos apresentados, foi questionado aos participantes da pesquisa se houve alguma facilidade durante o período da pandemia. Foi evidenciado, portanto, pela maioria dos participantes, que os auxílios e benefícios garantidos pelas esferas governamentais os ajudaram em casa de alguma forma. Além disso, o apoio de ONGs, de entidades públicas e privadas, da escola e da própria comunidade, também foi essencial para garantir o sustento das famílias em situação de vulnerabilidade social, conforme exposto:

Apesar de ter sido um pra muita gente muito perversa, muito cruel, né? Mas pra minha família não foi mais difícil, porque teve esses auxílio, nós não pegamos essas doenças, porque se nós tivesse pegado ia ser totalmente diferente, mas nós tivemos muitas ajuda, entendeu? Ajuda de gente da associação que chega com cesta básica, aqui do IPREDE que ajudou muito nós com as cestas, shampoo e até álcool em gel, essas coisa. Aí pra nós foi um pouco melhor, não vou dizer que foi bom, mas pra nós acho que foi realmente melhor [...] (PAI 4).

Foram muitas ajudas que tivemos. Eu lembro que a creche também estava dando também uma cesta básica. Aí pronto, aí tinha essa ajuda do auxílio do governo. Aí

tudo isso ajudava e complementava e a gente ia levando. Teve uma época que a ENEL E CAGECE deixou a gente não pagar contas, acho que foi dois meses se eu não me engano, e isso ajudou também. Aí eu lembro que nessa época, graças a Deus, que a minha mãe já tinha a aposentadoria, aí ela ajudou muito também, se não fosse isso eu nem sei, cara (PAI 3).

Para esses pais, todas as formas de ajuda nesse período eram fundamentais. Ressalta-se o apoio de membros da própria família e da comunidade, que ajudaram com o pouco que tinham, assim como o auxílio da população em geral, que foi mobilizada a ajudar. Nesse momento, muitas mãos foram dadas para amparar, de alguma forma, estas famílias em vulnerabilidade. Assim, destacam-se os trabalhos de Instituições do Terceiro Setor, como o Instituto da Primeira Infância (IPREDE) que, através de muita luta e trabalho, levaram esperança para as casas dessas pessoas.

Nesse cenário, o estudo de Clemente (2021) retrata todo esse movimento para levar dignidade à lugares invisibilizados para a maioria da população abastada: as comunidades. Assim, o Projeto Doação possibilitou ao IPREDE, por intermédio do UNICEF, estabelecer uma parceria com o Instituto Unibanco no âmbito da qual, durante 90 dias, realizou-se a distribuição diária de duas mil “quentinhas”, novecentos litros de sopa e também a distribuição mensal de duas mil cestas básicas e dois mil *kits* de higiene em comunidades carentes de Fortaleza e em diversos municípios do estado do Ceará. A doação foi realizada também a todas as famílias que eram atendidas no IPREDE.

Alguns participantes da pesquisa relataram que consideravam estar trabalhando como algo providencial nesse período de pandemia e que, complementando a renda que tinham com os programas de auxílio emergencial, isso os ajudou a passar pelo período difícil, conforme observado nas narrativas:

[...] o bom que eu estava trabalhando, não é? Sabe? Trabalhando a gente consegue alguma coisa. Teve dificuldade, mas também foi um período bom, porque estava juntando a minha renda com o bolsa família, não é? Aí estava melhor. Agora só com a renda do bolsa família, como está agora, fica apertado (PAI 12).

[...] a única coisa que tinha era o trabalho, né? Que eu tava trabalhando. Também não podia deixar de trabalhar, porque tinha que comprar fralda, tinha que ir, né? Ajudar nas coisas dentro de casa, porque facilidade mesmo não teve não e as coisas tudo aumentando, né? Foi uma ajuda foi o auxílio emergencial do governo. Ali foi uma, foi uma ajuda a mais pra todo mundo (PAI 9).

Assim, observa-se que ter a possibilidade de estar trabalhando durante o período da pandemia, mesmo com todo o receio da contaminação, como já citado anteriormente, foi um fator protetivo para essas famílias em relação à situação econômica familiar, juntamente com os programas de transferência de renda dos governos. Assim, este achado corrobora o estudo

de Santos *et al.* (2022), que afirma que, com o processo do desenvolvimento das sociedades modernas, o trabalho começou a fazer parte da vida das pessoas, ocupando um lugar central. A partir do trabalho, tem-se a possibilidade de construir identidade, interagir e possuir suporte social, minimizar a monotonia, encontrar desafios e obter renda.

Um trecho da obra do cantor Gonzaguinha, do álbum “Alô, alô Brasil”, de 1983, contido na canção “Um homem também chora (Guerreiro menino)”, é repleto de sentimento e fala do lugar que o trabalho ocupa na vida de um homem, sendo fundamental à sua existência.

[...] O homem se humilha
Se castram seu sonho
Seu sonho é sua vida
E vida é trabalho

E sem o seu trabalho
Um homem não tem honra
E sem a sua honra
Se morre, se mata

Não dar pra ser feliz
Não dar pra ser feliz [...]
(Um Homem Também Chora (Guerreiro Menino), 1983, Gonzaguinha)

Um estudo de Gabriel *et al.* (2017) relatou que o trabalho tem um papel central na identidade do homem e no (re)investimento na relação conjugal, reforçando a importância que o trabalho tem para tornar o homem “digno” de conviver em sociedade, possibilitando ter mais confiança em si, melhorando assim sua autoestima enquanto homem e pai. Portanto, o trabalho exerce uma forte influência na masculinidade, visto que os homens geralmente buscam ter sucesso profissional como forma de serem mais confiáveis perante a sociedade.

3.5.3.3 Descobrindo ser pai na pandemia: experiências paternas durante o lockdown

Por fim, ainda nessa categoria central, foi questionado aos participantes do estudo sobre como foi para eles exercer o seu papel de pai durante o período da pandemia. Essa pergunta foi necessária para compreendermos o processo de adequação dos pais frente a tantas mudanças devido a esse novo período.

A pandemia por Covid-19 veio trazer mais desafios para a parentalidade (MEIRELLES, 2022). Neste novo cenário as ações cotidianas tiveram que ser reinventadas para alguns pais e construídas do início para outros homens, já que algumas crianças nasceram durante a pandemia.

Por ser um período de reorganização nas rotinas familiares, com a suspensão das

atividades da escola, das atividades laborais e de lazer, as famílias passaram mais tempo juntas em casa. Isso trouxe muitas demandas para os pais e cuidadores no ambiente domiciliar frente aos desdobramentos que a pandemia vinha tendo ao redor do mundo. Corroborando o exposto, a Fundação Maria Cecília Souto Vidigal (2021) publicou um estudo sobre as interações na pandemia entre pais e cuidadores de crianças de 0 a 3 anos em tempos de Covid-19. Como contribuição da pesquisa, é possível ter acesso a evidências de que as crianças estiveram expostas a diversos fatores geradores de estresse, como o convívio com os pais tensos e sobrecarregados; a ausência da escola, que era um local de promoção da socialização e de proteção; e a perda do convívio com amigos, comunidade e avós. A publicação também evidencia a valorização do professor e da escola como espaço de promoção do cuidado.

Dessa forma, foi observado que a maioria dos participantes da pesquisa relatou ter vivenciado verdadeiramente o sentido de ser pai durante o período da pandemia, pois passaram mais tempo junto às crianças no ambiente domiciliar. As preocupações com a família também foram relatadas devido à transmissibilidade do vírus, como pode-se verificar nas narrativas abaixo:

Foi uma experiência que eu não tinha vivido, né? Com essa doença que chegou. Perante essa pandemia, muito receoso em pegar essa doença, né? Pra não acontecer nada, pra gente ter uma família de classe baixa, né? Tomamos bastante cuidado em casa, com todos os processos que teria que ter tomado, máscara, álcool em gel [...]. Nessa época eu tava trabalhando de frentista [...] eu saía pra trabalhar cedo e voltava a tarde, tava reduzido o tempo de trabalho por conta da pandemia, aí a gente começava a ter relacionamento de pai e filho. Eu tenho um relacionamento de pai e eu fico com eles. De deixar eles à vontade, brincar, criar a criatividade da mente deles, né? Deixar eles à vontade (PAI 10).

Nesse período aí da pandemia foi bom, porque eu me aproximei mais, né, deles. Eu entendi o que é ser pai também. Que ser pai não é só sustentar, né? Dar o sustento do filho, tem que estar lá presente, também (PAI 13).

Para esses pais, experimentar a paternidade em um período de adversidades como a pandemia, além de muitos desafios e da necessidade de resiliência, também possibilitou um maior convívio com os filhos. A narrativa do Pai 10 mostra como ele relatou ter tido mais tempo com os filhos. Houve outro paradigma, diferente do observado através de estudos anteriores, como o de Yavorsky *et al.* (2015), que evidenciou que os pais gostariam de ter mais tempo com os filhos, pois as demandas de trabalho impossibilitavam-nos de estarem mais presentes. Dessa forma, os pais e as crianças puderam criar memórias afetivas estando juntos, estabelecendo um vínculo único de amor e afeto, fundamental para um pleno desenvolvimento infantil, e estimulando a participação do pai de forma ativa na vida da criança.

O discurso do Pai 13 demonstra o quanto a pandemia ajudou os homens a

entenderem o ser pai de forma diferente do que estavam acostumados, pois eles passaram a dissociar o papel do genitor apenas como provedor financeiro, vivenciando um outro lado da paternidade. O trabalho de Santos *et al.* (2022) corrobora estes achados da pesquisa ao trazer estudo que aponta que os homens estão redefinindo o seu papel na sociedade, rompendo com paradigmas tradicionais na construção de um novo modelo para a vivência da sua masculinidade, se afastando de imposições sociais até então estabelecidas (BALANCHO, 2012; BRASIL, 2016).

Percebe-se que houve uma transformação na postura e no comportamento de alguns homens do estudo ao se tornarem pais, aumentando o senso de responsabilidade neles e modificando práticas e costumes que tinham, mas que não se adequam mais em suas vidas no período atual. Nesse sentido, a pandemia pode ter contribuído para o surgimento deste “novo modelo paterno”, que ainda está em construção, já que as relações no ambiente doméstico se intensificaram, conforme exposto nas narrativas abaixo:

Eu também um tempo desse eu estava bebendo muito. E aí depois que a Maria Luiza nasceu procurei mudar né? Mudei bastante. Não bebo mais. Eu gostava de ir pro campo assistir um jogozinho de bola, mas não gosto mais. Não me entra mais não. Tudo pra mim assim é pra mim estar em casa, brincando com ela. O que me faz mais feliz é isso. Não tem outra coisa que me faça mais feliz. Uma roda de bebida não me faz mais feliz do que tá com a minha filha. Eu sempre procurei dar uma coisa boa pra elas, né? Botei um ar-condicionado lá e tal. Porque a menina ela passou dez meses no hospital, no começo da pandemia, quando ela nasceu, aí pra ela chegar em casa, eu deixei a casa toda acomodada e adaptada pra ela (PAI 6).

Eu percebi que no começo, quando meu filho nasceu, a dificuldade foi mais por ser uma rotina bem nova e uma responsabilidade muito grande, porque havia uma vida que dependia cem por cento da minha responsabilidade e da minha esposa (PAI 14).

Os achados desta pesquisa corroboram o estudo de Dal-Rosso *et al.* (2019), que evidenciou que, ao vivenciar as experiências da paternidade, os homens demonstraram ter tido um amadurecimento, além de reflexões e atribuições a respeito da paternidade. A pesquisa de Beraldo *et al.* (2016) também vai ao encontro do presente estudo, pois relata as transformações provocadas pela paternidade no homem ao notar a necessidade da mudança de rotina e da implementação de um planejamento familiar, já que esses elementos são inerentes a uma adaptação à presença dos filhos. Portanto, pode se fazer necessário que o homem “abra mão” de determinados gostos e comportamentos, como ir a festas, beber e gastar dinheiro com coisas para si ou até gastos desnecessários. A respeito disso, o estudo salienta que, antes da paternidade, os homens não tinham motivações para modificar esses comportamentos, por isso se consideram mais maduros depois que se tornaram pais.

Na presente pesquisa, percebeu-se, ainda, o relato de alguns pais sobre vivenciar a

paternidade pela primeira vez durante o período do isolamento social. Todas as dúvidas, os medos e as incertezas em relação ao nascimento da criança foram elevados pelo momento delicado que o mundo estava passando, conforme observado nas narrativas a seguir:

E quando eu descobri que ia ser pai na pandemia eu fiquei muito feliz, que eu sempre quis ser pai. Inclusive porque quero sempre estar presente [...]. Quando a minha mulher tava grávida, fazia muito carinho na barriga dela que eu sabia que ele tava lá, acreditava no meu menino, falava muito com ele, eu assisti até jogo no celular...assim pra ele ouvir do time e tal, mas ficava sempre eh cuidando dela e cuidando dele, Sabia que uma hora ele estava escutando, que eu estava presente [...]. Quando ele nasceu, ele começou a chorar, por estar com fome, daí eu fiquei meio desesperado, porque eu não sabia o que ele sentia. Era uma coisa muito nova pra mim. Aí foi na hora de mamar, aí ele estava não estava conseguindo pegar o peito direito, mas acabou pegando (PAI 14).

Assim, por um lado eu fiquei feliz, né? Ser pai a primeira vez, mas por outro lado eu fiquei muito muito preocupado, né? Porque teve aí essa essa doença aí. Porque minha filha está nascendo na época bem bem difícil. Mas sempre confiando em Deus, sabendo que aquilo ia passar e eu ia e a gente ia superar. Pra você ver como o negócio tava sério, o pai não podia entrar no parto e eu não vi minha filha nascer [...] (PAI 9).

Ah foi uma benção! Pela primeira vez ser um pai. Eu fiquei mais foi com meu filho, não sai mais não, porque era a minha esposa quem trabalhava na época, aí eu ficava mais era com ele tomando de conta dele, dando o leite dele. Aí ficava assim interagindo com ele (PAI 7).

Nota-se que, para estes pais de “primeira viagem”, a paternidade trouxe inúmeros desafios: não apenas pelo fato de que as crianças tenham nascido em meio a uma pandemia, mas também por envolver questões básicas inerentes a esse período, como os primeiros cuidados com o bebê. Assim, dar banho, trocar fraldas, propiciar um cenário para a amamentação, auxiliando a sua esposa para ter uma melhor experiência no processo, foram algumas atividades relatadas que denotam uma participação paterna mais ativa na vida do filho. O relato do Pai 14 mostra que a experiência de se tornar pai teve início ainda na gestação do bebê, quando referiu ter tido uma preparação e um cuidado com o bebê e a esposa, possibilitando estabelecer uma relação de afeto e confiança com o feto, através de muito carinho na barriga e conversas com o bebê.

Publicações evidenciaram que o homem só começava a vivenciar a sua paternidade com mais intensidade depois do nascimento da criança, tornando o seu desejo real (SALEH *et al.*, 2011; BRAZELTON *et al.*, 2004a). Porém, essa realidade tem sido modificada ao longo dos anos, por exemplo, através da participação masculina no pré-natal junto à mãe, possibilitando ouvir os batimentos fetais do bebê, e assim criando vínculo com o feto desde a vida intrauterina (MARQUES, 2016).

Nesse sentido, o feto consegue distinguir o discurso das figuras de referência

durante a gravidez, o que irá permitir o reconhecimento das vozes que lhe são familiares depois do nascimento e potencializar o processo de vinculação (SILVA; LOPES, 2016). Desta feita, a presença proativa do pai na gravidez é fundamental, devendo esta ser promovida cada vez mais, de forma a permitir uma transição positiva para a parentalidade (PORTUGAL, 2019). O estudo de Guedes (2022), realizado com pais durante o período da pandemia, também corrobora os resultados da presente pesquisa, visto que evidenciou uma expressiva participação paterna durante a gravidez no processo de comunicação com o feto através da voz ou do toque. Para a maioria dos pais, esse cuidado teve início a partir do momento em que começaram a sentir os movimentos fetais e a visualizarem um maior volume abdominal nas suas companheiras.

Porém, o relato do pai 9 traz uma triste realidade evidenciada pela pandemia: a proibição da participação paterna em consultas e exames de pré-natal nos postos de saúde, assim como a não participação antes do parto, durante e após a sua realização devido às medidas de isolamento em vigor naquele momento. Mesmo tendo ciência da importância da limitação no número de acompanhantes e visitantes recomendados para os nascimentos na pandemia, são indiscutíveis os prejuízos que essas ações trouxeram para a parentalidade (CENTERS FOR DISEASE CONTROL AND PREVENTION, 2020a, 2020b, 2020c). No Brasil, a Federação Brasileira das Associações de Ginecologia e Obstetrícia (FEBRASGO) estabeleceu diretrizes específicas para o parto, o puerpério e o abortamento durante a pandemia. Estas permitiram que cada instituição definisse a permissão ou não de acompanhantes, recomendando a presença de apenas um durante todo o processo de parto e pós-parto (FEBRASGO, 2020). A presença de acompanhante para a mulher no trabalho de parto, parto e pós-parto imediato é lei federal (FUNDAÇÃO OSWALDO CRUZ, 2020) e deve ser respeitada, entretanto, observou-se que alguns serviços de saúde brasileiros negaram a presença do acompanhante, corroborando os achados da presente pesquisa.

Por tudo o que foi exposto, o distanciamento físico foi um “divisor de águas” nas relações de cuidados parentais, com inúmeros desafios enfrentados, mas também com muitos ensinamentos que serão levados às gerações futuras. Assim, a necessidade de explorar o material empírico que foi coletado é essencial para compreender como os cuidados paternos têm sido realizados nos dias atuais e como as crianças estão desenvolvendo o brincar. Portanto, a próxima categoria central busca abordar essas questões narradas pelos participantes.

3.6 Da angústia à esperança: o brincar que salva e as perspectivas para o futuro

Em 22 de Abril de 2022, o Ministério da Saúde (BRASIL, 2022) decretou o fim da pandemia em todo território nacional através de uma portaria que declara o fim da Emergência em Saúde Pública de Importância Nacional (ESPIN). Para isso, considerou a capacidade de resposta do Sistema Único de Saúde (SUS), a melhora no cenário epidemiológico no país e o avanço da campanha de vacinação, o que permitiu a queda na transmissão de Covid-19 em 80% na média móvel de casos e óbitos. Em relação às taxas de imunização, o Brasil alcançou a marca de 487 milhões de doses distribuídas pelo Governo Federal, o que corresponde a cerca de 81% da população brasileira com a primeira dose e 74% com o esquema vacinal primário completo. Além disso, mais de 74 milhões de pessoas tomaram a dose de reforço.

Mesmo com os efeitos negativos que a pandemia trouxe para a vida da população mundial, a possibilidade de voltar às atividades de forma gradual, com o retorno de serviços considerados como não essenciais – serviços gerais de saúde, escolas e instituições de ensino, indústrias e comércio e atividades de lazer e entretenimento – trouxe um alívio para todos e a esperança de seguir adiante.

Os cuidados parentais que foram exercidos durante o distanciamento físico trouxeram inúmeras vivências que serviram de base para os pais que são hoje. Da mesma forma, as rotinas criadas durante esse período foram substituídas por novas atividades que, lentamente, iam saindo dos espaços domésticos e chegavam às ruas novamente. Assim, as infâncias puderam ser vividas como realmente merecem e as crianças puderam exercer o seu direito de brincar de forma livre e mais leve.

Esse mesmo brincar, durante o período do distanciamento físico, já foi descrito na categoria anterior pelos participantes da pesquisa como forma de buscar compreender como foi realizada essa ação na visão paterna. Assim, correlacioná-la às práticas de brincar nos dias atuais, seja no ambiente doméstico, seja na escola ou seja na rua, é essencial para alcançar o pleno desenvolvimento infantil, estimulando a criatividade e o aprendizado, além de construir memórias afetivas duradouras.

Por esse motivo, foi indagado aos participantes da pesquisa quais seriam as brincadeiras que estão sendo realizadas pelos seus filhos nos dias atuais. Também foi perguntado quais seriam as expectativas que os homens têm para o futuro dos seus filhos.

3.6.1 O brincar nos dias atuais – pós pandemia

O brincar é algo espontâneo que pode ser realizado em diferentes lugares, como em casa, nas ruas, em praças e parques. Ao brincar, a criança conhece o mundo ao seu redor, adquire habilidades importantes, como a memória, e desenvolve o aprendizado, a motricidade e a sociabilidade (FANTACHOLI, 2011, p. 1). Por esse motivo, com o fim do decreto de distanciamento físico e a gradual reabertura dos estabelecimentos, as famílias passaram a frequentar novamente os espaços comuns nos grandes centros urbanos, como praças, parques, equipamentos sociais na comunidade, *shoppings*, praias, dentre outros lugares. Dessa forma, o brincar ultrapassou as paredes dos domicílios e passou a ser realizado nesses ambientes.

As brincadeiras ao livre são fundamentais para o desenvolvimento da criança, pois a natureza permite ao sujeito apreciá-la de corpo e alma. Mendonça (2017) afirma que nosso organismo tem uma capacidade de percepção muito maior do que os cinco sentidos conhecidos, sendo os outros sentidos difusos em nosso corpo inteiro. Associado a isso, o estudo de Cohen (2007) classifica estes outros sentidos em quatro categorias: radiações, sensações, químicos e mentais. Sendo assim, quando estamos em contato com natureza, o nosso corpo tem chances de vivenciar e explorar todos os sentidos, afinal, estar em contato com o ambiente natural desperta em nós inúmeras sensações a depender da experiência vivida.

3.6.1.1 O retorno das brincadeiras no ambiente externo

Os parques e as praças são locais bastante procurados pelas famílias nos dias atuais, pois são de livre acesso, democráticos e atrativos para crianças e adultos. Os balanços, os escorregadores e a areia no chão funcionam como um meio de aprendizado na hora da brincadeira, visto que as crianças convivem com outras, aprendem valores e descobrem sensações. Corroborando o exposto, o estudo de Souza, E. C. S. (2011) traz que, principalmente na primeira infância, o ato de brincar está presente em todo o processo de aprendizado, possibilitando o desenvolvimento motor, afetivo, social e cognitivo, vivenciando momentos e criando memórias que perduram por toda a sua vida.

Esses argumentos vão ao encontro dos resultados do presente estudo, já que as narrativas dos participantes evidenciaram que, com a finalização das exigências de distanciamento físico, o local onde as crianças mais gostam de brincar é justamente fora do ambiente doméstico, o que inclui passeios no parque, na praia ou mesmo na frente de casa com

maior tranquilidade. O fim da pandemia trouxe mais liberdade para as crianças, já que o brincar livre pôde ser executado de forma plena, como demonstrado a seguir:

Acho que ela precisa sair, que ela é muito só dentro de casa pra terapia e tal, eu procuro levar ela pro parquinho, botar ela no escorregador segurando ela assim e tal. Tu é doido. Tento fazer de tudo pra não ficar com ali cabisbaixo, Entendeu? Pra animar, né? Pra fazer ela socializar. Ficar ali igual as outras crianças. Eu tento não fazer com que ela pense: "Vixe, eu não posso, isso não é pra mim". Pra mim a deficiência dela não tem limite não. Eu vou botar ela pra cima [...]. Agora a gente pode sair, a gente pode passear, levar ela pra praça, levar ela pra uma praia, pra piscina, tal, pra qualquer canto. Pra não deixar a menina só em casa [...] (PAI 6)

Eu e meus filho brinca diariamente. É porque onde nós mora, tipo assim lá em frente é tudo aberto. Eu joga bola mais com os meninos, eu faço de tudo com os meninos dentro de casa e mais fora também agora. Eu me acordo brincando com meus filhos, graças a Deus. Aí se dão tudo bem lá, tudo a minha família lá, nós joga, brinca de bingo, nós amanhece o dia jogando bingo, não tem como dizer que é ruim não. Graças a Deus né? Coisa boa, coisa boa. A gente veve muito bem lá (PAI 4).

[...] a gente passou a brincar muito mais fora [...]. A gente sai pra brincar no parque, eu comprei um carrinho pra ele andar em cima, aí a gente passa a brincar muito mais fora, porque ele sempre vive muito tempo em casa, assim ele conhece um pouco do bairro, conhece outras crianças, ele gosta de brincar com outras crianças (PAI 14).

Evidenciou-se, dessa forma, que as famílias procuraram outros locais para brincar além do ambiente doméstico. Lugares onde as crianças pudessem correr ou passear ao ar livre e interagir com outras crianças. Um estudo recente publicado por Tavares *et al.* (2023) e realizado na região Norte do Brasil avaliou como as crianças estão utilizando os espaços públicos para brincar. Os resultados apontaram que brincadeiras foram realizadas de diferentes maneiras, porém, pertencem ao mesmo tipo de classificação, que, em sua maioria, foi a de exercício físico. Assim, algumas crianças utilizaram os brinquedos do parque, já outras brincaram nas áreas livres, semelhante ao que foi observado na presente pesquisa quando houve uma maior procura por brincar em praças e parques após a pandemia.

Corroborando esses achados, o estudo de Borges (2008) salienta que a funcionalidade dos parques infantis vai muito além de serem um passatempo, pois eles proporcionam múltiplos benefícios para a criança. No parque, a criança tem a possibilidade de explorar, solucionar questões, se desafiar, satisfazer a sua curiosidade, além de construir seu próprio conhecimento. Além disso, é também um local que proporciona a convivência com outras crianças, possibilitando a socialização. As mudanças sociais também contribuíram para que o parque se tornasse um local crucial na vida da criança.

Nesse sentido, os participantes do estudo também relataram que nesses ambientes as crianças tiveram a oportunidade de voltar a interagir com outras pessoas, já que, durante o distanciamento físico, elas tinham contato apenas com familiares, como observado nos trechos

a seguir:

Hoje eu vejo que tem mais menino pra brincar com ela, do que a gente brincar, né?! Porque lá em casa chega as meninas dos vizinhos e dizem assim pra minha filha: "Bora brincar? Aí eu digo: "então é o seguinte, vou fazer aqui uma limpeza pra vocês vim pra cá pra casa ou brincar aqui em frente", e aí as meninas vem e brincam com ela. Enquanto isso eu vou dar uma saidinha pra trabalhar na reciclagem. E quando eu chego às vezes elas estão lá brincando, as vezes elas já foram embora, depende [...] (PAI 3).

[...] o que é que eles brincam hoje, né, eles brincam com as com as motinha lá do meu outro filho ou com uns brinquedo deles, só que agora eles botam na calçada e brincam lá em frente a casa. Aí eles ficam lá aí os colega também tudo brincam. E aí hoje é mais tranquilo isso do que naquele tempo, porque eles brincavam sozinhos ou entre eles, porque eu não podia. Eu acho que é mais tranquilo agora, porque eles já estão crescendo, tão grande. Aí eles vão entendendo como brincar, né (PAI 11).

Essa realidade vivenciada pelas crianças do estudo nos dias atuais corrobora o estudo de Clemente (2021), já que as crianças que estavam cumprindo o distanciamento físico tinham muita vontade de poder retomar a vida cotidiana, pois tinham muita saudade dos momentos de convivência com os amigos. Isso possibilita a criação de um ambiente favorável a novas experiências, que é essencial para o pleno desenvolvimento infantil. Mais do que apenas uma companhia, o brincar em conjunto favorece a compreensão de valores humanos importantíssimos, como os de aprender a partilhar, a se comunicar e a vivenciar experiências únicas com os amigos.

Porém, os espaços públicos nem sempre são propícios ao brincar. A falta de infraestrutura e manutenção, associada à insegurança urbana, são os principais motivos destes não serem tão bem aproveitados nos dias atuais. Nesse sentido, Barros (2018) afirma que, com a crescente urbanização das cidades, os espaços para lazer e brincar são repensados, visto que eles não são construídos para deixarem as crianças livres de forma segura e aproveitando a natureza. Assim, é preciso que a sociedade possa refletir sobre como está acolhendo as novas gerações, pois “independente do tamanho da cidade, o mundo natural tem deixado de ser visto como elemento essencial da infância” (BARROS, 2018, p. 16).

Infelizmente, as desigualdades socioeconômicas entre as diversas regiões das cidades são bem acentuadas atualmente, o que pode ser um fator desestimulante para frequentar esses espaços, que já foram mais ocupados em um passado recente, quando a criminalidade não era tão presente como hoje. O estudo de Tavares *et al.* (2023) mostrou que, devido aos avanços sociais, o aumento do tráfego de veículos e os altos índices de violência, tem se buscado outras alternativas para o brincar em razão das mudanças que tem acontecido nas cidades. As áreas públicas para o brincar foram reduzidas devido ao aumento populacional (BUCKINGHAM,

2007).

Isso também é vivenciado pelos participantes da pesquisa, quando demonstraram se sentirem inseguros e preocupados ao permitirem que seus filhos brinquem sozinhos em locais públicos. O brincar livre na rua não é o mesmo vivenciado na infância dos pais integrantes deste estudo, quando a liberdade era maior e a segurança também. Com o aumento cada vez mais crescente da marginalidade nos bairros, além destes estarem sendo dominados por grupos de facções criminosas, o brincar na rua precisa ser supervisionado para a preservação do bem-estar das crianças e para a proteção de suas vidas. Assim, percebeu-se esta preocupação no discurso de alguns participantes, conforme exposto a seguir:

[...] hoje eles brincam dentro de casa, mas também eles saem, né? Brincar lá fora também. Aí lá tem uma Pracinha lá, com uns balanços. Às vezes eles correm pra lá e brincam um pouco, um pouquinho mesmo, porque, é como eu tô dizendo, é muito distante da minha casa. E agora lá também tem 2 facções, aí o pessoal lá não pode se misturar, sabe? Não tem como, né? Por isso que quando elas chega aqui no IPREDE, elas se soltam e vão brincar (PAI 12).

[...] na minha infância, eu brincava mais solto. Minha mãe não tinha aquele negócio de ficar toda hora no pé, como hoje em dia, porque você não deixa mais as crianças livres. Pelo menos eu, no meu caso, eu não deixo. Eu fico toda hora ali. Minha filha fica brincando na rua, mas eu tô o tempo todo ali de olho direto. Antigamente não tinha isso, porque você podia brincar sem tanta preocupação como hoje, né? Por causa dessas coisas que tá tendo agora, com esses negócio de facção... Esses negócio aí tudo. Aí pronto, como antigamente você tinha mais liberdade [...] eu brincava de boa, não tinha nenhuma preocupação como as coisas são hoje [...] (PAI 3).

O termo “facção” foi relatado nos discursos de alguns participantes e é utilizado para designar grupos de organizações criminosas que hoje estão presentes em todos os estados brasileiros. Percebe-se, ainda, o receio em usar o termo “facção” na fala do Pai 3, devido à forte presença na região onde mora, em Fortaleza, Ceará. O estudo de Lourenço (2022, p. 168) afirma que

[...] as chamadas facções criminosas constituem parte integrante da cadeia de relações econômicas, sociais e políticas dentro das unidades prisionais, influenciando também as dinâmicas em áreas urbanas, onde exercem poder. Assim, é possível dizer que o crescimento desse fenômeno social nas últimas duas décadas teve um duplo impacto, por um lado nas prisões, por outro em áreas urbanas.

Alguns bairros ou regiões são dominados por facções criminosas rivais, o que causa na população um grande medo. Estudo anterior de Karsten e Vliet (2006) evidenciou que, como efeito desses fenômenos relacionados à violência – alguns tipicamente urbanos – o brincar foi deslocado de fora para dentro. Dessa forma, as crianças perderam o espaço externo e o espaço público urbano tem se tornado menos utilizado e acessível. Corroborando o exposto, o Pai 12

relata em sua narrativa que a região em torno de onde mora é muito perigosa e gerida por facções. Assim, demonstrou que se sente mais seguro quando, quinzenalmente, suas filhas vão ao Instituto da Primeira Infância (IPREDE), pois lá elas podem brincar de forma livre e segura, possibilitando ter experiências que trazem benefícios ao aprendizado e ao desenvolvimento infantil.

Por tudo isso, o brincar nos dias atuais tem sido realizado na sua essência: de forma pura. Mesmo com todas as marcas deixadas pela pandemia, as brincadeiras junto aos amigos – no ambiente domiciliar, na rua ou em praças e parques – têm levado alegria e sorrisos para muitas crianças, podendo construir a base para formar adultos responsivos e com valores.

3.6.1.2 O brincar no ambiente doméstico nos dias atuais

O ambiente doméstico é um local onde as crianças se desenvolvem e constroem suas histórias, suas rotinas e suas memórias através das brincadeiras, acompanhadas de seus familiares ou, algumas vezes, sozinhas. Esse brincar que tradicionalmente era realizado com o uso de objetos e jogos, como carrinhos, bonecas, jogo da memória, entre outros, foi lentamente sendo modificados ao longo da década de 1990 com a crescente globalização e com os avanços tecnológicos, trazendo o surgimento dos jogos eletrônicos, dos computadores e dos aparelhos celulares, que na atualidade evoluíram para os *smartphones*.

Desse modo, o estudo de Cotonhoto e Rossetti (2016) relata que a cultura infantil foi influenciada pelo uso das mídias digitais nos últimos anos, fazendo com que crianças menores de sete anos tenham tido interesse por jogos e brincadeiras disponíveis em aparelhos eletrônicos. As crianças da segunda infância, por sua vez, estão cada vez mais acessando a *internet* através de *tablets* e do celular e deixando de lado brincadeiras com bicicletas, bonecas, entre outros jogos e outras maneiras de brincar.

Apesar de já ter sido relatado pelos pais do presente estudo na análise categórica anterior, vale a pena ressaltar que o cenário pandêmico foi mais propício para que as crianças ficassem expostas a telas por mais tempo, trazendo prejuízos comportamentais e de linguagem. Pode-se citar também um estudo de base populacional, transversal, com amostragem em grupo entre crianças de 0-60 meses de idade, com um total de 3155 participantes residentes no estado do Ceará, que evidenciou que 69% delas foram identificadas como expostas a tempo de tela excessivo. Essa porcentagem de tempo de tela em excesso aumenta com a idade da criança de 41,7% em crianças de 0-12 meses para 85,2% em crianças de 49-60 meses. Cada hora adicional

de tempo de tela foi associada a menor comunicação infantil e menor pontuação de domínio pessoal-social (ROCHA *et al.*, 2021b).

Dessa forma, apesar de algumas narrativas dos participantes do estudo evidenciarem que as crianças gostam de utilizar brinquedos, como carros e bonecas, dentro do ambiente domiciliar, foi percebido que os jogos eletrônicos e as atividades com uso de telas com acesso à *internet*, como *tablet*, celular e televisão, ganham destaque na fala dos pais, sendo atualmente uma prática cada vez mais frequente na rotina das crianças. Ainda que o controle do tempo gasto com essa atividade tente ser empreendido pelos pais, percebe-se que isso é algo difícil para eles, como pode-se verificar nos excertos:

Eu e meus filho brinca diariamente. Nós joga, brinca de bingo, nós amanhece o dia jogando bingo, não tem como dizer que é ruim não. Graças a Deus, eu só tenho a agradecer a Deus, né? Coisa boa. A gente veve muito bem lá [...]. Mas eles preferem mais os celular e os *tablet*, porque tem muitos jogos, né? Eles prefere o celular, mas eu sempre estou querendo controlar e tentando tirar, afastar logo o celular e os *tablet* deles pra eles interagir com mais sem ser celular, né?" Hoje eles não têm muito costume de brincar com aquelas coisas de antigamente. Aí as influências que tem que dar é a gente, né? Então eu procuro brincar com eles, fazer uma pipa, brincar de bila, peão, pra ver se eles brinca. Eu ensino, porque eu sei, entendeu? (PAI 4).

[...] também brincam no celular, que a gente luta tanto pra ela não pegar, mas ela tem que mexer. O professor da escola dela já falou pra gente: "Oh, deixa mexer, mas deixa pouco, porque ela pode iniciar ou criar um problema né? Aí a mãe dela deixa, mas não sabe controlar horário. Quando eu chego em casa ela ainda tá lá mexendo, né? [...]" (PAI 1).

Eles gostam mais é de celular e televisão, é o que eles mais gostam agora. Mas é porque o meu filho mais velho, é bem difícil de dar com ele, por conta desse negócio da agitação dele? É bem difícil. Hoje eu não brinco muito com eles, eu fico só de olho, porque eles não brincam mais. Não querem saber mais de brinquedos. De brinquedo que eu digo é, tipo boneco, carrinho. O que eles ainda fazem é ficar mexendo com terra lá no quintal [...] (PAI 5).

Dessa forma, percebe-se com o relato do Pai 4 uma tentativa de inserção e partilha das vivências e brincadeiras que realizou na sua infância na rotina atual do filho, porém, a preferência das crianças são os jogos eletrônicos, por disponibilizarem de maneira fácil mais opções e variedades. O estudo de Wamser (2005) também vai ao encontro dos achados da pesquisa ao relatar que as atividades recreativas tradicionais que envolvem as brincadeiras de amarelinha e esconde-esconde ou com o uso de brinquedos clássicos como a bola, a bicicleta e as bonecas, já não se constituem como os brinquedos favoritos da infância moderna.

Observou-se com os achados do estudo que os pais tentam controlar o tempo no qual as crianças ficam expostas às telas, no entanto, apresentam dificuldades para regular essa atividade ao impor seus limites. Nesse sentido, a publicação internacional feita por John *et al.*

(2021) com crianças entre 2 e 5 anos, na qual foi avaliado o desenvolvimento, mensurado por escala específica, e comparado com supervisão sobre o uso de telas, evidenciou que crianças com supervisão inconsistente tinham 15,3 vezes mais chances de ter atraso nas interações sociais; 3,2 vezes mais chances de ter déficit de atenção e 4,1 vezes mais chances de ter atraso na inteligência. Assim, é fundamental que esses pais possam ser orientados por profissionais de saúde e de educação de modo a minimizar esses riscos, como o Pai 3 relatou ter sido informado sobre os malefícios do uso de telas em excesso.

O excesso de tempo de tela em crianças também pode associar-se a distúrbios comportamentais. Como relatado por Narasimhan *et al.* (2021) em seu estudo transversal com 613 crianças no qual o tempo de tela maior que 2 horas esteve associado a problemas de conduta e hiperatividade. Em crianças maiores de 5 anos e nas crianças menores de 5 anos foi associado ao transtorno generalizado do desenvolvimento clinicamente significativo e problemas de TDAH. Assim, pode-se associar a isso o exposto na fala do Pai 5 quando se refere ao uso de telas em excesso por parte do seu filho, que considera ser muito agitado, trazendo todas as dificuldades no manejo com ele.

3.6.2 Perspectivas para o futuro das crianças

3.6.2.1 Ser pai na atualidade: desafios e conquistas na busca de um futuro melhor para a minha criança

Aproximadamente 80% dos homens se tornarão pais biológicos em algum momento de suas vidas e a totalidade dos homens tem potencial para desempenhar algum papel relacionado ao cuidado na vida de crianças, seja como educadores, profissionais de saúde, tios e padrinhos (INSTITUTO PROMUNDO, 2019).

É fundamental a compreensão de como a paternidade é vista na atualidade para que se tenha ciência de quais caminhos a sociedade em geral e a gestão pública precisam seguir para que o homem possa participar mais ativamente da vida do/da seu/sua filho/filha, já que são culturalmente aceitos e até tolerados a omissão dos pais (homens) nos cuidados com as crianças, o abandono ou o não reconhecimento de filhas e filhos. O Instituto Promundo lançou o manual de licença paternidade estendida com informações para pais e empresas trazendo um dado alarmante: de 1,28 milhão de crianças nascidas em 2020, 80,9 mil não têm o nome do pai registrado na certidão de nascimento. Os dados são da Central Nacional de Informações do Registro Civil (CRC). No cenário brasileiro em geral, essa realidade corresponde a mais de 6

milhões de brasileiros que não têm o nome do pai na certidão de nascimento. Portanto, é urgente a necessidade de mudança de comportamento paterna frente às necessidades das crianças.

Uma das formas de contribuir para a mudança de paradigmas é trazer a temática da paternidade em estudos que possam inserir essa pauta na sociedade, com a criação de políticas públicas que assegurem o direito legal para que os homens possam exercer os cuidados parentais nos primeiros dias de vida da criança, estabelecendo vínculo para toda uma vida, como a licença paternidade de forma efetiva. No Brasil, a licença paternidade é vista como o principal direito trabalhista de homens que possuem filhos biológicos ou adotivos. A Constituição Federal postula que os pais tenham cinco dias em casa com o recém-nascido ou filho adotivo a partir do primeiro dia útil após o parto ou a adoção. Mas esse benefício pode chegar a até 20 dias de dispensa remunerada com a adesão do empregador ao Programa Empresa Cidadã, instituído pela Lei nº 11.770/2008.

No Brasil, apesar de 82% dos homens afirmarem que gostariam de se envolver mais no cuidado de filhos e filhas nos primeiros dias ou meses após o nascimento ou a adoção, apenas 32% dos pais que tinham direito à licença paternidade tiraram os cinco dias assegurados por lei (PROMUNDO, 2019). Em alguns países, como a Espanha, a partir de 2021, os homens e as mulheres que têm filhos desfrutam dos mesmos direitos de acompanhar de perto os primeiros meses de sua criança. Eles recebem as mesmas 16 semanas de licença remunerada, que precisam ser iniciadas logo após o nascimento. Nos demais países do continente europeu, incluindo os nórdicos, como Islândia ou Suécia, as licenças exclusivas para o pai são de 12 semanas e 80% pagas (BURTET, 2023).

Portanto, o modelo de licença paternidade no Brasil foi construído sob a luz de ideias patriarcais, centradas no machismo e que enaltecem a diferenciação dos gêneros, trazendo enormes prejuízos a quem essa lei mais poderia beneficiar, as crianças. Bourdieu (2012 *apud* BURTET, 2023) corrobora o exposto ao afirmar que

o papel prestado pelos homens pais é fruto de uma ordem simbólica construída socialmente que naturaliza o papel dominante do pai no seio familiar, justificando o papel de principal cuidadora atribuído a mãe em decorrência de seu gênero feminino possuir a função biológica de gestar e amamentar.

A necessidade emergente de discutir essa temática é real e deve ser feita de modo que facilite o entendimento de todos sobre a importância dos pais na vida das crianças. Marcos Piangers, em uma publicação de Burtet (2023), traz uma reflexão sobre uma situação que vivenciou com sua filha ao perceber uma situação rotineira e comum em todo o país: o fato de não haver trocador de fralda nos banheiros masculinos. Nesse momento, é possível refletir sobre

como esse fato carrega o estigma dos papéis sociais e culturais atribuídos aos gêneros. Mesmo com a Lei nº 16.736, realizada em 2017 e sancionada em 2018, determinando que os estabelecimentos como os *shoppings centers* instalem fraldários nos banheiros masculinos, essa ainda é uma utopia nos dias atuais.

Ao relembrar esse caso, o autor cita que

os papéis de homens e mulheres na sociedade são ainda bastante reduzidos ao clichê “pai provedor, mãe cuidadora”. Ao desafiar esses papéis, homens e mulheres terão dificuldades. Homens cuidadores serão constantemente questionados a respeito da sua capacidade, quando não da sua importância na criação dos filhos. Mulheres provedoras terão desafios ainda maiores: preconceito no ambiente de trabalho, assédios, salários menores, posições hierárquicas inferiores, além de uma dupla jornada de trabalho, já que ainda fazem a maioria dos serviços domésticos (BURTET, 2023 p.11).

Observou-se na análise das narrativas do presente estudo que alguns pais gostariam de ter mais tempo para ficar próximos a suas crianças. Por esse motivo, a fala do Pai 1 é relevante, pois expõe as responsabilidades com o trabalho como um fator prejudicial na relação com sua filha, não permitindo a ele vivenciar as experiências da paternidade, o que se aproxima dos argumentos citados nos estudos mencionados acima. Assim, pode-se confirmar no trecho:

Enquanto minha filha mais velha brinca com a mais nova, eu vou dar uma saidinha pra trabalhar na reciclagem. E quando eu chego às vezes elas estão lá brincando, às vezes elas já foram dormir. Não tem mais como eu ficar o tempo todo brincando lá naquela expectativa, né? Porque a gente não pode mais perder tempo. Acho que o tempo é ouro, viu? Eu faço de tudo pra ter um tempo pra minha filha [...]. E a minha esposa também teve essas doenças. Eu tô mais aqui porque ela, depois desses AVCs, que ela teve, ela fica mais fraca. Aí ela não consegue fazer coisas como as outras mulheres fazem [...] ela é totalmente diferente. Por isso que eu ajudo ela (PAI 1).

Dessa forma, percebe-se que, cada vez mais, esses homens se mostram preocupados com o sustento da família, mas também compreendem os seus papéis como pais, buscando estabelecer uma relação de afeto, participando das brincadeiras e do cuidando com as crianças, além de partilhar as responsabilidades domésticas com a companheira. Esses achados corroboram uma pesquisa realizada pelo Promundo (2019) no Brasil para avaliar os cuidados paternos na atualidade. Os resultados indicaram que a maioria dos pais brasileiros relata brincar com as crianças (83%). No entanto, atividades como cozinhar (46%) e dar banho (55%) ainda são bem menos citadas.

Assim, a paternidade ativa poderia ser também estimulada se os pais tivessem acesso à extensão da licença paternidade, para que pudessem realizar os cuidados parentais de modo efetivo e igualitário junto à mulher. Essas experiências também devem estar associadas à figura paterna dentro da sociedade contemporânea em sua pluralidade e abrangência, o que

inclui particularidades para pais negros, heterossexuais, cisgêneros, brancos, adotivos, adolescentes, idosos, de populações indígenas, privados de liberdade, homossexuais, bissexuais, transexuais, pais com deficiência ou pais de filhos(as) com deficiência (INSTITUTO 4DADDY, 2021).

A pesquisa “Pais em casa - pós isolamento social” do Instituto 4Daddy traz contribuições relevantes à literatura ao estabelecer ações que podem ser realizadas visando minimizar as desigualdades de gênero entre homens e mulheres, contribuindo para a inclusão paterna na vida da criança. Nas micro ações, sugere que as famílias estabeleçam diálogos sobre a divisão de tarefas domésticas, inclusive com crianças, para que ninguém fique sobrecarregado. Pesquisar por grupos de apoio paterno também pode ajudar os pais a partilharem experiências entre si. Em relação às macro ações, destaca-se a importância que a escola tem em poder trabalhar desde cedo com os jovens homens a prevenir a violência baseada no gênero, em ensinar o valor do cuidado a meninos e meninas e em promover relações de cuidado equitativas. Também propõem estabelecer a licença parental e a elaboração de políticas públicas, principalmente, no setor da saúde, pois apenas envolver os homens nas consultas pré-natal, parto e pós-natal é essencial, mas não basta. Outro ponto importante é a sugestão de treinamentos específicos para pais que proporcionem ferramentas e construção de habilidades cuidadoras, competências socioemocionais e confiança.

3.6.2.2 *Desejos paternos para o futuro do/da meu/minha filho/filha*

No presente estudo, percebeu-se uma mudança de comportamentos paternos no sentido de entender o seu papel como homem e como pai para poder ser cada vez mais próximo da vida da criança, participando ativamente de todas as suas necessidades, construindo um vínculo amoroso e afetivo com o filho e se afastando do modelo de apenas um homem provedor financeiro dos recursos materiais. Estas ações se iniciam ainda no ambiente intrauterino, quando o homem participa de todas as etapas na gravidez, assumindo as responsabilidades enquanto marido e pai, para que possa dar continuidade no parto e em todos os momentos da vida da criança.

Com o fim do período de *lockdown*, percebeu-se que alguns dos integrantes da pesquisa descreveram seus desejos e sonhos para um futuro melhor para suas vidas e suas famílias. Assim, foi questionado a eles quais seriam suas expectativas para os próximos anos e como eles imaginavam o futuro de seus filhos. Dentre as narrativas descritas, observou-se que

alguns pais relataram que fazem de tudo para que os seus filhos não experimentem as dificuldades, principalmente sociais e financeiras, que eles passaram nas suas infâncias, por isso se esforçam muito para isso não ocorrer. Como verificado nos trechos:

[...] aí eu não quero que que aconteça com meu filho o que aconteceu comigo, né? Não quero que falte nada pro meu filho. Porque a gente, eu e minha família, passou necessidade grande. Aí por isso que eu sempre toco nesse assunto que passei lá no passado. Não, não quero que falte com meu filho não. Aí agora aqui as coisas que é um pouco melhor, porque ele começou a receber o benefício e benefício por conta do diagnóstico de autismo dele, aí a gente compra mais das coisas dele, né? É mais só pra ele o benefício, comprar as comida dele, as coisas dele, brinquedo, o resto das contas tudo quem paga é eu e minha esposa, entendeu? Aí começou mais a aliviar agora, e é por isso que a gente está saindo mais (PAI 8).

[...] a gente tem os estresse do dia a dia. Eu nunca procuro levar isso pra dentro de casa, só tô tentando separar o trabalho com minha casa, né? Que um dia eu quero que ela cresça e veja e entenda, né? Se o meu pai me criou assim, então vou procurar ser uma pessoa certa e direita, né? Tentando do bom e do melhor pra ela, porque eu não tive, então eu estou tentando dar pra ela. E o que eu puder fazer por ela, eu vou fazer (PAI 6).

O estudo de Gonçalves *et al.* (2016) corrobora os achados da pesquisa, pois a relação entre pai e filho tem grande influência em ser pai nos dias atuais, já que o homem pode optar por reproduzir aquilo que viveu com seu pai na condição de filho ou fazer a diferença. Além disso, há a possibilidade de mudança na percepção dos homens sobre a questão da paternidade ser uma tarefa de exercer práticas de cuidado e não apenas prover as necessidades financeiras da criança, se mostrando participativo em sua vida. Percebe-se que o desejo paterno é construído pela vivência que o homem teve com seu próprio pai, possibilitando que sua criança tenha mais oportunidades e recursos do que este homem não pôde ter na sua infância.

Observou-se ainda que todos os entrevistados relataram o desejo de que seus filhos pudessem ter acesso à educação e ao estudo para futuramente ter uma profissão, já que eles não tiveram a oportunidade de estudar na vida, conforme mencionado a seguir:

Eu também tive dificuldade, eu acho que eu comecei a estudar com oito anos e terminei com vinte e dois anos. Espero que daqui há uns dois anos, ela venha começar a saber mesmo fazer o nome dela, fazer as coisas de sílabas. Pra poder começar a estudar e ter futuro bom. Ela disse pra mim que quer ser enfermeira (...). E eu estou me esforçando pra isso, pra também botar as telha, melhorar a casa. Meu irmão, é porque é uma coisa e outra que aparece, né? Tenho que reciclar pra conseguir alguma coisa e aos pouquinho a gente consegue, né? Agora, estou conseguindo ter mais esse tempo pra ela, tempo pra minha filha, né? (PAI 1).

[...] aí ainda bem que tem a minha sobrinha, que faz reforço com ela, aí junto com o que ela aprende na escola, conseguimos alfabetizar a minha filha e ela tá bem avançadinha, né? Aí eu comecei a pagar o reforço também(...) a escola tava mandando tarefas muito simples, aí agora tem umas tarefinha melhor, que é corrigir numeral, coisa que ela que tem que ela tem que raciocinar. É isso que eu quero que ela aprenda. Porque uma coisa que ela já sabe não faz sentido. E assim ela vai aprender a tomar

gosto por estudar pra ser alguém na vida (PAI 3).

[...] quero que ele estude, mas já mostrei a ele o que eu gosto mais de fazer pra gente acabar se entendendo, né? Futuramente quero que ele seja jogador de futebol! Era o meu maior sonho [...] (PAI 14).

Esses desejos paternos para o futuro dos filhos estão relacionados ao desejo profissional que muitos deles não puderam ter devido às condições de vulnerabilidade às quais estavam submetidos na infância e na adolescência, por não terem tido oportunidade de estudo muitas vezes por conta do trabalho de forma precoce, como foi evidenciado na primeira categoria analítica desse estudo. Corroborando o exposto, no estudo de Silva (2006), os pais também relataram terem sido participativos no cotidiano dos filhos, estando envolvidos nas tarefas de cuidado e preocupados com sua educação e saúde. Backes *et al.* (2018) notam que os homens participantes do estudo também desejavam ser pais diferentes dos que tiveram e não repetir a realidade em que viveram na infância de seus filhos. Destaca-se, então, a importância e a influência que esses homens têm no processo de construção da parentalidade que seus filhos desempenharão futuramente.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

[...] Queria ser uma unanimidade
Eu quis provar minha virilidade
Eu duvidei da minha validade
Na insanidade virtual

Do tipo pra não ser muito sensível
Homem não chora, homem não isso e aquilo
Aprendi a ser indestrutível
Eu não sou real

Conversando com os meus amigos
Eu entendi que não é só comigo
Calar fragilidade é castigo
Eu sou real

Ai, ai
Esse homem macho, machucado
Esse homem violento, homem violado
Homem sem amor, homem mal amado

Precisamos nos responsabilizar, meus amigos
A gente cria um mundo extremo e opressivo
Diz aí, se não estamos todos loucos
Por um abraço
Que cansaço!

Cuidado com o excesso de orgulho
Cuidado com o complexo de superioridade, mas
Cuidado com desculpa pra tudo
Cuidado com viver na eterna infantilidade

Cuidado com padrões radicais
Cuidado com absurdos normais
Cuidado com olhar só pro céu
E fechar o olho pro inferno que a gente mesmo é capaz

Cuida, meu irmão
Do teu emocional
Cuida do que é real

Cuida, meu irmão
Do teu emocional
Cuida do que é real

Minha alma é profunda e se afoga no raso

Eu fico zozzo, fico triste
Fico pouco, fico escroto
Eu sigo à risca o que é ser homem
Isso não existe, a vida insiste
O tempo todo que eu repense

O que é ser homem?
O que é ser homem?
O que é ser homem?

Há tantos e tantos
E tantos e tantos e tantos
Possíveis homens

Ser homem por querer se aprender, todo dia
Dominar a si mesmo
Apesar de qualquer fobia, respeito

Tem que ter peito
Tem que ter culhão pra amar direito
Vou dizer que não?
Esperando sentado por salvação?

Conexão, empatia, verdade
Divino propósito, responsabilidade
Deitar a cabeça no travesseiro e sentir paz
Por ter vivido um dia honesto

Ah
Ser homem exige muito mais do que coragem
Muito mais do que masculinidade
Ser homem exige escolha, meu irmão
(Masculinidade, 2021, Intérprete: Tiago Iorc,
Compositores: Lux Ferreira, Mateus Asato, Tiago
Iorczeski, Tomas Troia)

Este estudo nos possibilitou adentrar no universo masculino, num exercício complementar ao que nos deparamos no contato diário das atividades realizadas com as famílias assistidas no Instituto da Primeira Infância (IPREDE). Esse movimento hermenêutico, na verdade, é um meio para refletirmos sobre a relação entre pais e filhos nos dias atuais, a partir da convivência em um momento crítico para a humanidade, que foi a pandemia pelo Covid-19. Exatamente pelo fato de que esta temática tem sido pouco estudada (a figura do pai nas relações de cuidado e brincar), nos propusemos a buscar compreender esse fenômeno em sua amplitude e complexidade.

A temática da paternidade me despertou interesse ainda no início da pandemia, pois com o atendimento institucional do IPREDE nesse cenário pude ter a oportunidade de acolher muitos pais, além de ouvir relatos que foram fundamentais para a escolha deste tema. Um deles obteve destaque: quando um homem me questionou se aos pais era permitido acompanhar as crianças no IPREDE ou se apenas as mães poderiam trazê-las. Nesse momento, percebi a relevância de se trabalhar a paternidade com esses homens na instituição e também além de suas barreiras físicas, de forma permanente, podendo trazer contribuições para que possam exercer a paternidade de forma ativa na vida dos seus/suas filhos/filhas.

Portanto, como objetivos da dissertação, exploramos compreender como se estabeleceu o vínculo e o brincar de pais (homens) com os seus/suas filhos/filhas durante e após

o período da pandemia de Covid-19. Além disso, conhecer a infância desses homens foi relevante a fim de nos ajudar a identificar a influência que exercem nos padrões de comportamentos paternos nos dias atuais, assim como as expectativas para o futuro das suas crianças.

A coleta do material empírico, a partir das entrevistas com os 14 homens (pais), foi fundamental para o sucesso da pesquisa, já que serviu como base para a produção das pílulas em vídeos. Esse material poderá auxiliar no processo de divulgação da temática com o público masculino no IPREDE, além de contemplar as diretrizes solicitadas pelo Mestrado Profissional em Saúde Materno Infantil da UFC.

A partir do recorte delimitado para esse estudo, percebemos que algumas vivências e percepções que os pais tiveram durante o período da infância trouxeram uma carga de sentimentos negativos, verbalizados nas entrevistas. Evidenciamos que a maioria dos participantes relataram que precisaram trabalhar desde cedo, como forma de ajudar no sustento da sua família. Muitas vezes, eles não possuíam tempo para brincar, já que tiveram uma infância permeada pela vulnerabilidade social e pela insegurança alimentar.

Porém, alguns participantes relataram que, mesmo diante das dificuldades que passaram, tinham lembranças positivas da infância, principalmente ao rememorar de forma nostálgica as brincadeiras ao ar livre e com os objetos recreativos que utilizavam. As brincadeiras de rua foram citadas como sendo realizadas de forma mais segura e sob o termo “saudáveis” – classificação remetida a atividades realizadas ao ar livre e em contato com a natureza. Os pais (homens) expressaram a diferença do período de sua infância com os dias atuais devido à violência urbana e ao receio de expor os filhos em ambientes que possam ser perigosos às suas vidas. Muitos deles relataram que confeccionavam os seus próprios brinquedos, reaproveitando garrafas de plástico e tampas para fazer carrinhos com rodas, já que seus pais não tinham condições financeiras de comprar brinquedos. Este brincar nem sempre era realizado com a participação dos seus pais, visto que a maioria narrou que eles não tinham costume de brincar e ter vínculo afetivo, pois seus pais tinham, concretamente, o papel de prover o sustento familiar à época.

Todos os participantes afirmaram ter tido alguma lembrança negativa da relação que vivenciaram com seus pais (homens), principalmente pelo abuso do uso de álcool e por serem agressivos de alguma forma com suas mães ou com os filhos, sendo a agressão verbal mais comum entre os relatos. No entanto, esses comportamentos não anularam as lembranças positivas da relação que tiveram com os seus pais ao recordar que estes eram muito esforçados

e cuidadosos, fazendo o possível para possibilitar que os filhos tivessem bons exemplos a serem seguidos, além de ofertar o que podiam financeiramente.

Muitos obstáculos foram enfrentados em diversos âmbitos pelas famílias durante o período de distanciamento físico durante a pandemia de Covid-19. Relataram ter apresentado sentimento de tristeza, medo, episódios de ansiedade e angústia frente ao desfecho da pandemia e de toda a repercussão negativa que ela trouxe. No campo socioeconômico, evidenciamos que esse período foi ainda mais difícil devido ao desemprego e ao encerramento das atividades informais que os homens tinham, repercutindo para o aumento da insegurança alimentar entre os participantes. Porém, o apoio social que essas famílias tiveram foi essencial para oferecer esperança, como os auxílios que receberam das esferas governamentais. Dentre eles, foram citados o auxílio emergencial do Governo Federal e as doações de cestas básicas, refeições e produtos de higiene por ONGs, escolas e pela comunidade em geral.

Aprofundando as relações intrafamiliares durante a pandemia, percebemos que a maioria dos homens considerou que seu relacionamento com sua companheira foi afetado de alguma forma, pois as discussões aumentaram devido ao amplo tempo de convivência em casa. Entretanto, os relatos de alguns pais mostraram que o diálogo e a divisão de tarefas domésticas possibilitaram uma melhor convivência com a parceira nesse período. Um achado importante no estudo foi o relato do aumento no consumo de álcool e o uso de drogas ilícitas por parte das mulheres durante o distanciamento físico, o que fez com que os homens cuidassem dos afazeres domésticos, além dos cuidados parentais. Embora saibamos que a mulher ainda é a principal responsável pelo papel de cuidado no ambiente doméstico, este achado pode sugerir uma mudança gradual nesse cenário com um possível distanciamento do modelo masculino tradicional e centrado no “chefe da família”, posto que percebemos que estes homens começam a dar sinais para uma reorganização familiar, buscando a igualdade de gênero com a esposa.

Em relação às brincadeiras realizadas durante a pandemia, observamos que essas atividades ficaram restritas ao ambiente doméstico e o pai participava, na maioria das vezes, deste momento por dispor de mais tempo em casa. Porém, outros pais relataram que não tinham disponibilidade para brincar nesse período ou não sabiam como brincar, pois precisavam trabalhar para conseguir o sustento da família devido às dificuldades financeiras que ficaram mais acentuadas. Houve uma predominância de relatos afirmando o aumento do uso de telas pelas crianças com acesso à *internet*, como celulares, televisão e *tablets*. Assim, por conta da diversidade de jogos, desenhos e vídeos, as crianças passaram a brincar mais com esses recursos digitais e os pais afirmaram ter dificuldades em controlar o uso durante esse período.

Outras brincadeiras também foram empreendidas pelos pais, como as atividades de artes manuais através da pintura com tinta, do desenho e da modelagem com massinha. Do mesmo modo, foi estimulado o desenvolvimento das habilidades motoras e cognitivas das crianças neste período. Brinquedos físicos e objetos do lar também foram utilizados no ambiente doméstico, improvisando cabaninhas em cima das camas com lençóis, permeando o ambiente de movimentos lúdicos do sonhar partilhado e da imaginação. Além disso, alguns pais relataram que seus filhos nasceram no período da pandemia e o brincar com eles se dava através de cantigas de ninar e de músicas tradicionais da sua infância, criando vínculo e afeto com o filho desde o período intrauterino. Para estes homens, o medo e a insegurança frente ao cenário pandêmico, aliados às dificuldades enfrentadas ao ser pai pela primeira vez, trouxeram uma carga emocional bastante significativa, já que houve relato de precisarem ser privados de participar do parto das crianças devido às medidas de controle de propagação do vírus.

Os cuidados parentais exercidos durante o período de *lockdown* trouxeram inúmeras vivências que serviram de base para todos os participantes nos dias atuais. Com o fim da pandemia, as infâncias puderam voltar a ser vivenciadas fora do ambiente doméstico e de maneira mais livre. Portanto, a maioria dos entrevistados relatou que hoje podem frequentar locais públicos, como praças, parques e praias, porém, sempre de forma cautelosa devido ao aumento dos índices de criminalidade nos seus bairros. Isso possibilita que seus filhos possam interagir com outras crianças, compartilhando o brincar e aprendendo valores para toda uma vida. Já o brincar no ambiente doméstico na vida contemporânea foi narrado, em sua maioria, a partir da preferência por jogos eletrônicos e pelo uso de telas com acesso à *internet*, ao invés dos brinquedos convencionais e tradicionais, como aqueles com os quais os pais brincavam em sua infância.

Esses pais relataram terem vivenciado verdadeiramente o sentido da paternidade no período da pandemia, participando mais ativamente dos cuidados com as crianças e dividindo as responsabilidades domésticas com as companheiras, além de se preocuparem com o sustento da família.

Esses comportamentos refletem nos dias atuais, pois foi observado que os homens estão cada vez mais preocupados em contribuir para o futuro das crianças por não desejarem que seus filhos possam vivenciar as dificuldades que eles tiveram na infância. Por isso, demonstram amor, carinho e afeto desde agora e se esforçam ao máximo para proporcionar aos filhos o que estiver ao seu alcance. Por fim, a maioria dos pais relatou o desejo de que seus filhos possam ter acesso à educação para ter uma profissão futuramente.

A temática da paternidade ativa durante a pandemia e na atualidade necessita ser amplamente discutida por mais pesquisadores por se tratar de um tema ainda tão pouco explorado, já que a maioria dos resultados que abordam o cenário pandêmico avaliou a saúde mental materna e/ou da criança. Reconheço aqui toda a luta e as dificuldades que as mulheres passam diariamente na sociedade, como mães, como filhas e como profissionais, simplesmente para existirem e serem respeitadas. Nessa luta por igualdade de gênero, que ainda é tão favorável ao ser masculino, as mulheres precisam encontrar apoio em políticas públicas que defendam que, desde cedo, seus direitos sejam garantidos e que transmitam conhecimento a essa nova geração de crianças, tanto meninos quanto meninas, sobre o seu papel enquanto homens e mulheres na sociedade. Uma vez incluída essa pauta nos domicílios, nas escolas, nos equipamentos de saúde, resgatando a participação do homem no pré-natal e nas atividades de educação e saúde sobre cuidados com o bebê, poderemos contribuir para diminuir ideias centradas no machismo, contrapondo com informação e responsabilização no cuidado parental.

As mídias sociais também têm trazido essa temática em *podcasts*, em plataformas de *streaming*, como o Youtube, de forma efetiva e ganhando cada vez mais visibilidade ao discutir temas centrais direcionados aos homens, como a masculinidade e a exteriorização de suas emoções. Isso pode ajudar o público masculino a refletir mais sobre si e reforçar ou modificar os padrões de comportamento que vem exercendo.

As políticas públicas intersetoriais precisam também se voltar para os pais para, assim, oferecer condições para esse público se mostrar cada vez mais presente na vida dos filhos. Um dos assuntos que vêm sendo discutidos na atualidade refere-se à ampliação da licença paternidade no Brasil para 21 dias – o que antes durava menos que o carnaval no país: apenas 5 dias. Porém, nem todas as empresas aderiram a essa lei por não a considerarem relevante e pelos impactos que ela pode causar financeiramente aos estabelecimentos, o que precisa ser rediscutido.

Assim, passar a ouvir mais o público masculino e debater acerca do que é ser homem, primeiramente, para depois trabalhar a paternidade e suas percepções é fundamental para quebrar o ciclo de violência transgeracional no qual o homem está inserido.

Nesse processo, encontram-se os desafios nos quais estamos imersos no cotidiano de trabalho no IPREDE, mas que, de forma atenta e consciente, vem se modificando, dando abertura para que muitos pais possam participar ativamente do crescimento e do desenvolvimento de seus filhos. De forma pioneira, o IPREDE vem construindo ações que

buscam conscientizar cada pai e estimular a temática da parentalidade como um eixo transversal em todas as áreas do cuidado das famílias assistidas.

Mais estudos sobre o tema pais e filhos precisam ser realizados para compreendermos como os homens atuam ou não no processo de formação cidadã de cada filho que é gestado. Cabe ao Estado estar atendo a essa temática dos pais no cuidado diário com seus filhos em cada ação estruturante dos programas voltados à Primeira Infância e nos direitos assegurados para que seja possível haver uma maior participação dos homens na formação de vínculos parentais.

REFERÊNCIAS

- ABREU, A. K. **O brincar na educação infantil em tempos de pandemia: concepções docentes**. 2023. 53 f. Trabalho de conclusão de curso (Licenciatura Plena em Pedagogia) – Instituto de Natureza e Cultura, Universidade Federal do Amazonas, Benjamin Constant, 2023.
- ABUCHAIM, Beatriz de Oliveira *et al.* **Importância dos vínculos familiares na primeira infância: estudo II**. São Paulo: Fundação Maria Cecília Souto Vidigal - FMCSV, 2016. Disponível em: <https://ncpi.org.br/publicacoes/importancias-vinculos-familiares/>. Acesso em: 1 mar. 2023.
- ALCÂNTARA, A. O brincar em ambiente virtual: jogar, postar, conversar. *In*: ALCÂNTARA, Alessandra; GUEDES, Brenda (Org.). **Comunicação e Infância: processos em perspectiva**. São Paulo: Pimenta Cultural, 2017. p. 151–175. Disponível em: <http://criancaeconsumo.org.br/wp-content/uploads/2014/02/pimenta-cultural.pdf>. Acesso em: 10 fev. 2024.
- AMERICAN ACADEMY OF PEDIATRICS. **Adverse Childhood Experiences and the Lifelong Consequences of Trauma**, [s. l.], 2014. Disponível em: www.aap.org/traumaguide. Acesso em: 12 jan. 2024.
- ANDRADE, S. A. *et al.* Ambiente familiar e desenvolvimento cognitivo infantil: uma abordagem epidemiológica. **Revista de Saúde Pública**, [s. l.], v. 39, n. 4, p. 606–611, 2005. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S0034-89102005000400014>. Acesso em: 6 abr. 2023.
- AQUINO, Estela M. L. *et al.* Medidas de distanciamento social no controle da pandemia de COVID-19: potenciais impactos e desafios no Brasil. **Ciência e Saúde Coletiva**, [s. l.], v. 25, supl.1, p. 2423–2446, jun. 2020.
- ARILHA, M. M. S. **Masculinidade e Gênero: discursos sobre responsabilidade na reprodução**. 1999. Dissertação (Mestrado em Psicologia Social) – Curso de Psicologia Social, Pontifícia Universidade Católica, São Paulo, 1999. Disponível em: https://www.pagu.unicamp.br/pf-pagu/public-files/arquivo/24_arilha_margaret_termo.pdf. Acesso em: 20 abr. 2022.
- ARRUDA, C. A. M. **Qualidade dos serviços e satisfação de usuários: as experiências no espaço da atenção básica no município de Fortaleza/Ceará**. 2009. 155 f. Dissertação (Mestrado em Saúde Pública) – Universidade Federal do Ceará. Faculdade de Medicina, Fortaleza, 2009.
- BACHELARD, Gaston. **A poética do espaço**. São Paulo: Nova Cultural, 1990.
- BACKES, M. S. **A relação entre o envolvimento paterno e a abertura ao mundo em pais de crianças entre quatro a seis anos**. 2015. Dissertação (Mestrado em Psicologia) – Programa de Pós-graduação em Psicologia, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2015.
- BACKES, M. S.; BECKER, A. P. S.; CREPALDI, M. A.; VIEIRA, M. L. A paternidade e

fatores associados ao envolvimento paterno. **Nova Perspectiva Sistêmica**, v. 27, n. 61, p. 66-81, 2018.

BADINTER, Elisabeth. **XY: sobre a identidade masculina**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1993.

BALANCHO, L. S. **Ser pai hoje: A paternidade em toda a sua relevância e grandeza**. Curitiba: Juruá, 2012.

BALTRUSIS, N.; D'OTTAVIANO, M. C. L. Ricos e pobres, cada qual em seu lugar: a desigualdade socio-espacial na metrópole paulistana. **Caderno CRH**, v. 22, n. 55, p. 135-149, jan./abr. 2009. Disponível em: <https://www.redalyc.org/pdf/3476/347632194008.pdf>. Acesso em: 10 fev. 2024.

BAKERMANS-KRANENBURG, M. *et al.* Less is more: Meta-analysis of sensitivity and attachment interventions in early childhood. **Psychological Bulletin**, v. 129, p. 195-215, 2003. Disponível em: doi:10.1037/0033-2909.129.2.195. Acesso em: 27 maio 2023.

BARDIN, Laurence. **Análise de conteúdo**. Lisboa: Edições 70, 2016.

BARROS, Maria Isabel Amando de (Org.). **Desemparedamento da infância: a escola como lugar de encontro com a natureza**. 2. ed. Rio de Janeiro: Alana, 2018. Disponível em: https://criancaenatureza.org.br/wp-content/uploads/2018/08/Desemparedamento_infancia.pdf. Acesso em: 10 fev. 2024.

BENCZIK, E. B. P. A importância da figura paterna para o desenvolvimento infantil. **Rev. psicopedag.**, [s. l.], v. 28, n. 85, p. 67-75, 2011. Disponível em http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-84862011000100007&lng=pt&nrm=iso. Acesso em: 25 mar. 2023.

BENÍTEZ, N. M. C.; CÁRDENAS, C. H. R. La gestación: período fundamental para El nacimiento y el desarrollo del vínculo paterno. **Avances em Enfermería**, v. 28, n. 2, p. 88-97, jul. 2010. Disponível em: <https://revistas.unal.edu.co/index.php/avenferm/article/view/21384>. Acesso em: 25 mar. 2023.

BERALDO, G. DE S.; TRINDADE, E. Novos pais, novos homens? Paternidade e identidade masculina no contexto pós-moderno. **Pretextos - Revista da Graduação em Psicologia da PUC Minas**, v. 1, n. 2, p. 56 - 75, 1 dez. 2016.

BEZERRA, Thaíse Alves; OLINDA, Ricardo Alves de; PEDRAZA, Dixis Figueroa. Insegurança alimentar no Brasil segundo diferentes cenários sociodemográficos. **Ciência & Saúde Coletiva**, [s. l.], v. 22, n. 2, p. 637-651, fev. 2017. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.1590/1413-81232017222.19952015>. Acesso em: 09 mar. 2023.

BOGDEWIC, S. P. Participant Observation. In: CRABTREE, B. F.; MILLER, W. L. **Doing Qualitative Research**. London-New Delhi: Sage Publications, Newbury Park, 1992.

BORGES, M. M. F. da C. **Diretrizes para projetos de parques infantis públicos**. 2008.178 f. Dissertação (Mestrado em Arquitetura e Urbanismo) – Programa de Pós-graduação em Arquitetura e Urbanismo, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2008.

Disponível em: <https://repositorio.ufsc.br/xmlui/handle/123456789/90896>. Acesso em: 10 fev. 2024.

BORGES, Andrea; MARQUES, Leila. **Coronavírus e as cidades no Brasil: reflexões durante a pandemia**. Rio de Janeiro: Outras Letras, 2020.

BORSA, J. C.; NUNES, M. L. T. Aspectos psicossociais da parentalidade: o papel de homens e mulheres na família nuclear. **Psicologia Argumento**, Curitiba, v. 29, n. 64, p. 31-39, 2011.

BOSSARDI, Carina Nunes; BELTRÃO, Lauren Gomes; VIEIRA, Mauro Luis *et al.* Engajamento paterno no cuidado a crianças de 4 a 6 anos. **Psicologia Argumento**, Curitiba, v. 31, n. 73, 2017. Disponível em: <https://periodicos.pucpr.br/index.php/psicologiaargumento/article/view/20267>. Acesso em: 9 mar. 2023.

BOURDIEU, Pierre. **A dominação masculina**. 11ª ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2012.

BRADLEY, Robert H.; CORWYN, Robert F.; MCADOO, Harriette Pipes *et al.* The Home Environments of Children in the United States Part I: Variations by Age, Ethnicity, and Poverty Status. **Child Development**, [s. l.], v. 72, n. 6, p. 1844–1867, 2001. Disponível em: <https://onlinelibrary.wiley.com/doi/10.1111/1467-8624.t01-1-00382>. Acesso em: 4 fev. 2023.

BRASIL. **Lei nº 8.069, de 13 de julho de 1990**. Dispõe sobre o Estatuto da Criança e do Adolescente e dá outras providências. Brasília, DF: Casa Civil, 1990. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/18069.htm. Acesso em: 26 fev. 2024.

BRASIL. Ministério da Saúde. Cadernos de atenção básica: Saúde da criança. **Crescimento e desenvolvimento**, Brasília, 2012. Disponível em: http://bvsms.saude.gov.br/bvs/publicacoes/saude_crianca_crescimento_desenvolvimento.pdf. Acesso em: 9 mar. 2023.

BRASIL. Ministério da Saúde. **Mortes por Covid-19**. Brasília, 2023. Disponível em: <https://www.gov.br/saude/pt-br/assuntos/noticias/2023/marco/brasil-chega-a-marca-de-700-mil-mortes-por-covid-19>. Acesso em: 17 maio 2023.

BRASIL. Ministério da Saúde. **Plano de contingência nacional para infecção humana pelo novo Coronavírus 2019 - nCOV**: Centro de Operações de Emergências em 77 Saúde Pública (COE-nCoV). Brasília, 2020a. Disponível em: <http://portal.arquivos2.saude.gov.br/images/pdf/2020/fevereiro/07/plano-contingencia-coronavirus-preliminar.pdf>. 2020a. Acesso em: 24 mar. 2023.

BRASIL. Ministério da Saúde. Portaria n.º 454, de 20 de março de 2020. Declara, em todo o território nacional, o estado de transmissão comunitária do coronavírus (COVID-19). **Diário Oficial da União**. Brasília. 2020c. Disponível em: <http://www.in.gov.br/en/web/dou/-/portaria-n-454-de-20-de-marco-de-2020-249091587>. Acesso em: 27 maio 2023.

BRASIL. Ministério da Saúde. **Ministério da Saúde declara fim da Emergência em Saúde Pública de Importância Nacional pela Covid-19**. Brasília, 2022. Disponível em: <https://www.gov.br/saude/pt-br/assuntos/noticias/2022/abril/ministerio-da-saude-declara-fim->

da-emergencia-em-saude-publica-de-importancia-nacional-pela-covid-19. Acesso em: 10 mar. 2023.

BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Básica. **Parâmetros nacionais de qualidade para a educação infantil**. Brasília: Ministério da educação, 2006.

BRASIL. Ministério da Saúde. Secretaria de atenção à Saúde. Departamento de Atenção Básica. **Guia Alimentar para a População Brasileira**. Brasília: Ministério da Saúde, 2012.

BRASIL. Ministério do Desenvolvimento e Assistência Social, Família e Combate à Fome. **Benefício de Prestação Continuada (BPC)**. Brasília, 2019. Disponível em: <https://www.gov.br/mds/pt-br/acoes-e-programas/suas/beneficios-assistenciais/beneficio-assistencial-ao-idoso-e-a-pessoa-com-deficiencia-bpc>. Acesso em: 22 abr. 2023.

BRAZELTON, Thomas Berry; GREENSPAN, Stanley. **A criança e o seu mundo**: requisitos essenciais para o crescimento e aprendizagem. Barcarena: Editorial Presença, 2002a.

BRAZELTON, T. B.; GREENSPAN, S. **As necessidades essenciais das crianças**: o que toda criança precisa para crescer, aprender e se desenvolver. Porto Alegre: Artmed, 2002b.

BRIEF: Food Security and COVID-19. **ReliefWeb**, [Internet], 15 jul. 2021. Disponível em: <https://reliefweb.int/report/world/brief-food-security-and-covid-19>. Acesso em: 11 jan. 2024.

BRITISH ACADEMY. Disponível em: <https://www.thebritishacademy.ac.uk/>. 2014. Acesso em: 30 jan. 2023.

BRITTO, P.; ULKUER, N. Child development in developing countries: child rights and policy implications. **Child Development**, [s. l.], v. 83, n. 1, p. 92-103, 2012.

BRONFENBRENNER, U. (Org.). **Bioecologia do desenvolvimento humano**: tornando os seres humanos mais humano. Porto Alegre: Artmed, 2011.

BROUGÉRE, Gilles. Lúdico e educação: novas perspectivas. **Linhas Críticas**, [s. l.], v. 8, n. 14, p. 5–20, 2002. DOI: 10.26512/lc.v8i14.2985. Disponível em: <https://periodicos.unb.br/index.php/linhascriticas/article/view/2985>. Acesso em: 9 fev. 2024.

BUCHER, Júlia. O casal e a família sob novas formas de interação. In: FÉRES-CARNEIRO, Terezinha. **Casal e família**. Rio de Janeiro: Nau Editora, 1999. p. 82-95.

BUCKINGHAM, D. **Crescer na era das mídias eletrônicas**. São Paulo: Edições Loyola, 2007.

BUENO, R. K.; GOMES, L. B.; CREPALDI, M. A. Desafios de ser pai em uma sociedade em transformação. In: E. R. GOETZ; VIEIRA, M. L. (Org.). **Novo pai**: Recursos, desafios e possibilidades. Curitiba: Juruá, 2015. p. 95-107.

BURTET, Odilon Schwerz. **Dá licença: sou pai!**: políticas públicas de licença por nascimento ou adoção no Brasil e no mundo. Brasília: Instituto Promundo, 2023. Disponível em: https://promundo.org.br/wp-content/uploads/2023/10/Da-licenca_MIOLO_revisado-2.pdf. Acesso em: 05 mar. 2024.

CABALLERO FRANCO, D.; PÉREZ SERRANO, G. Diseño de Proyectos Sociales. Aplicaciones prácticas para su planificación, gestión y evaluación. Madrid, Narcea. Teoría de la Educación. **Revista Interuniversitaria**, [s. l.], v. 28, n. 1, p. 257–258, 2016. DOI: 10.14201/14777. Disponível em: <https://revistas.usal.es/tres/index.php/1130-3743/article/view/14777>. Acesso em: 4 jun. 2023.

CABRERA, Natasha; TAMIS-LEMONDA, Catherine S.; BRADLEY, Robert H. *et al.* Fatherhood in the Twenty-First Century. **Child Development**, [s. l.], v. 71, n. 1, p. 127–136, 2000. Disponível em: <https://onlinelibrary.wiley.com/doi/10.1111/1467-8624.00126>. Acesso em: 6 maio 2023.

CAETANO, R; et al. Intimate partner violence and drinking: new research on methodological issues, stability and treatment. **Alcohol Clin Exp Res**, v. 27, n. 2, p. 292-300, 2003.

CAIXA ECONÔMICA FEDERAL. **Programas Sociais**. Disponível em: <https://www.caixa.gov.br/programas-sociais/Paginas/default.aspx>. Acesso em: 22 abr. 2023.

CAIXA ECONÔMICA FEDERAL. **Bolsa Família**. Disponível em: <http://www.caixa.gov.br/programas-sociais/bolsa-familia/Paginas/default.aspx>. Acesso em: 15 jan. 2023.

CAMILLO, E. J. A qualidade “de dentro” na/da pesquisa qualitativa em Educação do Sul do Brasil. **Educar em Revista**, [s. l.], n. 65, p. 137-148, jul. 2017. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.1590/0104-4060.47999>. Acesso em: 12 jan. 2023

CAMPBELL, A. M. An increasing risk of family violence during the Covid-19 pandemic: Strengthening community collaborations to save lives. **Forensic Science International: Reports**, [s. l.], v. 2, dez. 2020. ISSN 2665-9107. Disponível em: <https://www.sciencedirect.com/science/article/pii/S2665910720300384>. Acesso em: 10 fev. 2024.

CAMPOS, H. R.; FRNACISCHINI, R. Trabalho infantil produtivo e desenvolvimento humano. **Psicologia em Estudo**, [s. l.], v. 8, n. 1, p. 119-129, jan. 2003.

CAMPOS, P. L.; SILVA, E. P. Q. Modos de ensinar a e aprender a ser menino e a ser menina. **Revista de Educação**, Campinas, v. 19, n. 3, p. 215-225, set./dez. 2014. Disponível em: <https://periodicos.puc-campinas.edu.br/reeducacao/article/view/2855>. Acesso em: 01 fev. 2024.

CARNEIRO, P.; HECKMAN, J. **Human Capital Policy**. Cambridge, MA: National Bureau of Economic Research, 2003.

CARVALHO, Levindo Diniz; GOUVEA, Maria Cristina Soares. Infância urbana, políticas e poéticas: diálogos sobre a experiência da cidade de Rosário/ Argentina. **Cadernos de Pesquisa em Educação**, [s. l.], n. 49, p.151-170, 2019.

CASTRO, M. C.; FARÍAS-ANTÚNEZ, S.; ARAÚJO, D. A. B. S.; PENNA, A. L.; OLIVEIRA, F. A.; AQUINO, C. M. de; LIMA NETO, A. S.; SOUSA, G. D. S. de; TAVARES MACHADO, M. M. Cohort profile: maternal and child health and parenting

practices during the COVID-19 pandemic in Ceará, Brazil: birth cohort study (Iracema-COVID). **BMJ open**, [s. l.], v. 12, n. 6, e060824, jun. 2022. Disponível em: <https://doi.org/10.1136/bmjopen-2022-060824>. Acesso em: 10 mar. 2024.

CEARÁ. **Cartão Mais Infância**. Disponível em: <https://spssocial.sps.ce.gov.br/cartao-cmic>. Acesso em: 22 abr. 2023.

CEARÁ. Decreto nº 33.519, de 19 de março de 2020. Intensifica as medidas para enfrentamento da infecção humana pelo novo Coronavírus. **Diário Oficial do Estado do Ceará**. Fortaleza, CE, 19 mar. 2020. Série 3, p. 1.

CENTERS FOR DISEASE CONTROL AND PREVENTION. **CDC Releases Indicators for Dynamic School Decision-Making Infographic**. Disponível em: <https://www.cdc.gov/media/releases/2020/s0915-dynamic-school-decision-making.html>. Acesso em: 7 fev. 2023.

CENTERS FOR DISEASE CONTROL AND PREVENTION (CDC). **Care for Breastfeeding Women**. 2020c. Disponível em: <https://www.cdc.gov/coronavirus/2019-ncov/hcp/care-for-breastfeeding-women.html>. Acesso em: 03 mar. 2023.

CENTERS FOR DISEASE CONTROL AND PREVENTION (CDC). **Considerations for Inpatient Obstetric Healthcare Settings**. 2020a. Disponível em: <https://www.cdc.gov/coronavirus/2019-ncov/hcp/inpatient-obstetric-healthcare-guidance.html>. Acesso em: 03 mar. 2023.

CENTERS FOR DISEASE CONTROL AND PREVENTION (CDC). **Evaluation and Management Considerations for Neonates at Risk for COVID-19**. 2020b. Disponível em: <https://www.cdc.gov/coronavirus/2019-ncov/hcp/caring-for-newborns.html>. Acesso em: 03 mar. 2023.

CHERER, E. de Q.; SONEGO, J. C.; PICCININI, C. A.; LOPES, R. de C. S. A experiência da paternidade ao final do primeiro ano de vida do bebê. **Psico**, [s. l.], v. 49, n. 2, p. 127–136, 2018. DOI: 10.15448/1980-8623.2018.2.26574. Disponível em: <https://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/revistapsico/article/view/26574>. Acesso em: 10 mar. 2024.

CHRISTOFFEL, M. M. *et al.* Children's (in)visibility in social vulnerability and the impact of the novel coronavirus (COVID-19). **Revista Brasileira de Enfermagem**, [s. l.], v. 73, p. e20200302, 2020.

CLEMENT, J. Analysis of clinical interviews: foundations and model viability. *In*: KELLY, A. E; LESH, R. **Handbook of research methodologies for Science and mathematics education**. Hillsdale, NJ: Lawrence Erlbaum, 2000. p. 547-589.

CLEMENTE, Joana Cantídio Mota. **Por detrás da máscara: o olhar das crianças sobre a pandemia da Covid-19**. 2021. 128 f. Dissertação (Mestrado Profissional em Saúde da Mulher e da Criança) - Faculdade de Medicina, Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2021. Disponível em: <http://www.repositorio.ufc.br/handle/riufc/72605>. Acesso em: 31 maio 2023

COHEN, D. A. *et al.* Contribution of parks to physical activity. **American Journal of Public Health**, v. 97, p. 509-514, 2007.

COLEY, Rebekah Levine. (In)visible men: Emerging research on low-income, unmarried, and minority fathers. **American Psychologist**, [s. l.], v. 56, n. 9, p. 743–753, 2001. Disponível em: <http://doi.apa.org/getdoi.cfm?doi=10.1037/0003-066X.56.9.743>. Acesso em: 8 abr. 2023.

COPLAN, Robert J.; HASTINGS, Paul D.; LAGACÉ-SÉGUIN, Daniel G. *et al.* Authoritative and Authoritarian Mothers' Parenting Goals, Attributions, and Emotions Across Different Childrearing Contexts. **Parenting**, [s. l.], v. 2, n. 1, p. 1–26, 2002. Disponível em: https://www.tandfonline.com/doi/full/10.1207/S15327922PAR0201_1. Acesso em: 6 fev. 2023.

CORREIA, S.; LUCK, S.; VERNER, E. **Pandemics Depress the Economy, Public Health Interventions Do Not: Evidence from the 1918 Flu**. SSRN, [s. l.], ago. 2020. Disponível em: https://papers.ssrn.com/sol3/papers.cfm?abstract_id=3561560. Acesso em: 06 jan. 2024.

COTONHOTO, L. A.; ROSSETTI, C. B. Prática de jogos eletrônicos por crianças pequenas: o que dizem as pesquisas recentes?. **Revista Psicopedagogia**, São Paulo, v. 33, n. 102, p. 346-357, 2016. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?pid=S0103-84862016000300012&script=sci_abstract. Acesso em: 10 fev. 2024.

COTRIM, G. S.; BICHARA, I. D. O brincar no ambiente urbano: limites e possibilidades em ruas e parquinhos de uma metrópole. **Psicologia: Reflexão e Crítica**, [s. l.], v. 26, n. 2, p. 388-395, 2013.

COWAN, C. *et al.* An approach top preventing coparenting conflict and divorce in low-income families: strengthening couple relationships and fostering fathers' involvement. **Family Process**, [s. l.], v. 46, p. 109-121, 2007.

CRUZ, T. A. R.; SANTO, E. M. S.; SILVA, F. C.; REIS, M. C. S.; SILVA, A. C. D. (2019). Perfil sociodemográfico e participação paterna nos cuidados diários das crianças com microcefalia. **Cadernos Brasileiros de Terapia Ocupacional**, São Carlos, v. 27, n. 3, p. 602-614, 2019. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/cadbto/a/6WkBRDp4D6h66J5gXjr56Rt/?format=pdf>. Acesso em: 14 mar. 2024.

DAL-ROSSO, G. R.; SILVA, S. de O.; PIESZAK, G. M.; EBLING, S. B. D.; SILVEIRA, V. do N. Experiências narradas por homens no exercício da paternidade: rompendo paradigmas. **Revista de Enfermagem da UFSM**, [s. l.], v. 9, p. e3, 2019. DOI: 10.5902/2179769228653. Disponível em: <https://periodicos.ufsm.br/reufsm/article/view/28653>. Acesso em: 10 mar. 2024.

DE GOEIJ, M. C.; SUHRCKE, M.; TOFFOLUTTI, V.; VAN DE MHEEN, D.; SCHOENMAKERS, T. M.; KUNST, A. E. How economic crises affect alcohol consumption and alcohol-related health problems: a realist systematic review. **Soc Sci Med**, [s. l.], v. 131, p. 131-146, abr. 2015. Disponível em: <https://pubmed.ncbi.nlm.nih.gov/25771482/>. Acesso em: 10 fev. 2024.

DESLANDES, Suely Ferreira; COUTINHO, Tiago. O uso intensivo da internet por crianças e

adolescentes no contexto da COVID-19 e os riscos para violências autoinflingidas. **Ciência e Saúde Coletiva**, [s. l.], v. 25, supl. 1, p. 2479-2486, 2020. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/1413-81232020256.1.11472020>. Acesso em: 24 mar. 2023.

DIAS, A. R. M.; CASTILHO, K. C.; SILVEIRA, V. S. Uso e interpretação de imagens e filmagens em pesquisa qualitativa. **Ensaaios Pedagógicos**, [s. l.], v. 2, n. 1, p. 81–88, 2018. Disponível em: <https://www.ensaiospedagogicos.ufscar.br/index.php/ENP/article/view/66>. Acesso em: 27 maio 2023.

DINIZ, C. da P. S.; LANG, D. W.; GUINOT, S. Masculinidades e violência entre parceiros íntimos: um enfoque relacional. **Psicologia Argumento**, [s. l.], v. 39, n. 103, p. 123–134, 2020. DOI: 10.7213/psicolargum.39.103.AO06. Disponível em: <https://periodicos.pucpr.br/psicologiaargumento/article/view/27231>. Acesso em: 2 mar. 2024.

DOM, G.; SAMOCHOWIEC, J.; EVANS-LACKO, S.; WAHLBECK, K.; VAN HAL, G.; McDAID, D. The Impact of the 2008 Economic Crisis on Substance Use Patterns in the Countries of the European Union. **International journal of environmental research and public health**, [s. l.], v. 13, n. 1, jan. 2016. Disponível em: <https://www.ncbi.nlm.nih.gov/pmc/articles/PMC4730513/>. Acesso em: 10 fev. 2024.

DOZIER, Mary *et al.* Developing Evidence-Based Interventions for Foster Children: An Example of a Randomized Clinical Trial with Infants and Toddlers. **Journal of Social Issues**, Delaware, EUA, vol. 62, n. 4, p. 765-783, 2006.

DUBEAU, D.; DEVAULT, A.; PAQUETTE, D. L'engagement paternel, un concept aux multiples facettes. In: DUBEAU, D.; DEVAULT, A.; FORGET, G. (Org.), **La paternité au XXI siècle**. Québec, CAN: Presses de l'Université Laval, 2009. p. 71-98.

ENGLE, P. L. *et al.* Strategies to avoid the loss of developmental potential in more than 200 million children in the developing world. **The Lancet**, London, v. 369, n. 9557, p. 229-242, 2007. Disponível em: [https://www.thelancet.com/article/S0140-6736\(07\)60112-3/fulltext](https://www.thelancet.com/article/S0140-6736(07)60112-3/fulltext). Acesso em: 5 fev. 2023.

ENVIRONMENTAL PROTECTION AGENCY. **Healthy School Environments – Impact on Performance and Health at Schools**. 2015. Disponível em: https://19january2017snapshot.epa.gov/schools/impact-performance-and-health-schools_.html. Acesso em: 2 maio 2023.

EPKE, Eva; ALMEIDA, Fernanda de. Economia do cuidado: mulheres são responsáveis por mais de 75% do trabalho não remunerado. **Forbes**, [s. l.], 8 nov. 2023. Disponível em: <https://forbes.com.br/forbes-mulher/2023/11/economia-do-cuidado-mulheres-sao-responsaveis-por-mais-de-75-do-trabalho-nao-remunerado/>. Acesso em: 2 fev. 2024.

FANTACHOLI, F. das N. O Brincar na Educação Infantil: Jogos, Brinquedos e Brincadeiras—Um Olhar Psicopedagógico. **Revista Científica Aprender**, [s. l.], 5ª edição, dez. 2011. Disponível em: <http://revista.fundacaoaprender.org.br/?p=78>. Acesso em: 25 nov. 2023.

FEBRASGO. **Protocolo de Atendimento durante o parto, puerpério e abortamento durante a pandemia de COVID-19**. 27 abr. 2020. Disponível em:

<https://www.febrasgo.org.br/pt/covid19/item/1028-protocolo-de-atendimento-no-parto-puerperio-e-abortamento-durante-a-pandemia-da-covid-19>. Acesso em: 14 mar. 2023.

FELDMAN, R. *et al.* Testing a family intervention hypothesis: The contribution of mother-infant skin-to-skin contact (kangaroo care) to family interaction, proximity, and touch. **J Fam Psychol**, [s. l.], v.17, p. 94-107, 2003. Disponível em: <https://pubmed.ncbi.nlm.nih.gov/12666466/>. Acesso em: 24 maio 2023.

FELITTI, V. J.; ANDA, R. F.; NORDENBERG, D.; WILLIAMSON, D. F.; SPITZ, A. M.; EDWARDS, V.; et al. Relationship of childhood abuse and household dysfunction to many of the leading causes of death in adults. **The Adverse Childhood Experiences (ACE) Study**. American Journal of Preventive Medicine, v.14, n.4, p.245-58, 1998.

FERIOLI, M.; *et al.* Protecting healthcare workers from SARS-CoV-2 infection: practical indications. **Eur Respir Rev**, [s. l.], v. 29, n. 155, abr. 2020. Disponível em: <https://pubmed.ncbi.nlm.nih.gov/32248146/>. Acesso em: 15 fev. 2024.

FERNANDA FRANCISCO BATISTA, H.; SARAMAGO DE OLIVEIRA, G.; ORTIZ DE CAMARGO, C. C. Análise de conteúdo: pressupostos teóricos e práticos. **Revista Prisma**, [s. l.], v. 2, n. 1, p. 48-62, 25 dez. 2021. Disponível em: <https://revistaprisma.emnuvens.com.br/prisma/article/view/42>. Acesso em: 05 nov. 2023.

FERREIRA, M. J. M. **Contribuições epistemológicas/metodológicas para o fortalecimento de uma (cons)ciência emancipadora**. 2012. 260 f. Dissertação (Mestrado em Saúde Pública) – Universidade Federal do Ceará. Faculdade de Medicina, Fortaleza, 2012.

FIGUEIRA, Sérvulo Augusto. O “moderno” e o “arcaico” na nova família brasileira: notas sobre a dimensão invisível da mudança social. In: FIGUEIRA, Sérvulo Augusto (Org.). **Uma nova família? O moderno e o arcaico na família de classe média brasileira**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1987. p. 11-30.

FLAESCHEN, H.; REIS, V. **Sobre a violência contra crianças, adolescentes e jovens brasileiros**. Rio de Janeiro: Associação Brasileira de Saúde Coletiva, 2019. Disponível em: <https://abrasco.org.br/sobre-a-violencia-contra-criancas-adolescentes-e-jovens-brasileiros/>. Acesso em: 12 out. 2023.

FONSECA, J. L. C. L. **Paternidade adolescente: uma proposta de intervenção**. 1997. Dissertação (Mestrado em Psicologia Social) – Curso de Psicologia Social, Pontifícia Universidade Católica, São Paulo, 1997. Disponível em: https://www.pagu.unicamp.br/pf-pagu/public-files/arquivo/51_fonseca_jorge_luiz_cardoso_lyra_da_termo.pdf. Acesso em: 25 mar. 2023.

FONTANELLA, B. J. B.; RICAS, J.; TURATO, E. R. Amostragem por saturação em pesquisas qualitativas em saúde: contribuições teóricas. **Cadernos de saúde pública**, [s. l.], v. 24, p. 17-27, 2018.

FREITAS, W. de M. F.; COELHO, E. de A. C.; SILVA, A. T. M. C. Sentir-se pai: a vivência masculina sob o olhar de gênero. **Cadernos de Saúde Pública**, [s. l.], v. 23, n. 1, p. 137-145, jan. 2007. DOI: 10.1590/S0102-311X2007000100015. Disponível em:

<https://www.scielo.br/j/csp/a/9gbMg3rrCrCZmY6BywKLMzP/abstract/?lang=pt>. Acesso em: 04 set. 2023.

FREITAS, W. de M. F. E. *et al.* Paternidade: responsabilidade social do homem no papel de provedor. **Revista de Saúde Pública**, [s. l.], v. 43, n. 1, p. 85-90, fev. 2009.

FRIEDMANN, A. **A vez e a voz das crianças**: escutas antropológicas e poéticas das infâncias. São Paulo: Panda Books, 2020.

FRIEDMANN, Adriana. **O brincar na educação infantil**. São Paulo: Moderna, 2012.

FUNDAÇÃO MARIA CECILIA SOUTO VIDIGAL. **Primeiríssima Infância - Interações na Pandemia**: Comportamento de Pais e cuidadores de crianças de 0 a 3 anos em tempos de Covid-19. São Paulo: Fundação Maria Cecília Souto Vidigal, 2021. Disponível em: <https://biblioteca.fmcsv.org.br/biblioteca/primeirissima-infancia-interacoes-pandemia-comportamentos-cuidadores-criancas-0-3-anos-covid-19/>. Acesso em: 8 ago. 2023.

FUNDAÇÃO OSWALDO CRUZ (FIOCRUZ). **Cuidado Centrado na Família (CCF)**. Portal de Boas Práticas em Saúde da Mulher, da Criança. 8 jan. 2020. Disponível em: <https://portaldeboaspraticas.iff.fiocruz.br/atencao-crianca/cuidado-centrado-na-familia-ccf/>. Acesso em: 14 mar. 2023.

GABRIEL, M. R.; DIAS, A. C. G. Percepções sobre a paternidade: descrevendo a si mesmo e o próprio pai como pai. **Estudos de psicologia**, Natal, v. 16, n. 3, p. 253-261, set. 2011. ISSN 1413-294X. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.1590/S1413-294X2011000300007>. Acesso em: 9 jan. 2024.

GABRIEL, M. R. *et al.* Envolvimento paterno aos 24 meses de vida da criança. **Psicologia: teoria e pesquisa**, 2017.

GARCEZ, A.; DUARTE, R.; EISENBERG, Z. Produção e análise de videogravações em pesquisas qualitativas. **Educação e Pesquisa**, São Paulo, v. 37, n. 2, p. 249-262, maio/ago. 2011. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/ep/v37n2/v37n2a03.pdf>. Acesso em: 27 maio 2023.

GARCIA, B. C.; MARCONDES, G. S. As desigualdades da reprodução: homens e mulheres no trabalho doméstico não remunerado. **Revista Brasileira de Estudos de População**, [s. l.], v. 39, p. 1-23, 13 maio 2022. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.20947/s0102-3098a0204>. Acesso em: 10 fev. 2024.

GASKELL, George. Entrevistas individuais e grupais. *In*: GASKELL, George; BAUER, Martin W. (Org.). **Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som**: um manual prático. 7ª ed. Petrópolis, RJ: Editora Vozes, 2008. p. 64-89.

GIACOMINI, S. G.; MACHADO, M. M.; SANTANA, O. M. de; ROCHA, S. G.; AQUINO, C. M. de; GOMES, L. G.; ALBUQUERQUE, L. S. DE; SOARES, M. D. A. de; LEITE, A. J.; CORREIA, L. L.; ROCHA, H. A. Intimate Partner Violence among women living in families with children under the poverty line and its association with common mental disorders during COVID-19 pandemics in Ceará, Brazil. **BMC public health**, [s. l.], v. 23, n. 1, 2023. Disponível em: <https://doi.org/10.1186/s12889-023-16233-2>. Acesso em: 09 nov. 2023.

GONÇALVES, L. da S.; BOTTOLI, C. Paternidade: a construção do desejo paterno. **Barbarói**, [s. l.], n. 48, p. 185-204, 4 jul. 2016.

GOMES, S. S. Brincar em tempos digitais. **Presença Pedagógica**, [s. l.], v. 19, n. 113, set/out, 2013.

GRADVOHL, S. M. O.; OSIS, M. J. D.; MAKUCH, M. Y. Maternidade e formas de maternagem desde a Idade Média à atualidade. **Pensando Famílias**, [Internet], v. 18, n. 1, p. 55-62, jun. 2014. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/pdf/penf/v18n1/v18n1a06.pdf>. Acesso em: 10 mar. 2023.

GRANTHAM-MCGREGOR, S. *et al.* Developmental potencial in the first 5 years for children in developing countries. **The Lancet**, London, v. 369, n. 6, p. 60-70, 2007. Disponível em: [https://www.thelancet.com/journals/lancet/article/PIIS0140-6736\(07\)60032-4/fulltext](https://www.thelancet.com/journals/lancet/article/PIIS0140-6736(07)60032-4/fulltext). Acesso em: 12 mar. 2023.

GRASSO, D. J.; HENRY, D.; KESTLER, J.; NIETO, R. *et al.* Harsh Parenting as a Potential Mediator of the Association Between Intimate Partner Violence and Child Disruptive Behavior in Families with Young Children. **J Interpers Violence**, [s. l.], v. 31, n. 11, p. 2102-2126, 2016.

GUEDES, Q. S. P. **O nascimento de um pai em fase de pandemia**. 2022. Dissertação (Mestrado em Enfermagem de Saúde Materna e Obstetrícia) – Escola Superior de Enfermagem de Lisboa, Lisboa, 2022.

GUIZZO, Bianca Salazar; MARCELLO, Fabiana de Amorim; MULLER, Fernanda. A reinvenção do cotidiano em tempos de pandemia. **Educação e Pesquisa**, [s. l.], v. 46, e238077, 2020. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S1678-4634202046238077>. Acesso em: 24 mar. 2023.

HAWKINS, A. *et al.* Increasing fathers' involvement in child care with a couple focused intervention during the transition to parenthood. **Family Relations**, [s. l.], v. 57, p. 49-59, 2008.

HEILBORN, Maria Luiza. **Dois é par: gênero e identidade sexual em contexto igualitário**. Rio de Janeiro: Garamond, 2004.

HISSA, Cássio Eduardo V.; NOGUEIRA, Maria Luísa M. Cidade-corpo. **Revista da Universidade Federal de Minas Gerais**, v. 20, n. 1, p. 54-77, 2013. Disponível em: <https://doi.org/10.35699/2316-770X.2013.2674>. Acesso em: 31 mar. 2023.

HOY-GERLACH, Janet; RAUKTIS, Mary; NEWHILL, Christina. (Non-Human) Animal companionship: a crucial support for people during the COVID-19 pandemic. **Society Register**, [s. l.], v. 4, n. 2, p. 109-120, 2020.

HUGHES, K.; BELLIS, M. A.; HARDCASTLE, K. A.; SETHI, D.; BUTCHART, A.; MIKTON, C.; JONES, L.; DUNNE, M. P. The effect of multiple adverse childhood

experiences on health: a systematic review and meta-analysis. **Lancet Public Health**, [s. l.], v. 2, p. e356–e366, ago. 2017. Disponível em: [https://www.thelancet.com/pdfs/journals/lanpub/PIIS2468-2667\(17\)30118-4.pdf](https://www.thelancet.com/pdfs/journals/lanpub/PIIS2468-2667(17)30118-4.pdf). Acesso em: 06 fev. 2024.

HUNDEIDE, K. **Psychosocial care for disadvantaged children in the context of poverty and high risk**: introducing the ICDP Program. Noruega: ICDP, 2004.

INSTITUTO 4DADDY. **Pais em casa**: impactos da pandemia na divisão do trabalho de cuidado. São Paulo: Instituto 4Daddy, 2021.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. **Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios**. Disponível em: <https://www.ibge.gov.br/estatisticas/sociais/trabalho/19897-sintese-de-indicadores-pnad2.html?=&t=o-que-e>. Acesso em: 08 fev. 2024.

INSTITUTO PROMUNDO. **Licença paternidade estendida**. Brasília: Instituto Promundo, 2021. Disponível em: <https://promundo.org.br/wp-content/uploads/2021/08/Paternidade-nas-empresas.pdf>. Acesso em: 01 mar. 2024.

INSTITUTO PROMUNDO. **A situação da paternidade no Brasil**. Tempo de Agir. Rio de Janeiro: Promundo, 2019.

JENERAL, R. B. R.; BELLINI, L. A.; DUARTE, C. R.; DUARTE, M. F. Aleitamento materno: uma reflexão sobre o papel do pai. **Rev. Fac. Ciênc. Med. Sorocaba**, [Internet], v. 17, n. 3, p. 140-147, 22 set. 2015. Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/index.php/RFCMS/article/view/21445>. Acesso em: 12 fev. 2024.

JIAO, Y. W.; WANG, L. N.; LIU, J.; *et al.* Behavioral and Emotional Disorders in Children during the COVID-19 Epidemic. **The Journal of Pediatrics in press**, [s. l.], v. 221, p. 264-266, jun. 2020. DOI: <https://doi.org/10.1016/j.jpeds.2020.03.013>. Disponível em: [https://www.jpeds.com/article/S0022-3476\(20\)30336-X/fulltext](https://www.jpeds.com/article/S0022-3476(20)30336-X/fulltext). Acesso em: 24 mar. 2023.

JOHN, J. J.; JOSEPH, R.; DAVID, A.; BEJOY, A.; GEORGE, K. V.; GEORGE, L. Association of screen time with parent-reported cognitive delay in preschool children of Kerala, India. **BMC Pediatrics**, [s. l.], v. 11, n. 1, fev. 2021. doi.org/10.1186/s12887-021-02545-y. Disponível em: <https://bmcpediatr.biomedcentral.com/articles/10.1186/s12887-021-02545-y>. Acesso em: 06 nov. 2024.

JOHNSON, M. T.; JOHNSON, E. A.; WEBBER, L. *et al.* Modelling the size, cost and health impacts of universal basic income: What can be done in advance of a trial? **Health Serv Outcomes Res Method**, [s. l.], v. 21, p. 459–476, abr. 2021. Disponível em: <https://doi.org/10.1007/s10742-021-00246-8>. Acesso em: 12 set. 2023.

JOINT statement of the Global Food Security, Health, Nutrition, and WASH Clusters: Famine and Food Crises - Urgent and coordinated action needed to avert wide-scale catastrophe. **ReliefWeb**, [Internet], 23 set. 2021. Disponível em: <https://reliefweb.int/report/world/joint-statement-global-food-security-health-nutrition-and-wash-clusters-famine-and-food>. Acesso em: 12 dez. 2023.

KALMAKIS, K. A.; CHANDLER, G. E. Health consequences of adverse childhood experiences: A systematic review. **Journal of the American Association of Nurse Practitioners**, v. 27, n. 8, 2015.

KARSTEN, L.; VLIET, W. Children in the city: Reclaiming the street. **Children, Youth and Environments**, [s. l.], v. 16, n. 1, p. 151-157, 2006. Disponível em: https://www.colorado.edu/cedar/sites/default/files/attached/files/reclaiming_the_street_cye_2006.pdf. Acesso em: 11 dez. 2023.

KELLY, I. D.; CONSIDERA, C.; MELO, H. P. Afazeres domésticos e cuidados nas unidades da Federação. **Fundação Getúlio Vargas – Instituto Brasileiro de Economia**, Rio de Janeiro, 10 jan. 2024. Disponível em: <https://portal.fgv.br/artigos/afazeres-domesticos-e-cuidados-unidades-federacao>. Acesso em: 2 fev. 2024.

KERSTENETZKY, Célia Lessa. **O Estado de bem-estar social na idade da razão: a reinvenção do Estado Social no mundo contemporâneo**. Rio de Janeiro: Elsevier, 2012.

KISHIMOTO, T. M. **Jogo, brinquedo, brincadeira e educação**. São Paulo: Cortez, 1999.

KIVISTO, Katherine Little *et al.* Family enmeshment, adolescent motional dysregulation, and the moderating role of gender. **Journal of Family Psychology**, [s. l.], v. 29, n. 4, p. 604, 2015.

KRUG, E.; DAHLBERG, L. Violência: um problema global de saúde pública. **Ciência & Saúde Coletiva**, [s. l.], v. 11, p. 1163-1178, 2007. Disponível em: <https://www.scielo.br/pdf/csc/v11s0/a07v11s0.pdf>. Acesso em: 11 dez. 2023.

LADES, L. K. et al. Daily emotional well-being during the COVID-19 pandemic. **British Journal of Health Psychology**, v. 25, p. 902–911, 2020.

LAGE, N. **A reportagem: teoria e técnica de entrevista e pesquisa jornalística**. Rio de Janeiro: Record, 2001.

LAMB, M. E. The development of father–infant relationships. *In*: Lamb, M. E. (Org.) **The role of the father in child development**. Nova Jersey: John Wiley & Sons Inc., 1997. p. 104–120.

LEVANDOWSKI, D. C.; PICCININI, C. A. A interação pai-bebê entre pais adolescentes e adultos. **Psicologia: Reflexão e Crítica**, Porto Alegre, v. 15, n. 2, p. 413-424, 2002. DOI: <http://dx.doi.org/10.1590/s0102-79722002000200018>. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-79722002000200018&lng=en&nrm=iso&tlng=pt. Acesso em: 25 nov. 2019.

LEVANDOWSKI, Mateus Luz *et al.* Impacto do distanciamento social nas notificações de violência contra crianças e adolescentes no Rio Grande do Sul, Brasil. **Cadernos de Saúde Pública**, [s. l.], v. 37, n. 1, e00140020, 2021. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.1590/0102-311X00140020>. Acesso em: 24 mar. 2023.

LIMA, Carlos Kennedy Tavares; CARVALHO, Poliana Moreira De Medeiros; LIMA, Igor De Araújo Araruna Silva; *et al.* The emotional impact of Coronavirus 2019-nCoV (new

Coronavirus disease). **Psychiatry Research**, [s. l.], v. 287, p. 112915, 2020. Disponível em: <https://linkinghub.elsevier.com/retrieve/pii/S0165178120305163>. Acesso em: 24 mar. 2023.

LINHARES, M. B. M.; MARTINS, C. B.S. O processo da autorregulação no desenvolvimento de crianças. **Estudos de Psicologia**, Campinas, v. 32, n. 2, p. 281-293, abr./jun. 2015a. Disponível em: <https://repositorio.usp.br/directbitstream/5ae107be-f0a5-49af-89a7-785e55205eb1/002713987.pdf>. Acesso em: 10 dez. 2023.

LINHARES, M. B. M. Família e desenvolvimento na primeira infância: processo de autorregulação, resiliência e socialização de crianças pequenas. In: PLUCIENNIK, G. A.; LAZZARI, M. C.; CHICARO, M. F. (Org.). **Fundamentos da família como promotora do desenvolvimento infantil: parentalidade em foco**. São Paulo: Fundação Maria Cecília Souto Vidigal, 2015b. p.70-82.

LINHARES, M. B. M.; ENUMO, S. R. F. Contribuições da Psicologia no contexto da Pandemia da COVID-19: seção temática. **Estudos de Psicologia**, Campinas, v. 37, 2020. Disponível em: 10.1590/1982-0275202037200110e. Acesso em: 24 mar. 2023.

LINS, Samuel Lincoln Bezerra; OLIVEIRA, Maria de Fátima Coutinho da Silva; LINS, Zoraide Margaret Bezerra; FERES, Terezinha Carneiro. A compreensão da infância como construção sócio-histórica. **CES Psicol**, [online], vol.7, n.2, p.126-137, 2014.

LINS, B., SILVA, M. F. O. C., LINS, Z. M. B., & CARNEIRO, T. F. A compreensão da infância como construção sócio-histórica. *Psicologia*, v. 7, n. 2, p. 126-137, 2014. Disponível em: <http://www.scielo.org.co/scielo.php>. Acesso em: 10 abr. 2022.

LIRA, A. C. M.; NUNES, M. A. Ensinando a ser menina e menino: brinquedos e relações de gênero. **Revista Ensino & Pesquisa**, [s. l.], v.14, n.01, p. 180-200, jan./jun. 2016. Disponível em: <https://periodicos.unespar.edu.br/index.php/ensinoepesquisa/article/download/849/534>. Acesso em: 03 jan. 2024.

LOURENÇO, Luiz. Facções criminosas: um balanço da produção acadêmica no Brasil (2000-2022). **Revista de Ciências Sociais**, [s. l.], v. 53, n. 3, p. 167–197, 2022. DOI: 10.36517/rcs.53.3.d06. Disponível em: <http://www.periodicos.ufc.br/revcienso/article/view/80706>. Acesso em: 15 mar. 2024.

MACHADO, M. M. T. *et al.* Covid-19 and mental health of pregnant women in Ceará, Brazil. **Revista de Saúde Pública**, São Paulo, v. 55, p. 37-48, jun. 2021. Disponível em: 10.11606/s1518-8787.2021055003225. Acesso em: 24 mar. 2023.

MACHADO, Y. L. **Sedentarismo e suas consequências em crianças e adolescentes**. 2011. Trabalho de Conclusão de Curso (Bacharelado em Educação Física) – Departamento de Educação Física, Instituto Federal de Educação Ciências e Tecnologia Sul de Minas, Muzambinho, 2006. Disponível em: https://www2.muz.ifsuldeminas.edu.br/attachments/1681_17.pdf. Acesso em: 25 set. 2023.

MACK, N.; WOODSONG, C.; MACQUEEN, K. M.; GUEST, G.; NAMEY, E. **Qualitative research methods: A data collector's fieldguide**. Research Triangle Park, NC: USAID, Family Health International, 2005. Disponível em: <https://www.fhi360.org/wp-content/uploads/drupal/documents/Qualitative%20Research%20Methods%20>

%20A%20Data%20Collector's%20Field%20Guide.pdf. Acesso em: 22 set. 2023.

MAIA, J. M. D.; WILLIAMS, L. C. A. Fatores de risco e fatores de proteção ao desenvolvimento infantil: uma revisão da área. **Temas em Psicologia**, [s. l.], v. 13, n. 2, p. 91–103, 2005. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-389X2005000200002. Acesso em: 30 jan. 2023.

MANITTO, Alicia Matijaevich *et al.* **Repercussões da Pandemia de COVID-19 no Desenvolvimento Infantil**. Fundação Maria Cecília Souto Vidigal: São Paulo, 2020. Disponível em: <https://ncpi.org.br/wp-content/uploads/2020/05/Working-Paper-Repercussoes-da-pandemia-no-desenvolvimento-infantil-3.pdf>. Acesso em: 24 mar. 2023.

MANWELL, L. A.; TADROS, M.; CICCARELLI, T. M.; EIKELBOOM, R. Digital dementia in the internet generation: excessive screen time during brain development will increase the risk of Alzheimer's disease and related dementias in adulthood. **Journal of Integrative Neuroscience**, [s. l.], v. 21, n. 1, jan. 2022. DOI:10.31083/j.jin2101028. Disponível em: <https://www.imrpress.com/journal/JIN/21/1/10.31083/j.jin2101028>. Acesso em: 22 fev. 2024.

MARINS, M. T. *et al.* Auxílio emergencial em tempos de pandemia. **Sociedade e Estado**, [s. l.], v. 36, n. 2, p. 669-692, maio 2021. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/se/a/xJ7mwmL7hGx9dPDtthGYM3m/abstract/?lang=pt>. Acesso em: 05 fev. 2024.

MARQUES, T. P. Aceitação e vivência da gravidez no casal. *In*: NÉNÉ, M.; MARQUES, R.; BATISTA, M. A. (Org.). **Enfermagem de saúde materna e obstétrica**. Lisboa: Lidel, 2016. p. 69-72.

MARTIN, L. C. **The nature of the folding back phenomenon within the Pirie-Kieren theory for the growth of mathematical understanding and the associated implications for teachers and learners of mathematics**. University of Oxford, 1999.

MAUAD, A. M. Fotografia e história: possibilidades de análise. *In*: CIAVATTA, M.; ALVES, N. **A leitura de imagens na pesquisa social: história, comunicação e educação**. São Paulo: Cortez, 2004. p. 136.

MEDEIROS, Rafaela Catherine da Silva Cunha de; OLIVEIRA, Isaack Costa. Ambiente domiciliar em período de pandemia: brincadeiras e desenvolvimento motor de crianças com autismo. **Cuca: Saber em Foco**, [s. l.], v. 1, n. 1, 2024. DOI: 10.15628/cuca.2024.13815. Disponível em: <https://www2.ifrn.edu.br/ojs/index.php/cuca/article/view/13815>. Acesso em: 1 mar. 2024.

MEIRELLES, R. D. C.; ECKSCHMIDT, S.; HORNETT, E.; LIMAVERDE, G.; MATTOS, L.; NASCIMENTO, R.; SAURA, S. C. A cidade que virou casa: considerações sobre o brincar livre e espontâneo durante o período de isolamento social de 2020. **Movimento**, [s. l.], v. 28, p. e28073, 2022. DOI: 10.22456/1982-8918.117179. Disponível em: <https://www.seer.ufrgs.br/index.php/Movimento/article/view/117179>. Acesso em: 24 mar. 2023.

MELLO, G. A.; VIANA, A. L. D. Centros de Saúde: ciência e ideologia na reordenação da saúde pública no século XX. **História, Ciências, Saúde-Manguinhos**, [s. l.], v. 18, n. 4, p. 1131-1149, dez. 2011. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.1590/s0104-59702011000400010>. Acesso em: 06 dez. 2023.

MELO, L.; VALLE, E. O brinquedo e o brincar no desenvolvimento infantil. **Psicologia Argumento**, Curitiba, v. 23, n. 40, p. 43-48, jan./mar.2005.

MENDONÇA, Rita. **Atividades em áreas naturais**. 2. ed. São Paulo: Ecofuturo, 2017. Disponível em: http://www.ecofuturo.org.br/wp-content/uploads/2015/11/2017_Atividades-em-%C3%81reas-Naturais.pdf. Acesso em: 06 dez. 2023.

MENDONÇA, Paula. **Criança, natureza e cidade**: cidades brincantes para crianças cidadãs. São Paulo: Instituto Alana: 2019.

MENESCAL, J. V.; MACHADO, M. M. T.; MOTA, F. S. B.; LEITE, A. J. M. IPREDE: Acolhendo e Enriquecendo Vínculos entre Mãe e Filho. **Extensão em Ação**, Fortaleza, v. 2, n. 11, p. 64-77, jul./out. 2016. Edição especial.

MENEZES, E. A. de O. Crianças e reinvenções lúdicas: produção de culturas infantis em tempos de covid-19. **Revista Pedagógica**, [s. l.], v. 23, p. 1–19, 2021. DOI: 10.22196/rp.v22i0.5807. Disponível em: <https://bell.unochapeco.edu.br/revistas/index.php/pedagogica/article/view/5807>. Acesso em: 7 mar. 2024.

MINAYO, M. C. S. O desafio da pesquisa social. In: MINAYO, M. C. S. (Org.). **Pesquisa social**: teoria, método e criatividade. Rio de Janeiro: Vozes, 2009.

MINAYO, Maria Cecília de Souza. **O desafio do conhecimento**. 11 ed. São Paulo: Hucitec, 2008.

MORSE, J. M.; FIELD, P. A. Principals of conceptualizing a qualitative project. In: MORSE, J. M., FIELD P. A. **Qualitative Research methods for health professionals**. Thousand Oaks: Sage, 1995. p. 43-65.

MOSS, Ellen; DUBOIS-COMTOIS, Karine; CYR, Chantal. *et al.* Efficacy of a home-visiting intervention aimed at improving maternal sensitivity, child attachment, and behavioral outcomes for maltreated children: A randomized control trial. **Development and Psychopathology**, [s. l.], v. 23, n. 1, p. 195–210, 2011. Disponível em: https://www.cambridge.org/core/product/identifier/S0954579410000738/type/journal_article. Acesso em: 27 mar. 2023.

NAGENDRAPPA, Sachin *et al.* Recognizing the role of animal-assisted therapies in addressing mental health needs during the COVID-19 pandemic. **Asian Journal of Psychiatry**, [s. l.], v. 53, 102390, 2020. Disponível em: <https://doi.org/10.1016/j.ajp.2020.102390>. Acesso em: 24 mar. 2023.

NARASIMHAN, U.; ANITHA, F.; JANAKIRAMAN, A.; JANAKARAJAN, N.; TAMISELVAN, P. Association of digital media exposure and addiction with child development and behavior: A cross-sectional study. **Industrial Psychiatry Journal**, [s. l.], v.

30, n. 2, p. 265-271, jul./dez. 2021. DOI: 10.4103/ipj.ipj_157_20. Disponível em: https://journals.lww.com/inpj/fulltext/2021/30020/association_of_digital_media_exposure_and.12.asp. Acesso em: 22 dez. 2023.

NASCIMENTO, A. L.; ANDRADE, S. L. L. S. Segurança alimentar e nutricional: pressupostos para uma nova cidadania? **Ciênc Cult**, [s. l.], v. 62, n. 4, p. 34-38, 2010.

NATIONAL COLLABORATING CENTRE FOR MENTAL HEALTH (UK). **Common Mental Health Disorders: Identification and Pathways to Care**. Leicester (UK): British Psychological Society (UK), 2011. (National Institute for Health and Care Excellence: Guidelines). Disponível em: <http://www.ncbi.nlm.nih.gov/books/NBK92266/>. Acesso em: 7 fev. 2023.

NAUDEAU, Sophie *et al.* **Como investir na Primeira Infância: um guia para a discussão de políticas e a preparação de Projetos de Desenvolvimento da Primeira Infância**. Washington, DC: The World Bank, 2010; São Paulo: Singular, 2011.

NAVARRO, M.S. **Reflexões acerca do brincar na educação infantil**. 2009. 147f. Dissertação (Mestrado em Educação Física) – Faculdade de Educação Física, Universidade Estadual de Campinas. Campinas, 2009.

NETO, C. **Libertem as crianças: A urgência de brincar e ser ativo**. Lisboa: Contraponto Editores, 2020.

OLIVEIRA, A. G.; SILVA, R. R. Pai contemporâneo: diálogos entre pesquisadores brasileiros no período de 1998 a 2008. **Psicologia Argumento**, Curitiba, v. 29, n. 66, p. 353-360, jul./set. 2011. ISSN 0103-7013. Disponível em: <https://periodicos.pucpr.br/index.php/psicologiaargumento/article/view/20297/19569>. Acesso em: 13 mar. 2024.

OLIVEIRA, E. F. R. de; SILVA, L. H. B. da; OLIVEIRA, E. C. de. (2023). Trabalho infantil: uma análise dos motivos ensejadores e suas consequências. **Revista Ibero-Americana De Humanidades, Ciências e Educação**, [s. l.], v. 9, n. 5, p. 3746–3758, 2023. <https://doi.org/10.51891/rease.v9i5.10137>. Acesso em: 06 fev. 2024.

OLIVEIRA, Milena Arão da Silva; CRUZ, Moniky Araújo da; ESTRELA, Fernanda Matheus; *et al.* Papel paterno nas relações familiares: revisão integrativa. **Acta Paulista de Enfermagem**, [s. l.], v. 35, p. eAPE0306345, 2022. Disponível em: <https://acta-ape.org/article/papel-paterno-nas-relacoes-familiares-revisao-integrativa/>. Acesso em: 6 fev. 2023.

OLIVEIRA, Milena Arão da Silva; ESTRELA, Fernanda Matheus; SILVA, Andrey Ferreira da; MAGALHÃES, Júlia Renata Fernandes de; CRUZ, Moniky Araújo da. Percepção de homens perpetradores de violência acerca da paternidade. **Revista Brasileira de Enfermagem**, [s. l.], v. 75, n. 4, p. 1-6, 18 jul. 2021. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/reben/a/Z9BsQwRWW57Tr4DYnDkqtNr/?format=pdf&lang=pt#:~:text=O%20estudo%20mostrou%20que%20a,e%20reproduzido%20com%20seus%20filhos>. Acesso em: 16 maio 2023.

OLIVEIRA, S. C. *et al.* A participação do homem/pai no acompanhamento da assistência pré-

natal. **Cogitare Enfermagem**, [s. l.], v. 14, n. 1, maio 2009. DOI: <http://dx.doi.org/10.5380/ce.v14i1.14118>. Disponível em: <https://revistas.ufpr.br/cogitare/article/view/14118>. Acesso em: 9 mar. 2023.

OLIVEIRA, E. M. de. **O brincar e a criança: um relacionamento prazeroso**. 2014. 27f. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Pedagogia) – Universidade Estadual da Paraíba, Guarabira, 2014.

OLIVEIRA-FORMOSINHO, J. **A criança na sociedade Contemporânea**. Lisboa: Universidade Aberta, 2004.

ORNELL, F.; MOURA, H. F.; SCHERER, J. N.; PECHANSKY, F.; KESSLER, F.; VON DIEMEN, L. The COVID-19 Pandemic and Its Impact on Substance Use: Implications for Prevention and Treatment. **Psychiatry Research**, [s. l.], v. 289, jul. 2020. Disponível em: <https://pubmed.ncbi.nlm.nih.gov/32405115/>. Acesso em: 06 fev. 2024.

ORGANIZAÇÃO DAS NAÇÕES UNIDAS BRASIL. **OMS divulga recomendações sobre uso de aparelhos eletrônicos por crianças de até 5 anos**. 26 abr. 2019. Disponível em: <https://nacoesunidas.org/oms-divulga-recomendacoes-sobre-uso-de-aparelhos-eletronicos-por-criancas-de-ate-5-anos/>. Acesso em: 06 fev. 2024.

ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DA SAÚDE. **Cuidados Nutritivos para o Desenvolvimento na Primeira Infância: Uma Estrutura para Ajudar as Crianças a Sobreviver e Prosperar para Transformar a Saúde e o Potencial Humano**. OMS: Genebra, 2018.

ORGANIZAÇÃO PAN-AMERICANA DE SAÚDE. **Histórico da Pandemia Covid-19**. 2020. Disponível em: <https://www.paho.org/pt/covid19/historico-da-pandemia-covid-19>. Acesso em: 17 maio 2023.

PAPALIA, D. E.; FELDMAN, R. D. **Desenvolvimento humano**. Porto Alegre: AMGH, 2013.

PAQUETTE, D. Le role du père dans la capacite du garçon à gérer son agressivité. **Revue de psychoéducation**, [s. l.], v. 33, n. 1, p. 61-73, 2004.

PASTORE, Marina Di Napoli. Infâncias, crianças e pandemia: em que barco navegamos? **Cadernos Brasileiros de Terapia Ocupacional**, [s. l.], v. 29, 2020. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/2526-8910.ctoEN2116>. Acesso em: 24 mar. 2023.

PATHAK, N.; DHAIRYWAN, R.; TARIQ, S. (2019). The Experience of Intimate Partner Violence Among Older Women: A Narrative Review. **Maturitas**, [s. l.], v. 121, p. 63-75, mar. 2019. Disponível em: <https://pubmed.ncbi.nlm.nih.gov/30704567/>. Acesso em: 06 jan. 2024.

PEREIRA, M.; OLIVEIRA, A. M. A pobreza e a insegurança alimentar podem aumentar à medida que a ameaça da COVID-19 se espalha. **Saúde Pública Nutr**, [s. l.], v. 23, n. 17, p. 3236-3240, dez. 2020. Disponível em: <https://www.ncbi.nlm.nih.gov/pmc/articles/PMC7520649/>. Acesso em: 24 mar. 2023.

PEROSA, C. T.; PEDRO, E. N. R. Perspectivas de jovens universitários da Região Norte do

Rio Grande do Sul em relação à paternidade. **Revista da Escola de Enfermagem da USP**, São Paulo, v. 43, n. 2, p. 300-306, jun. 2009. DOI: <http://dx.doi.org/10.1590/s0080-62342009000200007>. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S008062342009000200007&lng=es&nrm=iso&tlng=pt. Acesso em: 25 mar. 2023.

PICCININI, Cesar Augusto; LEVANDOWSKI, Daniela Centenaro; GOMES, Aline Grill *et al.* Expectativas e sentimentos de pais em relação ao bebê durante a gestação. **Estudos de Psicologia**, Campinas, v. 26, n. 3, p. 373-382, 2009. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-166X2009000300010&lng=pt&tlng=pt. Acesso em: 6 mar. 2023.

PICCININI, C. A. *et al.* O envolvimento paterno durante a gestação. **Psicologia: Reflexão e Crítica**, [s. l.], v. 17, n. 3, p. 303-314, 2004. ISSN 1678-7153. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.1590/S0102-79722004000300003>. Acesso em: 06 mar. 2023.

PILOWSKY, D. J. *et al.* Children of currently depressed mothers: a STAR*D ancillary study. **The Journal of Clinical Psychiatry**, [s. l.], v. 67, n. 1, p. 126- 136, jan. 2006. Disponível em: <https://pubmed.ncbi.nlm.nih.gov/16426099/>. Acesso em: 06 mar. 2023.

PINHEIRO, E.M.; KAKEHASHI, T.Y.; ANGELO, M. O uso de filmagem em pesquisas qualitativas. **Rev Latino-americana de Enfermagem**, [s. l.], v. 13(5), p. 717-22, 2005.

PONTES, F. A. R.; MAGALHÃES, C. M. C.. A transmissão da cultura da brincadeira: algumas possibilidades de investigação. **Psicologia: Reflexão e Crítica**, v. 16, n. 1, p. 117-124, 2003.

PONTOPPIDAN, M. The effectiveness of the Incredible years parents and babies program as a universal prevention intervention for parents of infants in Denmark: Study protocol for a pilot randomized controlled trial. **Trials**, [s. l.], v. 16, p. 386-397, 2015.

PONTOPPIDAN, M. *et al.* The incredible years parents and babies program: A pilot randomized controlled trial. **PLoS ONE**, [s. l.], v. 11, 2016. Disponível em: <https://journals.plos.org/plosone/article?id=10.1371/journal.pone.0167592>. Acesso em: 24 mar. 2023.

PORTUGAL. Ministério da Saúde. Direção-Geral da Saúde. **Cursos de preparação para o parto e parentalidade – CPPP e Cursos de recuperação pós-parto – CRPP**: Orientações. Lisboa: Direção-Geral de Saúde, 2019. Disponível em: <https://www.dgs.pt/documentos-em-discussao-publica/documento-em-audicao-publica-pdf.aspx>. Acesso em: 01 mar. 2024.

POWELL, A. B.; FRANCISCO, J. M.; MAHER, C. A. Uma Abordagem à Análise de Dados de Vídeo para Investigar o Desenvolvimento de Ideias e Raciocínios Matemáticos de Estudantes. **Bolema**, [s. l.], v. 17, n. 21, p. 81-140, Unesp: Rio Claro, 2004.

POWER, M.; DOHERTY, B.; PYBUS, K. *et al.* How COVID-19 has exposed inequalities in the UK food system: The case of UK food and poverty. **Emerald Open Research**, [s. l.], v. 2, n. 11, maio 2020. Disponível em: <https://www.ncbi.nlm.nih.gov/pmc/articles/PMC7219559/>. Acesso em: 01 mar. 2024.

PRODANOV, C. C.; FREITAS, E. C. **Metodologia do trabalho científico: métodos e técnicas da pesquisa e do trabalho acadêmico**. Novo Hamburgo, RS: Feevale, 2013.

RAJ, D.; MOHD ZULKEFLI, N.; MOHD SHARIFF, Z.; AHMAD, N. Determinants of Excessive Screen Time among Children under Five Years Old in Selangor, Malaysia: A Cross-Sectional Study. **International Journal of Environmental Research and Public Health**, v. 19, n. 6, mar. 2022. DOI:10.3390/ijerph19063560. Disponível em: <https://www.ncbi.nlm.nih.gov/pmc/articles/PMC8951484/>. Acesso em: 01 mar. 2024.

RATSCHEN, Elena *et al.* Human-animal relationships and interactions during the Covid-19 lockdown phase in the UK: investigating links with mental health and loneliness. **PLoS ONE**, [s. l.], v. 15, n. 9, p. e0239397, 2020. Disponível em: <https://doi.org/10.1371/journal.pone.0239397>. Acesso em: 24 mar. 2023.

RECTO, Pamela; LESSER, Janna. Young Hispanic fathers during COVID-19: Balancing parenthood, finding strength, and maintaining hope. **Public Health Nursing**, [s. l.], v. 38, n. 3, p. 367–373, maio/jun. 2021. Disponível em: <https://onlinelibrary.wiley.com/doi/epdf/10.1111/phn.12857>. Acesso em: 12 mar. 2023.

RIBEIRO, C. J. N.; *et al.* Intervenções de restrição de mobilidade social durante a pandemia de COVID-19 e suas repercussões psicossociais no Brasil. **Enferm. Foco**, Brasília, v. 11, n. 1, p. 179-181, ago. 2020. Disponível em: <https://pesquisa.bvsalud.org/portal/resource/pt/biblio-1116617>. Acesso em: 06 set. 2023.

ROCHA, Hermano A. L.; CORREIA, Luciano L.; LEITE, Álvaro J. M.; *et al.* Positive Parenting Behaviors and Child Development in Ceará, Brazil: A Population-Based Study. **Children**, [s. l.], v. 9, n. 8, p. 1246, 2022. Disponível em: <https://www.mdpi.com/2227-9067/9/8/1246>. Acesso em: 2 maio 2023.

ROCHA, H. A. L.; SUDFELD, C. R.; LEITE, A. J. M.; RPCHA, S. G. M. O.; MACHADO, M. M. T.; CAMPOS, J. S.; SILVA, A. C. E.; CORREIA, L. L. Adverse Childhood Experiences and Child Development Outcomes in Ceará, Brazil: A Population-based Study. **Am J Prev Med**, [s. l.], v. 60, n. 4, p. 579-586, abr. 2021a. doi: 10.1016/j.amepre.2020.08.012. Disponível em: <https://pubmed.ncbi.nlm.nih.gov/33160797/>. Acesso em: 06 dez. 2023.

ROCHA, H. A. L.; CORREIA, L. L.; LEITE, A. J. M.; MACHADO, M. M. T.; LINDSAY, A. C.; ROCHA, S. G. M. O. *et al.* Screen time and early childhood development in Ceará, Brazil: a population-based study. **BMC Public Health**, [s. l.], v. 21, n. 1, nov. 2021b. doi.org/10.1186/s12889-021-12136-2. Disponível em: <https://bmcpublichealth.biomedcentral.com/articles/10.1186/s12889-021-12136-2>. Acesso em: 06 dez. 2023.

RODRIGUES, M. U. (Org.). **Análise de Conteúdo em pesquisas qualitativas na área da Educação Matemática**. Curitiba: Editora CRV, 2019.

RUSSEL, W.; STENNING, A. Beyond active travel: children, play and community on streets during and after the coronavirus lockdown. **Cities & Health**, [s. l.], v. 5, n. sup1, p. S196-S199, 2000. Disponível em: <https://doi.org/10.1080/23748834.2020.1795386>. Acesso em: 06 dez. 2023.

SALEH, M. F.; HILTON, J. M. A comparison of the paternal involvement of low-income fathers in four development stages: Adolescence, young adult, adult, and midlife. **The Family Journal**, v. 19, n. 1, p. 47-55, 2011. doi: <https://doi.org/10.1177/1066480710387496>. Acesso em: 9 fev. 2024.

SALEM, Tania. **O velho e o novo: um estudo de papéis e conflitos familiares**. Petrópolis, RJ: Vozes, 1980.

SANDERS, M. R.; MAZZUCHELLI, T. G. (Org.). **The Power of positive parenting**. Nova Iorque: Oxford University Press, 2018.

SANTANA, O. M. M. L.; SOUSA, L. V. A.; LIMA ROCHA, H. A.; CORREIA, L. L.; GOMES, L. G. A.; AQUINO, C. M.; ROCHA, S. G. M. O. ARAÚJO, D. A. B. S.; SOARES, M. D. A.; MACHADO, M. M. T.; ADAMI, F. Analyzing households' food insecurity during the COVID-19 pandemic and the role of public policies to mitigate it: evidence from Ceará, Brazil. **Global health promotion**, [s. l.], v. 30, n. 1, p. 53–62, jul. 2022. Disponível em: <https://doi.org/10.1177/17579759221107035>. Acesso em: 02 mar. 2024.

SANTOS, Carine Valéria Mendes; ANTUNEZ, Andrés Eduardo Aguirre. Paternidade afetivamente inscrita: modalidades de interação na relação pai-bebê. **Arq. bras. psicol.**, Rio de Janeiro, v. 70, n. 1, p. 224-238, 2018. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_abstract&pid=S1809-52672018000100016. Acesso em: 17 maio 2023.

SANTOS, Priscila Alves dos. **A paternidade na contemporaneidade: uma revisão integrativa**. 2017. 38 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação e Licenciatura em Enfermagem) - Escola de Enfermagem Aurora de Afonso Costa, Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2017. Disponível em: <https://app.uff.br/riuff/handle/1/29097?show=full>. Acesso em: 06 dez. 2023.

SANTOS, P. A.; MOTA, C. P.; MOUTA, R. J. O.; SILVA, J. L. L.; ARAÚJO, J.S.; SANTOS, D. A. Paternity in contemporary times: an integrative review. **Research, Society and Development**, [s. l.], v. 11, n. 3, p. e54111326824, 2022. DOI: 10.33448/rsd-v11i3.26824. Disponível em: <https://rsdjournal.org/index.php/rsd/article/view/26824>. Acesso em: 6 jan. 2023.

SARMENTO, M. J. Infância e cidade: restrições e possibilidades. **Educação**, [s. l.], v. 41, n. 2, p. 232–240, 2018. DOI: 10.15448/1981-2582.2018.2.31317. Disponível em: <https://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/faced/article/view/31317>. Acesso em: 20 mar. 2024.

SAURA, Soraia Chung. **Planeta de Boieiros: culturas populares e educação de sensibilidade no imaginário do bumba-meu-boi**. Tese (Doutorado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2008.

SCHIMIDT, S. C. E.; et al. Physical activity and screen time of children and adolescents before and during the COVID-19 lockdown in Germany: a natural experiment. **Scientific reports**, v. 10, n. 1, 21780, 2020. Disponível em: <https://doi.org/10.1038/s41598-020-78438-4>. Acesso em: 10 jan. 2024.

SEQUINEL, R. *et al.* Soluções na base de álcool para higienização das mãos e superfícies na prevenção da COVID-19: Compêndio informativo sob o ponto de vista da química envolvida. **Química Nova**, [s. l.], v. 43, n. 5, p. 679-684, maio 2020.

SHAPIRO, A. F. *et al.* Baby home together: Examining the impact of a couple-focused intervention on the dynamics within family play. **American Journal of Orthopsychiatry**, [s. l.], v.81, p. 337-350, 2011.

SHER, L. COVID-19, Anxiety, Sleep Disturbances and Suicide. **Sleep Med**, [s. l.], v. 70, jun. 2020. Disponível em: <https://pubmed.ncbi.nlm.nih.gov/32408252/>. Acesso em: 06 dez. 2023.

SHONKOFF, J. P. *et al.* Neuroscience, molecular biology and childhood roots of health disparities: building a new framework for health promotion and disease prevention. **The Journal of the American Medical Association – JAMA**, Chicago, v. 301, p. 2252-2259, 2009. Disponível em: https://www.researchgate.net/publication/26261757_Neuroscience_Molecular_Biology_and_the_Childhood_Roots_of_Health_Disparities_Building_a_New_Framework_for_Health_Promotion_and_Disease_Prevention. Acesso em: 12 mar. 2023.

SHONKOFF, J. P.; PHILLIPS D. A. **From Neurons to Neighborhoods: The Science of Early Childhood Development**. Washington, D.C.: National Academies Press, 2000. Disponível em: <http://www.nap.edu/catalog/9824>. Acesso em: 6 abr. 2023.

SHONKOFF, J. P.; WOOD, D. L.; DOBBINS, M. I.; EARLS, M. F.; GARNER, A. S.; MCGUINN, L. *et al.* The life long effects of early childhood adversity and toxic stress. **Pediatrics**, [s. l.], v. 129, n. 1, p. 232-246, 2012.

SHONKOFF, J. **Stress, resilience, and the role of science: responding to the Coronavirus Pandemic**. Cambridge: Center on Developing Child, 2020. Disponível em: <https://developingchild.harvard.edu/stress-resilience-and-the-role-of-science-responding-to-the-coronavirus-pandemic/>. Acesso em: 06 dez. 2023.

SHORE, Rima. **Repensando o cérebro: novas visões sobre o desenvolvimento inicial do cérebro**. Porto Alegre: Mercado Aberto, 2000.

SILVA, A. B.; GODOI, C. K.; BANDEIRA-DE-MELLO, R. **Pesquisa Qualitativa Em Estudos Organizacionais: Paradigmas, Estratégias e Métodos**. São Paulo: Saraiva, 2000.

SILVA, Angélica Aparecida Ferreira da; WIGGERS, Ingrid Dittrich; MORAIS, Lucimara Gomes Oliveira de. Crianças na pandemia da Covid-19: diálogos sobre infâncias. **Educação em Foco**, [s. l.], v. 26, n. 49, 2023. DOI: 10.36704/eef.v26i49.6618. Disponível em: <https://revista.uemg.br/index.php/educacaoemfoco/article/view/6618>. Acesso em: 7 mar. 2024.

SILVA, J. P. F. **Implicações da pandemia de COVID-19 nas condições e nos modos de cuidado ofertados na primeira infância**. 2020. 100 f. Dissertação (Mestrado Acadêmico em Saúde Pública) – Programa de Pós-graduação em Saúde Pública, Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2020. Disponível em: <https://repositorio.ufc.br/handle/riufc/55473>. Acesso em: 06 set. 2023.

SILVA, Jordan Prazeres Freitas. **Repercussões da pandemia de Covid-19 na saúde mental materna e no vínculo de mães com crianças nascidas no cenário de distanciamento físico em contextos de vulnerabilidade social**. 2023. Tese (Doutorado em Saúde Pública) – Faculdade de Medicina, Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2023. Disponível em: <https://repositorio.ufc.br/handle/riufc/75118>. Acesso em: 29 nov. 2023.

SILVA, L. F.; RUSSO, R. D. F. S. M.; OLIVEIRA, P. S. G. Quantitativa ou qualitativa? Um alinhamento entre pesquisa, pesquisador e achados em pesquisas sociais. **Revista Pretexto**, [s. l.], v. 19, n. 4, p. 30-45, 2018.

SILVA, M. J. E.; LOPES, N. F. P. Comunicação intrauterina. In: NÉNÉ, M.; MARQUES, R.; BATISTA, M. A. (Org.). **Enfermagem de saúde materna e obstétrica**. Lisboa: Lidel, 2016. p. 163-166.

SILVA, M. J. P. Comunicação não verbal. In: SILVA, M. J. P. **Comunicação tem remédio: a comunicação nas relações interpessoais em saúde**. São Paulo: Gente, 1996. p. 45-52.

SILVA, N. C. B.; AIELLO, A. L. R. (2009). Análise descritiva do pai da criança com deficiência mental. **Estudos de Psicologia**, Campinas, v. 26, n. 4, p. 493-503, out./dez. 2009. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/estpsi/v26n4/10.pdf>. Acesso em: 06 dez. 2023.

SILVA, Sergio Gomes da. A crise da masculinidade: uma crítica à identidade de gênero e à literatura masculinista. **Psicol. cienc. prof.**, Brasília, v. 26, n. 1, pág. 118-131, 2006. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/pcp/a/hvgrghvbyX4tpGHHYXdWks/abstract/?lang=pt>. Acesso em: 25 mar. 2023.

SILVA, W. C. da. O Trabalho Infantil e o dano à Saúde Mental: Uma Realidade Além da Existência Digna. **Derecho y Cambio Social**, [s. l.], ISSN 2224-4131, 01 out. 2014. Disponível em: https://www.derechoycambiosocial.com/revista038/O_TRABALHO_INFANTIL_E_O_DANO_A_SAUDE_MENTAL.pdf. Acesso em: 27 fev. 2024.

SILVA, M. R.; PICCININI, C. A. Sentimentos sobre a paternidade e o envolvimento paterno: Um estudo qualitativo. **Estudos de Psicologia**, Campinas, v. 24, n. 4, p. 561-573, 2007.

SMITH, J. D.; DISHION, T. J.; SHAW, D. S.; WILSON, M. N. *et al.* Coercive family process and early-onset conduct problems from age 2 to school entry. **Dev Psychopathol**, [s. l.], v. 26, n. 4 Pt 1, p. 917-932, 2014.

SOUZA, E. C. S. de. **A ausencia do brincar na Educação Infantil de uma escola do Município de Santo Estevão**. Santo Estevão: V colóquio internacional “Educação e Contemporaneidade”, 2011. Disponível em: <https://ri.ufs.br/bitstream/riufs/10198/2/2.pdf>. Acesso em: 06 dez. 2023.

SOUZA, L. de J.; FARIAS, R. de C. P. Violência doméstica no contexto de isolamento social pela pandemia de covid-19. **Serviço Social & Sociedade**, [s. l.], n. 144, p. 213-132, maio 2022.

SOUZA, S. R. A saúde integral da criança. *In*: CYPEL, S. (Org). **Fundamentos do desenvolvimento infantil**: da gestação aos 3 anos. São Paulo: Fundação Maria Cecília Souto Vidigal, 2011. p. 16-31.

SPENCER, L. M.; SPENCER, S. M. **Competence at work**: models for superior performance. Nova Iorque: John Wiley & Sons, 1993.

STAUDT, Ana Cristina Pontello; WAGNER, Adriana. Paternidade em tempos de mudança. **Psicologia**: Teoria e prática, [s. l.], v. 10, n. 1, p. 174-185, 2008. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1516-36872008000100013. Acesso em: 25 mar. 2023.

STRAND, J.; OLIN, E.; TIDEFORS, I. Mental health professionals' views of the parents of patients with psychotic disorders: a participant observation study. **Health & Social Care in The Community**, [s. l.], v. 23, n. 2, p. 141-149, 15 out. 2014. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.1111/hsc.12122>. Acesso em: 06 dez. 2023.

TAVARES, Caroline Rodrigues; COSTA, Marcos André Farias das; FERREIRA, Monique Yassui. **Como brincam?**: perfil de utilização de dois parques infantis na cidade de Parintins/AM. 2023. 51 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Licenciatura em Educação Física) – Instituto de Ciências Sociais, Educação e Zootecnia, Universidade Federal do Amazonas, Parintins, 2023. Disponível em: <https://riu.ufam.edu.br/handle/prefix/7330>. Acesso em: 10 fev. 2024.

TELLES, E. O. Significados de gênero nos brinquedos e brincadeiras infantis: uma proposta de intervenção nas séries iniciais do Ensino Fundamental. **Anais do Fazendo gênero 9: Diásporas, diversidades, deslocamentos**, Florianópolis, ago. 2010. Disponível em: http://www.fazendogenero.ufsc.br/9/resources/anais/1278127631_ARQUIVO_Significadosdegeneronobrinquedosebrincadeirasinfantis.pdf. Acesso em: 10 fev. 2024.

TORERO, M. Without food, there can be no exit from the pandemic. **Nature**, [s. l.], v. 580, n. 7805, p. 588–589, abr. 2020. Disponível em: <https://pubmed.ncbi.nlm.nih.gov/32327745/>. Acesso em: 10 fev. 2024.

TURATO, E. R. **Tratado da metodologia da pesquisa clínico-qualitativa**. Petrópolis, RJ: Editora Vozes, 2003.

UNICEF. **Desenvolvimento Infantil**. Disponível em: <https://www.unicef.org/brazil/desenvolvimento-infantil>. Acesso em: 16 maio 2023.

UNICEF. **Impactos Primários e Secundários da COVID-19 em Crianças e Adolescentes**. Relatório de análise 1ª Onda. [S. l.]: UNICEF, 2020.

UNICEF. **Inequities in early childhood development**: what the data say. Evidence from the Multiple Indicator Cluster Surveys. Nova Iorque: United Nations Children's Fund, 2012. Disponível em: https://www.unicef.org/sites/default/files/press-releases/media-Inequities_in_Early_Childhood_Development_LoRes_PDF_EN_02082012%281%29.pdf. Acesso em: 06 fev. 2024.

UUTELA, A. Economic crisis and mental health. **Curr Opin Psychiatry**, [s. l.], v. 23, n. 2, p. 127-130, mar. 2010. Disponível em: <https://pubmed.ncbi.nlm.nih.gov/20087188/>. Acesso em: 06 fev. 2024.

VAITSMAN, Jeni. **Flexíveis e plurais**: identidade, casamento e família em circunstâncias pós-modernas. Rio de Janeiro: Rocco, 1994.

VALCACIO, Edivaldo dos Santos Vianna. **O Brincar e a Tecnologia**: as modificações das brincadeiras tradicionais e as influências tecnológicas na escola. Porto Alegre, RS: Editora Fi, 2019. 54 p.

VAN GELDER, N.; PETERMAN, A.; POTTS, A.; O'DONNELL, M.; THOMPSON, K.; SHAH, N.; *et al.* COVID-19: Reducing the Risk of Infection Might Increase the Risk of Intimate Partner Violence. **EClinicalMedicine**, [s. l.], v. 21, abr. 2020. Disponível em: [https://www.thelancet.com/journals/eclinm/article/PIIS2589-5370\(20\)30092-4/fulltext](https://www.thelancet.com/journals/eclinm/article/PIIS2589-5370(20)30092-4/fulltext). Acesso em: 06 dez. 2024.

VIANNA, C.; FINCO, D. Meninas e meninos na educação infantil: uma questão de gênero e de poder. **Cadernos Pagu**, Campinas, n. 33, p. 265-283, jul./dez. 2009.

VIANNA, C.; RIDENTI, S. Relações de gênero e escola: das diferenças ao preconceito. *In*: AQUINO, Julia Groppa. **Diferenças e preconceito na escola**: alternativas teóricas e práticas. São Paulo: Summus, 1998.

VYGOTSKY, L. **A formação social da mente**. São Paulo: Martins Fontes, 2007.

WAGNER, A.; PREDEBON, J.; FALCKE, D. Transgeracionalidade e educação: Como se perpetua a família? *In*: WAGNER, A. (Org.). **Como se perpetua a família? A transmissão dos modelos familiares**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2005. p. 93-105.

WALKER, S. P. *et al.* Inequality in early childhood: risk and protective factors for early development. **The Lancet**, London, v. 378, p. 1325-1338, 2011. Disponível em: https://www.researchgate.net/publication/51671485_Inequality_in_early_childhood_Risk_and_protective_factors_for_early_child_development. Acesso em: 30 jan. 2023.

WAMSER, A. C. F. Reaproveitamento de materiais na construção de brinquedos pedagógicos. **Revista do Professor**, Rio Pardo, n. 84. out./dez. 2005.

WINNICOTT, Donald W. **A criança e o seu mundo**. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1982.

WORLD BANK. **The long shadow of informality**: challenges and policies. Washington, DC: World Bank, 2020.

WORLD HEALTH ORGANIZATION. **Alcohol and COVID-19**: what you need to know. Copenhagen: World Health Organization, 2020. Disponível em: [https://www.who.int/andorra/publications/m/item/alcohol-and-covid-19--what-you-need-to-know-\(2020\)](https://www.who.int/andorra/publications/m/item/alcohol-and-covid-19--what-you-need-to-know-(2020)). Acesso em: 10 fev. 2024.

YAVORSKY, J. E., *et al.* The Production of Inequality: the Gender Division of Labor across the Transition to Parenthood. **Journal of Marriage and Family**, v. 77, n. 3, p. 662-679, 2015.

Disponível em: <https://www.ncbi.nlm.nih.gov/pmc/articles/PMC4584401/>. Acesso em: 15 fev. 2024.

ZAMPIERI, M. F.; GUESSER, J.; BUENDGENS, B.; JUNCKES, J.; RODRIGUES, I. O significado de ser pai na ótica de casais grávidos: limitações e facilidades. **Revista Eletrônica de Enfermagem**, [online], v. 14, n. 3, p. 483-93, 30 set. 2012. Disponível em: <https://revistas.ufg.br/fen/article/view/12244>. Acesso em: 25 mar. 2023.

ZANLUCHI, F. B. **O brincar e o criar:** as relações entre atividade lúdica, desenvolvimento da criatividade e Educação. Londrina: O autor, 2005.

ZHOU, Xiaoyun *et al.* O papel da telessaúde na redução da carga de saúde mental do COVID-19. **Telemedicina e e-Saúde**, [s. l.], v. 26, n. 4, p. 377-379, 2020.

ZIMMERMANN, Ana Cristina; SAURA, Soraia Chung. Les savoirs oubliés: corps, tradition et environnement dans les communautés brésiliennes et latino-américaines. **Recherches & Éducatives**, [s. l.], 2020. Disponível em: <https://doi.org/10.4000/rechercheseducations.9147>. Acesso em: 24 mar. 2023.

APÊNDICE A – TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO (TCLE)

Você está sendo convidado(a) por José Osivan Mendonça Júnior para participar da pesquisa **“De pai para filho: A percepção paterna sobre o brincar com a criança durante o período do distanciamento físico na pandemia de Covid-19”**. Você não deve participar contra a sua vontade. Leia atentamente as informações abaixo e faça qualquer pergunta que desejar, para que todos os procedimentos sejam esclarecidos.

A pesquisa tem como objetivos compreender a visão dos pais sobre o brincar durante o período de distanciamento físico, produzir quatro vídeos curtos para contribuir com pesquisas nessa área, com base nas suas respostas sobre os momentos de brincadeiras que você e seu filho/filha vivenciaram neste período e, ainda, elaborar um folheto educativo sobre a importância do brincar para o desenvolvimento da criança e para a sua relação com seu filho.

Se você aceitar participar, o pesquisador realizará uma entrevista na qual você deverá responder a uma entrevista, com algumas perguntas sobre como foi a sua infância e do que gostava de brincar, quais foram as maiores dificuldades e facilidades que você enfrentou como pai neste período de pandemia e quais eram as brincadeiras que você tinha e como você cuidava do seu filho durante este período de distanciamento físico. Durante a realização da entrevista, a sua fala e a do entrevistador serão gravadas e a entrevista durará cerca de 25 minutos, no horário e local escolhidos por você. Posteriormente, será combinado um dia com você para que o pesquisador possa ir até a sua residência gravar imagens de você brincando com seu filho/filha com aquelas brincadeiras que você nos relatou na entrevista gravada com sua voz.

A pesquisa será realizada sob sigilo dos dados que possam identificá-lo(a), ou seja, não haverá qualquer referência sua nos dados que serão divulgados na pesquisa. Nas imagens gravadas, o pesquisador irá preservar ao máximo você e seu filho para que não apareçam diretamente no vídeo. O pesquisador tem o compromisso de utilizar as informações obtidas exclusivamente para essa pesquisa e sem qualquer identificação do participante. A qualquer momento você poderá recusar-se a participar da pesquisa e, também poderá retirar o seu consentimento, sem que isso lhe traga qualquer prejuízo.

Serão seguidas as diretrizes das Resoluções 466/2012 e 510/16 do Conselho Nacional de Saúde, como meio de preservar a intimidade e identidade dos participantes na pesquisa. O principal benefício a que esta pesquisa se propõe é compreender como foi a sua relação com seu filho acerca das brincadeiras durante esse período do distanciamento físico, período de grandes incertezas nas nossas vidas por conta do vírus Covid-19 que foi tão prejudicial para a

vida de todas as pessoas no nosso estado, já que o Ceará foi um dos estados brasileiros que mais teve casos da doença, com impacto no mundo. Gostaríamos de entender também mais sobre como você encarou esse período com seu filho/filha, com sua família, quais as brincadeiras vocês faziam e entender também como foi a sua infância com seu pai. Podemos destacar que os riscos de participação da pesquisa são mínimos e podem ocorrer durante a realização da entrevista, como um possível desconforto que pode trazer lembranças e sentimentos desagradáveis e o cansaço ao responder às perguntas. Asseguramos que será proporcionada a melhor condução nesses casos e estes serão acompanhados pelo pesquisador (principal), José Osivan Mendonça Júnior, que é profissional Enfermeiro do IPREDE e dará todo o apoio, caso seja necessário, fazendo uma primeira abordagem e lhe encaminhando, de forma gratuita, para o serviço de Psicologia do IPREDE. Além disso, será reconsiderada a sua participação na entrevista.

A pesquisa não gera despesas, assim como não gera qualquer forma de pagamento ao participante. Sua participação é voluntária e muito importante, pois através de suas respostas e de outros entrevistados, estarão nos ajudando a entender como esse período da pandemia movimentou as vidas das pessoas e como era a relação dos pais (homens) com seus filhos/filhas em relação ao brincar. Tudo isso pode nos dar informações valiosas, para que possamos trabalhar na divulgação desta pesquisa e ajudar outros pais a entender mais sobre a importância do brincar no desenvolvimento da criança.

Asseguro que as informações conseguidas por meio da sua participação não permitirão a identificação da sua pessoa e muito menos da criança, exceto aos responsáveis pela pesquisa, e que a divulgação das mencionadas informações só será feita entre os profissionais estudiosos do assunto. Os dados e instrumentos utilizados na pesquisa ficarão arquivados com este pesquisador por um período de cinco anos e, após esse tempo, serão destruídos.

Caso concorde em participar deste estudo, você receberá uma via deste termo (TCLE), que deverá ser assinada pelo participante da pesquisa e pelo pesquisador, rubricada por ambos em todas as páginas. Em caso de dúvidas, você poderá obter informações sobre a pesquisa pelos endereços ou telefones abaixo, você terá garantia de acesso em qualquer etapa do estudo.

Se você tiver alguma consideração ou dúvida, sobre a sua participação na pesquisa, entre em contato:

Nome: José Osivan Mendonça Júnior

Endereço: Rua Waldery Uchoa, número 600, apto 504 – Benfica – CEP: 60.020-110

Telefone: (85)99652-7755

Instituição: Universidade Federal do Ceará

Caso você se sinta suficientemente informado a respeito das informações que leu ou que foram lidas para você sobre os propósitos do estudo, os procedimentos a serem realizados, seus desconfortos e riscos, as garantias de confidencialidade e de esclarecimentos permanentes e que sua participação é voluntária, que não há remuneração para participar do estudo e que você concordar em participar, solicitamos que assine no espaço abaixo:

OCEP/UFC é a instância da Universidade Federal do Ceará responsável pela avaliação e acompanhamento dos aspectos éticos de todas as pesquisas envolvendo seres humanos.

Endereço: Rua Coronel Nunes de Melo, 1000. Bairro: Rodolfo Teófilo.

CEP60.430-270. Fortaleza/CE.

Telefone para contato: (85)3366-8346 (segunda à sexta-feira) de 08h às 12h.

Data: ____/____/____

Assinatura do participante

Assinatura do pesquisador

Assinatura da testemunha (Para casos de pessoas analfabetas, semianalfabetas ou pessoas com deficiência auditiva ou visual).

APÊNDICE B – ROTEIRO DE ENTREVISTA SEMIESTRUTURADA

DATA DA ENTREVISTA ____/____/____

DADOS DE IDENTIFICAÇÃO**INICIAIS DO NOME Pai/Responsável:****Idade:****INICIAIS DO NOME da(s) criança(s):****QUESTÕES****TEMÁTICA 1 - CONHECENDO A INFÂNCIA DOS PAIS**

Como eram as brincadeiras na sua infância? Do que você gostava de brincar?

Você gostaria de falar para mim como foi a sua relação com seu pai? (explorar algumas coisas que eles trazem de mágoas, decepções, caso o pai não tenha assumido a criação)

Das lembranças que você tem da sua infância me conte algumas situações boas que você conviveu com seu pai?

E me fale agora, daquelas situações ruins que você conviveu com seu pai? O que te marcou?

TEMÁTICA 2 - O EXERCÍCIO DA PATERNIDADE NO PERÍODO DE DISTANCIAMENTO FÍSICO

Fale para mim como foi exercer o papel de pai no período da pandemia?

Quais foram as maiores facilidades desse período que você esteve em casa no cuidado com o seu filho?

Você poderia falar um pouco para mim sobre as dificuldades que você possa ter enfrentado nesse período de pandemia?

Fale para mim como era a sua relação com a(o) sua parceira(o) dentro de casa?

TEMÁTICA 3 - BRINCADEIRAS EM TEMPO DE COVID

Fale para mim como foi brincar com seu filho neste período de distanciamento físico?

Conte-me quais foram as brincadeiras e me conte como você brincava com o seu filho quando esteve em casa nesse período?

Como você vê as brincadeiras com seu filho hoje?

APÊNDICE C – PESQUISA SOCIODEMOGRÁFICA

1 - DADOS

- Nome do entrevistado: _____
- O que a senhor (a) é da criança: [] Pai biológico Pai adotivo ou cuidador []
Avô [] Outros [] _____
- Data da entrevista: ____/____/____
- Duração da entrevista: início: ____: ____ fim: ____: ____
- Tempo (min) _____
- Endereço: _____
- Bairro: _____
- Regional: _____
- Telefone: _____
- Nome e número do entrevistador: _____

2 - IDENTIFICAÇÃO DA CRIANÇA ASSISTIDA PELO IPREDE

- N° do prontuário da criança: _____
- Data de nascimento da criança: _____
- Data de admissão na instituição: _____
- Idade em meses na admissão: _____
- Idade em meses na data da entrevista: _____
- Tempo de permanência na instituição: _____
- Quantos filho(as) além da criança assistida no IPREDE: _____
- Seu(s) filho(as) estão matriculados em escola ou creche :
a) Sim []
b) Não []

2 - CARACTERÍSTICAS DEMOGRÁFICAS E SOCIOECONÔMICAS

- Qual a idade do senhor? _____
- Qual a situação conjugal do senhor:
 - a) Casado []
 - b) Solteiro []
 - c) União consensual []
 - d) Separado []
 - e) Viúvo []

- A(O) companheira(o) atual do senhor é a mãe/ o pai da criança assistida no IPREDE?
 - a) Sim []
 - b) Não []
 - c) Não tem companheira(o) []
- O senhor sabe ler e escrever:
 - a) Sim []
 - b) Não []
- Quantos anos o senhor frequentou a escola: _____
- Qual a escolaridade do senhor: _____
 - a) Analfabeto []
 - b) Fundamental Incompleto []
 - c) Fundamental completo []
 - d) Médio incompleto []
 - e) Médio completo []
 - f) Superior incompleto []
 - g) Superior completo []
- Qual a cor da pele do senhor:
 - a) Branca []
 - b) Preta []
 - c) Parda []
 - d) Amarela []
 - e) Indígena []
- O senhor trabalha fora de casa:
 - a) Sim []
 - b) Não []
- Como está a situação do senhor em relação ao emprego/trabalho:
 - a) Está empregado []
 - b) Está desempregada []
 - c) Nunca trabalhou fora []
- Quem é o responsável (financeiro) pela manutenção das despesas da casa?
 - a) Você (pai) []
 - b) A mãe da criança - []
 - c) Ambos (mãe e companheiro) []

- d) Outro (s): _____
- Quantas pessoas na família têm ocupação remunerada? _____
 - Qual foi a remuneração total (renda) aproximada da família no último mês (exceto dinheiro oriundo de ajuda do governo, como por exemplo, Bolsa Família)

 - Família é beneficiária de programas sociais do governo:
 - a) Bolsa família []
 - b) Minha casa minha vida []
 - c) Programa Luz Para Todos []
 - d) Programa Menor Aprendiz []
 - e) Outros [] _____

3 - CARACTERÍSTICAS DO AMBIENTE FÍSICO, TAMANHO E ESTRUTURA FAMILIAR

- Quantas pessoas moram na casa? _____
- Marque todas as pessoas que moram na casa com a criança do estudo:
 - a) Mãe da criança []
 - b) Pai da criança []
 - c) Irmãos da criança []
 - d) Avós da criança []
 - e) Tios da criança []
 - f) Outros (citar): _____
- A criança convive com o pai biológico (mora na mesma casa ou na última semana brincou ou passeou com a criança):
 - a) Sim []
 - b) Não []
- Quantas crianças (até 6 anos, incluindo a criança do estudo)? _____
- Quantos cômodos existem na casa? _____
- Tem banheiro dentro de casa:
 - a) Sim []
 - b) Não []
- Sua casa tem água encanada:
 - a) Sim []
 - b) Não []

- De onde vem a água consumida na sua casa:
 - a) Da rede pública/Cagece []
 - b) De Poço, cacimba, cisterna []
 - c) Outro [] _____
- Como é feito o destino do lixo da sua casa:
 - a) Coletado pela empresa de coleta []
 - b) Queimado/Enterrado []
 - c) Jogado em rio ou lagoa []
 - d) Jogado em terreno baldio ou na rua []
 - e) Outros _____
- Para onde vai o esgoto da sua casa:
 - a) Rede geral (pública) de esgoto []
 - b) Fossa []
 - c) Vala aberta []
 - d) Outros _____
- Sua casa tem energia elétrica
 - a) Sim []
 - b) Não []

Pontuação ABEP

- Sua casa possui esses bens? (Circule o número correspondente à quantidade)

Itens	Quantidade				
	0	1	2	3	4 ou +
Banheiros	0	3	7	10	14
Empregados domésticos	0	3	7	10	13
Automóveis	0	3	5	8	11
Microcomputador	0	3	6	8	11
Lava louça	0	3	6	6	6
Geladeira	0	2	3	5	5
Freezer	0	2	4	6	6
Lava roupa	0	2	4	6	6
DVD	0	1	3	4	6
Micro-ondas	0	2	4	4	4
Motocicleta	0	1	3	3	3
Secadora roupa	0	2	2	2	2
SOMA DE PONTOS					
Total					

- Qual o grau de instrução da pessoa responsável pelo domicílio? (Circule o número correspondente) Escolaridade da pessoa de referência.

Nomenclatura antiga	Nomenclatura atual	
Analfabeto / Primário incompleto	Analfabeto / Fundamental I incompleto	0
Primário completo / Ginásial incompleto	Fundamental I completo/ Fundamental II incompleto	1
Ginásial / Colegial incompleto	Fundamental II completo/Médio incompleto	2
Ginásial / Colegial completo / Superior Incompleto	Médio completo/Superior Incompleto	4
Superior completo	Superior completo	7

- Acesso a Serviços públicos:

	Não	Sim
Água encanada	0	4
Rua pavimentada	0	2

- Classificação ABEP

Classe	Pontos
A	45 - 100
B1	38 - 44
B2	29 - 37
C1	23 - 28
C2	17 - 22
D-E	0 - 16

APÊNDICE D – ROTEIRO PARA FILMAGEM

DATA DA ENTREVISTA ____/____/____

DADOS DE IDENTIFICAÇÃO

INICIAIS DO NOME Pai/Responsável:

Idade:

INICIAIS DO NOME da(s) criança(s):

ETAPAS	DURAÇÃO	SESSÃO
1. Chegada a casa	10 minutos	<ul style="list-style-type: none"> Abordagem empática da família. Escuta acolhedora das famílias, compreensão de seus modos de funcionamento, que contribui para o fortalecimento das relações de confiança, fundamentais para a realização do trabalho; Conversar com os pais (homens) sobre a rotina da família e da casa; Explicar sobre como serão as etapas de filmagens para que não atrapalhe a rotina da família e dure o menor tempo possível.
2. Discussão temática	20 minutos	<ul style="list-style-type: none"> Conversar sobre temas relacionados aos objetivos da pesquisa; Relembrar aos pais sobre a etapa das entrevistas semiestruturadas da pesquisa, quando eles responderam as perguntas feitas baseado nos 3 eixos temáticos abordados: conhecendo a infância dos pais, cuidados parentais exercidos no período de lockdown e brincadeiras em tempo de Covid-19; Essa etapa da visita é concluída com a conversa com os pais sobre as brincadeiras que ela costuma fazer com a criança (tomar notas dessas brincadeiras, pois elas serão úteis para planejar a próxima etapa. Pode ser mostrado algum vídeo sobre brincadeiras dos pais com os filhos antes de iniciar a filmagem.
		<ul style="list-style-type: none"> Filmagem da interação dos pais com a criança numa situação da rotina da família, sempre respeitando os eixos temáticos da pesquisa.

3. Filmagem	50 minutos	<ul style="list-style-type: none"> • Para o primeiro eixo temático, conhecendo a infância dos pais, deve-se prezar pelo anonimato dos pais ao captar as imagens dos pais quando estes falarem sobre a sua infância. • No segundo eixo temático, práticas parentais durante o período de lockdown, deve-se fazer imagens associadas aos cuidados dos pais com as crianças, como relatados nas entrevistas. • O terceiro eixo temático, brincadeiras em tempos de Covid, pode ser realizado dentro do ambiente doméstico e também na comunidade, conforme foi relatado anteriormente nas narrativas dos pais ao responder o questionário. • As interações em cada etapa podem ser facilitadas por brinquedos e jogos que podem ser fornecidos pelo facilitador (de acordo com a idade da criança, com os <i>Princípios do ICDP/MISC</i> e com eventuais aspectos da interação pai/criança).
-------------	------------	---

APÊNDICE E – CONVITE DE PARTICIPAÇÃO DA PESQUISA

CONVITE

Prezado Participante, você está sendo convidado(a) a participar desta pesquisa, desenvolvida por José Osivan Mendonça Júnior, Enfermeiro e Coordenador do Ambulatório do IPREDE, aluno do mestrado em saúde da mulher e da criança –UFC, orientado pela Profa. Dra. Márcia Maria Tavares Machado, professora do Departamento de Medicina da UFC. Esta pesquisa tem como objetivo compreender a visão dos pais (homens) sobre o brincar com seu(s) filho(a)s no período da pandemia de Covid-19. Nós estamos desenvolvendo esta pesquisa porque queremos saber acerca dos cuidados dos pais com o filho neste período, conhecer um pouco da infância dos pais e ver o que mudou hoje, após o período da pandemia. O presente seguirá todas os princípios éticos da Resolução 510/2016, complementar a resolução 466/2012 do Conselho Nacional de Saúde e os participantes terão acesso ao Termo de Consentimento Livre e Esclarecido estabelecidos no TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO (TCLE) ao confirmarem o seu interesse em participar da pesquisa.

Solicitamos, por gentileza, que o Sr. guarde, em seus arquivos, uma VIA deste documento de consentimento livre e esclarecido. A coleta de dados será feita através de entrevista, que terá duração em média de 20 a 40 minutos, e será gravada para posteriormente ser realizado vídeos seus com seus filhos retratando o processo do brincar neste período baseado nas suas falas.

Para registro do consentimento, marque a seguir se você aceita ou não participar da pesquisa:

() SIM - Li e concordo em participar da pesquisa

() NÃO - Li e não quero participar da pesquisa

Nome do pai responsável:

CPF do responsável:

Mãe:

Criança(s):

Data:

Assinatura: _____

1ª via do participante/ 2ª via do pesquisado

APÊNDICE F – TERMO DE ASSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO – TALE

Você/Sr./Sra. está sendo convidado (a) a participar, como voluntário (a), da pesquisa intitulada **“Da pandemia aos dias atuais: a percepção sobre o brincar e da convivência com suas crianças”**. Meu nome é José Osivan Mendonça Júnior, sou o pesquisador responsável, orientando da Professora Márcia Machado. Após receber os esclarecimentos e as informações a seguir, se você aceitar fazer parte do estudo, assine ao final deste documento, que está impresso em duas vias, sendo que uma delas é sua e a outra pertence ao pesquisador responsável. Esclareço que em caso de recusa na participação você não será penalizado (a) de forma alguma. Mas se aceitar participar, as dúvidas **sobre a pesquisa** poderão ser esclarecidas pelo pesquisador responsável (via e-mail: **osivanjunior89@gmail.com e, inclusive, sob forma de ligação a cobrar, através do (s) seguinte(s) contato(s) telefônico(s): 85.32184000 / 85.996527755.**

Portanto, a este termo “Assentimento Livre e “Esclarecido” - anuência do participante da pesquisa, criança, adolescente ou legalmente incapaz – se faz necessário por se tratar de uma pesquisa que realizou a filmagem com uso da imagem da sua criança.

Ao persistirem as dúvidas *sobre os seus direitos* como participante desta pesquisa, você também poderá fazer contato com o **Comitê de Ética em Pesquisa** – colegiado responsável por revisar todos os protocolos de pesquisa envolvendo seres humanos, inclusive os multicêntricos, cabendo-lhe a responsabilidade primária pelas decisões sobre a ética da pesquisa a ser desenvolvida na instituição, de modo a garantir e resguardar a integridade e os direitos dos voluntários participantes nas referidas pesquisas – **da Universidade Federal de Ceará pelo pelo telefone 85.33669943**

1. Informações Importantes sobre a Pesquisa

1.1.A pesquisa titulada **Da pandemia aos dias atuais: a percepção sobre o brincar e da convivência com suas crianças”** tem como objetivo avaliar a percepção dos pais acerca do brincar com seus filhos e dos cuidados realizados da pandemia até os dias atuais.

1.2.Para isso, realizamos as entrevistas e posteriormente realizamos os vídeos para retratar como foi esse período da pandemia em casa com seus filhos (as). Por isso, antes de

realizá-los precisamos da sua autorização para uso *de sua voz, imagem ou opinião*, e da sua criança. Por este motivo, é necessário o preenchimento nos campos abaixo conforme a sua vontade:

- () Permito a divulgação da minha imagem/voz/opinião nos resultados publicados da pesquisa;
- () Não permito a publicação da minha imagem/voz/opinião nos resultados publicados da pesquisa.

1.3 A pesquisa envolve riscos mínimos a saúde e é importante deixar claro que a qualquer momento você pode desistir da pesquisa. Caso apareça algum desconforto emocional possíveis *riscos físicos e psicossociais*, ex.; (constrangimento, intimidação, angústia, insatisfação, irritação, mal-estar etc.), bem como os benefícios acadêmicos e sociais decorrentes da participação do participante em sua pesquisa;

1.4 É importante que a sua participação irá ajudar muitos outros pais a entender a real necessidade da participação na vida dos filhos (as).

1.5 Você não terá nenhum gasto ao participar da pesquisa e o pesquisador responsável irá lhe pagar as suas passagens para o seu deslocamento.

Eu,, inscrito(a) sob o RG/CPF/n.º de prontuário/n.º de matrícula, abaixo assinado, concordo em participar do estudo intitulado “.....”. Informo ter mais de 18 anos de idade, e destaco que minha participação nesta pesquisa é de caráter voluntário. Fui, ainda, devidamente informado(a) e esclarecido(a), pelo pesquisador(a) responsável, sobre a pesquisa, os procedimentos e métodos nela envolvidos, assim como os possíveis riscos e benefícios decorrentes de minha participação no estudo. Foi-me garantido que posso retirar meu consentimento a qualquer momento, sem que isto leve a qualquer penalidade. Declaro, portanto,

que concordo com a minha participação no projeto de pesquisa acima descrito.

Fortaleza, 01 de outubro de 2023

Assinatura por extenso do participante

José Osivan Mendonça Júnior
Pesquisador principal

APÊNDICE G – COMITÊ DE ÉTICA

UNIVERSIDADE FEDERAL DO
CEARÁ PROPESQ - UFC



PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP

DADOS DO PROJETO DE PESQUISA

Título da Pesquisa: De pai para filho: A percepção paterna do brincar durante o período do distanciamento físico na pandemia de covid-19

Pesquisador: JOSE OSIVAN MENDONCA JUNIOR

Área Temática:

Versão: 1

CAAE: 71611723.1.0000.5054

Instituição Proponente: DEPARTAMENTO DE SAÚDE DA MULHER, DA CRIANÇA E DO

Patrocinador Principal: Financiamento Próprio

DADOS DO PARECER

Número do Parecer: 6.301.257

Apresentação do Projeto:

A PESQUISA POSSUI DESENHO QUALITATIVO, ONDE IREMOS ENTREVISTAR UMA POPULAÇÃO DE HOMENS, PAIS DE CRIANÇAS ASSISTIDAS NO INSTITUTO DA PRIMEIRA INFÂNCIA - IPREDE, FORTALEZA, CEARÁ, ACERCA DE COMO SE ESTABELECEU O BRINCAR NO PERÍODO DA PANDEMIA COM SEUS FILHO(A)S

Metodologia Proposta:

1. O delineamento da pesquisa adotará a abordagem qualitativa, já que esta vertente epistemológica se refere a estudos baseados em significados, significações, ressignificações, representações psíquicas, representações sociais, simbolizações, simbolismos, percepções, pontos de vista, perspectivas, vivências, experiências de vida e analogias. (TURATO, 2003). A escolha desse tipo de abordagem é devido a possibilidade de dar voz às pessoas por meio das técnicas de avaliação qualitativa. No caso desta pesquisa em questão, a técnica utilizada será uma entrevista individual, semiestruturada, além de recortes de imagens captadas e material áudio-visual. 1.1 Local: O estudo será realizado no Instituto da Primeira Infância, IPREDE, que se situa em Fortaleza, Ceará. Diversos pais comparecem quinzenalmente para o

em questão, a técnica utilizada será uma entrevista individual, semiestruturada, além de recortes de imagens captadas e material áudio-visual. 1.1 Local: O estudo será realizado no Instituto da Primeira Infância, IPREDE, que se situa em Fortaleza, Ceará. Diversos pais comparecem quinzenalmente para o acompanhamento dos seus filhos e serão convidados a participar dessa pesquisa. A proposta é de em um primeiro momento, possamos recebê-los no IPREDE para explicarmos como será realizada a pesquisa, assinar o TCLE (ANEXO A) E TERMO DE AUTORIZAÇÃO DE IMAGEM, VOZ E SOM.(ANEXO B). Após o aceite, será

Endereço: Rua Cel. Nunes de Melo, 1000	CEP: 60.430-275
Bairro: Rodolfo Teófilo	
UF: CE	Município: FORTALEZA
Telefone: (85)3366-8344	E-mail: comepe@ufc.br

Página 01 de 05

UNIVERSIDADE FEDERAL DO
CEARÁ PROPESQ - UFC



Continuação do Parecer: 6.301.257

agendado um encontro inicial, para discutir temas sobre a infância vivida por esses homens, as vivências parentais durante o período da pandemia covid-19 e após esse momento de total distanciamento físico. Para captar com mais fidedignidade cada momento da entrevista, será solicitada a autorização para a gravação das falas, assegurando o anonimato e o sigilo de informações que os informantes consideraram inapropriadas para a descrição pública das suas revelações. Num segundo momento, após o consentimento dos pais, serão realizadas imagens e vídeos nas casas destes pais e em ambientes de convivência pai e filho, na comunidade e no IPREDE, retratando as diferentes formas de brincar. 1.2. Os participantes da pesquisa serão os pais (homens) biológicos, no exercício de sua paternidade, de crianças que são assistidas pelo IPREDE e que tem uma boa frequência no acompanhamento dos filhos na Instituição. Serão convidados, inicialmente, os 9 pais que participaram do grupo focal realizado no período de junho de 2020, período em que a pandemia se apresentava de forma mais ativa do que nos dias atuais. Caso não seja possível realizar as entrevistas com todos os pais que

Conclusões ou Pendências e Lista de Inadequações:

Não há pendências encontradas.

Considerações Finais a critério do CEP:

Este parecer foi elaborado baseado nos documentos abaixo relacionados:

Tipo Documento	Arquivo	Postagem	Autor	Situação
Informações Básicas do Projeto	PB_INFORMAÇÕES_BÁSICAS_DO_PROJETO_2137823.pdf	13/06/2023 15:59:52		Aceito
Outros	DECLARACAO_INSTITUCIONAL_UFC.pdf	13/06/2023 15:53:09	JOSE OSIVAN MENDONCA	Aceito
Outros	TERMO_COMPROMISSO_UTILIZACAO_DADOS.pdf	13/06/2023 15:49:29	JOSE OSIVAN MENDONCA	Aceito
Orçamento	ORCAMENTO.pdf	13/06/2023 15:45:39	JOSE OSIVAN MENDONCA	Aceito
Declaração de concordância	DECLARACAO_DE_CONCORDANCIA.pdf	13/06/2023 15:44:16	JOSE OSIVAN MENDONCA	Aceito
Declaração de Pesquisadores	PESQUISADORES.pdf	13/06/2023 15:41:02	JOSE OSIVAN MENDONCA	Aceito
Declaração de Instituição e Infraestrutura	INFRAESTRUTURA_pdf.pdf	13/06/2023 15:37:57	JOSE OSIVAN MENDONCA JUNIOR	Aceito
TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência	TCLE.pdf	13/06/2023 14:16:57	JOSE OSIVAN MENDONCA JUNIOR	Aceito
Projeto Detalhado / Brochura Investigador	PROJETO.pdf	13/06/2023 14:06:43	JOSE OSIVAN MENDONCA JUNIOR	Aceito
Cronograma	CRONOGRAMA.pdf	13/06/2023	JOSE OSIVAN	Aceito

Endereço: Rua Cel. Nunes de Melo, 1000

Bairro: Rodolfo Teófilo

CEP: 60.430-275

UF: CE

Município: FORTALEZA

Telefone: (85)3366-8344

E-mail: comepe@ufc.br

Cronograma	CRONOGRAMA.pdf	14:05:09	MENDONCA	Aceito
Folha de Rosto	folha_de_rosto_.pdf	13/06/2023 14:03:09	JOSE OSIVAN MENDONCA	Aceito

Situação do Parecer:

Aprovado

Necessita Apreciação da CONEP:

Não

FORTALEZA, 14 de Setembro de 2023

Assinado por:

FERNANDO ANTONIO FROTA BEZERRA
(Coordenador(a))

Endereço: Rua Cel. Nunes de Melo, 1000

Bairro: Rodolfo Teófilo

CEP: 60.430-275

UF: CE

Município: FORTALEZA

Telefone: (85)3366-8344

E-mail: comepe@ufc.br

APÊNDICE H – FOTOS DE MOMENTOS ESPECIAIS

Grupo focal realizado na pandemia com pais do estudo



Participação como Palestrante no Seminário das Ações de 2023 e Planejamento de 2024 do Programa Infância pelo SUAS – Criança Feliz



Registro da elaboração das pílulas de vídeo em dezembro de 2023





ANEXO A – PRODUÇÃO CIENTÍFICA NO MESTRADO

1 Publicações em livros e revistas acadêmicas

Publicação no livro I Desafio Universitário Pela Primeira Infância – Digital – Projetos Finalistas e Lições Aprendidas – Intervenção de parentalidade guiada por *video-feedback* positivo com pais (homens) e crianças, assistidos no IPREDE, Ceará – Fundação Maria Cecília Souto Vidigal – Finalistas – Organizadores: ANUP/OIE – Agosto 2021.

Educando para Educar
-75

Continuamos em busca de mais parcerias e recursos financeiros para a execução do projeto, por meio de editais de concursos, pesquisas, dentre outros. O objetivo é promover a sustentabilidade do projeto. Visando a isso, os profissionais capacitados pelo Educando para Educar se tornarão multiplicadores além da sala de aula, uma vez que trarão uma nova cultura e perspectiva educacional para o Brasil e outros países, servindo de referência internacional. Por meio da plataforma, há facilidade de acesso, uso, análise e divulgação do conteúdo, além da alimentação de informações para verificação do impacto das medidas adotadas no desenvolvimento das crianças. Esse projeto também visa ao fortalecimento da pesquisa científica.

Além de capacitar professores e propiciar o desenvolvimento biopsicossocial de crianças na primeira infância, o Educando para Educar contribuirá para o engajamento de estudantes das áreas da Saúde e da Educação em pesquisas e, consequentemente, para a formação destes.

Intervenção de parentalidade guiada por *video-feedback* positivo com pais (homens) e crianças

Referências

1. Moon, C., Lagercrantz, H., Kuhl, P.K. (2013). Language experienced in utero affects vowel perception after birth: a two-country study. *Acta Paediatrica*, 102, 156-160.
2. NCPi (2019). Equidade na Primeira Infância: os primeiros passos para um Brasil mais justo. VIII Simpósio Internacional de Desenvolvimento da Primeira Infância, São Paulo.
3. Ribeiro, V.M., Vóvio, C.L. (2017). Desigualdade escolar e vulnerabilidade social no território. *Educar em Revista*, 2, 71-87.
4. Sigman, H., Peña, H., Goldin, A. P., Ribeiro, S. (2014). Neuroscience and education: prime time to build the bridge. *Nature Neuroscience*, 17, 497-502.

PROPOSTA

Inclusão da figura paterna na atenção à criança para que entenda a importância de enxergar e assumir o seu papel como pai. Trabalho desenvolvido com pais de famílias assistidas no Instituto da Primeira Infância (IPREDE), Ceará.

INSTITUIÇÃO DE ENSINO SUPERIOR

Universidade Federal do Ceará (Fortaleza/CE)

AUTORES

Professora orientadora: Márcia Maria Tavares Machado


José Osivan Mendonça Junior, Guilherme Irffli, Joana Cantídio Mota Clemente, João Vicente Menescal, José Paulo Araújo, Camila Machado de Aquino, Álvaro Jorge Madeiro Leite, Antonio José Alves Ledo Cunha, Sullivan Bastos Mota

CONTATO

<http://www.iprede.org.br/>

<https://www.facebook.com/iprede>

marciamachadoufc@gmail.com





Introdução / Contexto / Justificativa

Muito se fala sobre a maternidade, porém, é necessário investir e desenvolver programas de intervenção que atendem para a inclusão da figura paterna na atenção à criança e, dessa forma, possibilitar dar voz ao público masculino para que entenda a importância de enxergar o seu papel como pai na relação com seu(s) filho(s). Uma das possíveis estratégias para realizar intervenções é o estudo que utiliza a mediação auxiliada por *video-feedback*. Essa técnica pode ser adequada para o desenvolvimento de habilidades parentais, pois consiste na gravação, em vídeo, das interações entre o(s) adulto(s) e a criança em situações cotidianas. As imagens são analisadas por um profissional capacitado e, posteriormente, apresentadas aos pais, fazendo com que estes localizem momentos de interação positiva. Isso pode ajudá-los a observar e a compreender melhor o comportamento de seus filhos e, ainda, perceber o seu próprio comportamento.

Beebe (2003, 2005) reforça que intervenções com *video-feedback* têm demonstrado facilitar e acelerar mudanças internas e comportamentais, gerando uma experiência afetiva compartilhada com o terapeuta, entre os pais e a criança. Visa promover a paternidade positiva e a disciplina sensível (VIPP-SD), tendo como base a teoria do apego (BOWLBY, 1988). Dessa forma, ao utilizar esse tipo de mediação relacional, a intenção é aumentar a sensibilidade e o estabelecimento de limites firmes nos pais e reduzir os problemas de comportamento nas crianças. A técnica de VIPP-SD pode ser usada em famílias com crianças de 0 a 6 anos e consiste em seis visitas domiciliares de intervenção (JUFFER, 2017).

A adoção desta intervenção justifica-se pelas dificuldades demonstradas e vivenciadas pelos pais (homens) ao lidar com a educação dos seus(s) filho(s) (CARVALHO; SILVA, 2014; GOMIDE, 2009). A partir dessa evidência e da necessidade de envolver mais a participação dos homens, buscaremos responder à seguinte pergunta: *como esse tipo de intervenção*

pode impactar na formação de um apego seguro e no desenvolvimento da criança?

A intervenção vai acontecer no Instituto da Primeira Infância (IPREDE), situado no município de Fortaleza/Ceará, que atende aproximadamente 1.000 famílias que vivem em situações de alta vulnerabilidade econômica e social. O IPREDE vem desde 1986 realizando intervenções com crianças e, posteriormente, com mulheres (mães e cuidadoras) a partir de diversos modelos, inclusive com a mediação relacional. Diante disso, a intervenção visa incluir os pais das crianças atendidas na instituição, que acompanham seus filhos e companheiras.

A estratégia escolhida tomará o referencial utilizado na instituição sede e baseia-se no Programa Internacional de Desenvolvimento Infantil (*International Child Development Programmes* - ICDPI), idealizado por Hinde e Klein (1992), organizado em um conjunto de práticas a partir do *More Intelligent and Sensitive Child* (MISC) - traduzido como Programa Mediacional para um Cuidador Sensível.

Plano de trabalho e resultados alcançados

Nossos objetivos consistem em desenvolver um projeto de intervenção com o uso da técnica de mediação relacional por *video-feedback* e do envio de mensagens de texto como reforço a uma população de homens, pais de crianças assistidas no

IPREDE. Além disso, vamos identificar os cuidados que os pais realizam com os filhos e como participam da rotina de cuidado em casa. Pretende-se também promover a reflexão deles, ao trabalhar os preconceitos em relação à masculinidade e incentivar o exercício da paternidade nos cuidados com a criança. Por fim, vamos realizar teste de viabilidade para avaliar as relações de paternidade (parentais) antes e depois das intervenções pensando na escalabilidade da intervenção.

O estudo conta com abordagem quantitativa e qualitativa, de intervenção, utilizando filmagem das interações pais-crianças e *video-feedback* mediado por profissionais capacitados, além do envio de mensagens semanais por meio de aplicativo de comunicação e de aparelhos *smartphones*.

A pesquisa será realizada na cidade de Fortaleza, no Ceará, na sede do Instituto da Primeira Infância - IPREDE, uma organização do terceiro setor com missão de cuidar da nutrição e do desenvolvimento de crianças de zero a seis anos que vivem em situação de vulnerabilidade socioeconômica.

O público-alvo são os pais (homens) biológicos que acompanham seu(s) filho(s) com idade entre 6 meses até 3 anos, no atendimento e tratamento no IPREDE. No momento, 160 pais estão comparecendo com mais frequência à instituição e 15 serão convidados a participar da intervenção (teste de viabilidade). Como estimamos



I Desafio Universitário Pela Primeira Infância



Imagem 1 – Primeira reunião com pais em junho 2021.

Imagem 2 – Participação da professora Márcia em reunião do Desafio Universitário.

uma perda de 30% dessa amostra, devido às dificuldades de terem horários mais livres, testaremos algumas atividades em horários e dias mais acessíveis (inclusive aos sábados), para conseguirmos alcançar os objetivos propostos.

Como ação complementar, ocorrerá envio de mensagens de texto motivacionais, via WhatsApp, para estimular a relação pai e filho, duas vezes por semana. O convite aos pais será feito pessoalmente (pelo(a) pesquisador(a) que explicará cada etapa do projeto).

Na primeira etapa, será realizado até dois grupos focais (com a participação de até 8 pais por grupo) para saber como eles veem a participação do pai nos cuidados diários com o(s) filho(s), qual a motivação em participar da intervenção com *video-feedback* e como entendem a ideia de receber mensagens de texto por meio eletrônico. Essa técnica de grupo focal com os pais, ocorrerá em dois momentos, antes da intervenção e dois meses após a finalização desta. Para a condução com qualidade das entrevistas e da intervenção, a equipe de entrevistadores será previamente treinada pelo investigador principal.

O segundo grupo focal, após as intervenções, provocará a construção de narrativas dos pais sobre as mudanças percebidas em si e na relação com o(s) filho(s). Com isso, esperamos compreender como a participação dos pais na intervenção afetou a sua vida familiar.

-79-

A intervenção denominada mediação relacional refere-se ao ponto central do projeto, com a diade pai(s)/filho(s). Acontecerá em seis encontros semanais, na sede da instituição, em sala adequada e adaptada para este fim. Cada encontro terá a duração de uma hora, dividida nos seguintes momentos: acolhida, conversa sobre o princípio do dia, filmagem, *video-feedback*, fechamento e agendamento.

A acolhida do primeiro encontro contará com a participação de todos os participantes e tratará da explicação da intervenção, de forma global, com espaço para perguntas feita pelos pais. Nas demais, o mediador perguntará sobre como transcorreu a semana do pai e da criança.

Na conversa sobre os princípios, o pesquisador utilizará a teoria do ICDP com adequações e com o apoio de panfletos descritivos imagéticos dos seis princípios: "demonstrar amorosidade", "seguir a iniciativa da criança", "elogiar a brincadeira da criança", "dar significado e ampliar o significado dos objetos", "atenção conjunta" e "construir limites". Cada princípio servirá de base para o instante da filmagem do brincar entre pai e filho(s). O tempo médio de cada filmagem por encontro será de 10 minutos.

O momento do *video-feedback* ocorre após o mediador concluir a filmagem e escolher de duas a três situações significativas e positivas para apresentar ao pai. Esta visualização do vídeo pelo genitor e o diálogo com o mediador são a peça-chave

I Desafio Universitário Pela Primeira Infância

**João Vicente Menescal**

Psicólogo. Mestre em Saúde da Mulher e da Criança. Coordenador Técnico-Assistencial do Instituto da Primeira Infância - IPREDE

**José Osivan Mendonça Junior**

Enfermeiro. Especialista em Promoção do Desenvolvimento Infantil. Coordenador do Ambulatório do Instituto da Primeira Infância - IPREDE

NATUREZA E DESENVOLVIMENTO INFANTIL



Viver a infância na cidade é relativamente novo no Brasil, nas décadas de 1970 e 1980 o Brasil sofreu um intenso processo de êxodo do campo para a cidade. Tal fato provocou um inchaço populacional nas metrópoles e capitais do país. Muitas famílias pela falta de oportunidades na zona rural migraram em busca de novas oportunidades,

tempo a terra se transformou em asfalto, a plantação em quintais e vasos de plantas nas varandas, a criação em pets.

Num passado, não tão distante, diz Drummond de sua infância, "Meu pai montava a cavalo, ia para o campo. Minha mãe ficava sentada cosendo. Meu irmão pequeno dormia. Eu sozinho menino entre mangueiras; lia a história de Robinson Crusoe, com o meu



molhado da chuva quando encontra a terra, os sons diversos do dia e da noite como o assóvio do vento. O vento também assobia na janela dos apartamentos, mas guarda o mesmo mistério? Igual à chuva vista do quinto andar, passa sem cheiro, na preocupação de alagar a rua, dificultar o trânsito, a chegada do pai, da mãe ou não ter o parque ou a quadra de jogo com os amigos do condomínio. A natureza então possibilita a criança a experimentar novas sensações, desde muito cedo. Assim, atividades simples como brincar com areia, admirar a paisagem e explorar os animais, podem ser fundamentais no processo de aprendizagem.

Viver a primeira infância (0 a 6 anos) nas cidades, com o distanciamento da natureza, com poucas oportunidades de contato com áreas verde, parques, praias ou outros lugares ao ar livre são motivo de reflexão para pais, cuidadores, educadores e profissionais de saúde. O que perdem as crianças? A velocidade dos dias, as agendas lotadas, a falta de tempo, o lazer em espaços fechados, os jogos eletrônicos, colegas virtuais, a vida nas telas, o isolamento, as paredes das casas e salas de aulas, todo este conjunto traz um risco para desenvolvimento das crianças. O corpo brinca sentado, nada inventa, segue as jogadas, as histórias, danças e falas dos personagens. A criança repete fascinada, tragada na natureza virtual.

Situação agravada pelo isolamento social, devido a grande pandemia que trouxe consequências psicológicas devastadoras, não só para os adultos, mas também para as crianças. A rotina de brincar na rua e na escola com os amigos foi substituído pelo os olhos fixos e atentos às telas, seja na televisão, celular ou tablet, o que pode ser risco para vários distúrbios no crescimento e desenvolvimento, relacionados a problemas nutricionais, psicológico e de socialização.

Um chamado de atenção se descobre nas palavras de Manoel de Barros, "Eu fui aparelhado; para

gostar de passarinhos. Tenho abundância de ser feliz por isso [...]. Porque eu não sou da informática: eu sou da invenção. Só uso a palavra para compor meus silêncios". Quais silêncios? Aqueles que surgem nas descobertas e invenções da criança no brincar na natureza. O silêncio do adulto e da criança alumbrados com o geminar da semente; das formigas em seu labor suado e partilhado; do cheiro da terra, das folhas e flores; da grandiosidade das árvores e da força suave das águas. Quando o adulto apresenta à natureza a criança, apresenta os silêncios, as coisas desimportantes e importantes, permite a experiência de si no todo, a consciência de ser parte do planeta.

A Sociedade Brasileira de Pediatria no Manual de Orientação sobre Benefícios da Natureza no Desenvolvimento de Crianças e Adolescentes, do Grupo de Trabalho em Saúde e Natureza elenca uma lista de riscos para a criança que não usufrui com seus pais, de brincar e aprender com a natureza, como obesidade/sedentarismo, hiperatividade, intoxicação digital, falta de pertencimento e respeito ao meio ambiente, ocorrência de episódios de estresse, entre outros. Dessa forma, inúmeros são os benefícios que o contato com a natureza pode trazer para o desenvolvimento infantil, através do brincar ao ar livre. Porém, estas atividades se tornam cada vez mais inviáveis devido à dinâmica urbana crescente e em desordem, causando redução das áreas verdes e aumento da poluição ambiental, além da insegurança e medo de utilizar os espaços públicos.

Aponta como conduta para pediatras, profissionais de saúde, de educação e familiares o incentivo a mudanças na rotina: brincar ao ar livre diariamente, uma vez na semana explorar a natureza próxima à residência, mensal uma visita a parques ou outros sítios naturais e nas férias a nuais passeios por áreas remotas e selvagens. O significado dessas novas rotinas está nos a dul-

tos disporem de tempo com as crianças em espaços abertos é ensinar e aprender que as paredes não devem confinar e nem limitar. Outra vez, para auxiliar, Manoel de Barros com o poema Muro: "Muito alto e firme, de uma mudez sombria. Certas flores do chão subiam de suas bases. Procurando delatar raízes no seu corpo entregue ao tempo. Nunca pude saber o que se escondia por detrás dele. Dos meus amigos de infância, um dizia ter violado tal segredo, e nos contava de um enorme pomar misterioso. Mas eu, eu sempre acreditei que o terreno que ficava atrás do muro era um terreno abandonado!".

O dilema em relação ao brincar e aprender com a e na natureza se constitui na diferença do que há depois do muro e/ou das paredes. Um pomar misterioso? Um jardim secreto? Um terreno abandonado? Um adulto (pai, mãe e/ou cuidador) quando passeia pela rua do bairro e mostra as árvores, pássaros, brinca na grama com a criança; fica tomado de quais afetos, imagens? Ele irá mostrar um pomar misterioso, um jardim secreto, um terreno abandonado ou algo de intermediário para a criança. Dar significados, tecer imagens e palavras é da natureza humana, única forma de conhecer a diversidade da natureza tão fora, aqui dentro. É do humano testemunhar a beleza da natureza, presente na pequena criança alumbrada com as formigas que em gestos imaturos tenta pegar. Mesmo acontece com os animais de estimação, como lembra Manuel Bandeira, "Quando eu tinha seis anos; Ganhei um porquinho-da-índia. Que dor de coração me dava; Porque o bichinho só queria estar debaixo do fogão! Levava ele pra sala; Pra os lugares mais bonitos mais limpinhos; Ele não gostava: Queria era estar debaixo do fogão. Não fazia caso nenhum das minhas temurinhas... - O meu porquinho-da-índia foi minha primeira namorada.". Possa ainda os adultos permitirem as crianças namorarem a natureza.



José Osivan Mendonça Júnior

Enfermeiro. Mestrando em Saúde da Mulher e da Criança pela Universidade Federal do Ceará (UFC). Coordenador do Ambulatório do IPREDE.



Márcia Maria Tavares Machado

Enfermeira. Pós-doutora em Saúde Pública pela Universidade de Harvard. Professora. Associada da Faculdade de Medicina da Universidade Federal do Ceará (UFC).

Nas últimas décadas, podemos observar várias mudanças na estrutura familiar, uma vez que as mulheres têm ocupado, cada vez mais, cenários que até então eram ocupados por homens e isto tem sido fundamental no processo de igualdade de gênero. Dessa forma, vários estudos já apontam a grande participação do homem dentro no contexto familiar e da importância da definição deste papel para o desenvolvimento infantil.

A cultura em que o homem é criado, não apenas no nosso país, mas no mundo todo, nos leva a acreditar que o homem deve assumir o papel na família de ser

A IMPORTÂNCIA DO PAI NA FORMAÇÃO DO DESENVOLVIMENTO INFANTIL

apenas o provedor dos recursos, autoritário, rude e incapaz de demonstrar os seus sentimentos. Por muitos anos, esta foi uma posição bastante adotada pelas famílias e não havia perspectivas de mudança neste cenário.

A importância da criação do vínculo entre pais e filhos já é estudado há bastante tempo e é a chave para que uma criança cresça e se desenvolva adequadamente. A Teoria do Apego já nos dá indícios de que a sensibilidade parental é essencial para o pleno desenvolvimento infantil. Porém, existem inúmeros outros fatores que podem interferir neste processo. A desigualdade social, insegurança alimentar e violência são um dos exemplos que tornam cada vez mais difícil promover uma infância segura.

Dessa forma, crescer em ambientes que garantem fatores de proteção é bastante positivo para o desenvolvimento da criança. Já aqueles que são desfavoráveis a este processo, podem gerar inúmeras consequências na vida da criança, como problemas de saúde, dificuldade de aprendizado, distúrbios na linguagem e de socialização.

Neste cenário, o Instituto da Primeira Infância (IPREDE), ONG situada no município de Fortaleza-Ceará, atende a aproximadamente 1.000 famílias que vivem em situações de alta vulnerabilidade social; testa, ao longo de 34 anos, diversos modelos de intervenção, aplicando modelos de mediação e de intervenção relacional com enfoque nos modelos teóricos do Programa Internacional de Desenvolvimento da Criança (ICDP) e do

Programa de Educação Mediacional Para um Cuidador Mais Sensível (MISC). O ICDP/MISC é um programa originado na Universidade de Oslo-Noruega e recomendado pela Organização Mundial de Saúde (OMS) cujo objetivo é sensibilizar os pais para melhorar a qualidade de sua interação com os/as filhos/as, visando à prevenção e/ou à ajuda em problemas no desenvolvimento infantil.

Dessa forma, os pais podem reproduzir em casa as experiências vividas no IPREDE, utilizando destes modelos teóricos no dia-a-dia com o seu filho. Eles são vistos aqui como os responsáveis pela mediação da relação da criança com o mundo: além de oferecer o amor, eles têm o papel de satisfazer as curiosidades da criança, ajudando-a a explorar o ambiente e, ao mesmo tempo, a se organizar dentro dele.

Muito se fala sobre a maternidade, porém é necessário investir e desenvolver programas de intervenção que atentem para a inclusão da figura paterna na atenção à criança e, dessa forma, possibilitar dar voz ao público masculino para que entenda a importância de enxergar o seu papel como pai, na relação com seu/sua filho/a. Uma vez com isso consolidado as consequências são cada vez mais positivas para a criança, já que o pai passa a partilhar mais das atividades domésticas e no cuidado diário com a criança, como por exemplo brincando com o seu filho, alimentando de acordo com suas possibilidades e criando vínculos que perpetuam por toda a vida da criança.

Podemos observar que

alguns fatores podem interferir no envolvimento paterno no cuidado com os/as filhos/as. Alguns estudos já apontam que o nível socioeconômico dos pais, a escolaridade e até a idade dos pais podem trazer prejuízos no desenvolvimento da criança. Dessa forma, estes homens têm mais dificuldades em participar do cuidado com seus filhos, por isso que práticas de trabalho com o vínculo junto ao filho, como é trabalhada com as famílias do IPREDE, são essenciais para que eles se percebam enquanto pais, podendo assim melhorar suas práticas parentais.

Por conta do período de pandemia causado pela Covid-19, o número de homens, pais de crianças que comparecem ao IPREDE, cresceu bastante, chegando a uma média de 160 pais por mês. Isso pode ter sido gerado pelo desemprego, causando grande impacto econômico e social para estas famílias, já bastante documentado pelas pesquisas atuais.

Foi a partir desta nova realidade criada pelo isolamento social que se viu a necessidade de investir em trabalhos que envolvam o vínculo com os pais, o que é essencial para atrair cada vez mais a participação do homem na vida da família.

A equipe multidisciplinar que atua no IPREDE mostra-se flexível e sensível acerca da vulnerabilidade dos pais e das crianças que convivem com as adversidades e entende, também, a importância fundamental do papel dos pais presentes nos atendimentos, sempre os elogiando e os encorajando a acompanhar mais vezes o crescimento do seu filho na Instituição e no ambiente familiar.

Desta forma, realizamos um grupo focal com alguns pais de crianças do IPREDE com a intenção de ouvi-los e sabermos um pouco mais sobre as suas relações com seus filhos. O momento foi de muita partilha e troca de experiências, já



filhos. As memórias da infância ficam registradas para a posteridade e podem trazer consequências positivas ou negativas dependendo do contexto em que eles foram criados. Por este motivo, poder oferecer para os pais este momento de escuta e acolhimento.

Uma das formas mais simples e eficazes de os pais se tornarem cada vez mais presentes na vida dos filhos é através das brincadeiras. A prática do brincar, desde sempre, trouxe inúmeros benefícios para as crianças, como a melhoria do aprendizado, comunicação e interação social. Estes momentos são únicos e fundamentais para que a relação do pai com a criança se fortaleça e favoreça a troca de experiências, criando laços para toda uma vida.

Não importa qual a forma de brincar. Desde brincadeiras antigas como utilizar os espaços da natureza para tomar banho de mar ou rio,

mente neste cenário pandêmico que estamos vivendo, o brincar sempre fez parte da nossa vida e cada um de nós temos vivências únicas da nossa infância que nos ajudaram a construir adultos que somos hoje.

Ao nascer uma criança, inicia-se um processo de construção da paternidade que é, muitas vezes, conflitante com o modelo de masculinidade imposto pela sociedade. Muitos homens trazem suas experiências pregressas das suas relações parentais para os seus filhos. As memórias da infância ficam registradas para a posteridade e podem trazer consequências positivas ou negativas dependendo do contexto em que eles foram criados. Dessa forma, poder ressignificar possíveis traumas em novas experiências com os seus filhos é fundamental para ter uma relação saudável. Transformar essa realidade de modo que o vínculo entre pai e filho possa ser instaurado e fortale-

Publicação Revista IPREDE, ano 7, vol. 1, maio 2023 – Percepção paterna do brincar e a importância para o desenvolvimento infantil.



Percepção paterna do brincar e a importância para o desenvolvimento infantil



Márcia Maria Tavares Machado
Enfermeira, Professora Associada da Faculdade de Medicina da Universidade Federal do Ceará (UFC).



José Osivan Mendonça Júnior
Enfermeiro, Mestrando em Saúde da Mulher e da Criança da Universidade Federal do Ceará (UFC). Coordenador do Ambulatório do Instituto da Primeira Infância - Ipmede.

Quando se fala de cuidar e educar um bebê, o primeiro pensamento recai sobre a mãe e a maternidade, muito já se escreveu sobre o assunto, assim como na construção de programas na saúde e assistência social de fortalecimento da maternagem. Porém quando nasce um bebê, nasce uma mãe e um pai. É necessário refletir sobre o pai e a paternidade, investir e desenvolver programas de intervenção que atentem para a inclusão da figura paterna na atenção à criança. Possibilitar e dar voz ao público masculino. Dessa forma se entender a importância do papel do pai, na relação com seu/sua filho/a.

Nas últimas décadas importantes mudanças ocorreram na estrutura e dinâmica familiar, com a consolidação do trabalho das mulheres, a condição de cidadania das crianças e as novas configurações do mundo das ocupações com o avanço da tecnologia. O homem como provedor da família, empregado e/ou profissional e a mulher como dona de casa e cuidadora das crianças não se sustenta nos dias atuais. Dessa forma, a responsabilidade com filho/a em casa, se renova: os cuidados com a higiene e alimentação, a ajuda nas tarefas escolares e o brincar, passaram a ser divididos entre pais e mães. Mudando o papel social do homem e seu exercício da paternidade, como dito acima, de "Chefe de família" e "Provedor do sustento" da família. Dessa forma, papéis sociais atribuídos aos homens e às mulheres estão em constante transformação, o que implica

à divisão de tarefas domésticas.

Com o nascer de uma criança, inicia-se um processo de construção da paternidade que é, muitas vezes, conflitante com o modelo de masculinidade hegemônica presente na sociedade. Existem vários estudos científicos que mostram como a participação do pai interfere no desenvolvimento psicossocial e na aprendizagem das crianças, também a ausência dessa participação favorece a vivência de possíveis traumas, com consequências na vida adulta, na experiência da autoestima até o aparecimento de transtornos mentais. Por isso, intervenções que favoreçam o vínculo entre pais e crianças transformam a ausência de participação em espaços de afeto e de segurança para as crianças.

Uma questão que interfere na relação do homem com seus filhos/filhas são as experiências passadas de pai para filho. Assim, um pai que quando filho pode se espelhar positivamente em seu pai terá maior chance de um vínculo positivo com o filho/filha, o contrário também guarda seu quinhão de verdade.

Alguns estudos vão nessa direção, mas apontam que as experiências negativas podem dar espaço a novas formas de pensar o vínculo com a criança, quando há no futuro pai a condição de reflexão sobre o que recebeu de educação e seu desejo de fazer diferente com seu/sua filho/filha. Brincar se constitui numa das primeiras manifestações de afeto e carinho que um pai pode demonstrar para com o(a)

barriga da mãe, contar histórias para o bebê nos seus braços, antes de colocá-lo para dormir, sentar e explorar os brinquedos juntos, testar os limites do corpo, engatinhar, desenhá-lo, andar, fazer de conta e mais, muito mais; pode um pai brincar com sua criança.

O estresse, medos, inseguranças e dificuldades financeiras e emocionais, a ação do cortisol no cérebro do pai diminui quando os dois (pai e criança) brincam com alegria. Belo antídoto para os pais e mães de primeira viagem, onde tudo é novo e as inseguranças são maiores. Portanto, é criando um ambiente de brincadeiras, acolhimento e atenção com seu/sua filho/filha que um pai passa a ter mais segurança e fortalece os sentimentos positivos.

A experiência de brincar livre e espontâneo, gera um ambiente propício a construção de valores e da personalidade, que utiliza como principal combustível a imaginação. Assim, correr na rua com os amigos, ter contato com a natureza, com a água, com a terra, construir incríveis castelos, empinar pipa, brincar de casinha, de peão, de esconde-esconde, de pega-pega, são apenas alguns exemplos de boas lembranças que levamos para toda a vida, com faz o pai quando rememora a criança que foi, em seu tempo.

O homem que brinca com seu/sua filho/filha, cada vez mais, está dando espaço para que as suas emoções e sentimentos sejam vividos. Mesmo com todo o contexto histórico e cultural do machismo enraizado em nossa sociedade, o afeto e carinho que ele demonstra com o(a) filho(a), se configura uma contradição benéfica e enriquecedora para o fazer social e traz inúmeras contribuições para o desenvolvimento infantil. E isso é bastan-



Neste período de isolamento social, temos vários relatos em estudos de que a convivência dos pais com seus filhos aumentou, nesse período. Em meio a toda insegurança, medo, incertezas, situações de insegurança alimentar que muitas famílias vivenciaram nesse período, é inegável que pais, mães e filhos/filhas, moradores da mesma casa, tiveram de se unir de alguma forma para passar por todos os desafios que imperavam no momento. Alguns pais passaram a

ram a se atentar mais sobre as suas práticas parentais e como melhor exercê-las. Da mesma forma, o brincar passou a ser reinventado neste período e todos os espaços da casa foram utilizados como forma de brincadeira e convivência.

Por todas essas questões, um novo olhar sobre a paternidade deve ser visto pela sociedade em geral. Entender que vários paradigmas e tabus impostos socialmente devem ser modificados é o primeiro passo para transformarmos nossa

2 Participação em Seminários como palestrante

Participação como Palestrante no Seminário das Ações de 2023 e Planejamento de 2024 do Programa Infância pelo SUAS – Criança Feliz.

Publicação no site da Secretaria de Proteção Social – Paternidade ativa e impactos na primeira infância.

PROTEÇÃO SOCIAL

Paternidade ativa e os impactos na primeira infância

11 DE DEZEMBRO DE 2023 - 16:48 | #Paternidade Ativa #Primeira Infância

Assessoria de Comunicação da SPS

Texto: Sheyla Castelo Branco



Paternidade ativa e sobrecarga materna são temas fundamentais para as políticas da primeira infância. No Seminário de Avaliação e Planejamento do Criança Feliz, os dois temas são abordados com prefeitos e secretários municipais de Assistência Social. A Secretaria da Proteção Social entrevista Osivan Júnior, coordenador do Ambulatório e do Setor de Enfermagem no Instituto da Primeira Infância (IPREDE) e mestrando do Departamento de Saúde da Mulher e da Criança pela Universidade Federal do Ceará (UFC).

Nesta terça, o Seminário recebe Osivan Junior, para discutir a importância de políticas públicas que valorizem e estimulem a paternidade ativa.

1 – O que é a paternidade ativa?



1 – O que é a paternidade ativa?

A paternidade ativa consiste em um conjunto de ações relacionadas ao cuidado e atenção que os homens devem dedicar aos filhos. A sociedade em que fomos criados é centrada no patriarcado e tem ainda enraizadas ideias equivocadas de que o homem deveria ser apenas o provedor

financeiro, sem se preocupar com os cuidados que devem ser dedicados para que seus filhos se desenvolvam plenamente. A paternidade ativa inicia quando o homem pode discutir com seu parceiro(a) sobre a decisão de ter filhos e as responsabilidades que implicam nesta decisão.

2 – A paternidade ativa está conectada à diminuição da sobrecarga materna?

No mundo todo se fala sobre isso. Alguns estudos, inclusive, já mostram que as mulheres exercem esses cuidados com a casa e com os filhos, até três vezes a mais que os homens. Paralelo a isto, as mulheres vem entrando cada vez mais no mercado de trabalho e conquistando seu espaço, ao tempo em que seguem com triplas jornadas, fora e dentro de casa. Quando ocorre a divisão justa destas atividades através também da paternidade ativa, as mães conseguem ter tempo para também cuidarem de si, aliviando a sobrecarga materna.

3 – Como construir modelos paternos mais afetivos, de cuidado cotidiano?

Com amor e cuidado, que é a base de qualquer relação. Quando a criança recebe amor, carinho e atenção ela cria laços de afeto com seus pais. Uma das formas de construir essa relação é brincando com seus filhos, seja em casa ou ao ar livre. Ler com eles também é fundamental, dentre outras atividades, que trazem mais segurança e ajudam no pleno desenvolvimento das crianças.

4 – Como a presença efetiva dos pais na criação dos filhos pode impactar na primeira infância e no desenvolvimento das crianças?

Na primeira infância, as crianças estão em pleno desenvolvimento e precisam de um ambiente seguro, onde sejam cuidadas por todos a sua volta. Infelizmente, algumas crianças estão muito mais expostas à desnutrição, à fome, às violências física, psicológica e sexual, o que poderá gerar na criança uma exposição aumentada a alguns hormônios que nosso organismo produz para ajudar a combater o nível de estresse. Um desses hormônios é o cortisol, que poderá aparecer de forma duradoura em algumas crianças, que vão apresentar como consequência problemas no aprendizado, na fala e em outras coisas. Então o que pode evitar esse cenário é o carinho, a presença dos pais e uma alimentação saudável.

5 – A paternidade ativa implica uma mudança de cultura, na quebra de ciclos intergeracionais de violência? Como podemos trazer esse debate para o centro das discussões?

Quando o homem exerce sua paternidade de forma ativa, ele se distancia dos padrões masculinos impostos pela sociedade patriarcal. Quanto mais os homens passam a participar da vida dos seus filhos desde o pré-natal, os exames, o parto, o banho, a troca de fraldas, ele vai conseguindo se descolar dessa imagem só de provedor e vai construindo outra relação com sua família, seus filhos. Eu acho que uma das formas de trazer esse debate para o centro das discussões é realizar nas unidades básicas de saúde grupos onde os homens possam expor seus sentimentos, suas preocupações, seus anseios e suas experiências na infância. Acredito que essas trocas podem ajudar efetivamente na formação de homens/pais melhores e mais conscientes de seu papel.

[Voltar ao topo](#) ^

COMPARTILHA!



Seminário Internacional Noche Iberoamericana Investigador@s 2022.

RETO 3
Innovar para fortalecer la salud física y mental
¿Cómo aprovechar el conocimiento para tener mejores diagnósticos y tratamientos, sin olvidar el contexto social?

Dra. Jenny L. Cepeda Marte
Universidad Iberoamericana (UNIBE)
República Dominicana

Mtro. José Osivan Mendonça Júnior
Clínica Externa del Instituto da Primeira Infância (IPREDE)
Brasil

Dra. María Eugenia León
Laboratorio Central de Salud Pública
del Ministerio de Salud Pública y Bienestar Social
Paraguay

ENCUENTRA LOS ODS RELACIONADOS CON EL RETO